

O PARAÍSO É NO PIAUÍ
a descoberta da arqueóloga Niède Guidon

O PARAÍSO É NO PIAUÍ

a descoberta da arqueóloga Niède Guidon

SOLANGE BASTOS

Prefácio de Walter Neves

B família
BASTOS
E D I T O R A

1ª. edição
2010

Projeto e Realização	Família Bastos Produções
Coordenação Gráfica	Inventum Design e Conteúdo Editorial
Capa e Projeto Gráfico	Evlen Bispo
Editoração Eletrônica	Marisa Pimpa
Edição de Texto	Vânia Salek
Traduções e Revisão	Solange Bastos
Revisão de tradução do francês	Helena Falcão
Fotos	Ernesto Viveiros de Castro (inclusive capa), Élver Mayer, Cecília Caminha, Tiago Falótico (macacos-prego)
Fotos Still	Solange Bastos, Julia Portes (Paris)
Fotos Históricas	Acervo pessoal de Walter Neves, Ernesto Guidon, Vilma Chiara, Águeda Vialou
Reprodução de Fotos	Águeda Vialou, Fabio Parenti, Maria Beltrão
Textos de	Niède Guidon, Silvia Maranca, Carolina Abreu, Tiago Falótico, Pascale Binant
Filmagem da Pesquisa	Solange Bastos
Filmagem das Entrevistas em Paris e Roma	Miguel Castro
Transcrição das Fitas	Vera Portes, Pablo Bastos, Bianca Portes
DVD incluído no livro	Documentário “Piauí Entocado”, 40’, direção de Miguel Castro. Música de Carlos Malta & Pife Muderno. Legendas em português, francês, inglês e espanhol .



Permitida a reprodução total ou parcial deste livro, desde que sem fins comerciais, citando a autora e com a transcrição desta nota.

Os direitos desta edição pertencem à Família Bastos Produções Ltda

www.familiabastos.net

Por que estou fazendo isso? Por que sofrer? Por que sede, calor, poeira, fome, desconforto, perigo, risco de vida? Pelo salário ou porque tenho prazer no que faço? Pelo salário ou porque quero fazer uma carreira científica, técnica, vencer em minha profissão, quero ser a melhor? Quero fazer o que nunca ninguém fez? Ou será que quero gravar meu nome, minha saga na pedra, como aqueles homens pré-históricos que deixaram sua história gravada em todo o nosso Parque? Quais respostas vocês escolhem?

Boa sorte!

Niède Guidon

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Wellington Dias **página 11**



PREFÁCIO

Walter Neves **página 13**



página 21

A FAMÍLIA BASTOS DE FÉRIAS NO PIAUÍ...

A caminho do Jalapão, Serra das Confusões, Serra da Capivara – Ao encontro de Niède Guidon – Na trilha da reportagem – Leonora, a caminhonete que se torna personagem – Cerrado e caatinga – O Piauí desafia as velhas verdades sobre a América – O trabalho social em torno da Serra da Capivara – A estranha rota de Darwin na América do Sul.



página 26

O QUE LUZIA TEM A VER COM O PIAUÍ?...

Como era o Piauí – A origem do nome Serra da Capivara – O que é serrote e carste – Luzia, a primeira brasileira conhecida – Peter Lund em Minas Gerais, no século XIX – A caminho do Piauí, nossa parada em Lagoa Santa, terra de Luzia – Langsdorff vira samba – Outros naturalistas europeus no Brasil: Saint-Hilaire, von Martius, von Spix, Darwin – Georges Cuvier e o catastrofismo – Walter Neves, “padrinho de Luzia”, cria projeto multidisciplinar Origens – Os brilhantes alunos de Neves em ação: Lapa do Santo, Gruta Cuvieri, Sumidouro – A teoria das linhagens paleoíndia e mongolóide de Walter Neves para a ocupação das Américas – O preconceito que veio do Norte da jornalista Elaine Dewar – A convicção de Niède Guidon de que as correntes marinhas trouxeram nossos antepassados da África.



página 46

DEIXE TODA ESPERANÇA AO ENTRAR...

A chegada ao “paraíso-inferno” – O descobridor das pinturas da Capivara – A Toca do Paraguaio – Lembranças de Vilma Chiara e Sílvia Maranca – O lado Kaingang de Niède Guidon – A grande cozinha – A amante de ópera – Os cachorros – Os irmãos – Os estudos – A professora secundária – Niède e Luciana Pallestrini tornam-se arqueólogas pelas mãos de Paulo Duarte – Annette Laming-Emperaire e o Musée de l’Homme – O início da documentação – Novas datações.



página 69

CONHECENDO A REGIÃO DA SERRA DA CAPIVARA...

A difícil chegada – O mapa – Os sítios calcários – O paleoclima da região – A megafauna – A tragédia das abelhas – Seu Nivaldo e dona Carmelita – Eric Boëda, o arqueólogo da nova missão francesa – Visita ao parque com Niède – Desfiladeiro da Capivara – As guaritas do parque – A repressão à caça – A educação ambiental – Mitinha e Júnior, do Parna Serra das Confusões – O Corredor Ecológico – A conservação das estradas – A Toca do Paraguai – Paradoxos da classificação das pinturas – Alta tecnologia para o estudo das pinturas – A arqueoquímica Conceição Lage – As tradições das pinturas e gravuras.

Tradições e Estilos das Pinturas Rupestres da Serra da Capivara **página 104**



página 107

OS ANOS 1970: O TEMPO DAS MULHERES...

O início da Missão Franco-Brasileira – Os registros de Sílvia Maranca e Águeda Vilhena – Casal Vialou em Paris – Sem luz nem água – O "hotel" do seu Durval e dona Delphina – A água contaminada, ontem e hoje – A chegada do plimlim – As pinturas em fotos e *relevés* – Ana Stela, a historiadora – Os NACs, Cieps do Sertão – Vânia Sanches e a arte-educação – A Cooperarte – O Pró-Arte – A delegada Luciene Lima – A socióloga Damiana Crivellare – O que mudou nas últimas décadas.



página 146

QUANDO O PIAUÍ FOI PARAR NA NATURE...

A datação inesperada da Pedra Furada – Os clovistas – A tese de Fabio Parenti – Niède na *Nature* – Os sítios antigos das Américas – Mapa das Américas com ventos e correntes marítimas – Os primos da Luzia – Niède e Walter Neves se aproximam – Franceses e italianos no Piauí – Os paleontólogos Claude Guérin e Martine Faure também no Quari – Grandes mamíferos e répteis extintos – As eras do gelo – As novas espécies descobertas – A lhama da Niède: *Paleolama niedae* – A grande seca na África pré-histórica – Gabriela Martín e a gruta de Altamira, na Espanha: o Piauí também será em breve reconhecido?



página 168

ESQUINA DE POVOS: ÍNDIOS DE ONTEM E DE HOJE...

Reduto indígena contra o colonizador europeu – Os índios do Brasil, por Mércio Gomes – Tapuia é Jê, inimigo de Tupi-Guarani – Índios Kamakan: paleoamericanos como Luzia? – Claudia Oliveira e a cerâmica – Amazônia e Piauí em perigo – Máscaras Tukano parecem da Serra Branca – Jacionira Coêlho, a arqueóloga – Brejo Seco, jazida de sílex e de níquel – A Casa da Torre, caçadora de índios – O genocida Domingos Jorge Velho – A expulsão dos jesuítas – Ciclo da maniçoba: fundação do Zabelê – Arqueópolis – As terras da família Coelho – A Nova Zabelê e a manipulação do problema da terra, por Nilson Parente.



página 192

OS ANOS 1980: SERRA DA CAPIVARA SE TORNA UM LABORATÓRIO VIVO...

Os pioneiros da Capivara – Adauto Araújo e Marcia Chame começam o estudo dos parasitas: os sanitaristas da Fiocruz de Sérgio Arouca – Vermes nos coprólitos comprovam que homem chegou no Piauí pelo mar – Macacos e outros bichos no dia a dia – Fabio Parenti vai parar no BPF – Laure Empeiraire, a etnobotânica de referência para Sérgio Chaves, o estudioso dos pólenes – Demanda social inspira criação da Fumdam, em 1986 – A antropóloga Cristina Pompa consegue os recursos da Terra Nuova – Doença de Chagas na pré-história – A riqueza paleontológica das lagoas ao sul de São Raimundo Nonato – O manejo dos caldeirões e a Petrobras Ambiental – A farmacopeia pré-histórica – Niède Guidon parece Oswaldo Cruz: os guerreiros de sonhos.



página 225

APRENDENDO NO BOQUEIRÃO DA PEDRA FURADA: A PESQUISA NOS ANOS 2000...

Aprendendo a escavar no famoso BPF – A professora e aluna Gisele Felice – A prova de que não houve incêndios pré-históricos à volta da Pedra Furada – Quem é quem na escavação – O testemunho principal – Carol, a menina que queria ser “arqueóloga” – O herói Indiana Jones – A conservação dos sítios – O etologista Tiago Falótico, dos macacos – A arqueóloga Pascale Binant, da nova missão francesa – A tecelã Natinha.



página 245

PARIS: AS PAREDES TÊM A PALAVRA, COMO NA PEDRA FURADA...

Maior de 1968, lembranças da França e do Brasil – Nanterre, universidade de Cohn-Bendit e do arqueólogo Eric Boëda – O grande especialista em líticos é fígado pelo Piauí – A cadeia operatória do lascamento – Antoine Lourdeau, o doutorando professor em São Raimundo Nonato – Aprendendo a lascar pedra, como na pré-história – Debitagem e façonagem – Lesmas de Goiás e do Piauí – Os três lascamentos humanos de Fabio Parenti – O polimento – Boëda e a receita Levallois de mamute – A intenção humana, para a fenomenologia – Os técnicos da “Senzala”.



página 266

NA ESTRADA DO BAIXÃO: ATRÁS DO POVO DAS TOCAS...

Santa Clara, o povoado do povo das tocas – Gislene e a mãe Iraildes, nossa repórter – Falando com os bichos e as plantas – A família montada em jegue, na estrada do Baixão do Pinga – A Toca do Lameu – Uso do espaço, a comida, o preparo – A aula de café da Rosineide – Os caboclos que falam pelos olhos e marcam o lugar de festa na pedra – Beta batendo e soprando a fava – Jéferson, o menino que caça rabudo – O quase “rancho” da Lurdes – Maria, do Cajueiro, que sabe fiar – Lição que levamos das tocas.

ANEXOS

Anexo I:

A polêmica sobre a Toca da Bastiana: Pintura mais antiga do mundo? **página 282**

Anexo II:

Métodos de Datação **página 289**

Anexo III:

Santa Elina e Cidade de Pedra – As descobertas do casal Vialou em Mato Grosso **página 292**

Anexo IV:

A Jazida quaternária da Pedra Furada, a tese de Fabio Parenti **página 297**

Anexo ao Capítulo 4:

As tradições e estilos das pinturas rupestres da Serra da Capivara **página 104**

MAPAS

Viagens ao Piauí **página 25**

Conhecendo a região da Serra da Capivara **página 70**

Sítios mais antigos das Américas – Ventos e correntes, possíveis vias migratórias **página 148**

ÍNDICE DAS BIOGRAFIAS **página 323**

ÍNDICE DE VOCABULÁRIO **página 324**



APRESENTAÇÃO



WELLINGTON DIAS

Governador do estado do Piauí

Acredita-se que a nossa espécie, o *Homo sapiens*, exista há 100 ou 200 mil anos, que tenha surgido na África, o negro berço de todos nós, e que de lá tenha se espalhado para a Europa e a Ásia. Mas, essas aparentes certezas científicas desaparecem quando questionamos a procedência dos parentes genéticos que Colombo encontrou quando desembarcou neste continente que depois receberia o nome de América.

Dois grupos de teóricos postulam o acolhimento definitivo de suas opiniões pela comunidade científica internacional: os Clovistas, que atestam que a primeira presença humana detectada nas Américas foi descoberta no sítio Clóvis, em 1939, no Novo México, nos Estados Unidos, e que essa primeira população humana teria chegado ao continente pelo estreito de Behring que, na época, há cerca de 11,2 mil anos, estaria congelado em virtude do último período glacial; e os pré-Clovistas, que apontam para a existência de migrações humanas para o continente americano anteriores a 11,2 mil anos.

Em meio a toda essa discussão, a voz de Niède Guidon, e por sua boca, uma remota região do sertão piauiense, passou a ser ouvida em boa parte do mundo, dando conta da existência de um verdadeiro paraíso, habitado de vívida humanidade, há pelo menos 50 mil anos, embarcados diretamente da África.

A dúvida parece que não será resolvida em curto espaço de tempo, como, aliás, grande parte das preocupações humanas com as nossas origens de um modo geral. No entanto, algumas coisas são inquestionáveis: a coragem e a abnegação da pesquisadora Niède Guidon que, desde a década de 70 do século passado, está empenhada na demonstração técnica de sua tese e, enquanto vislumbra os traços dos nossos antepassados, tocada de profundo humanitarismo, dá enorme contribuição à superação das dificuldades ali encontradas pelos homens do presente.

Outra certeza que temos, quando olhamos para as cenas do cotidiano pintadas naquelas pedras, é da grande alegria que aqueles homens e mulheres desfrutavam, como se fosse um alerta a todos nós de que a felicidade é possível quando ela é construída coletivamente e com destemor. Parabéns a Solange Bastos por permitir que o leitor aprenda um pouco mais sobre arqueologia e sobre a boa gente do Piauí.



PREFÁCIO

WALTER NEVES

Professor Titular

Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos

Instituto de Biociências - Universidade de São Paulo

Detesto descobrir que existe gente mais alucinada do que eu! Nos últimos anos, conheci duas: Niède Guidon e Solange Bastos, necessariamente nesta ordem. Passado um par de anos, ainda não descobri qual delas é a mais alucinada. O tempo o dirá... A má notícia é que a segunda inventou de escrever um livro sobre a primeira. E sobrou pra mim apresentá-lo ao público brasileiro! Claro que Niède dispensa qualquer apresentação porque desfruta de enorme popularidade no Brasil, dada sua personalidade e suas descobertas na Serra da Capivara, onde, reza a lenda, há vestígios da presença humana datados de pelo menos 32 mil anos. Se confirmados, tais vestígios por si só mudariam a história do mundo. O que não é pouco.

Passei os últimos 20 anos me opondo, nem sempre de forma muito educada, às ideias e pretensões de Niède quanto à ocupação do continente americano. Por isso, me pareceu uma loucura quando Solange me convidou para prefaciá-lo este livro. Aceitei desde que fosse um documento informal, divertido, mantendo assim o tom geral do livro. Que não tivesse, também, que abrir mão da minha conhecida verve crítica e que Niède aceitasse minha indicação. As três coisas foram concedidas. Nos últimos quatro anos, a convite de Niède, tenho frequentado, sempre que posso, o Parque Nacional Serra da Capivara, visitando sítios arqueológicos polêmicos ou não, examinando os supostos artefatos de pedra lascada da Pedra Furada e, por último, mas não menos importante, analisando parte do acervo esquelético humano da Fumdam. Pequeno, mas muito informativo. Nessa aproximação, convenci-me de pelo menos uma coisa: o conjunto de remanescentes arqueológicos da Pedra Furada é bastante sugestivo de que o homem tenha sido, de fato, o autor dos toscos artefatos líticos ali encontrados por Niède e Fabio Parenti. Digamos que estou 99,9% convencido disto, mas o 0,1% que ainda me resta de dúvida é suficientemente significativo pra tirar a qualidade do meu sono.

Decidi incorporar ao prefácio uma apresentação rápida de cada capítulo, não só para dar ao leitor uma sinopse do que vem pela frente, mas também para, em diversos momentos, acrescentar comentários críticos, às vezes ácidos, ao riquíssimo material apresentado por Solange. Mais das vezes, esses comentários exprimem minhas opiniões sobre alguns assuntos polêmicos do trabalho de Niède e da Fumdam relatados nesta obra. Não gostaria que o leitor pensasse que, por prefaciá-la, eu concorde com todas as sandices que envolvem a Serra da Capivara.

No primeiro capítulo, Solange mostra a ponta de seu *iceberg* alucinógeno, tratando de viagens que empreendeu com sua família, incluindo a que deu origem a este livro. Só mesmo uma pessoa absolutamente desvairada poderia ter tido a ideia de fazer um espantalho de lixo reciclado, atribuindo-lhe o nome de Luzia¹. E, mais do que isso, levar a dita cuja para passear na Espanha!!! Pode??? Claro que você não entendeu patavina do que estou tentando resumir. Culpa minha. Falhei!!! Todo mundo falha. Porque não posso falhar também? Sintetizar texto de doido não é uma tarefa trivial. Recomendo uma ida direta ao capítulo, no qual Solange explica detalhadamente como todos esses elementos - espantalho, Luzia, lixo reciclado - se articulam. Não precisa ser doido pra entender, mas ajuda.

No segundo, Solange centra força na questão da ocupação do Novo Mundo pelo homem, dando especial destaque à centralidade da região de Lagoa Santa e de minhas próprias descobertas nesse debate. Aqui entra um pouco da história de Luzia (a verdadeira, não a espantalha) e seu povo, que viveram naquela região pelo menos entre 11,0 e 7,5 mil anos atrás. É claro que a autora não podia deixar escapar um dos maiores micos acadêmicos por que já passei: atribuíram meu nome a um paleourubu descoberto em Lagoa Santa por minha equipe, agora conhecido como *Pleistovultur nevesi*. Ninguém merece... Não vou me estender sobre este capítulo, porque todo mundo vai achar que estou puxando a sardinha pra minha brasa, o que não seria totalmente descabido para quem conhece meu ego.

O terceiro capítulo centra-se na história de vida e nas realizações de Niède Guidon, à frente do Parque Nacional Serra da Capivara, incluindo aí um passeio por alguns dos sítios por ela escavados. Dois anexos preciosos fazem parte deste capítulo²: um primeiro sobre a polêmica em torno das datações obtidas até o momento para os grafismos rupestres da Toca da Bastiana, que variam de 3 a 55 mil anos, dependendo da técnica e do material datado. Ninguém minimamente saudável da cabeça pode levar isso a sério (viu, Niède?). E um segundo, dando uma palinha sobre os principais métodos de datação absoluta. Chato, mas necessário.

No quarto capítulo, Solange, após algumas informações sobre a relação entre Niède, seus guias (homens vivos e, não, espíritos...) e as abelhas locais, apresenta um resumo sobre alguns dos sítios arqueológicos e paleontológicos escavados pela Fumdam na região da Serra da Capivara, dando especial atenção à megafauna extinta ali encontrada. Descreve, cuidadosamente, o trabalho de Claude Guérin e Martine Faure, paleontólogos franceses que ali militam há mais de 20 anos. Mostra também como esse trabalho tem levado à descrição de novas espécies de megafauna, um momento sempre celebrado por aqueles envolvidos em escavações paleontológicas.

Solange volta sua atenção para a Serra das Confusões, também parque nacional, não muito distante da Serra da Capivara. Em termos paisagísticos, é quase trocar seis por meia dúzia. Além dos tipos locais a quem Solange dá voz generosamente, uma boa parte do capítulo é dedicada às confusões burocráticas e executivas envolvidas no estabelecimento de áreas protegidas no Brasil. Esse mundo nebuloso tem sido especialmente deletério para o estabelecimento de um corredor ecológico

¹ Ver quadro sobre a espantalha Luzia na página 39.

² Os anexos estão no final do livro, às páginas 282 e 289.

que liga os dois parques, Capivara e Confusões. Estudos sistemáticos conduzidos na região mostraram, há muito, que há intensa movimentação faunística entre ambas as serras, sendo tal deslocamento essencial para a sobrevivência da fauna regional, ante as limitações hídricas ali reinantes. Quando a água desaparece na Capivara, a fauna local migra em direção à Serra das Confusões, onde as fontes naturais do líquido precioso duram mais tempo, obedecendo a um ciclo sazonal ali estabelecido há milhares de anos.

No exato momento em que escrevo este prefácio, Niède me mantém informado sobre o andamento das escavações que a Fumdham está realizando na Serra das Confusões, de onde já exumou uns 15 esqueletos humanos, ainda não datados. Provavelmente material recente, mas por isso não menos interessante para aqueles que, como eu, se dedicam, no laboratório, a análises osteológicas humanas.

Parte do capítulo 5, sem sombra de dúvidas o trecho mais divertido do livro, é dedicada às deliciosas peripécias que Niède e suas colegas de projeto, Silvia Maranca e Águeda Vialou, viveram, no início das pesquisas no sudeste do Piauí, na década de 1970. A segunda parte do capítulo é dedicada às escavações do casal Vialou (Denis e Águeda) no sul do Mato Grosso, aonde vêm pesquisando desde 1983. A estrela, no caso, é o sítio Santa Elina, onde os escavadores acreditam ter detectado presença humana a partir de 25 mil anos atrás, o que, de certa forma, corroboraria, pelo menos parcialmente, os achados de Niède e Parenti na Pedra Furada. Aqui, novamente, Solange adentra terra incógnita, tendo em vista que o casal Vialou, pelo menos até agora, tampouco emplacou publicações em periódicos internacionais de grande impacto.

A terceira e última parte do capítulo 5 apresenta em detalhes as escavações efetuadas por Niède e, mais tarde, Fabio Parenti, no Boqueirão da Pedra Furada, sítio ícone da Serra da Capivara. Como já comentei em vários outros contextos, não consigo imaginar alguém fazendo ali um trabalho melhor do que o feito por Fabio Parenti. Paciência de chinês, para dizer o mínimo. Lástima que quase dez anos separaram a data da defesa da tese de sua publicação. Mais lástima ainda, seu livro foi publicado em francês, quando todos os clovistas estão nos Estados Unidos e não leem textos nesse idioma. Solange termina o capítulo apostando todas as suas cartas na ideia de que a publicação da tese de Parenti em 2001 ainda possa reverter o ceticismo da comunidade norte-americana sobre uma possível ocupação humana pré-Clovis em Pedra Furada. Ledo engano!!! Sítio micado é sítio micado. Passados já nove anos da publicação da tese, ninguém sequer falou do assunto... Melhor apresentar evidências recorrentes em outros sítios da região. E, de preferência, em sítios a céu aberto, onde queda e fratura de seixos por processos naturais não ocorram.

É difícil caracterizar o capítulo 6. Uma boa parte dele narra as evidências geradas por Niède Guidon e Fabio Parenti no Boqueirão da Pedra Furada, e de como se deu o embate entre ambos e a comunidade científica internacional, principalmente a norte-americana. O problema é fácil de ser resumido: tanto Niède quanto Fabio obtiveram ali datações que ultrapassam, em muito, o limiar da cultura Clóvis.

Tida, até pouco tempo, unanimemente, entre a comunidade de arqueólogos norte-americanos, como a primeira manifestação do homem no Novo Mundo, as datas máximas dos vestígios Clóvis orbitam em torno de 11,2 mil anos.

Para tornar uma longa história a mais curta possível, arqueólogos e pré-historiadores são divididos em duas grandes tribos, no que se refere à ocupação das Américas: clovistas e pré-clovistas. Sempre fui pré-clovista, mas do tipo acanhado. Desde o início dos anos 1980, venho defendendo, no Brasil e no exterior, que o homem já estava presente na América do Sul pelo menos há 12 mil anos, portanto anteriormente ao surgimento da cultural Clóvis na América do Norte. Comparados aos 50 mil anos desejados por Niède e Parenti, minha luta parece risível. Sempre executei a ideia de que os seres humanos estariam presentes na Serra da Capivara há 30, 40 ou mesmo 100 mil anos (o novo delírio de Mme. Guidon). O auge dessa execração se deu nas páginas da Folha de São Paulo, em 1995, nas quais Niède e eu nos atracamos verbalmente. Quase levei um processo judicial nas costas por conta disso.

Outro eixo do capítulo 6 é a apresentação de vários sítios e de várias evidências arqueológicas descobertas por Niède e colaboradores nos últimos quarenta anos naquilo que se tornou, em 1979, o Parque Nacional Serra da Capivara. A temática predominante é a arte rupestre (o nome da moda é “grafismos rupestres”, já que não é garantido que os primitivos produziam essas manifestações como arte, como a concebemos). É impossível falar de grafismos rupestres da Serra da Capivara sem que Anne-Marie Pessis seja incensada. O capítulo destaca, de forma generosa e merecida, o trabalho de Anne-Marie Pessis, numa linha, digamos, analítica; e o de Conceição Lage, numa linha mais voltada para a conservação desses grafismos.

Sou de opinião que Solange Bastos poderia, e talvez devesse, ter sido mais crítica neste capítulo. A autora destaca, a meu ver excessivamente, o artigo publicado por Guidon e Delibrias em 1986 na *Nature*, uma das duas mais importantes revistas científicas do mundo, dando conta das evidências encontradas, pela primeira, em Pedra Furada, e datadas em até 32 mil anos, pela segunda. Sem dúvida uma grande conquista. Mas toda a comunidade científica internacional criou uma grande expectativa em relação a novas publicações de peso sobre tais descobertas. Passados 23 anos, a expectativa não foi cumprida. O artigo publicado na *Nature* em 1986, de duas páginas, foi encarado por todos como uma comunicação curta (*short note*), uma primeira notícia sobre as tais evidências pré-Clóvis no Piauí. Se levarmos em consideração que a Fumdam já escavou mais de 80 sítios na região, fica difícil explicar este vácuo de produção científica de ponta. Com tanto sítio escavado, nenhum outro teria apresentado novas evidências pré-Clóvis? E se geraram, por que tais evidências não foram publicadas em periódicos internacionais de alto impacto, incluindo a própria *Nature*? Dois dentes humanos datados pelo C-14, encontrados por Niède na Toca do Garrincho, foram, por exemplo, datados em cerca de 12 mil anos. Por si só, tal informação já seria suficiente para destruir mesmo os clovistas mais empedernidos. Para meu total assombro, tais resultados foram publicados apenas no Brasil e, ainda por cima, numa revista de quinta categoria.

De longe, o capítulo 7 é o que menos flui. Nele, Solange tenta fazer uma ponte entre os grupos culturais identificados pela arqueologia na Serra da Capivara, e os grupos indígenas que ali viviam, quando da chegada dos europeus à região. Infelizmente a arqueologia ali praticada, de resto como em todo o Brasil, não favorece elaborações etnogênicas. Apesar da arqueologia profissional no país já ter acumulado mais de cinco décadas de atividade, as bases teóricas aqui adotadas, quando não a falta de qualquer base teórica, têm trabalhado contra a compreensão de processos, sejam adaptativos, sejam culturais. A meu ver, outros equívocos que permeiam o capítulo são o mito do “bom selvagem” e as correlações lineares entre manifestações estéticas do passado e manifestações estéticas de índios atuais. Por mais temido que seja, o uso de informação etnográfica por parte da arqueologia para recuperar comportamento e significado nunca desaparecerá por completo. É, digamos, uma atração fatal. Mas isso não significa, de modo algum, que tal exercício possa ser praticado de maneira quase suicida, sem atinar criticamente para o potencial e os limites desse tipo de abordagem, assuntos estes amplamente tratados nas últimas três décadas pela Etnoarqueologia.

Trazendo a discussão da ocupação da terra para os dias de hoje, Solange fala mais uma vez da relação entre a Fumdam (leia-se Niède) e a população local, e de como essa relação, em princípio, melhorou a qualidade de vida daqueles que moravam dentro do Parque e foram removidos para regiões contíguas. Como em todo processo de estabelecimento de um parque natural no Brasil, os moradores locais são sempre indenizados por suas terras e benfeitorias. Processo que agrada uns e desagrada muitos. No caso do Parque Nacional Serra da Capivara, não poderia ter sido diferente. Niède ainda colhe frutos amargos desse processo, não obstante seu afiado senso de justiça social, pela qual batalha diuturnamente. A impressão que fica é que Niède conseguiu granjear o carinho e a admiração daqueles que com ela trabalharam diretamente e dos que se beneficiaram diretamente do estabelecimento do Parque ou das inúmeras ações sociais ali desenvolvidas pela Fumdam. Mas, quanto à população em geral de São Raimundo Nonato, Solange deixa claro que há controvérsias...

Difícil sintetizar o capítulo 8 sem cometer injustiça a seu conteúdo. Digamos que grande parte dele também é dedicada a peripécias que a equipe de Niède teve que passar no início da pesquisa na Serra da Capivara, quando não dispunha da infraestrutura que hoje merecidamente desfruta. O capítulo é especialmente generoso quanto à pesquisa ali desenvolvida, desde o início, por Aduino Araújo e vários outros colegas da Fiocruz sobre paleoparasitose e de como tais estudos sugeriram, à época, a possibilidade de migrações humanas transpacíficas para o continente americano. O assunto hoje tem menos visibilidade, tendo em vista que a tradicional rota de entrada pelo interior do Estreito de Bering, gelado, já foi substituída por uma outra via, hoje preferencial entre os especialistas: navegação de cabotagem ao longo da costa de Bering, onde condições climáticas mais amenas já estavam estabelecidas mesmo quando o interior da Beríngia ainda estava coberto por gelo.

O capítulo também mostra como, a partir da ida de vários especialistas convidados por Niède para participarem de seu ousado projeto de pesquisa, várias ações sociais foram sendo desenvolvidas em benefício da carente população local, ações essas que acabaram adquirindo vida própria. Desconheço qualquer outro projeto

arqueológico, desenvolvido no mundo, que tenha trazido um impacto social tão positivo para aqueles que habitavam e ainda habitam áreas arqueológicas importantes e exploradas. Imperdível no capítulo são também as opiniões fulminantes de Fabio Parenti quanto às pesquisas realizadas na Serra da Capivara, muitas vezes discordando em gênero, número, grau, cor, cheiro e sabor daquelas defendidas por Niède, sua mestra. Em vários pontos, minhas opiniões convergem totalmente com as de Fabio. “Escavar menos e publicar mais” é, de longe, minha frase preferida da entrevista que Solange fez na Itália com Parenti.

O capítulo 9 reúne pesquisas realizadas nos últimos anos. As duas mais importantes são, por um lado, a pesquisa efetuada próxima à Pedra Furada por Gisele Felice, professora de arqueologia da Universidade Federal do Piauí e colaboradora entusiasmada da Fumdhm; e, por outro, a pesquisa desenvolvida no Parque sobre o uso de ferramentas por parte dos macacos-prego que ali habitam, conduzida pelo biólogo Tiago Falótico, da USP. Gisele demonstrou, em sua tese de mestrado, que várias trincheiras abertas em frente ao famoso abrigo da Pedra Furada não demonstraram a existência, ali, de restos significativos de carvão vegetal e cinza. Isto permitiu a ela refutar a ideia de que o carvão encontrado por Niède e Parenti, dentro do abrigo, seria oriundo de incêndios naturais na vegetação circundante. Além disso, detectou, mais proximamente ao vale ao qual a Pedra Furada está associada, restos de carvão e de pedras lascadas, datados de cerca de 18 mil anos, claramente de origem antrópica. Mais uma vez, para meu total desespero, conhecimento de ponta, gerado no Parque, não foi veiculado no exterior em revistas internacionais de peso. Se tivesse sido, pelo menos uma das grandes críticas que pairam sobre a origem humana dos vestígios encontrados no abrigo já teria sido dirimida...

Confesso que o Capítulo 10 me trouxe grande alento. Niède já me havia mencionado que Eric Boëda, a seu convite, implantaria, na região do Parque, uma nova missão franco-brasileira de escavações. Aqui um parêntesis se torna necessário. Os maiores especialistas em tecnologia da pedra lascada (também conhecida como tecnologia lítica) estão na França, continuando uma longa tradição ali estabelecida pelo grande e renomado François Bordes, durante muito tempo o maior especialista do mundo no assunto. A ele se seguiram Jacques Tixier, Jacques Pelegrin e, mais recentemente, Eric Boëda, apenas para citar os mais famosos. Boëda, apesar de ter se especializado no início de sua carreira na indústria lítica Musteriense, domina hoje, como ninguém, todas as técnicas de lascamento, sobretudo depois que se envolveu em pesquisas na China, onde a sequência tecnológica lítica é bastante diversa da do Ocidente.

Durante os últimos 20 anos, uma pergunta sempre me inquietou: ora, se os melhores especialistas do mundo em tecnologia lítica estão na França, e se Niède fez toda a sua carreira naquele país – e portanto os conheceu, a todos – por que diabos ela nunca convidou tais especialistas para procederem a uma análise formal e independente das supostas ferramentas líticas da Pedra Furada? A chancela de qualquer um desses especialistas às conclusões de Parenti teria sido mais que suficiente para comprovar que, de fato, os líticos encontrados naquele sítio são mesmo de origem antrópica, encerrando, de vez, um calvário que se arrasta desde os anos 1980.

Não deu outra! Assim que Eric Boëda, junto com seu pupilo brasileiro, Emílio Fogaça, tiveram acesso, em 2006, aos líticos exumados por Niède e Fabio na Pedra Furada, ambos reconheceram, imediatamente, as mãos do homem por trás deles. As peças revelam uma cadeia operatória subjacente de produção de artefatos que a natureza jamais conseguiria produzir, ao acaso. Mas, lamentavelmente – e, mais uma vez, para meu desespero – os resultados da análise conduzida por Boëda e Fogaça foram publicados em português, nos anais de um simpósio local, organizado pela Fumdham, em 2007. Pode?! Mas voltando à missão recentemente estabelecida por Eric Boëda na Serra da Capivara, causou-me grande contentamento saber, pelo relato de Solange, que ela não só foi implantada, como já conta com diversas escavações e análises, desenvolvidas nos dois últimos anos. Oxalá a produção científica dessa empreitada venha a ser canalizada para periódicos especializados de grande impacto internacional, rompendo uma tradição perversa que se arrasta na Fumdham há pelo menos 23 anos.

No último capítulo, o 11, Solange apresenta a vida “transumante” dos moradores do Baixão do Pinga, mais especificamente aqueles que vivem no povoado de Santa Clara, no município Cristino Castro, sudoeste da Serra das Confusões. Transumantes porque anualmente os moradores de Santa Clara passam parte de seu tempo em suas residências no povoado, levando uma vida praticamente urbana, e, parte, alojados nos abrigos sob rocha da região, cavidades essas que foram amplamente utilizadas por seus antecessores pré-históricos. A riqueza de grafismos rupestres nas paredes dos abrigos da região deixa isto claro. Na verdade, o esquema funciona da seguinte maneira: durante a maior parte do tempo, os moradores da área ocupam suas residências em Santa Clara, mas, na época da colheita de suas plantações, acampam nos abrigos, tendo em vista a proximidade entre eles e os baixões, férteis, onde estabelecem suas roças. A vida em Santa Clara é dura! Muito dura! Houvesse pelas redondezas uma Niède Guidon, talvez a vida daquela gente fosse menos dura. Conhecendo bem o Brasil e seus gestores públicos, a única esperança é apostar na clonagem humana...

Ao longo da vida, descobri que quem realiza, quem empreende, paga um preço muito caro: torna-se mais facilmente criticável, simplesmente porque deu a cara a tapa. Por isso, muitos preferem ter uma relação apenas burocrática com a vida. Ledo engano! A felicidade demanda coragem. De um jeito ou de outro. E se a coragem tem nome, então ele deve ser Niède Guidon. É esta a maior mensagem que Solange tenta veicular através de seu livro, e, para mim, ela teve enorme sucesso em seu empreendimento.

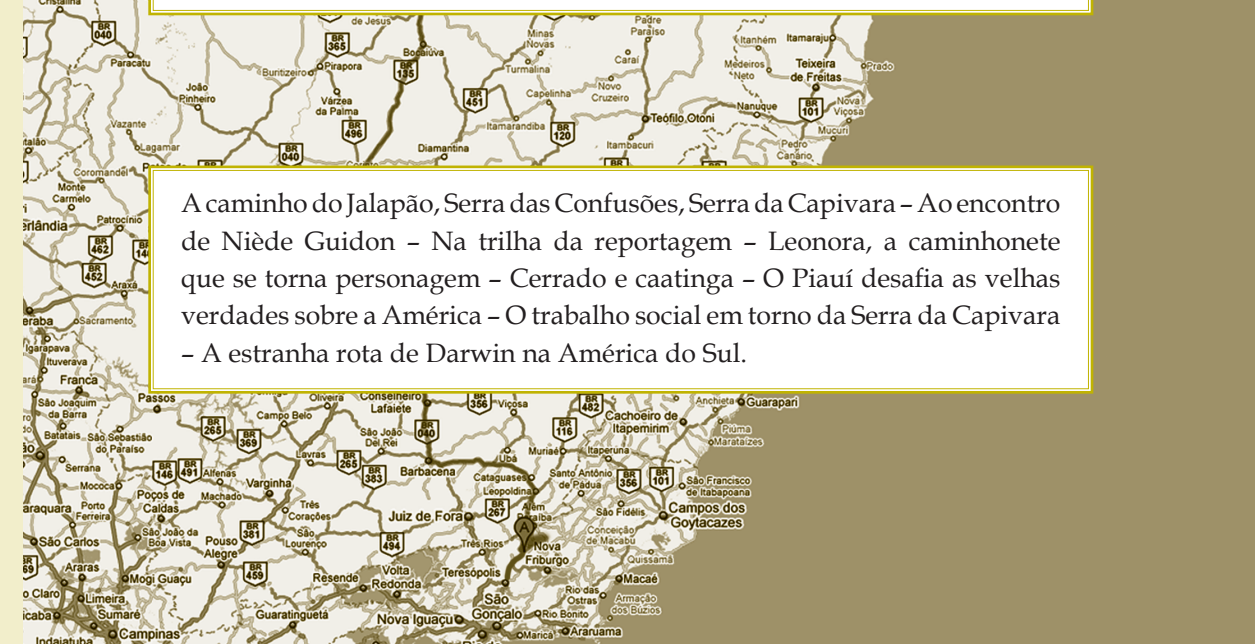
Este livro é, antes de tudo, um grande exercício de humanismo. Não só porque Solange conseguiu transmitir as inúmeras dimensões implicadas em seu complexo e polêmico objeto de observação e análise, mas também por ter dado voz a uma miríade de personagens que, de outra forma, não teria sido registrada pela história. Guimarães Rosa agradece. Leia e recomende aos medrosos!





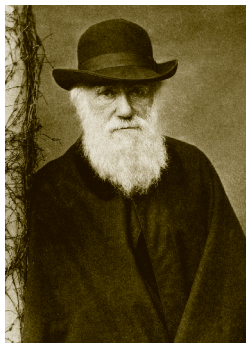


A FAMÍLIA BASTOS DE FÉRIAS NO PIAUÍ



A caminho do Jalapão, Serra das Confusões, Serra da Capivara – Ao encontro de Niède Guidon – Na trilha da reportagem – Leonora, a caminhonete que se torna personagem – Cerrado e caatinga – O Piauí desafia as velhas verdades sobre a América – O trabalho social em torno da Serra da Capivara – A estranha rota de Darwin na América do Sul.

Enfim, na estrada. Era para ser mais uma viagem de férias, dessas que a família adora, com aventura, natureza, caminho acidentado, de preferência... Em geral, uma viagem decidida em cima do laço. Foi assim com Abrolhos, que acabou nos transformando a todos em mergulhadores. Depois o Pantanal. Nesse meio tempo cada um percorreu muitas estradas, o que nos afastou da rota de Darwin na América do Sul, como havíamos planejado³.



CHARLES DARWIN (1809-1882) é o descobridor do mecanismo de seleção natural que explica “A Origem das Espécies”, título do livro que revolucionou a ciência, lançado em 1859 na Inglaterra, ao sistematizar como se dá a evolução, através de pequenas mutações bem ou mal sucedidas. O Brasil foi onde Darwin tocou pela primeira vez o continente sul-americano em sua viagem de circunavegação da Terra a bordo do Beagle, em 1832.

Dessa vez pintou o Jalapão, no estado do Tocantins, terra do capim dourado. Paraíso selvagem com dunas vermelhas e belíssimos rios encachoeirados, no meio do cerrado, ameaçado pela soja. Ih, precisa de uma 4x4... Uma semana depois eu apareci com uma L-200 já rodada mas inteirona: pronto! Podemos ir? Mapa aberto, meu filho Ernesto explica: podemos ir por Brasília, cruza os Veadeiros (a chapada,

norte de Goiás), nem precisa ir a Palmas (capital do Tocantins), chegamos a Ponte Alta do Tocantins pelo sul... (cidadezinha considerada “o portal do Jalapão”). Já andei pesquisando sobre esse caminho, não tem no mapa mas existe. De lá a gente segue para a Serra das Confusões, que é Parque Nacional. E depois pro Parque Serra da Capivara...

Maravilha. Pra mim, a Serra da Capivara está intimamente ligada ao nome da arqueóloga Niède Guidon, cujo trabalho acompanho, de longe, há mais de vinte anos. Desde que fiz um “Globo Repórter” na Ilha de Páscoa, em 1986, tornei-me uma leitora voraz sobre arqueologia. Na época, tive a oportunidade de conhecer **Thor Heyerdahl**, o norueguês que cruzou todos os oceanos em embarcações primitivas para provar que o homem pré-histórico poderia ter realizado a mesma façanha, ao longo de gerações. Quando o encontrei, era a primeira vez que Heyerdahl retornava à ilha depois de trinta anos. Graças às escavações que comandou, o mundo conheceu a grandeza dos *moai*, testemunhos de uma intrigante cultura que até do espaço já inventaram que veio. Diante de nossa câmera, o velho Heyerdahl mostrou como os colossos de pedra devem ter sido deslocados da jazida até os *ahu*, os santuários distribuídos por toda a ilha, por uma cultura que desconhecia a roda: movidos por um engenhoso jogo de cordas.



Alguns anos depois, o trabalho na TV Manchete me levou a São Raimundo Nonato, no sudeste do Piauí. A matéria era no município vizinho, Dom Inocêncio, onde não existia criança analfabeta, apesar da pobreza reinante, graças ao empenho do padre Lira e da fundação que criou. Dizem que o prefeito atual é filho dele, o que nem



³ Em 2002, a autora montou a empresa Família Bastos Produções para realizar o projeto “Família Bastos na Rota de Darwin na América do Sul”. Mas os trabalhos e estudos de cada um não permitiram levar esse projeto adiante. Outros surgiram...

Ver www.familiabastos.net.

escandaliza mais, de tão frequente que é, no sertão, ser filho de padre... Hipocrisia religiosa à parte, lembro da criatividade das soluções locais, como a escola que funcionava sob uma espécie de “latada”, aquela armação de varas para crescer o maracujá. Ou o calendário de aulas que coincidia com o do plantio: durante a seca, as famílias que moravam longe podiam acompanhar a criança, fazendo pequenos trabalhos perto da escola ou ajudando a construí-la.

No meu caderninho lá está o nome da arqueóloga **Maria de Fátima da Luz**, com quem falei em São Raimundo, na ausência de Niède Guidon, que se encontrava na França. O outro pesquisador residente era o ornitólogo **Fábio Olmos**, de Campinas. Dezesete anos depois, eu teria oportunidade de

acompanhar a escavação coordenada por Fátima no Brejo do Piauí, município do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara.

E tudo começou com uma viagem de férias em família...

Planejamos passar o *réveillon* de 2007 acampados num lugar bem bonito, selvagem. Foi às margens do rio das Balsas, junto à Cachoeira da Fumaça, onde tomamos um gole de espumante surpreendentemente ainda gelado. Eu não poderia imaginar que aquele cenário deslumbrante, de um exagero de água, tanta que a quantidade de gotículas justificava o nome de “fumaça” dado à cachoeira, um dia tinha existido no sudeste do Piauí.

Eu também não sabia ainda que a Serra das Confusões, onde o cerrado e a caatinga se misturam, cortados por grotões úmidos com grandes árvores e plantas da mata atlântica, é como a memória da transição dessas regiões, onde centenas ou milhares de pinturas esperam ser descobertas, ainda escondendo a história dos grupos humanos que já ocupavam o interior de nosso continente há pelo menos sessenta mil anos.

MARIA DE FÁTIMA DA LUZ concluiu o mestrado em História na Universidade Federal de Pernambuco em 1989, com a tese "O método de pré-escavação na pesquisa arqueológica, análise de um caso: Toca de Cima dos Pilão". Depois de alguns anos dedicados ao magistério, ela retornou às escavações em São Raimundo Nonato, onde Niède faz intensa campanha para que curse o doutorado. Na foto, Fátima e Solange num intervalo das escavações na Toca do Morro das Gravuras de Canaã, no Brejo do Piauí.



THOR HEYERDAHL (1914-2002) foi zoólogo, geógrafo, arqueólogo mas, sobretudo, o legendário explorador que em 1947 atravessou o Pacífico, entre o Peru e as ilhas Marquesas, na Polinésia, a bordo do Kon-Tiki, balsa construída com totora, espécie de papiro nativo do lago Titicaca, na Bolívia. Ele conseguiu provar que era possível atravessar o oceano na pré-história, dando consistência à sua teoria de que os primeiros ocupantes da Polinésia poderiam ter vindo das Américas, bem antes ou até depois dos asiáticos. Heyerdahl acreditava que as correntes marinhas favorecem o deslocamento de leste para oeste, tanto no Pacífico quanto no Atlântico. E por isso organizou várias expedições, sempre com balsas rústicas, que cruzaram do Marrocos até as Antilhas (Ra I e II) e da foz do Indus até a saída do mar Vermelho, no oceano Índico (Tigris). Coordenou as escavações na ilha de Páscoa e nas ilhas Galápagos, nos anos 1950, e nas ilhas Maldivas, nos anos 1980.

E eu não sabia que iria conhecer Niède Guidon. Uma cientista que, quarenta anos atrás, já se preocupava em trazer para a população atual os benefícios do estudo sobre os antepassados que viveram no Piauí. Capaz de enfrentar seus pares acadêmicos que não podiam aceitar como sérias as pesquisas empreendidas abaixo do Equador e, menos ainda, as descobertas de vestígios com datações incontestáveis, o que jogava por terra a teoria de que o *Homo sapiens* chegou às Américas apenas há 12 mil anos, pela Beríngia, a passagem terrestre que existiu entre a Ásia e a América do Norte.

FÁBIO OLMOS CORRÊA

NEVES é biólogo com mestrado na Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo, na área de ecologia da mata atlântica e doutorado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a Unesp, no campo da zoologia. Foi consultor no Parque Nacional Serra da Capivara, onde participou de projeto de pesquisa sobre controle e fiscalização do parque, ajudou a elaborar uma trilha autoguiada e integrou a equipe elaboradora do Plano de Manejo do Parque, em 1991. Atualmente se dedica a consultoria.

Não, eu não tinha ideia. Muito menos poderia imaginar que se criaram vários empreendimentos de responsabilidade social em torno da área arqueológica, como a cerâmica com motivos inspirados nas pinturas rupestres, ou a fábrica de mel com uma ampla rede de coleta, com assistência técnica, entre a população local, ou as escolas, infelizmente já fechadas, de horário integral, verdadeiros Cieps do Sertão. Até um curso universitário, o primeiro de graduação em Arqueologia de uma universidade pública, foi criado em São Raimundo Nonato.

Depois que eu soube que Eugênia Medeiros, a responsável pelas Unidades de Conservação do antigo Ibama no Piauí, iria nos apresentar a Niède no dia seguinte, acordei com aquela ideia na cabeça: preciso contar essa história.

Pois aqui está o livro. Depois de várias outras viagens, não só ao Piauí, de avião ou novamente a bordo da Leonora. A propósito: Leonora é a caminhonete L-200 em que fizemos as várias viagens por terra. A pesquisa, gravada em vídeo, acabou rendendo também material para um documentário, feito por meu filho Miguel Castro, cujo DVD – “Piauí Entocado” (40’) – segue anexo ao livro.

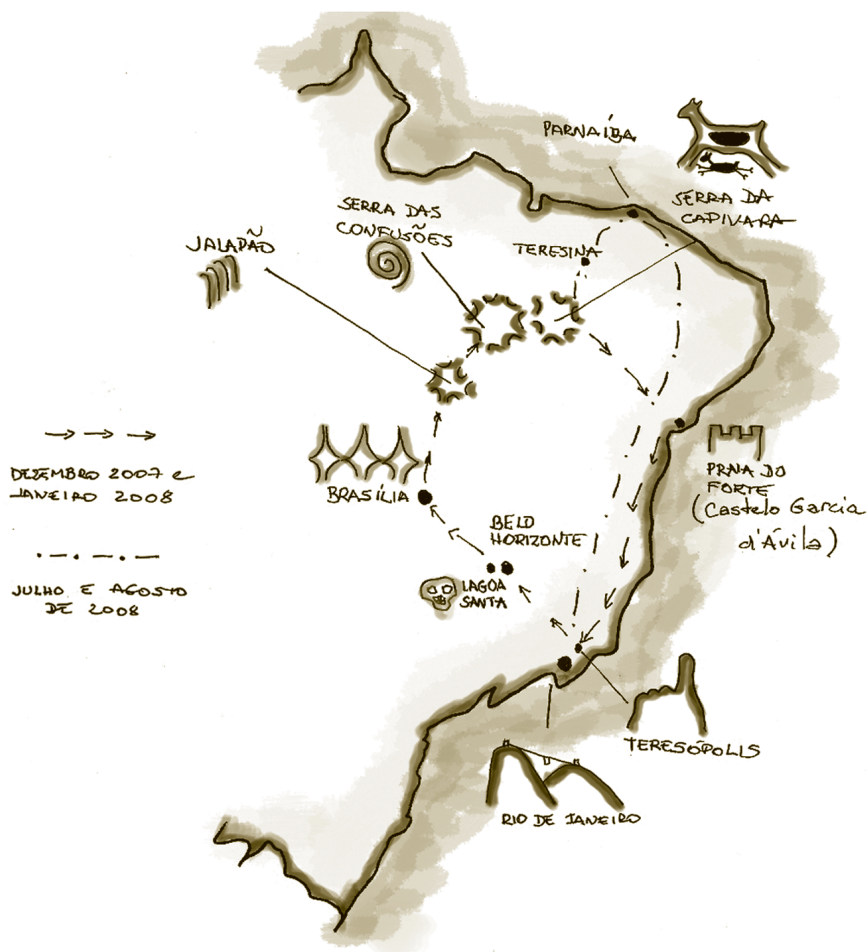
E querem desmentir que Deus escreve certo por linhas tortas! Pois não é que o destino me levou justo para onde Darwin estaria dando pulinhos de alegria com essa montanha de evidências de que o ser humano conviveu com a megafauna extinta há milhares de anos?! que se alimentava de pequenos animais, cujos vestígios têm algumas dezenas de milhares de anos pelas mais modernas técnicas de datação?! que as mudanças ocorridas na região, antigo fundo de mar, são tão radicais



Julia, Ernesto, Cecília e Solange diante da Toca do Boqueirão da Pedra Furada, principal sítio arqueológico da Serra da Capivara

que só podem fazer supor que se passaram muito mais que os seis mil anos previstos pelos autorizados intérpretes da Bíblia para toda a criação divina?!

É, de alguma forma, a Família Bastos entrou na rota de Darwin na América do Sul. *In memoriam*. Ave, Darwin. Duzentos anos depois do seu nascimento, Niède Guidon, a arqueóloga, vai nos conduzir nessa viagem.





2

O QUE LUZIA TEM A VER COM O PIAUÍ?

Como era o Piauí – A origem do nome Serra da Capivara – O que é serrote e carste – Luzia, a primeira brasileira conhecida – Peter Lund em Minas Gerais, no século XIX – A caminho do Piauí, nossa parada em Lagoa Santa, terra de Luzia – Langsdorff vira samba – Outros naturalistas europeus no Brasil: Saint-Hilaire, von Martius, von Spix, Darwin – Georges Cuvier e o catastrofismo – Walter Neves, “padrinho de Luzia”, cria projeto multidisciplinar Origens – Os brilhantes alunos de Neves em ação: Lapa do Santo, Gruta Cuvieri, Sumidouro – A teoria das linhagens paleoíndia e mongoloide de Walter Neves para a ocupação das Américas – O preconceito que veio do Norte da jornalista Elaine Dewar – A convicção de Niède Guidon de que as correntes marinhas trouxeram nossos antepassados da África.



primeira coisa que me perguntam é por que resolvi escrever sobre o Piauí. Acho ótimo, porque eu quis exatamente cutucar o preconceito das pessoas. Como naquela história de “visite o Piauí antes que acabe”, ou a daquele executivo da Philips, que teve a infeliz ideia de dizer que o Piauí não estava no mapa. São tão politicamente incorretas que dá vontade de brincar com elas. Soube que a campanha no Piauí pelo boicote dos produtos Philips foi tão grande que a fábrica instalou uma unidade no estado, mesmo deficitária...

Mas acontece que o Piauí foi mesmo um paraíso. A sério. E é, de alguma forma, o paraíso da arqueóloga Niède Guidon, que escolheu a região da Serra da Capivara para dedicar sua vida, não apenas ser o objeto de suas pesquisas. Se perguntar a ela, ih, ela vai reclamar horas, que ela vai largar tudo, vai morar num lugar frio, onde não tenha a alergia que está infernizando seus dias, que não se pode trabalhar num lugar em que as pessoas não são sérias, e vai por aí fora. Mas não arreda pé. E continua acompanhando cada detalhe do cotidiano, não só da fundação que preside, a Fundação Museu do Homem Americano, como do Parque como um todo. Às vezes ela reconhece: quem bebe da água de São Raimundo não vai embora. Ou volta, Niède.

E por que Serra da Capivara? É a segunda pergunta que me fazem. Tem muita capivara por lá? Tem. Pintada nos paredões dos abrigos rochosos, as tocas. As de carne e osso sumiram há uns 9 ou 8 mil anos, quando se estima que o clima se tornou cada vez mais árido. Mesmo que você não seja um especialista, já deve ter ouvido falar que capivara vive perto de muita água. No Pantanal, por exemplo. Perto de lagoas. Até na Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul do Rio de Janeiro, apareceu uma capivara, há algum tempo, que virou personagem da cidade. Deve ter descido da Floresta da Tijuca, contígua à lagoa, que é mata atlântica recuperada. Só para lembrar, a Floresta da Tijuca, hoje Parque Nacional, tinha se tornado uma enorme plantação de café, desde o século XVIII, até o imperador D. Pedro II mandar o major Archer reflorestar tudo, para proteger os mananciais.

MUITA ÁGUA E FARTURA

Pois o sudeste do Piauí era assim: rios caudalosos, cachoeiras, mata atlântica na planície, floresta amazônica na parte alta, onde hoje são os chapadões. A capivara certamente era muito numerosa na região. Maior roedor do mundo, semiaquático e vegetariano, vive em bandos de mais de 20 indivíduos, sempre à beira de rios e lagoas, do Panamá ao norte da Argentina. O nome científico *Hydrochoerus hidrochaeris* não deixa dúvidas sobre seu habitat preferido. As pinturas encontradas na Serra da Capivara, muitas delas representando famílias inteiras, estão ao lado de outras espécies extintas na região, como veados galheiros – o veado do Pantanal –, caranguejos, jacarés e grandes peixes, parecendo o bagre.

Só em 2008, os paleontólogos franceses **Claude Guérin** e **Martine Faure**, que estudam os achados fósseis do entorno do Parque há vinte anos, conseguiram identificar ossos fósseis de capivara e de ema – outro animal extinto na região, muito representado nas pinturas. Havia também ossos de tatu-canastra, esse, extinto pela caça predatória. Foram encontrados na Toca do Serrote das Moendas, um dos sítios da região mais ricos em achados fósseis, inclusive de restos humanos associados a dentes de cervídeo (veado), já extinto localmente. Segundo Niède Guidon, o dente estava associado a uma camada de sedimento datada entre 20 e 30 mil anos! Mas os especialistas preferem ser cautelosos: como o solo em que estavam os ossos era um pouco arenoso, talvez os restos humanos não sejam da mesma idade da amostra datada, podem ter sido ali depositados mais recentemente.

CLAUDE GUÉRIN é um dos maiores especialistas em paleontologia dos grandes mamíferos, com mais de 300 publicações sobre trabalhos no mundo todo. Há 20 anos integra a equipe da Fundação Museu do Homem Americano, vindo regularmente a São Raimundo Nonato, no Piauí. Aposentou-se compulsoriamente da Universidade Claude Bernard, em Lyon, na França, no cargo de Mestre de Conferências “Hors Classe”. Entre outros trabalhos, foi responsável pela Missão arqueológica e paleontológica de Oubeidiyeh, em Israel. Participou em numerosas missões internacionais na Europa, na África (Djibouti, Etiópia, Quênia, Tanzânia, Mali, Namíbia, Angola) e no Oriente Médio (Israel, Emirados Árabes Unidos, Jordânia), além do Brasil.

MARTINE FAURE é doutora pela Faculdade de Antropologia e de Sociologia da Université Lumière Lyon 2 (1983), onde é Mestre de Conferências em Pré-História, e pesquisadora do Centre National de Recherches Scientifiques, da França. Ao lado de Claude Guérin, há dezessete anos vem regularmente a São Raimundo Nonato, onde participa do estudo dos numerosos fósseis encontrados, que constituem uma das coleções mais completas do paleoambiente do Pleistoceno/Holoceno no Brasil. Segundo Niède, sua especialidade é o estudo dos possíveis vestígios da ação humana nos ossos fósseis animais.

O CARSTE NO SUDESTE DO PIAUÍ E EM MINAS GERAIS

CARSTE é como se chama a região normalmente seca, com cursos d'água descontínuos, cujo relevo em forma de ruína se origina na dissolução de rochas calcárias, formando condutos e rios subterrâneos, cavernas e dolinas – depressões suavemente arredondadas que surgem do desmoronamento do teto de cavernas subterrâneas.

“Serrote” é um tipo de relevo, em forma de uma pequena serra mesmo, de origem calcária, que existe em alguns pontos ao sul do Parque Nacional Serra da Capivara. São afloramentos de uma grande formação rochosa subterrânea, de cor cinza claro. A importância para a ciência é porque o calcário conserva os restos orgânicos, que se fossilizam, enquanto que nos solos ácidos, como os resultantes da decomposição do arenito, os animais e plantas mortos se desmancham rapidamente. O termo técnico para esse tipo de formação geológica é **carste**, encontrado no Piauí e também na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais.

É lá onde foi descoberta a Luzia, a brasileira mais antiga de que se tem notícia, com idade entre 11 mil e 11 mil e 500 anos.

NOSSA ANCESTRAL LUZIA

Sou fascinada pela Luzia! Quem a “batizou” foi o bioarqueólogo **Walter Neves**. Ele provou, com minuciosas medidas comparativas, que o crânio encontrado em 1975 por **Annette Laming-Emperaire** na Lapa Vermelha IV, em Lagoa Santa (MG), tinha traços parecidos com os africanos e com os australianos e melanésios atuais. E nem sombra de olho puxado, como os asiáticos!

O mundo tomou conhecimento da “Lucy brasileira” – referência ao esqueleto homínico mais antigo que se conhecia, de 3,2 milhões de anos – quando reconstituíram a sua fisionomia. Luzia foi capa de dezenas de publicações ao redor do planeta, em 1998.

Em julho de 2008, já decidida a escrever o livro, resolvi passar por Minas Gerais em minha segunda viagem ao Piauí, novamente a bordo da Leonora, para conhecer o trabalho de Walter Neves na região de Lagoa Santa. O que aprendi sobre nossos antepassados “negões” – Walter Neves fica uma fera, diz que nunca afirmou isso: “São paleoamericanos”, insiste – seria muito útil para entender os desafios da pesquisa de Niède Guidon. Com uma ressalva: não se pode afirmar que os traços negroides são, necessariamente, associados à pele escura. Mas loura, a Luzia não era... Há mais de cem anos, dezenas de esqueletos, possíveis descendentes de Luzia, tinham sido descobertos nas grutas de Minas Gerais.



WALTER NEVES, biólogo de formação básica, fez doutorado na USP com a tese Paleogenética dos Grupos Pré-históricos do Litoral Sul do Brasil; pós-doutorado no Center for American Archaeology, da Northwestern University, em Illinois, nos EUA, e no Departamento de Antropologia da USP. Foi demitido da USP em 1985, junto com Solange Caldarelli, ambos da escola processual norte-americana, logo depois que Luciana Pallestrini assumiu o Instituto de Pré-História da USP, onde trabalhava. Segundo Neves, pelas críticas contundentes que faziam à arqueologia descritiva reinante no Brasil. Mais ou menos na mesma ocasião, Tania Andrade Lima foi desligada do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e Irmhild Wüst, da Universidade Católica de Goiás, ambas igualmente defensoras da arqueologia processual. Caldarelli desencantou-se com a vida acadêmica, Tania voltou anos depois ao Museu Nacional, onde coordena a pós-graduação em Arqueologia (UFRJ); e Irmhild aposentou-se pela Universidade Federal de Goiás. Walter criou seu “nicho” profissional com os laboratórios interdisciplinares que fundou, primeiro no Museu Paraense Emílio Goeldi e, mais tarde, na USP, onde coordena até hoje o Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos.

ANNETTE LAMING-EMPERAIRE, russa de nascimento – o pai, francês, foi diplomata na Rússia – tornou-se importante arqueóloga na França, discípula de André Leroi-Gourhan, como Niède Guidon, de quem viria a dirigir o doutorado sobre as pinturas rupestres do sudeste do Piauí.



Desenvolveu a metodologia estruturalista na arqueologia, ainda usada por seus discípulos. Casou-se com o arqueólogo Joseph Emperaire, morto tragicamente durante uma escavação, na Patagônia chilena, que acreditava na chegada do *Homo sapiens* na América do Sul diretamente do sudeste da Ásia. Foi a descobridora da Luzia, o esqueleto humano mais velho do Brasil, com 11 mil anos, assim apelidado por Walter Neves, que a "escavou" no depósito do Museu Nacional. Annette morreu acidentalmente não muito tempo depois de encontrá-la, em 1977.



O DESCOBRIDOR DO “HOMEM DE LAGOA SANTA” ESTEVE NA SERRA DOS ÓRGÃOS



Peter Wilhelm Lund (1801-1880) era dinamarquês e um sábio genial. Por medo de morrer de tuberculose, como os irmãos, acabou se radicando no Brasil, para sorte nossa, a maior parte de sua vida. Oito anos mais velho que o colega naturalista Charles Darwin, sentiu o mesmo encantamento pela exuberância de nossa floresta atlântica, ao chegar ao Brasil em 1825, exatos oito anos antes do desembarque de Darwin em Salvador, na Bahia, na primeira escala do navio da Marinha britânica Beagle em nosso continente.

Nessa primeira estada no Brasil, até 1829, Lund conheceu a Serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro, hoje protegida por um Parque Nacional.

RESERVA DE MATA ATLÂNTICA PRESERVADA

O Parque Nacional da Serra dos Órgãos, terceiro mais antigo do Brasil – o primeiro é o do Itatiaia e o segundo o do Iguaçu, criado meses antes do PARNASO, em 1939 – é conhecido pelo Dedo de Deus e pela travessia de Petrópolis a Teresópolis, entre os picos rochosos semelhantes aos tubos de um órgão de igreja, meca do montanhismo nacional. O Parque foi ampliado em 2008 para 20 mil hectares de preciosos remanescentes de nossa mata, conquistada, em grande parte, obtida pelo trabalho de meu filho Ernesto Viveiros de Castro, há cinco anos na chefia do Parque. Ao lado do Parque Nacional Serra da Capivara, o PARNA da Serra dos Órgãos é uma das prioridades do programa federal “Turismo nos Parques”.

Peter Lund foi influenciado pelo francês Georges Cuvier, primeiro a descrever uma espécie animal extinta, o mamute, o que ele explicava pela sequência de catástrofes que teriam abalado o planeta, quando Deus fazia, digamos assim, uma revisão na criação para alguns aperfeiçoamentos... Para nós, o que interessa é que Lund explorou mais de 200 cavernas em Minas Gerais, onde encontrou



Preguiça-gigante

vestígios daquele que viria a ser conhecido como o “Homem de Lagoa Santa”, misturados a fósseis de animais extintos, a exemplo do tigre-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*).



Tigre-dentes-de-sabre

TINHA QUE ACABAR EM SAMBA

No século XIX, o Brasil estava na moda para os naturalistas europeus. Nesse período andou por aqui o barão Langsdorff (1824-1829), enviado pelo czar russo, que virou o samba-enredo “Delírio na Sapucaí”, em 1990, da escola carioca Estácio de Sá: “... Foi em Minas Gerais, onde a odisséia começou. Flora, fauna, minerais, catalogando tudo aquilo que encontrou, empalhando os animais e revelando seus achados a Moscou...”

Pouco antes, de 1817 a 1820, por cá andaram von Martius e von Spix, que vieram na comitiva científica da princesa Leopoldina, a austríaca que se casou com D. Pedro I. Foram os primeiros a descrever fósseis encontrados nas cavernas de Minas Gerais, durante a extração de salitre para fazer pólvora. Devem ter se encontrado nesses nossos confins tropicais com o francês Saint-Hilaire, que chegara em 1816 e ficou até a independência do Brasil, em 1822.

Esses e muitos outros brilhantes estudiosos formaram o acervo dos museus europeus com amostras de nossa biodiversidade, sem igual no mundo – o que hoje seria chamado biopirataria – convencidos de que o Brasil caminhava “a passos lentos para a civilização” (Saint-Hilaire) e que nossos índios eram os “remanescentes degenerados de povos superiores”, que teriam construído cidades, monumentos e teriam tido códigos de conduta muito mais “evoluídos” (von Martius). Eles, luminares da civilização eurocêntrica, poderiam magnanimamente nos ensinar como escrever nossa própria história...



NEVES, O GRANDE FÃ DE LUND

– Lund poderia ter elaborado a teoria da evolução antes de Darwin – acredita o bioarqueólogo Walter Neves.

Mesmo sem os recursos da tecnologia moderna, Peter Lund observou a conformação das três dezenas de crânios humanos que encontrou e propôs a ousada teoria de que o homem surgiu primeiro nas Américas e não na Ásia, pois acreditava que a “raça asiática” seria um “aperfeiçoamento” da “raça de Lagoa Santa”.

Apesar de se descrever como “um arqueólogo mediano, um biólogo renegado e um antropólogo meia-boca”, Walter Neves coordena, desde 2000, o projeto “Origens e Microevolução do Homem na América: Uma Abordagem Paleoantropológica”, financiado pela FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São

Paulo. Na modesta autodescrição, Neves se refere ao próprio ecletismo, que o fez criar um laboratório onde trabalham biólogos, sociólogos, historiadores, médicos, físicos, geólogos, até um odontólogo e um advogado.



OS ESCRAVIÁRIOS DE NEVES



André Strauss

Compartilhando o fino humor do “chefe”, o jovem sociólogo-geólogo-arqueólogo André Strauss nos apresenta os “escraviários” trabalhando nos três sítios que estão sendo escavados na temporada de 2008, em Matozinhos e Lagoa Santa, municípios a cerca de 30 km de Belo Horizonte. Aos 24 anos, André se considera um privilegiado:



Michelle

– Faço o que gosto. Aquilo que as pessoas reclamam, de trabalhar o dia inteiro em algo que não tem a ver com elas, não sei o que é isso. Sou estudante, pesquisador, bolsista. Venho para campo, escavo, é muito bom. Nesses 35 dias o negócio é manter a serenidade. Sabe como é, nós, acadêmicos, temos o ego muito grande, tem que exercitar o espírito coletivo para chegar ao fim sem grandes tropeços...



Élver

No final de 2008, eu teria o prazer de receber o convite para a formatura de André no curso de Geologia, no Instituto de Geociências da USP. O trabalho final que ele apresentou foi sobre “Ocupação Humana no Início do Holoceno às Margens de uma Lagoa Cárstica na Região de Lagoa Santa – MG”, no salão nobre do Instituto de Geociências da USP, orientado por Astolfo Araújo. Lastimei não poder comparecer, às voltas com os preparativos da viagem à França e Itália, para as entrevistas que faltavam para este livro.



Tatiana

Foi André quem me mostrou a entrada do famoso Sumidouro, onde Lund fez os principais achados, uma espécie de “ralo” natural de toda a região, que só deixa de ficar inundado nas grandes secas, a cada 30 ou 40 anos. A água carregou para a gruta restos de animais ao longo de milhares de anos. Mas a entrada “seca” parece ter sido utilizada ritualisticamente para a deposição dos parentes mortos, acredita Walter Neves.



Rodrigo

Ele e sua equipe tiveram a chance de reconstituir, em 2001 e 2002, os trabalhos de Lund naquela caverna. O próprio Neves conta como o parceiro **Luís Beethoven Piló**, geógrafo especialista no **relevo cárstico** da região, já “não aguentava mais” vê-lo chorar de emoção, a cada passo redescoberto do velho dinamarquês.

– Lemos 25 vezes o relatório final de Lund dentro da própria gruta, que não tinha sequer sido mapeada até então – conta Neves, assumidamente um emotivo incorrigível.

ME ENTERREM NA LAPINHA

Confesso que foi a minha vez de ficar emocionada quando cheguei na Lapa do Santo, em julho de 2008, e me deparei com um lugar belíssimo, grandioso, primeiro sítio arqueológico que conheci durante escavação. Lapa é como se chama em Minas Gerais um tipo de gruta com a entrada arredondada, parece um presépio. “Quando eu morrer, me enterrem na lapinha...”, cantaram Baden Powell e Paulo Cesar Pinheiro. É exatamente o que fizeram nossos antepassados: na entrada da Lapa do Santo foram encontrados nada menos que 29 esqueletos! De fetos a pessoas idosas, de enterramentos primários a outros, secundários, em que se esperou que a carne fosse consumida pelo tempo para enterrá-los de novo, em caprichados arranjos rituais. Com um detalhe: dez centímetros para dentro da gruta, saindo da luz, já não há enterramentos.

Ao me aproximar da Lapa do Santo, meio de longe, vi a cavidade azulada, efeito da luz sobre as formações calcárias, com grandes **espeleotemas**. Ajoelhados no fundo da escavação, a uns dois metros da superfície, dois jovens se debruçam sobre algo que não distingui a princípio. O odontólogo Rodrigo Elias de Oliveira e a bióloga Tatiana Leite Nunes, de meias, para não marcar o terreno, expõem cuidadosamente um esqueleto com a ajuda de uma colherzinha e um pincel. Trata-se do Sepultamento nº 1, localizado em 2002, que, por estar mais profundo, deu origem a toda a escavação em volta, em degraus, e que a cada etapa revelava um novo esqueleto! Só agora o número 1 será retirado. À volta, tábuas cobrem o terreno que, por ser muito **friável**, exige contenções a cada momento.

Sobre uma mesa improvisada, outros jovens peneiram sedimento e classificam pequenos detritos encontrados. Max Ernane Cesário é técnico do laboratório da USP e biólogo formado. Ele me mostra o que encontrou na peneira do material que escavou: pequenos ossinhos de animais, uma lasca que parece resquício de objeto lítico. Ele exemplifica um dos achados com uma lasca de quartzo hialino, com cara de cristal. Pelo nível em que foi encontrado, deve ter algo em torno de 8.000 anos, idade dos esqueletos. Pode ter rolado de um nível superior, mas tem, pelo menos, 6.000 anos, acredita. A bióloga Letícia Leme da Silva Gordo, que eu conhecera

LUÍS BEETHOVEN PILO é geógrafo formado na Universidade Federal de Minas Gerais, com trabalhos sobre a morfologia cárstica da região do Peruaçu, no norte de Minas, importante área arqueológica pré-histórica. Especializou-se em Geografia Física também na UFMG, sobre depósitos de cavernas da região cárstica de Lagoa Santa. O doutorado foi na USP, ainda sobre a região de Lagoa Santa, analisando a dinâmica e a evolução da depressão poligonal Macacos-Baú. Fez pós-doutorado no Laboratório coordenado por Walter Neves. Atualmente dedica-se a consultoria em sua área.

O RELEVO CÁRSTICO é aquele de formação geológica conhecida como carste, que vem de *kras* (servo-croata), significando terreno rochoso, desnudo. A Área de Proteção Ambiental Federal – APA Carste de Lagoa Santa foi criada em 1990, abrangendo parte dos municípios de Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Matozinhos, Prudente de Moraes, Vespasiano, Funilândia e todo o município de Confins, próxima a Belo Horizonte. Há 600 milhões de anos foi um grande mar interior, que formou a rocha calcária, sedimentar. A erosão da água transformou o calcário num verdadeiro “queijo suíço”, cheio de galerias e cavernas, muitas delas usadas como abrigo desde a pré-história.



FRIÁVEL é a rocha ou material que se esfarela com facilidade.



Lapa do Santo:
29 enterramentos na entrada.



Tatiana e Rodrigo retiram o
esqueleto nº 1, de 8.300 anos.

ANTRÓPICO é aquilo que resulta da ação do homem, pode ser um objeto ou um local que foi modificado. Em arqueologia, a identificação da ação antrópica é essencial para se interpretar os vestígios encontrados. No sítio mais famoso do sudeste do Piauí, o Boqueirão da Pedra Furada, a polêmica é se os mais antigos objetos líticos datados teriam sido ou não fabricados pelo homem.

ESPELEOTEMAS é o nome geral para as formações minerais feitas pela ação da água, como os estalactites, de cima para baixo, e os estalagmites, de baixo para cima. Pela análise dos espeleotemas é possível conhecer o processo de formação da gruta onde estão.

na véspera, lavando um dente de cervídeo no laboratório de curadoria do projeto, na cidade de Matozinhos, está agora programando a “estação total”, nome de um aparelho de topografia que permite a localização tridimensional de cada achado.

Um grande toldo amarelo inclinado, a oeste da Lapa do Santo, é uma invenção contra o sol da tarde do faz-tudo João Bárbara Filho – “o único ser humano no planeta que chama madame Emperaire de Annette”, brinca Walter Neves. Motorista aposentado do Museu de História Natural, da Universidade Federal de Minas Gerais, seu João foi um dos homenageados na dedicatória do livro “O Povo de Luzia, Em busca dos primeiros americanos”, que Walter Neves e Luís Beethoven Piló lançaram em 2008. Ao lado do cinegrafista Agmar Xexéu e do guia Zé Ninho, foram chamados de “heróis anônimos da arqueologia brasileira. Sem a presença deles, nossas pesquisas de campo em Lagoa Santa não teriam a menor graça”.

– Há 32 anos, quando a gente começou, eu fabricava instrumentos para poder escavar, porque não existiam – conta seu João, que guardou de Annette Emperaire a imagem de competência. Quando cheguei, seu João estava tentando consertar o gerador.

– Eu queria que você recebesse a Solange – pede Walter a um rapaz, ocupado em digitar num *laptop* em outra mesa, à entrada da gruta. E para mim: – Antes de visitar todo o sítio, é melhor você fazer logo algumas imagens do esqueleto porque já são os momentos finais. Pode dar a volta e filmar daquele barranco, mas, por favor, pise nas tábuas para se deslocar.

Sai andando devagar, pisando em ovos, até chegar perto de Danilo Bernardo,

“biólogo até a medula”, como se define, responsável naquele momento pela escavação na Lapa do Santo, onde trabalha há 6 anos consecutivos.

É com entusiasmo que Danilo, 30 anos, dá as explicações:

– Uma coisa bacana do sítio é a diversidade dos setores. Por exemplo, nesta área aqui não encontramos nenhum sepultamento, mas o solo é muito mais **antrópico** que o lá de baixo (refere-se ao fundo da cavidade). Nesses níveis aqui encontramos muita cinza de fogueira, muito material carbonizado, aqui encontramos uma concha que era usada como plaina. Cada área do sítio foi usada de uma forma diferente. Ali, por exemplo, seria a cozinha... – aponta Danilo para o setor mais a leste.

Uma das dificuldades é que a Lapa do Santo foi intensamente utilizada até tempos recentes, inclusive como curral. Danilo fica angustiada ao pensar que não é possível escavar o sítio inteiro. O professor Neves está tentando ampliar o projeto por mais um ano, para esgotar as quadras já abertas, prioritariamente⁴.



Walter Neves e seu João, próximo à Lapa do Santo, em julho de 2008.

ANGÚSTIAS DE ARQUEÓLOGOS E BIÓLOGOS

– É muito ruim saber que tem outros sepultamentos já prontinhos ali, só nos esperando – queixa-se Danilo. – Não é trabalho para uma única geração.

Eu encontraria essa mesma angústia em jovens e velhos arqueólogos, que lidam com milhares e milhares de anos, descobertos sob milímetros, centímetros e metros de sedimentos, retirados pacientemente com pincéis e colheres de pedreiro, ao longo de anos e anos de trabalho. Na maioria das vezes, o trabalho é como encontrar agulha em palheiro. Com pinça... Tem que usar todos os recursos, mas não apenas os tecnológicos. Frequentemente, a intuição é que revela a chave da nova descoberta, como experimentou muitas vezes Niède Guidon.



Biólogo Danilo Bernardo

Danilo manifestou preocupação com a supervalorização da pesquisa genética, porque lida diretamente com o DNA e pode ter aplicações imediatas na indústria. Justamente por isso, tem farto financiamento:

– Acho que o biólogo tem que saber o que o bicho faz, o que ele come, onde que

⁴ Na temporada de 2009, segundo me informou Walter Neves, encontraram na Lapa do Santo uma gravação rupestre, antropomorfa e picotada (em baixo-relevo feito por percussão de uma pedra pontuda, numa sequência de pontos), no nível datado em 10 mil anos.

ele rola. Eu tinha um professor que falava que a genômica é a democratização da biologia, porque a partir do momento em que você mexe com o DNA, um tomate, um ser humano, um cachorro, pode ser tudo a mesma coisa. – E ele conclui, com humor: – Tomate não late, sabe...

Walter me explica que, a exemplo das outras grutas, a Lapa do Santo pode não ter servido de moradia, mas de abrigo temporário. Toda a região cárstica do Planalto Central passou por dois longos períodos extremamente áridos: um no final do período Pleistoceno, ou seja, depois das glaciações, entre 12 mil e 10 mil anos atrás; e um segundo, no meio do Holoceno, entre 7.500 e 2.500 anos passados.

Não existiu um “ótimo climático” há 5.000 anos no Planalto Central, mas um “péssimo climático”, garante. Walter se refere a um ciclo de umidade que se acreditava ter havido naquela época em toda a América. Na verdade, houve grandes variações regionais, a pesquisa demonstra agora.

O PLANALTO CENTRAL DOS TEMPOS DE LUZIA PARA CÁ

– Por volta de 10.400 anos atrás, começa timidamente a ocupação do carste. Há 9.600 anos, **TODOS OS ABRIGOS DA REGIÃO ESTÃO OCUPADOS!** A impressão que eu tenho é que tinha populações em volta, provavelmente com pressão demográfica, subindo pelo curso do rio das Velhas.

E Walter Neves prossegue:

– Entre 9.600 e 8.500 AP⁵ eles não sepultam os mortos nos abrigos, não temos a mais remota ideia do que eles faziam com os mortos. Por volta de 8.500 anos AP, eles adotam o hábito de enterrá-los dentro dos abrigos. O da Lapa do Santo, que você viu, tem 8.300 anos. Entre 7.500 e 2.500 anos AP há um vácuo de ocupação, com datações episódicas. A partir de 2.500, a região é, de novo, densamente povoada, por grupos agricultores, ceramistas, como são nossos índios atuais. Tem as tradições ceramistas conhecidas como Aratu-Sapucaí e Tupi-Guarani, e grande possibilidade de relação com grupos Jê⁶.

O QUE FAZIA O POVO DE LUZIA

– Você sabe o que é isso aí? – me desafia Neves, apontando para o sedimento escavado. – Só matamos a charada no ano passado...

– O quê? – pergunto, meio atordoada com a emoção desse primeiro contato com uma escavação e tantas informações interessantes ao mesmo tempo.

– Acabamos de descobrir que 90% desses 4 metros de sedimento são CINZA PRODUZIDA PELO SER HUMANO! Um fato sempre me chamou a atenção:

⁵ Antes do Presente, considerado o ano de 1950.

⁶ Os grupos das tradições Aratu ou Aratu-Sapucaí eram ceramistas e se instalaram desde o litoral de Pernambuco, Bahia e Espírito Santo até, no interior, o encontro dos rios Araguaia e Tocantins, ocupando Goiás e Mato Grosso de 3.000 a 1.000 anos atrás. Plantavam mandioca, como complemento da coleta, da pesca e da caça. Tinham acampamentos a céu aberto e enterravam seus mortos nos abrigos e perto dos acampamentos, em urnas. Uma peça característica dessa tradição é um pote geminado, associado a sepultamento. A tradição Tupi-Guarani é originária da Amazônia e veio a ocupar todo o litoral, até o estado de São Paulo, tendo ocupado, também, grande parte do interior do Brasil. Sobre os grupos Jê, ver o capítulo 7, “Esquina de povos: Índios de ontem e de hoje”, à página 168.

toda vez que se começava a escavar em Lagoa Santa, você datava a superfície e encontrava 8.000 anos ou algo perto disso. Concluímos, então, que há 8 mil anos parou de acumular sedimento aqui. Passamos anos pensando: mudança climática etc. Até que percebemos: há 8 mil anos, o homem simplesmente foi embora, não ficou ninguém aqui, morando e produzindo cinza...



No corte da escavação notam-se as camadas de cinzas.

Walter Neves está convencido de que Luzia e seu grupo não moravam dentro do carste:

– No final do Pleistoceno, talvez os grupos passassem pelo carste apenas episodicamente, para procurar alguma coisa para comer. Ela certamente pertencia a um grupo caçador-coletor, que, na verdade, era mais coletor que caçador (os dentes cariados indicam a grande presença de carboidrato na alimentação). Mas seria impossível se instalar aqui no carste de forma permanente nos períodos mais secos, como era o caso há 11 mil anos. Ela caiu naquela fenda ou foi ali depositada, ao morrer durante uma viagem, sem grandes tratamentos rituais – conclui Walter.

Um dos eixos de pesquisa do projeto Origens é descobrir como viviam esses grupos. O bando de Luzia não teria mais do que umas 25 pessoas, acredita Walter. Como possivelmente deve ter ocorrido também na região da Serra da Capivara, havia dois tipos de assentamento, o acampamento-base, geralmente próximo a uma fonte de água, e o abrigo de caça, longe de casa.

Neves acredita que seria uma sociedade não-hierarquizada, na qual as mulheres teriam muito prestígio pela importância da coleta de alimentos, tarefa feminina, enquanto a caça é, em geral, masculina. Bem, lamento duvidar desse raciocínio lógico, porque não se sabe exatamente quando começou o machismo. Desde tempos imemoriais, os homens inventaram mil motivos para se darem mais importância que às mulheres. Talvez a explicação marxista seja mais satisfatória: uma sociedade que não produz excedente econômico não gera classes. Nem, possivelmente, supremacia de gênero.

Encontrei num antigo exemplar da revista Terra uma reconstituição artística do que seria a possível disputa de um grupo como o da Luzia com um recém-chegado, de origem mongoloide. O pessoal da Luzia teria desvantagem por não conhecer o arco e flecha, arma de maior precisão à distância que a lança. Verdade que na cultura cinematográfica, pelo menos, os “selvagens” africanos sempre seguram lanças, nunca arco e flecha⁷. É, mais um ponto a favor da tese de Niède Guidon – que acredita na origem africana dos mais

antigos “piauienses” – já que nas pinturas do sudeste do Piauí também não há arco e flecha...



MAIS UMA MULHER

A repentina movimentação na Lapa do Santo revela que, finalmente, o crânio do Sepultamento nº 1 está sendo retirado. Todos cercam a bandeja com o crânio, colocada diante de Danilo. Fotos registram o momento, fazem pose para Xexéu filmar, do alto de uma pedra grande.

– Mulher jovem, mas adulta, não é adolescente – me informa Danilo, transmitindo a conclusão das considerações dos últimos dias. – Ela foi enterrada inteira, falta a órbita esquerda. Deve ter ao redor de 8.000 anos...

– É bisneta da Luzia? – pergunto.

– Ainda não dá para saber, só medindo...

“Don Rodrigues”, apelido de Rodrigo, está pensando, com a mão no queixo, enquanto olha o resto do esqueleto, ainda parcialmente exposto. E me explica:

- Precisamos baixar mais aqui... dá para tirar essas costelas... a vértebra sai... quero tirar esse sedimento aqui, ó... da boca... o Danilo me explicou hoje.

A HORTA DA LUZIA



Tenho uma espantalha chamada Luzia. É uma longa história, que começou quando fiz a Luzia com minha sobrinha Laura numa tarde chuvosa, há cinco anos. Ela nasceu para cuidar da horta que criei no terreno abandonado em frente à produtora em que eu trabalhava, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. O nome surgiu daqueles acasos felizes, porque “Horta da Luzia” é uma antiga expressão para dizer que a moça deve ter cuidado, “para não acontecer como a Luzia na horta...” O jornal O Pasquim resgatou a expressão no final dos anos 1960.



A partir daí, Luzia virou uma requisitada personagem nas festas juninas, no carnaval, até foi para a Espanha quando meu filho Miguel começou uma horta, sabe onde? Na Anda-luzia... Pois lá foi a minha brava espantalha.



O melhor dessa história é que fiz questão de levar a Luzia para conhecer o Walter Neves, o padrinho da outra Luzia, na viagem a Lagoa Santa. Ele ficou tão encantado com minha versão reciclada da primeira brasileira que “aceitou-a” como “estagiária” em seu sofisticado Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, na Universidade de São Paulo!

Ele me chama de sua “aloprada preferida”... Acho que hoje ele não mais se descreveria como um “*conservative man*”...

A PREGUIÇA-GIGANTE E O PALEOURUBU

No sítio seguinte, a Gruta Cuvieri, somos recebidos por Mark Hubbe, bioarqueólogo de 29 anos, atualmente diretor do Museu do Instituto de Investigaciones Arqueológicas da Universidad Católica del Norte de Chile, em San Pedro do Atacama, onde também é professor associado. Ele vem ao Brasil todos os anos participar do projeto Origens. Sua tese de doutorado, orientada por Neves, foi sobre os remanescentes ósseos humanos dos sambaquis da costa sul brasileira.



Mark Hubbe na entrada da gruta Cuvieri

Walter Neves andou estudando com ele até que ponto a influência do império Tiawanaku, às margens do lago Titicaca, na Bolívia, sobre a população de San Pedro, foi ou não vantajosa para os moradores da região, a partir de marcadores ósseos

de saúde. Os dois concluíram que, nesse período – entre 400 e 900 de nossa era – a população atacamenha aumentou de estatura, o que é indicativo de boa nutrição.

HERCULANO MARCOS FERRAZ DE ALVARENGA, médico natural de Taubaté, no estado de São Paulo, tem doutorado em Zoologia pela Universidade de São Paulo. Em 1976 descobriu o esqueleto quase completo de uma grande ave fóssil, com mais de dois metros de altura, que ganhou o nome de *Paraphysomis brasiliensis*, tendo vivido há 23 milhões de anos no sudeste do Brasil. Tornou-se o maior especialista brasileiro em aves fósseis, atuando principalmente em osteologia, evolução, Período Terciário, Bacia de Taubaté e Formação Tremembé. Em 2004 fundou o Museu de História Natural de Taubaté.



ELIZABETH HÖFLING fez História Natural na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade de São Paulo. O pós-doutorado foi no Muséum National d’Histoire Naturelle de Paris, França, com o qual mantém colaboração em pesquisa como “correspondant”. Atualmente é professora titular no Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, onde se dedica sobretudo à paleozoologia, mas também à taxonomia de grupos recentes e anatomia comparada de vertebrados, particularmente das aves neotropicais.

Neves acha um absurdo a hipótese, mas o norueguês Thor Heyerdahl acreditava que talvez fossem remanescentes de Tiawanaku, ou de algum outro povo pré-incaico, os que se lançaram ao mar e chegaram à ilha de Páscoa, como segunda ocupação, mais evoluída que a primeira. Seriam os “orelhas compridas” – pelo uso de alargadores nos lóbulos das orelhas, como vários povos das Américas, adoradores do Sol – em oposição aos “orelhas curtas”, de origem polinésica. De qualquer maneira, Neves reconhece que, em algum momento, a batata saiu da América e chegou à Polinésia. Heyerdahl comentava, especialmente, da batata-doce, o “camote” dos chilenos (“boniato”, para uruguaios e argentinos, “patata dulce” para outros países de fala espanhola).

A gruta Cuvieri tem uma pequena entrada, por onde se passa agachado. Mark Hubbe me guia ao entrar na gruta, eu devidamente equipada com um capacete de espeleólogo:

– Cuidado com a cabeça!

Apesar do aviso, pou! Claro que eu bati com a cabeça... Ainda bem que estava de capacete. Mas a câmera não estava, e eu consegui a proeza de desconectar o cabo de áudio... Desculpe, Mark, a entrevista que fiz com você ficou muda! Ainda bem que tomei notas...

Aliás, foi Alex Hubbe, irmão de Mark, quem encontrou um fragmento de osso fóssil da perna de uma ave que acabaria se revelando uma nova espécie de “paleourubu”. Em homenagem a Walter Neves, o paleontólogo **Herculano Alvarenga**, diretor do Museu de História Natural de Taubaté, batizou a nova espécie de *Pleistovultur nevesi*, conforme publicado na revista científica argentina *Ameghiniana*⁸. A ornitóloga da USP **Elizabeth Höfling**, coautora do trabalho, ressalta que havia uma biodiversidade muito maior até o final do Pleistoceno, quando se extinguiu a maioria dos grandes mamíferos, ficando os abutres sem carniça. O “urubu pleistocênico de Neves” tinha quase o tamanho de um condor-dos-andes, a maior ave de rapina existente hoje, com cerca de 2,5 metros de uma ponta da asa à outra,

⁸ Divulgado na Folha on Line de 13/11/2008, no artigo “Urubu pré-histórico gigante habitou Minas Gerais”, de Claudio Angelo, editor de Ciência da Folha de São Paulo.

muito maior que o urubu-rei, atualmente o maior representante do grupo no Brasil.

Sem perder o bom humor, Neves declarou que seria melhor “se fosse uma arara, um papagaio, até um periquito estava de bom tamanho. Mas não, tinha de ser justo um paleourubu...” E acrescenta, sinceramente feliz: “O que é emocionante mesmo é saber que existem espécies novas que ainda podem ser encontradas em Lagoa Santa, apesar do intenso trabalho do Lund. Jamais achei que isso pudesse acontecer... Já posso morrer tranquilo.”

A GRUTA QUE INDIANA JONES NÃO VIU

A gruta Cuvieri me fez lembrar o filme “Viagem ao Centro da Terra”, baseado na obra de Jules Verne, que eu assisti quando criança e nunca esqueci. A entrada parece o buraco na parede da cratera do vulcão, descoberto pelo ganso que estava com os exploradores. É como a passagem mágica de tantos contos de fadas, porta secreta de outros mundos ou dimensões... Aqui, tornou-se a revelação de uma outra época, ou outras épocas, que tanto nos fascina. Ao entrar, divisamos uma galeria iluminada, graças a um gerador barulhento, que fica do lado de fora.

O Cuvieri é um **sítio paleontológico**, onde foram encontrados, nos anos 1970, ossos de uma preguiça-gigante, datada pelo projeto Origens em 9.900 anos, classificada como *Catonyx cuvieri*. Mais três exemplares foram encontrados depois. Na ocasião, recolheram só esses fósseis. O sítio nunca tinha sido, realmente, escavado. Agora estão usando metodologia arqueológica, por decapagens, para garantir a exatidão das informações: a estratigrafia, a composição dos sedimentos, as datações.

A galeria por onde se pode avançar de pé, depois de passar pela entrada apertada, divide-se em três. Na verdade, três armadilhas, três grandes buracos, galerias que cederam com o tempo. À esquerda, onde foi encontrada a preguiça-gigante, é o Lócus 3. Em frente, após alguns passos, o animal que escolhesse esse caminho também sofreria uma queda fatal, de vários metros. É o Lócus 1. Não menos perigoso, sobretudo no escuro, é o Lócus 2. Deixaram o Lócus 1, de acesso mais difícil, e já esgotaram o 3. Agora estão escavando o Lócus 2.

SÍTIO PALEONTOLÓGICO é todo aquele onde se encontram fósseis animais ou vegetais. No Brasil, talvez por influência da escola americana, diz-se paleontológico quando os fósseis são de animais extintos. Não tem fósseis humanos, considerados de interesse da antropologia física ou da arqueologia, em geral. Já na França e na Itália, para citar dois países europeus e precursores na arqueologia, existem Institutos de Paleontologia Humana, ambos fundados no começo do século XX.



Crânio de *Smilodon populator*

Foram encontrados ossos de vários animais, mortos mais ou menos recentemente, há uns 200 anos, e pelo menos um tigre-dentes-de-sabre, do qual se estão resgatando alguns ossos. Já se sabe que o tigre tem 10.400 anos. Lá embaixo, dois jovens escavam cuidadosamente o que se espera ser uma falange do famoso tigre, o *Smilodon populator*. Um dos jovens é Renato Contessotto, o outro é o biólogo Élver Luiz Mayer, de 27 anos. Ele começou a trabalhar no laboratório de Neves através de um estágio de iniciação científica. Por ser desenhista, foi se familiarizando com o registro do material do sítio.

Élver me explica como a imersão dos ossos numa solução fraca de ácido acético permite a remoção das concreções, o sedimento petrificado à volta da amostra, às vezes com ajuda mecânica. Certamente muitos achados ainda podem ser feitos.

- É um trabalho de chinês - comenta Neves. - Para chegar ao fundo, calculamos serem necessários mais 19 anos de escavação.



Élver mostra a falange do tigre, que ele e Renato continuam a escavar no Lócus 2 da gruta Cuvieri.

A ALDEIA NA BEIRA DA LAGOA

O terceiro sítio onde se está trabalhando na temporada de 2008 é junto à Lagoa do Sumidouro. O coordenador das escavações é o geoarqueólogo **Astolfo de Mello Araujo**, que chegou três dias depois de mim. Ele me contaria da emoção que sentiu ao acompanhar Walter Neves à Serra da Capivara, onde fizera estágio quando começou o curso de geologia, experiência decisiva para que ele optasse pela arqueologia. Foi em 1987, ele estava no segundo ano e foi aluno de **Silvia Maranca**, uma das pioneiras das pesquisas no sudeste do Piauí. Escavou no Boqueirão da Pedra Furada sob orientação do italiano **Fabio Parenti**, aluno de doutorado de Niède Guidon. Na época, Astolfo quase não teve contato com Niède. Mas tem grande respeito pela arqueóloga, com quem conversou bastante em 2005. Voltou de lá, dessa última vez, convencido da seriedade das conclusões da tese de Parenti, sobre a origem antrópica e os resultados de datação dos líticos do Boqueirão da Pedra Furada.

Quem está respondendo pela escavação no Sumidouro na sua ausência é a geóloga Michelle Tizuka. Como foram localizados vestígios de uma aldeia à

beira da lagoa, a ideia é definir os limites da ocupação. Para isso estão sendo feitos poços de sondagem, cada um com um metro quadrado e três metros de profundidade, um próximo à lagoa e outro na encosta.

Chegamos na hora do almoço. Uma tenda protege os trabalhadores do sol, durante o descanso. O trabalho é duro. Michelle explica por que precisam cavar 3 metros: é a profundidade onde se encontraram ferramentas líticas num poço anterior. – Pode levar o mês inteiro – conclui, com um suspiro, que eu aprendi a reconhecer nas escavações.

Um dos trabalhadores é Nilton Santos, agricultor, evidentemente filho de um grande admirador do ex-craque botafoguense de mesmo nome. Expressa-se com clareza, tem até a oitava série cursada. Quando pergunto, provocativamente, se não é perda de tempo aquele trabalho, catar pedacinho de carvão, ele me surpreende:

– Para mim é uma coisa valiosíssima. A gente descobre muita coisa dos antepassados. Isso serve para engrandecer o aprendizado da gente.



SÍLVIA MARANCA é italiana de nascimento e geógrafa de formação. Especializava-se em geomorfologia quando foi convidada a trabalhar com Paulo Duarte no Instituto de Pré-História, através de Paulo Mattarazzo, amigo de seu pai. Ela conta que se sentia a “filhinha de papai” precisando provar sua competência aos colegas, como Vilma Chiara, Niède Guidon e Luciana Pallestrini (ver notas no capítulo 3). Fez carreira acadêmica na USP, estando até hoje no Museu de Arqueologia e Etnologia, onde ocupou inúmeros cargos de direção. Na Serra da Capivara, é responsável pela descoberta de vestígios de cerâmica com nove e onze mil anos, os mais antigos das Américas, no Sítio do Meio e na Taperinha, respectivamente. Seu estudo dos povos lito-cerâmicos da região, se confirmado, contesta a vinculação obrigatória da cerâmica com a agricultura.



ASTOLFO GOMES DE MELLO ARAUJO graduou-se em Geologia pelo Instituto de Geociências da USP. Fez mestrado no Museu de Arqueologia e Etnologia, também da USP, sobre os sítios líticos do Alto Taquari, no estado de São Paulo. Depois do doutorado “sanduíche” na University of Washington, nos Estados Unidos, conclui na USP a tese “Arqueologia regional no Alto Paranapanema (SP)”. Desde 2006 coordena o sub-projeto “Geomorfologia, pedologia e depósitos antropogênicos: uma análise dos processos de formação de sítios arqueológicos do período paleoíndio na região de Lagoa Santa”, no âmbito do projeto Origens, coordenado por Walter Neves. Desde 2004, é o responsável pela datação dos sítios trabalhados no projeto por Luminescência Ópticamente Estimulada, em pesquisa financiada pela National Science Foundation (*Luminescence dating of Late Pleistocene/ Early Holocene archaeological sites in Brazil*). Recentemente provou seu bom humor ao ter um artigo escolhido para o prêmio Ig Nobel 2008, o Nobel da pesquisa esdrúxula, por indicação de Claudio Angelo, editor de Ciência da Folha de São Paulo. Tema: a interferência dos tatus na datação dos sítios arqueológicos. O prêmio foi criado pelo humorista americano Marc Abrahams, editor da revista “Anais da Pesquisa Improvável”. “Para mim é uma honra”, garantiu Astolfo.



FABIO PARENTI, arqueólogo italiano, foi o responsável pela escavação

no principal sítio arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara, o Boqueirão da Pedra Furada, em 1987 e 1988. O estudo irrepreensível das coleções e a minuciosa representação gráfica permitiram que as conclusões de sua tese de doutorado, orientada por Niède Guidon, tornassem os resultados das datações irrefutáveis. Em 1993, Parenti defendeu sua tese na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, de Paris, *Le Gisement Quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil), Stratigraphie, Chronologie, Evolution Culturelle*. Parenti trabalha atualmente no Instituto Italiano de Paleontologia Umana, em Roma, e volta regularmente ao Piauí, onde escavou vários outros sítios, como o Caldeirão do Rodrigues e a Lagoa Quari, ao sul do Parque, um rico sítio paleontológico, em parceria com o palinologista – estudioso de grãos de pólen – Sérgio Miranda Chaves, da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, entre outros cientistas.

A TERRA DE LUND E O MUSEU DO HOMEM DE LAGOA SANTA

Walter Neves está ajudando na implantação do Parque Estadual do Sumidouro, criado há três anos, e gostaria que alguma prefeitura local apoiasse a ideia de um Museu do Homem de Lagoa Santa, que não existe até hoje. À noite, fomos todos à fundação da Organização Não Governamental Terra de Lund, em Lagoa Santa, quando homenagearam Walter Neves. Ele explica que não gosta de falar em “migrações” humanas:

– É muito raro. A população humana vai se expandindo e ocupando novos territórios, à medida que os grupos vão aumentando e se dividindo. Não é uma decisão repentina, de se deslocar numa determinada direção.

Por isso ele prefere falar em “dois componentes biológicos principais” no povoamento das Américas, um de paleoamericanos – o de Luzia – e outro de mongoloides. Neves acredita que ambos chegaram bordejando o Pacífico, em canoas simples. E não vai além dos 14 mil anos, na sua hipótese.

Pergunto a Walter Neves como ele explica a ocupação do sudeste do Piauí há, pelo menos, 50 mil anos, como ele próprio reconheceu, ao analisar o trabalho de Fabio Parenti e visitar o Boqueirão da Pedra Furada com Astolfo, a convite de Niède Guidon, em 2005.

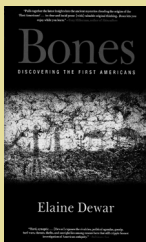
– Esse planeta é da Niède – resumiu.

– Eu acho é que os homens vieram da África, com a ajuda das correntes marítimas – é a explicação dada por Niède Guidon. – Alguns devem ter entrado pelo Parnaíba, que era um rio muito grande. Outros continuaram pelo litoral, foram acabar na Amazônia. Para ter altas culturas na Amazônia foi preciso muito tempo para que os homens se adaptassem ao meio ambiente. Para chegar ao Caribe é mais fácil. No México há vestígios humanos com 80 mil anos. E aí eles devem ter ficado por ali [Venezuela, Colômbia], barrados pelos Andes. Quando derreteu o gelo, subiram mais...

Niède vai ainda mais longe:

– Se o *Homo erectus* chegou à Ilha de Flores⁹ há 850 mil anos, navegando, por que o *sapiens*, mais evoluído, não iria navegar? Além do mais, os paleontólogos descobriram, na Amazônia, macacos com 25 milhões de anos que vieram da África. A hipótese deles é que estavam brincando na praia em cima de troncos e que alguma tempestade os trouxe. Se os macacos puderam chegar aqui, por que não os homens?

BONES, DISCOVERING THE FIRST AMERICANS,
O ESQUELETO NO ARMÁRIO DE ELAINE DEWAR



Na entrevista que Walter Neves deu à escritora canadense Elaine Dewar em 1996 – o livro “Ossos – Descobrindo os primeiros americanos” foi lançado em Toronto em 2001 pela Debonaire Productions – ele se declara “um homem conservador”, quanto à ocupação da América. Pessoalmente, Neves ficou um pouco irritado com a preocupação da jornalista em descrever a almofada amarela com margaridas azuis de seu gabinete. Na verdade, Dewar colocou sua capacidade investigativa a serviço da fofoca arqueológica nas Américas, para o que não economizou nem mesmo em histórias de supostos fantasmas...

Eu mesma fiquei irritada com o racismo e o preconceito explícitos da cara colega, que só chupa balas Tic-Tac e toma “a local soda drink” Guaraná no bar de Cerca Grande, próximo à Lapa Vermelha, enojada com as moscas no balcão. Mais adiante ela se preocupa com a opção sexual do brilhante cientista Peter Lund. Imaginei a gringa branca que veio do frio, fantasiada de esposa de explorador inglês na África, no século XIX, com aquelas *écharpes* vaporosas protegendo a frágil cútis e disfarçando o horror dos bárbaros selvagens...

Pela extensão de sua pesquisa, ela não precisaria disso. A história é suficientemente fascinante para sustentar o interesse do leitor sem apelação ao sensacionalismo. Até porque, para se estudarem os vestígios humanos pré-históricos, não se precisa de ossos. Como me diria o respeitado arqueólogo Eric Boëda, é como procurar esqueletos dentro de bibliotecas para se ter certeza, no futuro, dos autores da produção intelectual de nosso tempo. *Sorry, fellow.*



⁹O *Homo floresiensis*, encontrado na ilha de Flores, perto do Timor, tinha um metro de altura, um cérebro pequeno mas usava ferramentas, e o esqueleto tinha apenas 18 mil anos! É descendente do *Homo erectus* encontrado na vizinha ilha de Java, que existiu de 1,5 milhão a 30 mil anos atrás. Ou seja, o *floresiensis* coexistiu com o *sapiens* e, possivelmente, outras espécies de Hominíneos. Na ilha de Sumatra, Indonésia, existe uma lenda de criaturas parecidas com homens, muito pequenas, que vivem na floresta, os *orang pendeks*.



Início dos trabalhos na Serra Branca, 1973
Foto: Águeda Vialou

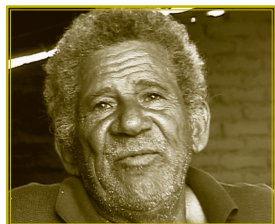
3

DEIXE TODA A ESPERANÇA AO ENTRAR¹⁰

A chegada ao “paraíso-inferno” – O descobridor das pinturas da Capivara – A Toca do Paraguaio – Lembranças de Vilma Chiara e Silvia Maranca – O lado Kaingang de Niède Guidon – A grande cozinheira – A amante de ópera – Os cachorros – Os irmãos – Os estudos – A professora secundária – Niède e Luciana Pallestrini tornam-se arqueólogas pelas mãos de Paulo Duarte – Annette Laming-Emperaire e o Musée de l’Homme – O início da documentação – Novas datações

¹⁰ “*Lasciate ogni speranza, voi che entrate*”, aviso da entrada do Inferno, de Dante Alighieri, é a mensagem de “boas-vindas” sobre o portão da casa de Niède Guidon, em São Raimundo Nonato, no Piauí. A Divina Comédia, obra-prima da qual o Inferno é uma das 3 cantigas – as outras são o Purgatório e o Paraíso – foi escrita em tercetos ao longo de 14 anos. Dante só a concluiu pouco antes de morrer, em 1321.

— **E**u fui pro canto mais ela, em dúvida... Pensava: essa parte é mulher. Eu olhava pros pés, pé de mulher. Olhava pro rosto, não via moda que ela já tinha sido barbada não, isso é mulher. Aí quando eu cheguei lá no Zabelê me perguntaram: é homem ou mulher? Eu disse: é, é mulher sim! A posição de homem é diferente.



Nilson Parente

ZABELÊ é uma comunidade de 150 famílias que existia dentro dos limites do Parque. Até hoje há reclamantes das indenizações pagas pela União. Nilson Parente liderou a ocupação consentida de uma fazenda a oeste do Parque, que o governo oficializou e transformou no Assentamento Novo Zabelê. Saiba mais no capítulo 7, “Esquina de Povos”, à página 186.

TOCA é um abrigo sob rocha, até hoje usado como moradia temporária, perto da roça ou dos locais de caça, ainda feita ilegalmente. Quando se diz toca é que é rasilha, a altura é muito maior que a profundidade. Do contrário é gruta. A Toca do Paraguaio foi ocupada por alguém que se dizia paraguaio, segundo contou Niède.

O antigo mateiro Nilson Alves Parente lembra a desconfiança que todo mundo sentiu quando Niède Guidon chegou pela primeira vez a São Raimundo Nonato, em 1970, acompanhada da antropóloga **Vilma Chiara**. Parecia cena de filme de faroeste: para aquele jipão novinho, Land Rover, e descem duas mulheres de calça comprida, cabelos curtos e jeito decidido, interessadas naquelas pinturas de caboclo velho das tocas... muito esquisito. Era um tempo em que não tinha luz elétrica nem água encanada. Novidade da cidade grande, só nas revistas, como Cruzeiro e Manchete, que chegavam de vez em quando pelo ônibus.

Possivelmente em 1962 – na lembrança de Niède seria em julho de 1963 – o prefeito de Petrolina, cidade pernambucana próxima ao Piauí, Luiz Augusto Fernandes, foi ao “Museu Ipiranga¹¹”, em São Paulo, mostrar as fotos das pinturas rupestres que descobrira numa excursão com amigos, ao sudeste do Piauí. Fernandes tinha ido a São Paulo, entre outras coisas, para comprar fontes de água para Petrolina. O italiano Pascoal Forlenza, fabricante das fontes, o acompanhou na visita ao Museu. A arqueóloga que os recebeu era Niède Guidon.

Até pouco tempo atrás, ela própria achava que tinha sido o prefeito de São Raimundo Nonato que a procurara naquela ocasião. Mas a filha de Fernandes, Mônica, tem documentos que atestam ser o pai um excursionista habitual, amante da arqueologia e das ciências da natureza, e que teria chegado à Toca do Paraguaio, a caminho da Serra das Confusões. Ele e dois amigos, João Freitas e Aristófanes, pernoitaram na casa de um “colono”, que lhes teria falado das pinturas na Serra da Capivara. Quem sabe, essa pousada não foi no Zabelê, onde morava Nilson Parente...

Naquela época, a estrada para São João do Piauí passava em frente à Toca do Paraguaio. **Toca** é como chamam na região os abrigos rochosos que se formam nos paredões de arenito, pela erosão da água e do vento. Em grande parte deles, há pinturas vermelhas, às vezes pretas, com detalhes em amarelo ou cinza, representando figuras humanas, animais, cenas do cotidiano ou de rituais. Outras parecem desenhos de criança. São milhares

¹¹ O Museu do Ipiranga, edifício-monumento construído no local onde D. Pedro I teria proclamado a independência do Brasil, às margens do riacho Ipiranga, foi inaugurado em 1890. Mesmo depois de transformado em Museu Paulista, continuou a ser conhecido pela antiga designação. Hoje faz parte da Universidade de São Paulo.

de pinturas, em toda a região. Para os moradores, coisa de índio, sem valor, meio invisível, digamos assim.



A GRANDE LIÇÃO

– O arqueólogo pode não estar encontrando nada, mas tem que continuar. Até chegar no final, ter tentado tudo. A persistência é fundamental.

GISELE FELICE,
discípula de Niède

Só muito mais tarde a BR-020, Brasília-Fortaleza, seria desviada naquele trecho, porque ficava no vale e inundava no inverno. Mesmo com a criação do Parque Nacional Serra da Capivara, em 1979, cerca de 90 quilômetros da BR-020 ainda passam por dentro da unidade de conservação. A toca era usada, inclusive, para pernoite dos viajantes, que ali fincavam os paus onde pendurar as redes, aproveitando o abrigo natural. Numa dessas, um viajante topou com um esqueleto. Deu polícia, prenderam até suspeito do crime. Pelos dois outros esqueletos escavados anos depois, aquele também devia beirar os dez mil anos de idade...

Mas, quando em 1970 chegaram a São Raimundo Nonato aquelas figuras raras que ninguém sabia se eram homem ou mulher, quem deu a palavra final foi uma tia velha de Nilson, Mitia, que os acompanhou até a Toca do Paraguai:

– Zizinho, isso é mulher! – decretou dona Mitia, depois de ver Niède e Vilma fazerem xixi no mato, agachadas. Esse seria apenas o primeiro estranhamento entre os muitos que as forasteiras causaram aos moradores da região. E Nilson se tornaria um dos primeiros guias e grande amigo de Niède Guidon. Anos depois, como anfitriã de um dos inúmeros encontros científicos que organizou, Niède pediria uma salva de palmas em homenagem aos guias que viabilizaram o início da pesquisa arqueológica na Serra da Capivara. Entre Nivaldo Coelho e Joãozinho da Borda, os três quase morrendo de vergonha, estava Nilson Parente.

Ainda naquele ano, 1962 ou 1963, em dezembro, com a curiosidade atiçada pelas fotos das pinturas rupestres, Niède tentara chegar à região. Acompanhada da arqueóloga Silvia Maranca, que se tornaria amiga de toda a vida, e de uma outra arqueóloga, já falecida, a dinamarquesa **Bente Bittmann**, lá foram elas num fusquinha. Mas choveu demais naquele ano e era impossível passar de Casa Nova, àquela altura cidade ribeirinha do rio São Francisco, que mudaria de lugar com a construção da barragem de Sobradinho. Na época, a força das águas arrastara uma barragem e estava tudo inundado.

VILMA CHIARA nasceu na cidade de São Paulo em 1927. Formou-se em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Aos 20 anos conheceu o fotógrafo Harald Schultz, do Serviço de Proteção aos Índios, que fora se especializar em Etnologia no Museu Paulista, levado por Herbert Baldus. Ela conta que jamais havia saído da cidade de São Paulo, quando tornou-se a companheira de campo de Schultz, percorrendo diversas vezes a Amazônia. Só entre os índios Krahô, no atual estado do Tocantins, Vilma esteve oito vezes. Depois de viúva, fez mestrado e doutorado na França, na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, levada por Niède Guidon, com quem compartilhou uma antiga “fermette” medieval no campo francês, no Lot, que elas reconstruíram com as próprias mãos. Aposentou-se como professora da Universidade Federal do Piauí e hoje mora em Curitiba, no Paraná.





**BENTE BITTMANN
VON HOLLENFER**

nasceu em 1929 e faleceu em 1997. Em 1969 ajudou a implantar o curso de Antropologia na Universidad de Concepción, no Chile, e depois na Universidad del Norte, onde foi professora até 1990. Especialista nos códices Cholula e Chaun, assim como nos mapas Cuauhtinchan e Tepecoamilco, das culturas pré-colombianas. Também fez importantes trabalhos de campo nos sambaquis do Brasil, do Equador, nos estados de Guerrero, Michoacán e Oaxaca, no México, onde trabalhou com Sílvia Maranca.

KAIGANG ou **CAINGANGUE** é um povo indígena pertencente ao tronco linguístico Jê. A cidade natal de Niède e de sua mãe, Jaú, no estado de São Paulo, surgiu sobre uma antiga aldeia kaigang. Estima-se que os remanescentes desse povo sejam 25 mil pessoas. Vivem atualmente no interior brasileiro, de São Paulo ao Rio Grande do Sul, representando a terceira maior etnia indígena brasileira. Caçadores-coletores, praticam, hoje, alguma agricultura, tendo-se tornado sedentários. O registro histórico é que jamais ocuparam o litoral.

Niède não desistiu. Demorou sete ou oito anos, mas acabaria chegando lá. Para ficar e descobrir a mais importante região arqueológica do mundo em pinturas rupestres. E o sítio mais antigo das Américas, com vestígios da presença humana que teriam pelo menos sessenta mil anos, talvez cem mil, segundo algumas datações.

INFÂNCIA NO INTERIOR DE SÃO PAULO

Desde pequena Niède Guidon foi educada para desempenhar qualquer tarefa, por mais difícil que parecesse. “A gente gosta do que conhece e faz bem”, costuma dizer. Órfã desde os seis anos de idade – a mãe, Cândida, morreu ao dar à luz o terceiro filho, que teimou em ter em casa, como as antepassadas **kaigang** – foi criada pelo pai, Ernesto Francisco, de família francesa da Savóia, para ser independente. “Ele me pagava para podar o jardim, por exemplo. Com o dinheiro, eu podia comprar minhas coisas, meus livros. Comprei toda a coleção de Monteiro Lobato”, orgulha-se. Mas deve ter sido difícil ter que cuidar de si própria desde tão cedo. Logo ela, que mamou até os cinco anos de idade, como era costume entre as índias, que assim evitavam filhos. Ao parar de amamentar, engravidavam de novo, tendo filho a cada seis anos. – Aqui as crianças são muito mimadas – critica hoje, comparando a educação que se dá no Brasil com a da Europa.

Numa antiga entrevista, Niède contou que a avó materna é que cuidou dela, quando a mãe morreu. Foi na chácara da avó que se tornou uma “moleca” ágil, que subia em tudo quanto era árvore e aprendeu a amar a natureza. O olho “treinado” de Niède se revela a cada momento: “Olha lá, está vendo aquela nuvem baixa, é em cima do antigo rio que tinha ali, ainda junta a umidade” – me aponta, num dia em que saímos, como sempre, bem cedinho. É a hora de “assistir” a natureza, quando se veem os bichos e o calor ainda não espantou os viventes.

– Desde os meus dez, doze anos, meu pai me ensinou a fazer todo o trabalho de casa. Aos domingos ele gostava de receber os amigos para o almoço, eu tinha um prato de minha responsabilidade. Aprendi a arrumar casa, a fazer tudo, porque ele dizia que quem não sabe fazer, não pode mandar – conta Niède, enquanto pilota o fogão de sua casa, em São Raimundo Nonato, aos 75 anos de idade.¹² A comida quem faz é sempre ela. Excelente cozinheira, aliás. Tem um canteirinho suspenso de manjeriço da folha grande, no jardim, para temperar a “pasta”, e uma porta de geladeira cheia de alto a baixo com os mais variados vidrinhos de tempero.

¹² Niède nasceu em 12 de março de 1933.

CASA DE NIÈDE EM SÃO RAIMUNDO NONATO

A casa, espaçosa, foi construída com seu próprio dinheiro, dentro do terreno do Centro Cultural Sérgio Motta, onde funcionam o Museu do Homem Americano e os laboratórios da Fumdham, em São Raimundo Nonato. O terreno todo foi doação do Ministério da Aeronáutica. Ao longo do beiral do telhado, saquinhos plásticos cheios de água são uma tentativa de espantar as moscas. Niède odeia moscas. Tem vários matadores manuais espalhados pela casa. Todos trazidos de fora, porque, curiosamente, não existem à venda na cidade.

No jardim, dezenas de pássaros se habituaram a vir comer o farelo, colocado todos os dias. Ela gosta de receber os amigos e de cozinhar para todos. Faz isso desde o começo da Missão Franco-Brasileira, que chefiou de 1973 até a aposentarem, em 1998. Compulsoriamente, faz questão de frisar. Naquela época todos dormiam em redes no mesmo ambiente, no local onde hoje funciona o alojamento dos pesquisadores, ao lado do Pró-Arte, o projeto cultural para jovens e adultos da comunidade. Era lá a sede da Fumdham quando estive pela primeira vez na cidade, em 1991.

Na ampla varanda, que cerca toda a casa – e que aos poucos vai sendo fechada por causa da refrigeração central, sempre no máximo – há um fogão a lenha e uma churrasqueira, para quando resolve caprichar nos grelhados. No quintal ainda tem um forno a lenha, onde foi assado um pernil de porco para o almoço, num dia de semana em que almocei com ela, Rosa e Bete, auxiliares bem próximas. Rosa Trakalo é uruguaia e tem hoje uma agência de turismo, a Trilhas da Capivara, que aposta no turismo internacional. É quem cuida dos projetos da Fundação Museu do Homem Americano, a Fumdham. Mudou-se de mala e cuia para o Piauí em 1992. Bete Buco é uma arquiteta paulista que chegou em 1996 para um trabalho de seis meses e não voltou mais. As duas são mais ou menos “coringas”, fazem todo tipo de serviço na Fumdham, conforme a necessidade.



Niède no comando do fogão de casa, em São Raimundo Nonato

Niède tem hábitos simples mas refinados: os tomates pelados para o molho são italianos, assim como a sêmola da polenta. Peixes e moluscos, só vindos de Teresina, porque os do rio São Francisco ela não consome: – Eu vi lavarem máquinas de agrotóxico diretamente no rio – explica. Para acompanhar a refeição, duas ou três taças, no máximo, de um bom vinho, de preferência branco e gelado. Espumante também tem o seu lugar, como um Valpolicella Frascatti, que acompanhou o robalo com um mexido de legumes, no primeiro dia em que almocei com ela.

AMANTE DE ÓPERA E DE ANIMAIS

A mãe, professora, também era muito exigente, lembra. E adorava Bidu Saião, que fazia muito sucesso naquele tempo, em Nova York. O sonho da filha era, um dia, saber cantar ópera daquele jeito.

- Nunca fui capaz - diz ela. Mas se tornou frequentadora assídua do Théâtre de l'Opéra de Paris e grande conhecedora do gênero. Hoje em dia, alguns dos raros momentos em que relaxa nos fins de semana são no sofá da sala, escarrapachada com os cachorrinhos em volta, assistindo teleópera no telão de casa. Assisti "Otelo" ao lado dela, numa montagem dirigida por Zeffirelli, com cenários deslumbrantes e legendas em inglês, um DVD levado por Silvia Maranca, que detesta ópera mas adora a amiga. Assisti em termos, cochilei gostosamente durante um bom pedaço, no sofá macio, ao som do vozeirão de Plácido Domingo, com a cara pintada de preto...

Na sala, cada cachorrinha tem o seu sofazinho, a Bolinha, a Fifi, a Millie, a Lili, a Luca. A Millie morreu algum tempo depois, para profunda tristeza da dona. Eu confundo raça de cachorro, mas a Bolinha eu sei que é *poodle*. A Luca é daquele cachorrinho que era a marca da Casa Tavares, que Adolfo Bloch também tinha. As outras são bem pequenininhas, peludas, lembram o cachorrinho da mãe do Bolinha, na história em quadrinhos, o Floquinho, que às vezes ia parar na máquina de lavar, confundido com o esfregão... Niède diz que gostaria de sair de *motor-home* por aí, para mostrar o mundo "para os meus cachorros" ...

O outro "sonho", brinca, era ser a vovozinha da novela das oito da Globo, certamente por causa dos cabelos brancos, nada angelicais... Ficou famosa uma cachorrinha, a Chloé, que viajava com ela na primeira classe da Varig, para a França, regularmente. Niède a deixava comer o caviar servido a bordo. A Chloé era amiga da gerente da loja da Varig, no Champs-Élysées, em Paris. Quando Niède chegava à loja, a cachorrinha saltava de seus braços e subia correndo as escadas, direto para a sala da gerente, que a acolhia com festa. Chloé, certa vez, acabou com o *foie-gras* que Niède tinha servido na varanda, numa festa de *réveillon*... O mesmo amor pelos animais ela demonstraria em inúmeras ocasiões no Piauí, fossem eles jegues, cobras ou onças.

HISTÓRIAS DE ANIMAIS

Assisti Niède "tocando" duas jibóias do asfalto da BR-020, ao percebermos que os motoristas parados não tinham coragem de se aproximar, mesmo não querendo matar as cobras. Curioso que as duas apareceram a pequena distância uma da outra, na mesma estrada. Niède me explicou que era mais seguro enxotar as cobras obrigando-as a recuar, de marcha-a-ré... a mim me pareceu o oposto, afinal, as cobras se mantiveram com o bote armado... mas obedeceram aos movimentos do galho empunhado por ela. E os marmanjos da terra olhando, de longe.

De jegue, tem várias histórias. Há alguns anos tornou-se comum encontrar jegues abandonados pelas estradas do Nordeste, os antigos donos preferindo usar pequenas motos - muitas vezes roubadas no sul do país e revendidas a preço de banana no interior. É de cortar o coração, a maioria dos jegues morre de fome ou é atropelada. A maldade é ainda maior porque durante séculos eles foram o principal meio de transporte em todo o sertão, inclusive para buscar água a grandes distâncias. São muito dóceis e resistentes. Ainda que teimosos...

Quando eu ainda trabalhava na TV Gazeta de Alagoas, em 1982, fiz uma matéria, para o "Globo Repórter", que denunciava os matadouros clandestinos de jegue. Em Santana do Ipanema, no

sertão alagoano, o prefeito mandou fazer uma estátua na entrada da cidade, de um jegue com duas ancoretas de cada lado do lombo, lembrando como a população se abastecia de água até construírem a adutora do sertão. Um detalhe muito engraçado é que no dia da feira da cidade havia um estacionamento de jegue, com um ticket colado no lombo do animal e o outro lado do papel picotado, com o número, entregue para o dono.

Pois Niède encontrou um jegue ferido na estrada e resolveu levá-lo para a casa de uma conhecida, no Sítio do Mocó. Amarrou-o à caminhonete mas, afoita, esqueceu-se do animal e acelerou mais do que devia. Culpada pelo estado em que chegou o pobre coitado, pagou veterinário e remédios para tratá-lo. O jeguinho virou um personagem no vilarejo, tornando-se presença obrigatória na quadrilha de São João, todo fantasiado. Quem me contou essa história foi a arqueóloga goiana Rubia Carla Martins Rodrigues, que a ouviu do pessoal antigo nas escavações. Rubia adoeceu pouco tempo depois e voltou para Goiânia.

De onça, soube que de vez em quando ela deixa um bezerro com algum sitiante onde se tem notícia de que há onça rondando por perto. Isso aconteceu no Barreirinho, uma das vezes em que lá estive hospedada, ao lado da Cerâmica, e os moradores soltavam fogos de artifício ao entardecer para afastar a onça do terreiro das cabras e galinhas.

A outra história de amor pelos animais foi a da falência do projeto de criar caititis – porcos selvagens nativos – para exportação da carne. Os primeiros filhotes que nasceram eram tão bonitinhos que ela não deixou abater...

NASCIDA E CRIADA NO BRASIL

Todo mundo pensa que Niède é francesa. De fato, ela adquiriu a nacionalidade francesa depois de adulta, quando já tinha terminado a universidade na França, e passou a ter esse direito, independentemente da nacionalidade do pai. Francesa, mesmo, de nascimento, era a avó paterna.

Niède parece ter decidido não depender de mais ninguém ainda na adolescência, aí pelos 14 ou 15 anos. Nessa época ela e o irmão mais velho, Gilberto, foram para o colégio interno, em Campinas, quando a segunda esposa do pai, Athir, adoeceu com tifo. Ela já tinha mais dois irmãos, do segundo casamento do pai, Ernesto e Antonio. Cândido, o outro irmão também por parte de mãe, que ela adorava e chamava de Candinho, morreria ainda jovem, aos 28 anos. O irmão Ernesto teve a gentileza de me enviar algumas fotos do álbum de família: “Eu parecia uma santinha” – brinca Niède.

Ela continuou os estudos já trabalhando, na parte administrativa do Hospital das Clínicas de São Paulo. No segundo ano da faculdade passou a substituir



– No começo, a Niède era bem mais francesa que brasileira. Mas sempre teve a visão de formar uma equipe local para desenvolver a região. Todos os colegas que vieram com ela, da França, de São Paulo, do Rio de Janeiro, viraram professores na UFPI, em Teresina. Na época o reitor abraçou a ideia, contratou todo mundo como professor visitante. Da primeira turma, de 1978, tem a Jacionira Coêlho, que foi trabalhar no Seridó, com a Gabriela Martín, e hoje é professora nossa aqui.

CONCEIÇÃO LAGE, arqueoquímica da UFPI

LUCIANA PALLESTRINI foi colega de USP de Niède Guidon, a partir de 1956, ela no curso de Farmácia e Niède em História Natural. Depois de uma breve experiência como professora secundarista, especializou-se em arqueologia pré-histórica, obtendo o doutorado com um trabalho sobre a região do Alto Paranapanema, em São Paulo, com orientação de André Leroi-Gourhan. Em 1985, assumiu a direção do Instituto de Pré-História da USP, fundado em 1959 por um dos pais da arqueologia no Brasil, Paulo Duarte. Pouco depois o Museu de Arqueologia e Etnologia absorveria o IPH e o setor de Arqueologia do Museu Paulista. Fez carreira acadêmica e institucional na Universidade de São Paulo.



LIA FREITAS GARCIA FUKUI é professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, da Universidade de São Paulo, com formação interdisciplinar entre a Antropologia e a Psicanálise. Participou em várias bancas de mestrado e doutorado com temas relacionados à Família e Sociedade.

professores, o que era permitido na época aos bons alunos, a monitoria. Alugou apartamento, depois o dividiu com duas colegas. – Eu morava ali pertinho do correio, na avenida São João, um lugar onde hoje ninguém pode morar, totalmente degradado. Depois comprei um apartamento – lembra ela em mais uma de nossas conversas enquanto dirige, percorrendo o Parque.

Segundo Rosa Trakalo, a melhor hora para conversar com Niède é de manhã cedo, quando visita as obras de conservação e os sítios arqueológicos. Ao volante de uma Pajero Sport do ano, que ela dirige com maestria, só é interrompida pelo rádio do carro, sempre no máximo volume, para saber tudo que está acontecendo entre os funcionários. E ela continua o relato sobre a juventude em São Paulo: – Para dar conta dos estudos só dormia quatro ou cinco horas por noite. Concluí na Universidade de São Paulo o curso de História Natural, especialização Zoologia.

COMO NIÈDE SE TORNOU ARQUEÓLOGA

Natural de Jaú – de onde se mudou para Pirajuí aos nove anos – Niède voltou a morar no interior ao passar em dois concursos para o estado e se tornar professora secundária. Suas matérias: Ciências Físicas e Naturais e Biologia. Foi dar aula em duas cidades, no ginásio e científico, e também na escola normal. Com ela foram as amigas **Luciana Pallestrini**, licenciada em Farmácia e História Natural, e **Lia Freitas Garcia**, formada em Letras. Mas por pouco tempo. Quem conta essa história é Vilma Chiara, amiga inseparável nos anos seguintes.

– Eu e meu marido, o etnólogo **Harald Schultz**, conhecemos essas três moças no Museu Paulista. Não tinha dado muito certo a experiência delas... Soube que o padre da cidade fez até o “enterro” com três caixões na procissão, não me lembro qual era a

cidade... Imagine, Niède queria ensinar teoria da evolução de Darwin na cidade dele! – diverte-se Vilma, hoje aposentada, com 81 anos¹³, morando em Curitiba.

¹³ Em abril de 2008.

Vilma se confunde um pouco com as datas, acha que isso foi em 1964, depois do golpe militar. Mas na verdade foi em 1960. Alex Schultz, filho de Vilma, que tinha nove anos à época, lembra de ter ouvido a mãe contar essa história de forma engraçada. Para Niède, o principal problema foi que as novas professoras eram diplomadas, ao contrário dos professores da terra, que eram farmacêutico, advogado... houve um movimento para elas saírem, que incluiu também os alunos. Outras duas professoras, que tinham família na cidade, puderam ficar. E as três foram mandadas para São Paulo.

Niède e Luciana foram salvas do obscurantismo pelo brilhante **Paulo Duarte**, um discípulo de **Paul Rivet**, do Musée de l'Homme de Paris, que pediu a transferência delas para o Museu Paulista a **Herbert Baldus**, por sua vez o fundador da Etnologia brasileira. O Museu Paulista era mais conhecido por Museu do Ipiranga. Duarte foi, assim, o principal responsável por ter conduzido Niède e Luciana para a arqueologia, área em que passaram a trabalhar no museu.

Segundo Niède, ela disse a Baldus que de arqueologia só conhecia Egito e Grécia. “Quero estudar arqueologia”, disse ela. Na época, as opções eram na Inglaterra ou na França. Niède entrou com pedido de bolsa no consulado francês. Ela se especializaria em Pré-História na Université de Paris IV-Sorbonne, titulando-se em 1962.

– Nessa ocasião eu era responsável pela seção de Etnologia do museu, elas ficaram sob a minha jurisdição – conta Vilma. – Até então a arqueologia era uma órfã da antropologia. Quando a Niède chegou da França, conhecemos a Sílvia Maranca, que se integrou à Seção de Arqueologia do Museu Paulista. Eu já fazia muita pesquisa arqueológica, durante as viagens com o Schultz, pela Amazônia.

HARALD SCHULTZ, gaúcho nascido em 1909, foi levado para o Serviço de Proteção aos Índios, atual FUNAI, pelo próprio Getúlio Vargas. Tornou-se etnólogo de campo pelas mãos de Kurt Nimuendaju – um dos papas da etnologia brasileira, ao lado de Herbert Baldus, que também o orientou, no Museu Paulista e na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde foi aluno livre. Entre 1942 e 1965 documentou em fotos e filmes a natureza e a vida de mais de vinte tribos indígenas, quando estas ainda resguardavam características originais de suas culturas.

O acervo Schultz, pertencente à família, aguarda uma instituição de pesquisa que possa recebê-lo, certamente com patrocínio privado.



Jornalista e político de formação liberal, **PAULO DUARTE**, nascido em 1899 em São Paulo, participou das revoluções de 1930 e da Constitucionalista de 1932. No exílio em Paris tornou-se discípulo



e amigo do grande humanista Paul Rivet, do Musée de l'Homme, e de outros intelectuais da época, como Buñuel e Picasso. De volta ao Brasil com a redemocratização de 1945, fundou o Instituto de Pré-História, que passou à Universidade de São Paulo em 1962, o mesmo ocorrendo com o Instituto Paulista de Oceanografia, que ganharia seu nome. Segundo o fisiologista Erasmo Garcia Mendes, ex-professor de Niède Guidon na faculdade, ele teria pedido a Niède para alertar Paulo Duarte do risco que corria o IPH no governo reacionário de Adhemar de Barros, origem da transferência do Instituto para a USP. Duarte acabaria aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5, em 1969, que “institucionalizou” a ditadura militar no Brasil.



PAUL RIVET foi o fundador em 1938 do Musée de l'Homme, em Paris, surgido da reestruturação do Musée d'Ethnographie du Trocadéro. Ao lado de Georges H. Rivièrè, concebeu o novo museu como memória da cultura material não-ocidental, registro da busca do homem na transformação do mundo, transformando-se. Inicialmente antropólogo físico, abandona o ensino da especialidade por aversão ao racismo que naquele momento crescia na Europa, antecipando a vitória do nazismo. Abraça a antropologia difusionista, que acredita na interrelação de todas as culturas, em algum momento, no espaço e no tempo. Descobre a linguística como ferramenta de estudo da antropologia. À frente da Sociedade dos Americanistas, é o precursor da teoria de povoamento das Américas por via marítima, que viria a encontrar em Niède Guidon uma ardorosa defensora.

HERBERT BALDUS, alemão naturalizado brasileiro, radicou-se no Brasil pela incompatibilidade com o nazismo, que baniou suas obras humanistas sobre grupos tribais no Paraguai e, a partir de 1933, no Brasil. Foi professor de Etnologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde teve como alunos famosos Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda e Darcy Ribeiro, entre outros. Em 1946, assumiu a direção da Seção de Antropologia do Museu Paulista da USP, do qual veio a ser diretor. É considerado um dos fundadores da Antropologia no Brasil.

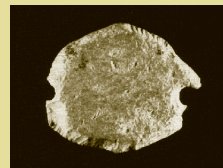
COMEÇO DA MISSÃO NO PIAUÍ

Sílvia Maranca estaria nas primeiras escavações na Serra da Capivara, ao lado de Niède e **Águeda Vilhena de Moraes**, já pela Missão Franco-Brasileira para o Piauí, em 1973. Eu a encontrei em duas das temporadas de pesquisa de campo para este livro, em São Raimundo Nonato. Ela se declara amiga de Niède “há uns cem anos”. Apesar da proximidade, prefere se hospedar no hotel, quando vem a São Raimundo Nonato, o que faz com frequência. Niède disse uma vez que Sílvia seria a sua sucessora. Questão polêmica, não pelo gabarito arqueológico, mas porque Niède cuida pessoalmente de tudo, numa missão quase impossível.

Muito tímida, Sílvia fogia da câmera o tempo todo. Combinei de gravar uma entrevista com a lente virada para o “nada”. E tive uma belíssima aula de cerâmica pré-histórica, sua especialidade. Ela e Niède têm uma amizade “implicante”, pode-se dizer, ou seja, Niède, sobretudo, implica com ela o tempo todo. Ela finge não perceber que é de propósito e responde “zangada”, chega a ser cômico. Isso quando não resolvem discutir em italiano, que Niède também fala com fluência. Sílvia é taxativa: “Niède precisa de gente para pensar”. Aguda percepção. Depois Sílvia me passou as anotações que fez, com lembranças dos primeiros tempos, e que integram este livro, misturadas às outras falas.

Águeda Vilhena, casada com o arqueólogo francês **Denis Vialou** desde 1976, me recebeu em Paris para uma entrevista sobre sua experiência no Piauí. Desde 1983 participa com o marido da missão franco-brasileira no Sítio Santa Elina, no Mato Grosso. Em 1997, encontraram um osteodermo – fragmento de carapaça dérmica – de uma preguiça-gigante, trabalhado como adorno, numa camada datada de 25 mil anos. Apesar das datações pleistocênicas encontradas por eles, os Vialou não questionam a teoria americana de ocupação das Américas exclusivamente pela Beríngia, no hemisfério norte, há apenas 14 mil anos¹⁴.

Osteodermo de uma preguiça-gigante trabalhado como adorno. Encontrado pelo casal Vialou no Mato Grosso, em 1997



¹⁴ Ao ler os originais, Águeda acrescentou: “Sabe-se que houve, no entanto, várias outras possibilidades de penetração no continente americano com passagens pela Beringia durante o Pleistoceno Superior”.

ANNETTE EMPERAIRE, “MADRINHA” DE NIÈDE E VILMA EM PARIS

Harald Schultz era dezessete anos mais velho que Vilma. Fotógrafo e etnólogo, foi discípulo de **Nimuendaju**, que trabalhou com Rondon no Serviço de Proteção ao Índio. Morreu precocemente aos 56 anos de idade, de um derrame. Era hipertenso e não sabia. Quando ele morreu, no começo de 1966, Vilma ficou desorientada. A amiga Niède salvou-a, convidando-a para irem juntas para Paris. Uma tia avisara Niède que o regime militar estava de olho nela. Com a ajuda de Annette Laming-Emperaire, que viria a dirigir seu doutorado sobre as pinturas do sudeste do Piauí, Niède conseguiu para a amiga uma bolsa de trabalho no Musée de l’Homme, no Trocadéro de Paris. Vilma deveria reorganizar as coleções americanistas do museu. Ela própria, Niède, conseguiu uma bolsa do CNRS, o Centre National de Recherches Scientifiques.

Quando as duas vieram ao Brasil em 1970, Niède aproveitou a carona de Vilma, que precisava passar na aldeia dos **Krahô**, no atual Tocantins, para finalmente conhecer as pinturas do Piauí.

DE KRAOLÂNDIA A SÃO RAIMUNDO NONATO

Mas então lá foram elas pela Belém-Brasília, a bordo do Land Rover, em 1970. Ano do Brasil tricampeão mundial de futebol, milagre econômico, ditadura sangrenta de Garrastazu Médici nos subterrâneos da repressão política. Brasil, ame-o ou deixe-o. Mas isso não importava

O povo KRAHÔ é hoje constituído por cerca de duas mil pessoas, cuja reserva fica no nordeste do estado do Tocantins. A língua timbira pertence à família Jê, por sua vez incluída no tronco Macro-Jê, em que mais se aproxima da língua kayapó. A luta atual dos Krahô e seus parentes Apinajé é contra a construção da Hidrelétrica de Estreito, que afetaria o equilíbrio ecológico da região.

ÁGUEDA VILHENA VIALOU foi arqueóloga do Museu Paulista, onde trabalhou com Luciana



Pallestrini, Sílvia Maranca, Margarida Davina Andreatta e Vera Penteadó Coelho. Em 1974 fez mestrado na USP orientada por Luciana Pallestrini com um estudo da indústria lítica do Sítio Almeida, município de Tejuπά, em São Paulo. Também sob orientação de Pallestrini, defendeu sua tese de doutorado na USP em 1980, sobre Tecno-tipologia das indústrias líticas do Sítio Almeida em seu quadro natural, arqueo-etnológico e regional. Ainda em 1974, participou da equipe de Annette Laming-Emperaire que escavou a Lapa Vermelha IV, na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, presenciando o achado de Luzia, a mais antiga brasileira conhecida, como se revelaria depois. Casada desde 1976 com Denis Vialou, do Muséum National d’Histoire Naturelle, em Paris, onde é professora adjunta.

DENIS VIALOU é doutor em Letras e Ciências Humanas, professor e diretor de uma unidade de pesquisa de paleontologia humana no Muséum National d’Histoire Naturelle, associado ao CNRS – Conselho Nacional de Pesquisas Científicas, na França. Ao se dedicar à pré-história do *Homo sapiens* durante o Pleistoceno Superior, principalmente na Europa e no continente americano, Vialou acabou se vinculando à pesquisa no Brasil. O casal Vialou sempre foi reticente quanto às datações pleistocênicas do Piauí. Quando Águeda me recebeu para uma entrevista, Denis Vialou preferiu não se manifestar sobre as pesquisas de Niède Guidon.

KURT NIMUENDAJU (1883-1945), alemão de nascimento, adotou o nome indígena ao se tornar respeitado estudioso e defensor dos índios brasileiros, sobre os quais publicou importantes trabalhos.

naquelas lonjuras. Em Itacajá entraram para a aldeia, na altura do atual estado do Tocantins. A reserva dos Krahô, criada em 1951, só seria homologada por decreto em 1990, como Kraolândia, nos municípios de Goiatins e Itacajá, entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Tocantins.

- Eu estava com dinheiro para comprar 40 cabeças de gado para os Krahô, que eu já conhecia muito bem. Eu tinha passado uma longa temporada entre eles em 1954 - lembra Vilma, que tem muitas fotos dessa época. - Depois disso fui para a França, retomei a antropologia mais moderna, estruturalista. Fiz meu mestrado sobre as bonecas de cerâmica dos Karajá. O doutorado, eu fiz sobre a relação do homem com o espaço na sociedade krahô. Assisti as aulas na Sorbonne, mas os seminários que deram origem à tese foram na École des Hautes Études en Sciences Sociales.



CONTRASTE ENTRE O CAMPO FRANCÊS E A ALDEIA INDÍGENA

Desde 1966 Niède fizera amizade com a antropóloga **Manuela Carneiro da Cunha**, que se tornou vizinha na distante cidadezinha de Cardailiac, no Lot, sudoeste da França, onde Niède e Vilma reformaram com as próprias mãos uma velhíssima e bela ruína. Antes disso, elas moraram em Laboudie. O filho de Vilma, Alex, hoje radicado em Paris, lembra que ajudava na reforma durante as férias. O pai

de Manuela, Nicolas Ligeti, empresário do setor de plásticos em São Paulo, concordou em dar o jipe para elas empreenderem a viagem até a aldeia krahô e as pinturas rupestres do Piauí.

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA, portuguesa de Cascais, formou-se em Matemática mas passou à Antropologia, doutorando-se na Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo, em 1976 e tornando-se professora titular da USP. Autora de vários livros sobre os índios brasileiros, sua história, mitos e direitos civis, é organizadora da importante obra de referência "História dos Índios no Brasil", de 1992, na qual Niède Guidon escreveu sobre as ocupações pré-históricas. Em 2008 voltou ao Parque Nacional Serra da Capivara pela primeira vez em vinte anos, para visitar a velha amiga. Atualmente é professora da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, e consultora de um projeto multidisciplinar de desenvolvimento sustentável na Amazônia, ao lado do marido, o antropólogo Mauro Almeida.

Tratava-se de um projeto - hoje questionável - de ajudar os Krahô a se tornarem criadores de gado, já que a caça de que dependiam para a alimentação tinha escasseado com a vizinhança das fazendas dos pecuaristas.

Claro que não deu certo, mesmo com a renovação do financiamento e da assistência técnica por mais cinco anos do Comitê Francês contra a Fome, ligado à FAO¹⁵! Como também não deu certo a tentativa de aumentar a produtividade da roça dos Krahô com o plantio intensivo. À luz dos conceitos

¹⁵ *Food and Agriculture Organization*, a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação.

da agroecologia, de que não se falava na época, eram os técnicos que deveriam ter aprendido com os índios a plantar tudo misturado, como nasce na natureza... Quanto a tentar ensiná-los o que acreditavam ser melhor para eles, como a pecuária, ficou a lição de que nada pode ser imposto a um grupo humano como sendo o melhor para ele, quando esse esforço não encontra eco no próprio grupo... Os índios concordavam com tudo que os franceses diziam. Quando eles viravam as costas, matavam o boi e comiam. “- Cadê o boi? - Nós comeu. Agora queremos mais gado...”



Vilma e Niède carregam pedra na reforma da "Boule Blanche", casa no Lot.



Vilma ainda faria interessantes comparações entre a cultura krahô e algumas cenas representadas nas pinturas das tocas piauienses.

- De lá fomos em direção a Santa Filomena, em Pernambuco, tirando uma reta, a voos de pássaro, até São Raimundo Nonato - descreve Vilma. Niède, que dirigia o Land Rover, mencionou numa entrevista ter levado dois dias inteiros para vir de Floriano até São Raimundo, um trajeto que hoje leva três horas.

A viva impressão que elas causaram ao chegar não ficou registrada na memória de Vilma. Mas ela lembra muito bem da chegada na Toca do Paraguaio, há 38 anos, pela primeira vez. Ela e Niède Guidon.

- A gente subia aquelas escarpas, era terrível - conta Vilma Chiara. E acrescenta uma informação surpreendente: - Ela tinha problema com altura.

Perguntei depois a Niède sobre a possível fobia de altura. E ela:

- Vilma deve ter se referido a uma vez que passei mal quando subimos numa muralha, na França. Mas é que eu tinha bebido na véspera... - explica, de forma não muito convincente. Mas acrescenta: - Quando eu estou trabalhando, é como se me anulasse. Não há espaço para problema pessoal.

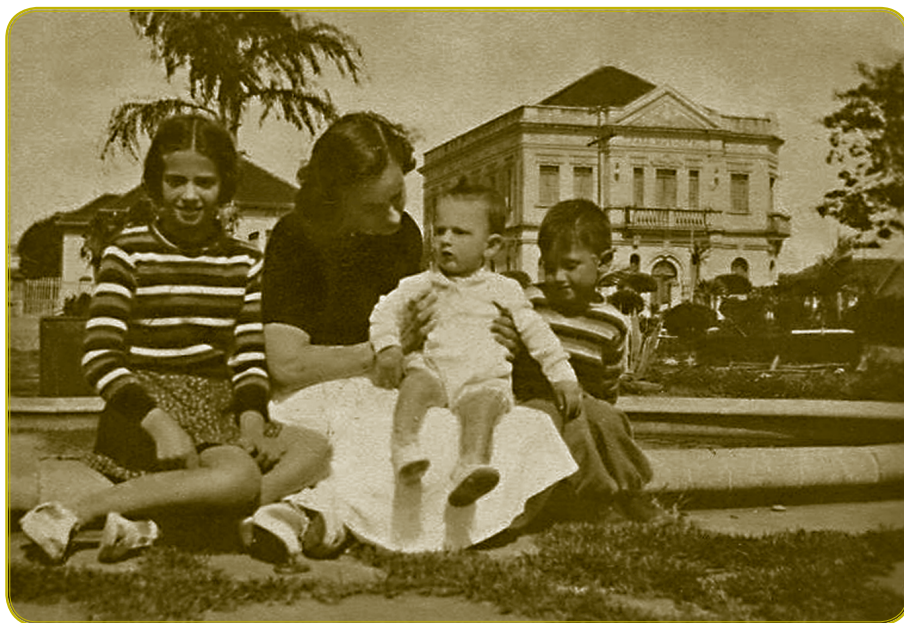
Isso, sim, parece Niède Guidon. Pequena mas atlética, Niède sempre pareceu desafiar os próprios limites. Talvez por isso, vencendo o receio diante da enorme chaminé que mergulhava no Serrote do Sansão, lá foi ela, descendo por uma escadinha flexível, com a roupa de proteção contra abelhas apenas embrulhada num pacote, para não dificultar a descida... Isso foi em 1986. Cerca de trezentas abelhas "europa" quase a mataram¹⁶.

¹⁶ Saiba sobre a tragédia das abelhas no capítulo 4, à página 74.

ÁLBUM DE FAMÍLIA



Ernesto e
Cândida Guidon,
pais de Niède



Ernesto [que enviou a foto] é o bebê, o outro é o Candinho, o último filho de minha mãe que morreu no parto dele. E eu, bem quietinha, guardando as forças para brigar na velhice! No fundo a Prefeitura Municipal e o telhado ao lado da Prefeitura era a nossa casa. (Niède Guidon)



Ao lado: Niède e Vilma desembarcam no Alto Xingu, junto à aldeia Mehinaku, onde estão os índios ceramistas Waurá, no começo dos anos 1970.

No meio à esquerda: Niède verifica rede ao lado de índio Waurá, do grupo Aruak, no Alto Xingu.

Embaixo à direita: Niède Guidon trabalha no campo, no Lot, sudoeste da França, diante da casa que reconstruiu com Vilma Chiara no começo dos anos 1970.

Embaixo à esquerda: Niède e Vilma “posam” no escritório da casa já pronta. Aqui elas fizeram a primeira classificação das pinturas rupestres da Serra da Capivara.





À esquerda: Vilma Chiara passeia com amigos Krahô, quando ainda havia pouca aculturação, só os chapéus de palha revelam o contato com os caboclos. À direita: O corte horizontal no cabelo, marcado com vermelho, separa o mundo da luz, em cima, do mundo da morte, embaixo. Foto Harald Schultz, em torno de 1960.

OBSERVAÇÕES DA VELHA RAPOSA Niède Guidon

Em 2003, Niède Guidon escreveu sobre algumas das experiências daqueles primeiros tempos:

“Como a água era difícil e ninguém queria carregar mais água do que precisava para beber, era comum passarmos 16, 20 dias sem tomar banho. Andando na caatinga, no sol, escavando, imundos todos. Somente limpeza superficial com aqueles lencinhos de papel, com cheiro de lavanda! Por isso que todos punham suas redes o mais longe possível uns dos outros! E talvez por isso nenhum mosquito transmissor de doenças nos picava! Combatíamos os *flebotomus* com o mau cheiro.

Quando devíamos andar muito, trinta, quarenta, sessenta quilômetros, ninguém parava ou bebia. Andar rápido, pensando em uma imensa fonte que jorra água gelada nos esperando no fim do caminho, olhando em frente, procurando chegar o mais rápido possível. Parar, descansar, beber, é prolongar o martírio. [O segredo] é o prazer do dia em que todos voltam para suas casas, seus amigos, sua cidade. E tendo tudo aquilo para contar, aquelas aventuras de arrepiar os cabelos, que deixavam a todos com inveja. E, depois de três ou seis meses nesse regime, a maravilha de poder ir a todos os restaurantes, comer todas as comidas, a manteiga, o pão, o queijo, os doces. Beber todos os champanhes, porque havia muitos quilos que tinham ficado na caatinga do Piauí! Temos o melhor spa do mundo, aproveitem!”

Silvia Maranca confirma:

“Na Serra Branca foram 57 quilômetros de sobe e desce serra, percorridos por nós em algo como oito horas. Acho que o ritmo era de seis quilômetros por hora, sem parar para nada. Niède dizia que não se podia parar, senão ficava mais difícil. Mas nunca pude comprovar a veracidade disto, pois ninguém, em sã consciência, naquelas condições, se propõe a andar 57 quilômetros parando, somente para estar a teoria! Eu acho que a Niède contou com isto para que andássemos ligeiro... Também não dava para se medir cansaço. Chegando ao local era iniciar

imediatamente o trabalho – fotos, anotações, montagem do acampamento – até as cinco da tarde, quando nos preparávamos para jantar e dormir. Isto era necessário pois quanto mais rápido – e bem, *ça va sans dire* – mais cedo se voltava ao arroz, feijão e bode [cardápio da pensão], que na volta do campo nos parecia um banquete!”

EXPERIÊNCIA DO CHE

Uma comparação: segundo o diário de Che Guevara, um guerrilheiro caminha, em média, 30 quilômetros por dia. Claro que com uma mochila de 30 quilos às costas, e todos os dias. Mas o ritmo da equipe de Niède era surpreendente, sobretudo para cientistas nem sempre atléticas, como Silvia... que até hoje fuma desbragadamente, para desespero de Niède.

Quem sabe, analisando a relação custo-benefício, Niède Guidon possa concluir que valeu a pena ser tão dura consigo mesma. Suas realizações aí estão, para o benefício de todos. E o fato é que, sob a sua direção, todo mundo se enquadra, nem pensar em agir de outra forma!

CHORO DE CRIANÇA REVELA SEPULTURA

Voltemos ao ano de 1970, quando Vilma e Niède chegaram à região pela primeira vez. Apesar de cadastrada como a número um, a Toca do Paraguai só seria escavada depois, em 1978. Segundo Nilson Parente, o trabalho começou no Gongo, onde ele próprio havia encontrado um esqueleto dentro de uma urna, em 1953. Tem até uma história que ele conta de todos ouvirem um choro de criança, que os guiou até um esqueleto enterrado... de uma criança! Isso depois de desenterrarem dois outros esqueletos. Para Nilson, os pais ou avós daquela criança. Anos depois, Niède e **Anne-Marie Pessis** encontrariam outros nove esqueletos no Gongo. Nilson jura que todo mundo ouviu o choro¹⁷.



ANNE-MARIE PESSIS, arqueóloga francesa, é um dos cérebros da FUMDHAM, Fundação Museu do

Homem Americano, ao lado de Niède Guidon. Graduou-se em Sociologia na Universidade Católica do Chile, no tempo de Salvador Allende (1970-1973). Depois de obter a livre-docência em Arqueologia na Université de Paris-X, com um trabalho sobre arte rupestre pré-histórica, fez o doutorado em Antropologia Visual (Cinematografia) em Paris I – Panthéon-Sorbonne, com o famoso documentarista Jean Rouch (1980), criador do gênero etno-ficção. Como professora, Pessis atuou na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, na Universidade Federal do Piauí, em Teresina, e até hoje é professora da Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, onde dirige a pós-graduação em Arqueologia. Em 2005, foi a principal responsável pela implantação do curso de Arqueologia em São Raimundo Nonato, da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente coordena o projeto de Registro Fotogramétrico dos Sítios do PARNA Serra da Capivara.

¹⁷ Durante a festa dos 10 anos do Museu do Homem Americano, em novembro de 2008, Niède me confirmou, sem maiores detalhes, que “todo mundo ouviu”. O fato não foi registrado no Caderno de Campo, de 1973. São sepulturas primárias (não houve novo enterramento dos ossos), dentro de urnas, os esqueletos ainda com restos de pele envoltos em croá, fibra com que se fazem redes até hoje. Na terceira sepultura, a cabeça estava dentro de uma cabaça. E no Gongo são pelo menos três tocas, Gongo I, II e III.

Bem, Sílvia Maranca diz que pelo menos nas histórias de caçada de onça ele exagera um pouco, teriam sido dezenas, mas ele mostrava um único couro de onça vermelha. Faltou conferir esse choro de criança com Joãozinho da Borda, que eu não encontrei. Mas encontrei sua filha, de 29 anos, hoje estagiando no Museu do Homem Americano. Seu nome: Niède.

ANOTAÇÃO NO CADERNO DE CAMPO EM 08.05.73

Dentro da Urna (no lado direito de quem olha do E para W) há uma vasilha arredondada de cerâmica, sob esta vasilha o crânio de uma criança – a vasilha estava emborcada sobre o crânio e sob este, rede de croá.



VILMA “VÊ” DANÇA DE MULHERES KRAHÔ NAS PINTURAS

– O que primeiro me chamou a atenção foi a diversidade das pinturas – comenta Vilma, sobre a chegada na Toca do Paraguaio. – Mais parecia um pan-indianismo, do que a expressão de uma só etnia. E há algo na representação de uma cena, em que as figuras humanas têm os braços exageradamente curvos, que sugere movimento. Parecido com o da dança das mulheres krahô, quando elas cantam para o sol nascer, conduzidas por um sacerdote, com um chocalho na mão... e não tem nenhum arco e flecha! Será que eles não usavam ou não era importante representar?



QUEM É
ESTA
MULHER?

A INCANSÁVEL

– Niède não se cansava nunca. Fazer trabalho de campo com ela era muito gratificante,

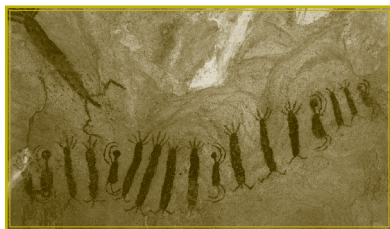
porque ela trabalhava a sério.

Lembro que uma vez caminhamos 23 km, saímos às 4 e meia da manhã e chegamos à toca às cinco da tarde. Ela disse: “Já perdemos muito tempo, vamos pelo menos trabalhar uma meia hora”. E começamos a escavar para retirar uma urna funerária. Ela sempre tinha disposição.

CONCEIÇÃO LAGE,
arqueóloga da UFPI

Nessa entrevista, que gravei em vídeo em abril de 2008, nos jardins do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, Vilma mostra como é a dança das mulheres krahô, voltadas para o leste, a origem da luz, a vida. Associada ao vermelho. O oeste é o escuro, a morte, associada ao preto... O branco é neutro. Ela ainda faria muitas outras revelações sobre o universo krahô que, se não bastam para interpretarmos as pinturas da

Serra da Capivara, pelo menos são um sugestivo exemplo de como devemos ser humildes e reconhecer nossa impossibilidade de “ver” como nossos antepassados viram aquelas mesmas figuras.



No ritual representado na parede do Baixão da Vaca, as figuras *ajoeelhadas* têm os membros alongados, sugerindo o movimento da dança das mulheres krahô.

NIÈDE PÔE MÃOS À OBRA

Foi na Toca do Paraguaio que Niède Guidon começou a documentação fotográfica dos sítios, que seriam o objeto de estudo de sua tese de doutorado nos anos seguintes.

Naquela primeira visita, que durou uma semana, elas inspecionaram sete abrigos com pinturas. Mas Niède combinou com vários “guias”, que, naquela época, eram caçadores: quem localizasse novos sítios com pinturas ganharia uma gratificação por cada um. Quando ela voltou, em 1973, havia 52 novas tocas identificadas!

– Vi que era realmente uma coisa diferente e que tinha muito a fazer – limita-se a dizer, comentando a primeira impressão. – Fiz toda a documentação necessária para apresentar um projeto a Paris, pedindo a formação de uma missão. Esse projeto foi aprovado e era “O homem no sudeste do Piauí, da pré-história aos dias atuais, a relação homem-meio.” A justificativa do meu projeto é que essa região é uma zona de contato entre duas grandes formações geológicas, com diferenças de meio ambiente muito importantes.

Essa explicação Niède me deu ao volante, mais uma vez, enquanto subíamos a **cuesta** pela BR-020, quando se descortina a bela paisagem da planície pré-cambriana. Foi no dia em que lhe perguntei sobre um local que ela “batizou” de “Praia do Éden”. Naturalmente, hoje uma praia seca.

CROÁ ou CAROÁ, também conhecido por gravatá (*Neoglaziovia variegata*), é uma bromeliácea nativa do Nordeste brasileiro, de fibras longas e resistentes, usada até hoje para cordas ou tecido rústico. No Sítio do Mocó e em João Costa, na região da Serra da Capivara, há antigas artesãs que fazem cestos e outros utilitários costurando as fibras em círculo, como se costuma fazer também com o capim dourado, da região do Jalapão, no Tocantins.

CUESTA é um termo que vem do espanhol e que significa “costa”, possivelmente uma alusão ao limite abrupto dessa forma de relevo, como uma falésia à beira-mar. É formada por camadas sedimentares que se inclinam suavemente para um lado e, de outro, é cortada por uma escarpa. A erosão é sempre maior nas vertentes escarpadas do que nas suaves, o que leva ao recuo dessas escarpas.



A cachoeira do Soninho, no Jalapão (TO), faz lembrar como foi o sudeste do Piauí há milênios.

O ÉDEN FOI AQUI

Foi o que me garantiu Niède, referindo-se à riqueza de recursos que a região oferecia para o homem pré-histórico:

– Era uma região absolutamente fantástica até dez mil anos atrás. Ao norte era floresta amazônica e aqui era mata atlântica. Havia vegetação de planície e de montanha. Uma riqueza natural imensa, não apenas suficiente para alimentar mas também para incitar culturalmente os homens. Essa diversidade, essa segurança, deve ter provocado uma evolução cultural muito marcada. Por isso eu digo que o Éden foi aqui. Não o Éden moral judeu-cristão – ressalta, concluindo com malícia: – Aqui, depois de todos comerem a fruta, foram muito felizes!

PINTURAS ERAM E CONTINUAM MISTÉRIO

Àquela altura, em 1970, ela só tinha a arte rupestre, não havia qualquer estudo cronológico nem estratigráfico. Ela pensava que as pinturas tinham de 500 a 700 anos, era o que se acreditava na Europa, naquele momento, sobre o nosso continente. Mais tarde se descobririam indícios de que havia comércio entre a África, a América do Sul e o Caribe, muito antes de Cristóvão Colombo chegar às Antilhas. A presença africana na região do golfo do México, por exemplo, que teria ocorrido por volta de 1200, é sugerida nas feições dos tótems com figuras de lábios grossos, claramente negroides.

Entre carregar pedra para a obra na casa do Lot e semear os tomates que comeriam na salada, Vilma ajudou Niède na minuciosa tarefa de tabular tantas informações, nos anos seguintes. Aliás, ouvi falar que Niède chegou a ganhar um prêmio pela qualidade de seus morangos...¹⁸

Ela desconversa quando, por mais de uma vez, pedi que sistematizasse os conceitos que criou para analisar esse conjunto tão rico e diferenciado, único no mundo: – Agora mudou tudo, com as novas datações – justifica. – Mas então o que muda? – insisto. – Ah, isso é que é fantástico na arqueologia. Novas descobertas nos obrigam a reanalisar tudo. A tradição Agreste tem que ser objeto de um estudo detalhado. Trabalhei em sítios onde ela aparentemente era mais recente.

¹⁸ Lendo os originais, Rosa Trakalo acrescentou: “O morango pesou 400 gramas!” Quem me contou essa história foi Adauto Araújo, paleoparasitologista da Fundação Oswaldo Cruz, mais um pioneiro da Serra da Capivara que mantém o laço profissional e afetivo com a Fumdham e, particularmente, com Niède Guidon. Ele e Marcia Chame, outra cientista de primeira hora, lá estavam na festa de comemoração dos 10 anos do Museu do Homem Americano, em novembro de 2008, a três mil quilômetros de casa!

Com a continuidade do trabalho, descobrimos que era mais antiga. Quer dizer, na arqueologia e na pesquisa em geral, hoje você descobre uma coisa, amanhã os novos dados derrubam os dados anteriores¹⁹.

- De toda maneira, na Pedra Furada, nós já tínhamos um pedaço de figura caída, datada de 17 mil anos. Todo mundo acha que o homem inventou uma coisa num lugar e aí saiu pelo mundo espalhando. Não é assim, todos os homens saíram da África, com um mesmo patrimônio genético. Esse patrimônio evoluiu com as mutações, mas as diferenças são mínimas. Se você pensar que a diferença genética entre nós e o chimpanzé é de apenas 0,8 por cento, imagine a diferença entre os próprios homens! Então as maneiras de se reagir aos enigmas da natureza são mais ou menos as mesmas. Na África, na Austrália, quase ao mesmo tempo, os homens começaram a pintar. Na Europa, as pinturas eram consideradas mais antigas porque foram os europeus que começaram a pesquisar. Mas hoje já se sabe que há 60 mil anos a Austrália era povoada também²⁰. Eu acho que por isso a pesquisa é interessante, está sempre mudando.

O DESCOBRIDOR DE TOUMAÏ, COM SETE MILHÕES DE ANOS

Eu ouvira algo semelhante de Michel Brunet, o paleontólogo francês que descobriu Toumaï, o crânio do mais antigo homínico já encontrado, com sete milhões de anos, no improvável deserto do Chade, país da África Central. O nome Toumaï²¹ foi dado pelo presidente do Chade e significa “esperança de vida”. É um *Sahelanthropus tchadensis*. Até então, todos os homínicos tinham sido encontrados na África do Sul ou Oriental (Quênia e Etiópia), inclusive Lucy, a famosa *Australopithecus afarensis* de 3 milhões e duzentos mil anos. Brunet veio ao Brasil em outubro de 2008, a convite do Quai d’Orsay francês, em apoio à Semana de Ciência e Tecnologia, organizada pelo governo brasileiro.

Acompanhei a visita que ele fez ao sítio paleontológico de São José do Itaboraí, no estado do Rio de Janeiro, onde foi a convite da arqueóloga **Maria Beltrão**, do Museu Nacional. Maria convidou-o para comandar as escavações do sítio que ela localizou em 1970, na antiga mina de calcário da empresa de cimento Portland, onde a dinamite revelou ossos fósseis de preguiça-gigante e outros exemplares de megafauna extinta. Ela está convicta de que é possível encontrar algum fóssil de *Homo Erectus* no local, pela presença de ferramentas líticas associadas aos achados.

Diplomaticamente, o emérito professor do Collège de France não disse que sim nem que não. Ele já é esalado em ser alvo de polêmicas acadêmicas! Pelo mesmo motivo, foi evasivo quando lhe perguntei sobre a hipótese de Niède Guidon, de possível povoamento das Américas diretamente da África, via Atlântico.

MARIA DA CONCEIÇÃO MORAES COUTINHO BELTRÃO

é doutora em Arqueologia e Geologia, sendo a primeira mulher a ser Conselheira Consultiva do IPHAN e representante do Brasil na Associação Internacional de Paleontologia Humana. Foi a coordenadora do lado brasileiro da Missão Franco-Brasileira de Lagoa Santa, em Minas Gerais, chefiada por Annette Laming-Emperaire, a descobridora de “Luzia”, de 11.000 anos. Desde 1982 comandou as escavações na Região Arqueológica de Central, município de Barreiras, no oeste da Chapada Diamantina, na Bahia, onde criou um museu. Na Toca da Esperança obteve datação de artefatos feitos sobre ossos, por urânio-tório, que vão de 295 mil a 204 mil anos. Nos últimos anos voltou a trabalhar no Sítio Arqueológico de Itaboraí, na bacia sedimentar desse município, no estado do Rio de Janeiro, por ela descoberto em 1970, com farto material lítico e fósseis da megafauna pleistocênica. Aposentou-se recentemente do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁹Veja os anexos “A Polêmica sobre a Toca da Bastiana”, à página 282 e “Os Métodos de Datação” à página 289.

²⁰Walter Neves comenta: “Ainda não foi comprovado”.

²¹Toumaï leva trema sobre o “i” porque, em francês, se leria “tumé”, e Brunet diz “tumai”.

OS KRAHÔ ATUAIS



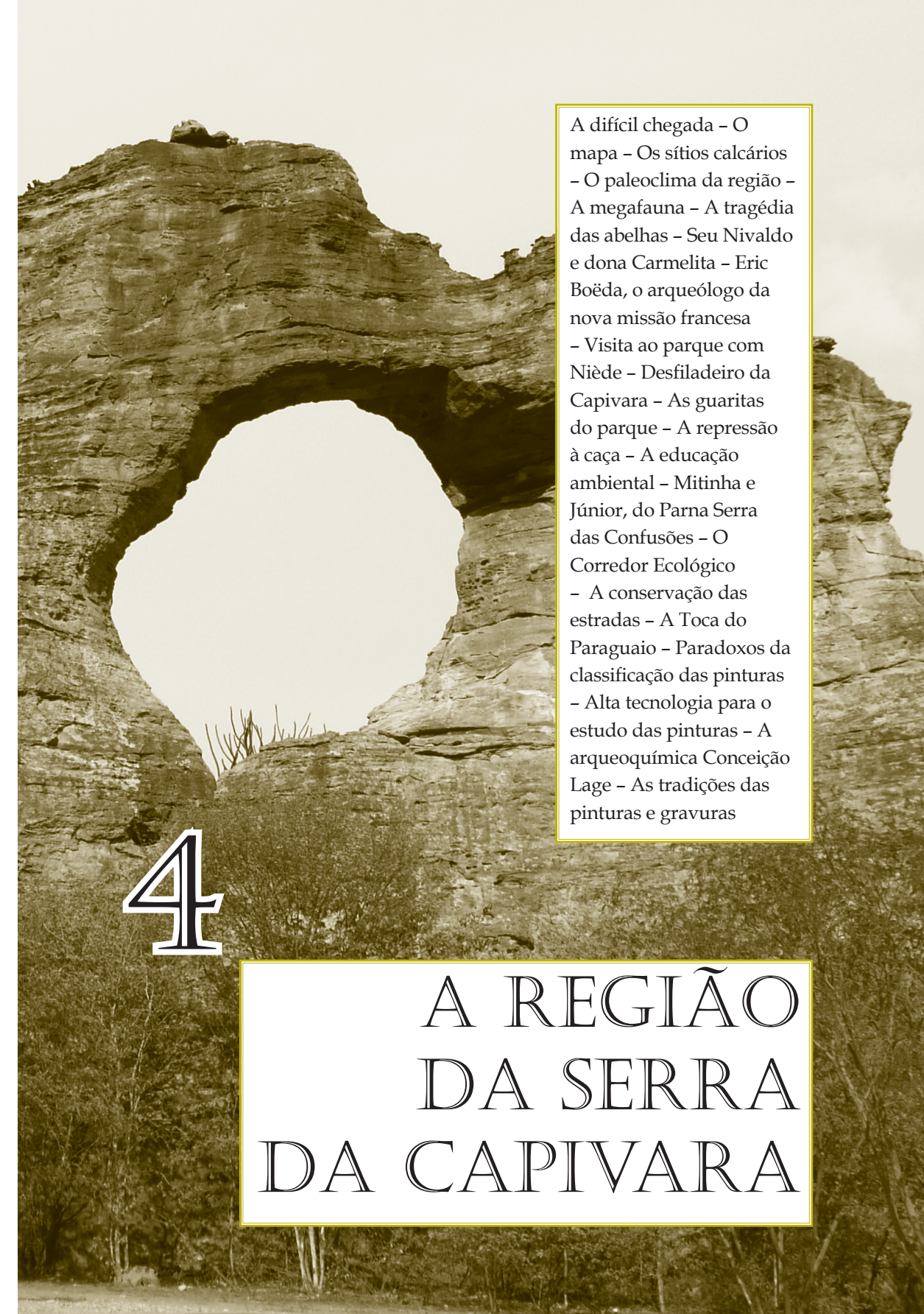
Michel Brunet exhibe a reprodução da caveira Toumaï como foi encontrada e reconstituída em sua forma original, sem o esmagamento de milhões de anos.

O fato é que quando um grupo de índios krahô foi convidado a visitar alguns sítios de pinturas rupestres na Serra da Capivara, por ocasião da comemoração dos 500 anos do “descobrimento”, em 2000, espontaneamente eles se reconheceram em algumas pinturas... E dançaram, diante de Niède, exatamente como Vilma Chiara havia mostrado.

O episódio foi lembrado por Mrãiti Krahô, representante dos Povos Indígenas na comemoração do décimo aniversário do Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato, em novembro de 2008. Naquela ocasião, em 2000, foi também devolvido à tribo um machado de pedra polida em forma semilunar, símbolo sagrado de poder e sabedoria. Alguns desses machados foram encontrados nas escavações. Segundo Niède constatou com Vilma na própria tribo, os Krahô não sabem mais fabricar esses machados, mas utilizam nos rituais os que encontraram na floresta.

Que segredos ainda poderiam ser revelados pelo estudo de povos que sobreviveram aos massacres dos colonizadores europeus? Seriam alguns deles descendentes de grupos que aqui chegaram há 4 mil, sete mil, dez mil ou setenta mil anos?

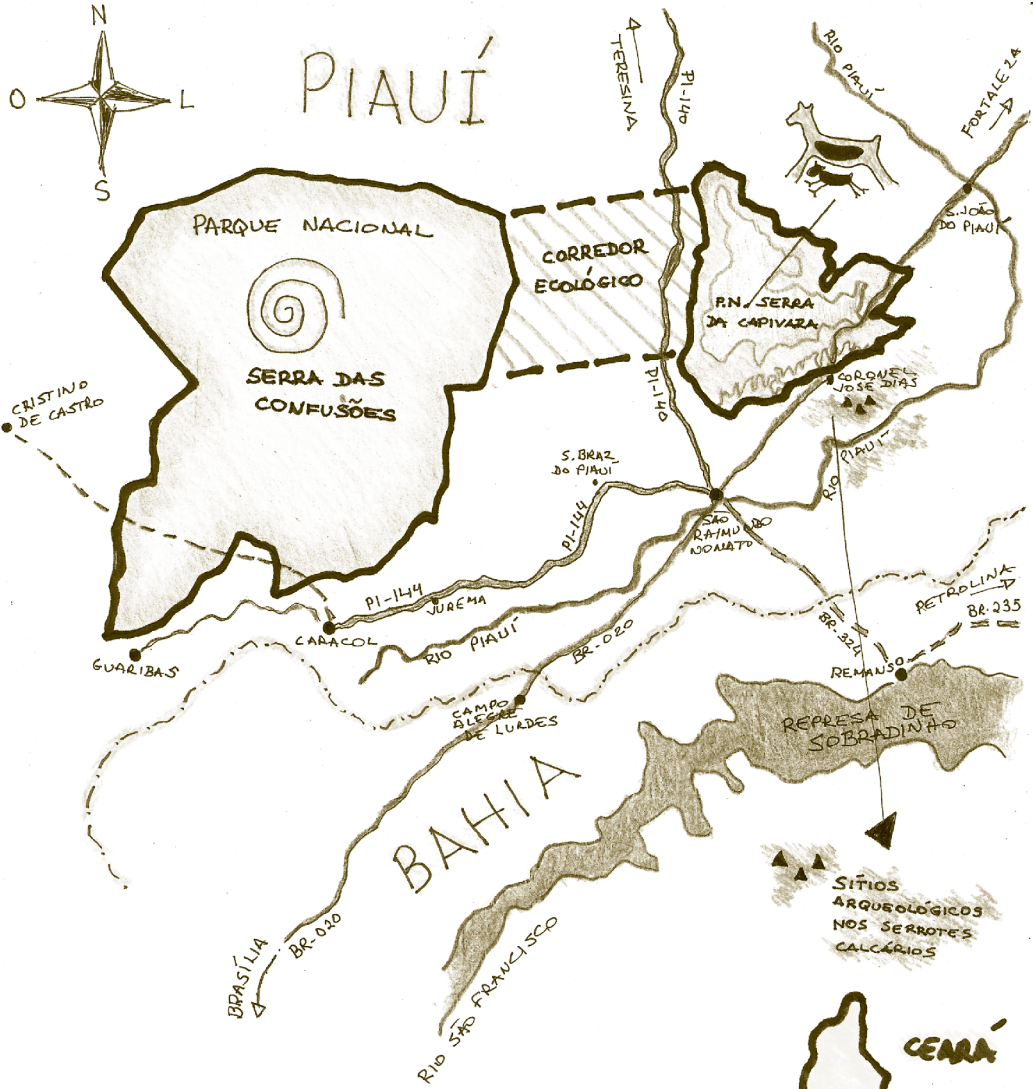




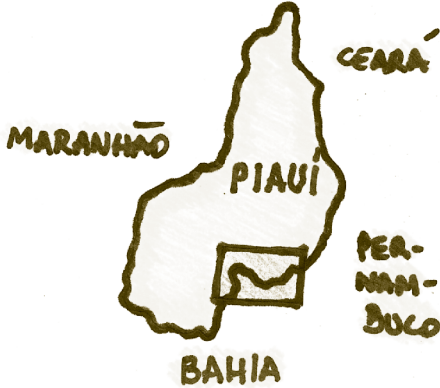
A difícil chegada - O mapa - Os sítios calcários - O paleoclima da região - A megafauna - A tragédia das abelhas - Seu Nivaldo e dona Carmelita - Eric Boëda, o arqueólogo da nova missão francesa - Visita ao parque com Niède - Desfiladeiro da Capivara - As guaritas do parque - A repressão à caça - A educação ambiental - Mitinha e Júnior, do Parna Serra das Confusões - O Corredor Ecológico - A conservação das estradas - A Toca do Paraguai - Paradoxos da classificação das pinturas - Alta tecnologia para o estudo das pinturas - A arqueoquímica Conceição Lage - As tradições das pinturas e gravuras

4

A REGIÃO DA SERRA DA CAPIVARA



Contendo a região da Serra da Capivara



Na primeira viagem ao sudeste do Piauí, quando fomos de férias em 2007, constatamos que a importante estrada federal BR-020, ligando Brasília a Fortaleza, simplesmente não existe em vários trechos, inclusive sendo interrompida por rios sem pontes. É o caso do rio Preto, no norte da Bahia. Como desviamos para o estado de Tocantins, para conhecer o Jalapão, entramos no Piauí pela excelente estrada estadual Transpiauí, no sentido sudoeste-sudeste. Em Cristino Castro pegamos uma estrada de terra para atravessarmos a Serra das Confusões, num verdadeiro *rallye* pela caatinga densa, cruzando areiões e leitos de rocha calcária, graças à tração 4 x 4 da Leonora.

Da sede do Parque Nacional Serra das Confusões, em Caracol, até São Raimundo Nonato, sede do Parque Nacional Serra da Capivara, são 90 km de excelente asfalto pela PI-144, mas com 22 quebra-molas. Ladeamos o Corredor Ecológico, criado em 2005 para garantir a passagem da fauna e da flora entre os dois parques. A estrada acompanha, a certa distância, a fronteira natural entre a chapada e a planície, marcada por paredões runíformes, formando o tal *front* da *cuesta*, onde se encontram os abrigos rochosos, ou tocas.

A planície, ou pedimento, estende-se ao sul-sudeste dessa linha do relevo. Aí se encontram os maciços calcários, verdadeiras minas de tesouros arqueológicos. Apesar de formarem cavernas, o povo da região chama qualquer tipo de abrigo rochoso de toca. O rio Piauí cruza a planície no sentido nordeste e vai, aos poucos, se dirigindo para o norte, contornando as chapadas. Suas águas garantem a umidade onde vicejam o babaçu e o buriti, em alguns trechos, como nas proximidades de São João do Piauí, a nordeste do Parque Nacional Serra da Capivara.

Outro acesso à região é pelo norte, descendo de Teresina, com alguns trechos do asfalto da PI-140 bem maltratados, ao longo dos 530 km. Embora tenham inaugurado em 2008 uma pista de pouso, o aeroporto mais perto, até a conclusão do de São Raimundo Nonato, ainda é o de Petrolina, em Pernambuco, cidade fronteira a Juazeiro, na Bahia, ambas às margens do rio São Francisco. Só que os 300 quilômetros que foram, um dia, asfaltados, são um teste de resistência para o veículo e a coluna dos viajantes. Entra governo e sai governo e só melhora o trecho no Piauí, a Bahia parece não ter o mínimo interesse em facilitar o acesso à Serra da Capivara.

Apesar do relativo isolamento atual, toda essa região, incluindo os estados vizinhos, foi povoada desde muitos milhares de anos atrás. O rio São Francisco, por um lado, e o Parnaíba, cujo delta foi bem maior, por outro, garantiram o fácil acesso de grupos humanos coletores e caçadores. Os vestígios lá estão, tanto na planície como na chapada.

**A caminhonete Leonora
avança na estrada de arenito
da Serra das Confusões.**



RESSURGÊNCIA, no caso dos oceanos, é o movimento ascendente de águas profundas para a superfície, como ocorre em Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, que tem uma ressurgência antártica, o que torna as águas muito frias e ricas em flora e fauna marinhas, delícia dos mergulhadores. No caso de uma ressurgência no carste, é o oposto do "sumidouro", que "traga" as águas dos arredores. Walter Neves cita as surgências, nascentes cársticas perenes, localizadas na base de paredões, na região de Lagoa Santa.

A PALEOLAGOA DO ANTONIÃO

Acompanhei a visita que Niède Guidon fez a alguns serrotes com os paleontólogos Claude Guérin e Martine Faure. Até a recente identificação de ossos de capivara e de ema entre os achados do Serrote das Moendas, a principal estrela dos sítios calcários era a Toca da Janela da Barra do Antonião, próximo às Moendas, onde se encontraram um esqueleto humano e ossos de megafauna.

Guérin quer que se cavem trincheiras na entrada desses dois sítios, para fazer a estratigrafia do terreno. Com as novas técnicas, ele agora poderá definir, com

precisão, a idade dos fósseis já encontrados, correlacionando os estudos das camadas. No Antonião, Niède pretende fazer um muro que proteja a cavidade e enchê-la de água, que possa ser usada nos períodos de seca. Um grande projeto da Petrobras Ambiental, "A água e o berço do homem americano", financia a obra, entre muitas outras²².

Há milênios, o Antonião teve uma lagoa bem em frente, que resistiu mais tempo do que outras fontes de água dos arredores, quando o clima se tornou mais seco, por volta de 9 mil anos atrás. Alguns estudiosos acreditam que ali possa ter sido uma "ilha" de umidade, onde os grandes mamíferos teriam sobrevivido mais tempo do que no entorno. Mas não é essa a opinião de Guérin e Faure: Martine me respondeu a uma pergunta direta sobre isso, dizendo que é uma área muito pequena para ser uma "ilha" paleoclimática. O Antonião, afirma, tem os mesmos vestígios fósseis dos sítios dos arredores.

A própria cavidade do sítio foi um sumidouro, interligado com outros serrotes, que, por sua vez, tinham **ressurgências**. É o caso da Toca do Barrigudo, onde foram encontrados restos de preguiça gigante e vários esqueletos humanos, e que inunda até hoje na época das chuvas. Ao lado do Barrigudo está a pequena Toca da Bastiana – um capítulo à parte, por causa da polêmica sobre a datação de suas pinturas. Há quem diga que passa dos cinquenta mil anos, sem equivalente no mundo²³. O fato é que a Bastiana e o Barrigudo visivelmente tiveram uma utilização diferente das outras tocas dos arredores. Não há sinal de ocupação regular, como vestígios de fogueira. Mas em ambas foram encontrados vários esqueletos humanos e, no caso da Bastiana, pinturas de diferentes épocas. Como se cada grupo percebesse que o lugar tinha um valor especial e quisesse deixar sua marca.

O SERROTE DAS MOENDAS

Logo na entrada das Moendas, a calcita que se formou sobre uma pintura bem rudimentar, em preto, foi datada em 31.860 anos! Esse mesmo sítio foi escavado

²² Saiba mais sobre o programa "A Água e o Berço do Homem Americano" (ABHA) à página 215.

²³ Saiba mais sobre a "Polêmica sobre as Datações da Bastiana" e "Os Métodos de Datação" às páginas 282 e 289.

sucessivamente por equipes da Fumdam, em 2006, a cargo de **Elaine Ignácio** e **Elisabete Bucu**, depois pelo arqueólogo goiano Emilio Fogaça, em 2007, integrando a missão franco-brasileira de **Michel Rasse** e **Eric Boëda**, que formalmente só começou em 2008. Até então foi um projeto de pesquisa da Universidade Católica de Goiás, onde Fogaça era professor, apoiada pela Universidade de Rouen, da França.

Boëda é um dos maiores especialistas em tecnologia lítica do mundo. Ele e o geógrafo Michel Rasse já trabalham juntos em escavações na Síria e na China. No caso do Piauí, o chefe da missão é Michel Rasse, mas o responsável pela parte arqueológica é Eric Boëda. Desde 2005 eles vão ao Piauí todos os anos, no entanto só a partir de 2008 formalizou-se a retomada da missão franco-brasileira para a região, interrompida com a aposentadoria compulsória de Niède, há dez anos.

Ao contrário dela, que privilegiou os sítios onde havia pinturas, para contextualizá-las, Boëda busca a origem dos primeiros povos e a tecnologia lítica deles, na proximidade dos sítios calcários. Ele está interessado em oficinas líticas, acampamentos. Pela experiência, já se sabe que os homens pré-históricos privilegiavam lugares perto de fonte de água permanente e no alto, onde não ficasse inundado com as chuvas. Meses mais tarde, eu teria oportunidade de ouvi-lo em seu laboratório, na Universidade de Paris X, em Nanterre, na França.

Na Toca das Moendas, Niède decidiu agora chegar às camadas mais profundas, já solidificadas. Em vez do pincel, usado nas camadas arenosas mais frágeis, a técnica é o oposto. O solo petrificado tem que ser retirado em blocos, por picareta, para ser trabalhado meticulosamente com motor de dentista, no laboratório.

ELAINE IGNÁCIO é arquiteta e designer de formação, especializando-se em Arqueologia Histórica, Teoria e Métodos em Arqueologia, pela USP. Como pesquisadora da Fumdam, participou de múltiplas atividades arte-educativas e técnico-científicas, sendo a responsável pela escavação na Toca das Moendas quando se fizeram importantes achados. Atualmente faz especialização em Portugal.

A arquiteta paulista **ELIZABETE BUCO** veio para São Raimundo Nonato há doze anos, para implantar as guaritas do Parque Nacional, e não saiu mais. Envolvida na recuperação das estradas e conservação dos sítios arqueológicos, é hoje das pessoas que melhor conhecem o Parque. Coordenou a equipe técnica nas Moendas durante um período de 2006.

MICHEL RASSE é Mestre de Conferências em Geografia física, humana, econômica e regional da Université de Rouen, na França, com trabalhos na África, Ásia e Europa, além do Brasil, especializando-se em geomorfologia e paleoambiente. Trabalha associado a Eric Boëda na China, na Síria e, agora, no Brasil.

TOCA DE CIMA DOS PILÃO, COM SEU NIVALDO

Em outro serrote da região, a Toca de Cima dos Pilão, a escavação revelou dois salões que se interligavam, com inúmeros vestígios de fogueiras e indústria lítica datados de mais de 12 mil anos. O nome é assim mesmo, com o erro de concordância, como a toca é conhecida. O curioso nos Pilão é que os restos fósseis revelam que foi um covil de tigre-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*), onde ele consumia suas presas, como a preguiça-terricola (*Catonyx cuvieri*). A gruta chegou a ter uma iluminação especial para visitação, à base de energia solar, mas as placas foram roubadas, o que é uma pena.



ERIC BOËDA é professor da Universidade de Nanterre, Paris X, onde é responsável pela formação de toda uma geração de especialistas em tecnologia lítica, da escola de Tixier e Leroi-Gourhan. Seu estudo, com Emílio Fogaça, dos líticos do Boqueirão da Pedra Furada, assunto da tese de doutorado de Fábio Parenti, foi decisivo para a aceitação das remotas datações desse sítio pela comunidade científica internacional, durante o 52º. Congresso Internacional de Americanistas, em julho de 2006, em Sevilha, na Espanha. Atualmente é responsável por uma equipe da Unidade Mista de Pesquisa no CNRS – Centre Nationale de Recherches Scientifiques, Antropologia das Técnicas, dos Espaços e dos Territórios no Plioceno e Pleistoceno (AnTET, em francês). É membro do Institut Universitaire de France.

Seu Nivaldo lembra quando estava escavando numa espécie de toca do lado de fora do serrote da Toca dos Pilão e encontraram uma fogueira, já bem fundo, num chão muito duro, e logo depois encontraram os esqueletos de duas crianças. O lugar lembra um pouco a Toca da Bastiana, parece uma pequena lapa e fica no alto, num local jamais alagado:

– Não era recente não, era muito fundo e muito duro. Aí chegamos na fogueira. Niède tava dando fé que tava perto disso porque ela conheceu que ela até tomou minha frente lá. Que eu sempre escavava junto com ela porque ela gostava de dizer que eu era analfabeto mas entendia mais do que muito aluno dela. Foi aí, encontrou eles logo – aponta seu Nivaldo para o local. – Foi pertinho de onde eu já tava – explica, orgulhoso.

DRENAGEM NO CARSTE

O sistema de drenagem da região cárstica dos arredores da Serra da Capivara explica a riqueza de vestígios de fauna e megafauna extintas. Os ossos foram carregados pelas águas para dentro das cavernas. No caso de algumas, como na Toca do Gordo do Garrincho, os animais podem ter morrido lá dentro mesmo, porque havia fonte de água permanente. Até hoje há um lago subterrâneo no Serrote do Sansão, acessível unicamente por uma chaminé vertical de cerca de oitenta metros. Água puríssima, por sinal, segundo análise recente. O Sansão é também uma das fontes de sílex, matéria prima de ferramentas líticas, mais fácil de trabalhar que o quartzo, e que foi utilizada na região a partir de 12 mil anos atrás.

A TRAGÉDIA DAS ABELHAS NA GRUTA DO SANSÃO

Niède se surpreendia porque seu guia e amigo Nivaldo Coelho, que subia tudo quanto era serra, nunca descia em gruta, como no Sansão:

– Eu tinha muito medo de descer onde eu não conheço. E aí nunca tentei descer nem 20 metros que a gente está enxergando, porque com 20 metros vai num largo assim do tamanho duma sala duma casa, aí entra numa gruta mais estreita. E aí naquela gruta é onde tinha três ou quatro enxames de europa, uma abelha que pica a gente.

Seu Nivaldo se refere ao trágico episódio em que Niède Guidon quase morreu, quando foi atacada por mais de 300 abelhas, em 1986. Ele não gosta nem de lembrar e desconversa quando peço para me levar lá. Mas conta como foi:

- Nesse dia estavam confiado que elas nunca atacaram e desceu. Mas só assanharam quando já tinham saído e ela [Niède] tinha ficado ainda atrás. E aí as abelhas assanharam e vieram esporar nós por fora, e ainda faltavam vinte metros pra ela subir. Daí nós pelejamos com ela, subimos ela na corda, puxamos de cima e tiramos ela numa rede pra ir pegar os carros que ficam assim meio distante. Nós trouxemos ela numa rede porque ela já estava desmaiando. Aí ela me disse pra todo mundo que estivesse picado ir pra São Raimundo. Aí a Silvia ia dirigindo o carro, nervosa. Chegando no médico, as enfermeiras foram catar os esporões de nós tudo. Elas picaram todo mundo porque elas vieram esporar fora e nós, pra tirar a Niède de dentro do buraco, ficamos na beirada do buraco.

Silvia Maranca também guarda uma viva recordação dessa história.



SOBRE AS ABELHAS

Silvia Maranca

“Na gruta do Sansão, uma das formações calcárias da região de São Raimundo Nonato, a uma profundidade de quase oitenta metros, há um lago de águas cristalinas. Niède achou que devíamos descer para verificar a verdadeira extensão do lago e começar os estudos para viabilizar sua utilização. Dispúnhamos de uma escada articulável, estreita mas segura, de origem francesa, a mesma utilizada pelos bombeiros naquele país. Como havia abelhas, também dispúnhamos de toda a roupa adequada para esse fim. Descer, no entanto, toda paramentada (inclusive o rosto coberto) por aquela escadinha estreita e solta no ar, era tarefa impossível.

Resolveu-se que Sansão [certamente o dono das terras da gruta], Niède e mais um guia desceriam pelo buraco até um patamar seguro, e eu, da boca do buraco, desceria em seguida as vestimentas com uma corda. Eu já havia amarrado todos os apetrechos e estava pronta com a corda na mão, na beirada. Não deu tempo para nada. De repente, da abertura do buraco por onde os três haviam descido, subiram milhares e milhares de abelhas que formaram um capacete na minha cabeça, olhos, boca, pescoço. Eu não enxergava mais nada, somente sentia as picadas (trinta, no meu caso), e elas tomaram conta de todos nós, os que estavam fora e, óbvio, os que estavam lá dentro, que nem tinham mais condições de vir para cima pela escadinha.

Podem imaginar o pânico que tomou conta de todos nós. Eu tentava me livrar das abelhas de todas as formas, mas quanto mais as matava mais era picada. Sabendo que Niède é alérgica e podia morrer, eu lembro que somente gritava ‘precisamos tirar a Niède de lá’. Mas, como eu, os demais tinham o corpo coberto de abelhas, todos queríamos fazer algo, mas o quê?

Fátima [Barbosa], [então] esposa do Marcelo [Souza, da Universidade de Campinas], que havia tapado nariz e boca – eu não sabia [que isso seria recomendável] – e com isso não tinha sido atacada tão intensamente e enxergava, é que me disse o drama que via, porque eu sequer me dava conta. O desespero era livrar-se para tentar ajudar os que estavam presos lá embaixo e, sabe-se lá, em quais condições. Fátima disse que havíamos deixado recipientes cheios de água lá embaixo do morro, perto dos carros, e que, evidentemente, as abelhas estavam desesperadas por água. Se jogássemos água uns sobre os outros, talvez conseguíssemos nos livrar em parte das abelhas, ao menos das do rosto.

Assim, em segundos, descemos morro abaixo, literalmente às cegas, tanto que eu mais rolei do que corri. Nesse ínterim, Fátima me grita que os homens estavam descendo o morro carregando Niède em um estado que não sei descrever. Foi Fátima gritar e eu ligar o carro e manobrá-lo para sair dali, sem perda de tempo. Não consegui guiar mais do que duzentos metros. O susto, o medo, o estado deplorável da Niède, o medo de que ela morresse, minhas pernas tremiam.

Passsei a direção não lembro a quem²⁴ e pulei para o banco de trás para (eu achava) manter Niède viva. Perguntava mil coisas, para ter certeza de que respirava, e ela respondia. Eu, cada vez mais apavorada. O coração da Niède batia não sei como (ela que dizia), estava com disenteria, a boca seca. Eu dizia a ela que isto era normal, que isto era o mínimo que ela podia ter, que estávamos chegando (eram quinze quilômetros, creio, de distância). Enfim, eu talvez tenha posto Niède em risco de morte, por falar demais, mas não podia vê-la largada assim, sem ação, toda roxa.

Pareceram-me horas, mas chegamos ao hospital. Primeira providência para Niède e os três homens, inclusive o Sansão, foi a retirada dos ferrões (variaram de trinta a oitenta, ou mais), soro e Fenegan em doses cavaleares. E internação.

Niède e eu tínhamos um trato, desde a primeira missão: se alguém passasse muito mal, alugava-se um táxi aéreo como primeira atitude. Eu mantive a promessa. Na viagem ao hospital de São Raimundo Nonato, jurei a Niède que o faria. Falei disto o tempo todo para animá-la e dar-lhe mais segurança, e ia fazê-lo mesmo. Todos estávamos dopados e sonolentos com o Fenegan, eu é que estava bem melhor que os outros. Fui à fundação buscar roupas limpas para Niède trocar e fui falar com o Dr. Isaías sobre chamar um táxi aéreo.

O Dr. Isaías foi muito claro comigo: Niède estava muito mal, precisava de cuidados urgentes, não aguentaria uma viagem, podia morrer. Ele não aconselhava, mas se eu quisesse, não podia impedir. Fui ver os homens no outro quarto, estavam

²⁴ Foi a Fátima Barbosa, segundo depoimento da própria.

medicados e razoavelmente bem. Niède estava mal, não falava, pensei muito no que fazer. Resolvi dizer a ela que pensava ser melhor esperar o resultado do pronto-atendimento, que logo que ela superasse a fase aguda, eu a levaria embora. Ela concordou em tudo comigo. Para mim foi dramático, porque era sinal de que realmente estava muito mal.

Sentei num banquinho ao lado da cama, um pouco vigiava e muito dormia. Acredito que era o efeito do Fenergan, que, além de tudo, nunca havia tomado na vida. Quando chegou a noite, o Dr. isaías disse que podia levar Niède para casa, mas que ficasse atenta, visse se respirava bem. Na minha cabeça, ficou patente uma coisa: se ela sobrevivesse àquela noite, não morreria. Fiquei a noite toda olhando para a cara da Niède, se ficava roxa, se respirava.

De manhã, eu estava sentada no chão do quarto, apoiada na rede em que ela dormia, quando de repente ela pulou da rede com uma energia invejável, me arrastou para o carro para ir ver como estavam os homens no hospital. Na volta, eu é que fui deitar na minha rede e dormi não lembro mais até que horas. Depois de um tempo, soube que correu a voz na cidade que eu, naquele sufoco todo, tinha manobrado o carro para me mandar e salvar a pele, deixando os colegas ao deus-dará. Quem me conhece, sabe que nunca o faria, mas essas fofocas me entristeceram muito."



AMIZADE DE NIÈDE COM NIVALDO E CARMELITA

Seu Nivaldo aguentou as picadas, o medo e não abandonou Niède, quase inconsciente, suspensa no abismo pela corda que ele puxou. Essa não seria sua única prova de dedicação. Ele e a esposa, dona Carmelita, tornaram-se o nome da escola de vanguarda que surgiria anos depois no Barreirinho, onde moram até hoje, num projeto da Fumdam financiado pela fundação Terra Nuova, do governo italiano. Na instalação da antiga escola, funciona hoje uma confecção, ao lado da Cerâmica Serra da Capivara, onde seu Nivaldo também trabalha. A lealdade de seu Nivaldo tornou-se lendária.

MARIA DE FÁTIMA BARBOSA é professora de Bioarqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Univasf, em São Raimundo Nonato. Bióloga formada pela PUC-RS, veio pela primeira vez à região para estudar os morcegos, em 1986 (era conhecida por "Batfátima"). No episódio das abelhas, ela quase não foi atingida, porque se encontrava num ponto mais alto e tinha experiência por causa do pai apicultor: cobriu o nariz com a roupa, para elas não sentirem a sua respiração, e controlou o medo, para não atraí-las com o cheiro. Segundo seu testemunho, há espécies animais que haviam desaparecido do Parque e que voltaram graças à ação de preservação e combate à caça, como o jacu, o tatu-bola. Em 2004, mudou-se para São Raimundo Nonato, quando se criou o curso de Arqueologia. De agosto de 2006 a agosto de 2007 foi chefe do Parque Nacional Serra da Capivara. Hoje estuda como se interrelacionam os vestígios animais e humanos nos sítios arqueológicos, se eram animais domésticos, se foram utilizados em rituais, se eram predadores ou foram predados pelo homem, tema do seu doutorado na UFPE.





Seu Nivaldo trabalha até hoje na Cerâmica Capivara.



Dona Carmelita tem um carinho especial com as suas plantas.

Niède adora contar a história da aluna francesa que ficou muito espantada porque seu Nivaldo retornava para casa da escavação, distante uns doze quilômetros, diariamente, em vez de permanecer no acampamento, como os demais técnicos e os pesquisadores: – Não durmo longe da Carmelita. – E a francesa: – Nunca encontrei um homem que subisse nem mesmo um degrau por mim! – Pois é, mas pela Carmelita o Nivaldo andava doze quilômetros por dia... – diverte-se Niède.

Recentemente, ela presenteou o amigo com um belo acordeon Scandalli, como ele pedira. Foi para substituir a velha sanfona Beija-Flor. Tocar e cantar com a mulher é uma das coisas de que seu Nivaldo mais gosta. Ele ainda toca de ouvido o cavaquinho e a harmônica. Dona Carmelita canta e acompanha com o pandeiro. O repertório vai de "Cielito Lindo", naturalmente na versão em português, às toadas da roda de São Gonçalo. Tive o prazer de assistir uma dessas cantorias, sob o luar do Barreirinho, com direito a até uma vaca na plateia, que pareceu gostar da festa.

E ainda fui com eles a uma roda de São Gonçalo ali perto, pagamento de promessa pela cura de um filho da dona da casa. A promessa consiste em promover um certo número de rodas. Tem comilança para todo mundo, a noite toda. Antes se reza o terço, em torno da imagem do santo. Aí começam as rodas, que são como quadrilhas de São João, dançadas com precisão segundo o mestre à frente da fileira, os homens à esquerda, as mulheres à direita. Dona Carmelita é quem puxou a maior parte das toadas, uma outra senhora tentou mas a voz não se impunha, é como puxador de samba. Ela me colocou atrás dela, na fileira das mulheres, e eu tive a honra de ser a única pessoa de fora a participar da dança.

VISITA AO PARQUE COM NIÈDE

Estamos no período das chuvas, o “inverno”. Agora de manhãzinha nasceu um belo sol, o tempo agradavelmente fresco. Com Niède ao volante, avançamos pela BR-020, hoje uma estrada bem asfaltada nesse trecho, que sai de São Raimundo

Nonato em direção a São João do Piauí, sentido nordeste, passando por Coronel José Dias. É o acesso mais rápido de São Raimundo Nonato aos principais circuitos de visitação do Parque. As duas principais entradas são por aqui: a guarita da BR-020 ("guarita do Vinte") e a do BPF, do Boqueirão da Pedra Furada.

- Aqui é muito bonito - diz Niède, começando a subida. - Estamos na *cuesta*, é o limite entre a planície pré-cambriana, do vale do São Francisco, e essa formação aqui, da serra, que se levantou depois. - Fui entender melhor esse "depois" quando soube que "pré-cambriana" é "pra lá" de 500 milhões de anos!

Ela prossegue na explicação:

- O antigo litoral do Nordeste está debaixo do mar. A costa do Nordeste está sofrendo atualmente um processo de subsidência, ou seja, está baixando, porque a crosta terrestre se move. Sempre houve épocas mais quentes e menos quentes. Houve grandes secas, a formação dos grandes desertos. Mas pode começar agora a chover, chover...

Interessante a informação, então não é só o aquecimento global o causador do temido recuo da costa, para as cidades litorâneas.

AS GUARITAS DO PARQUE, HOJE SUSTENTADAS PELA PETROBRAS

Pouco depois chegamos à guarita do Vinte. Como todas as outras guaritas em funcionamento, está impecavelmente limpa e cuidada pelas duas "guariteiras" de plantão. O nome oficial da função é "agente de portaria". Hoje estão trabalhando Girleide Ribeiro dos Santos, de 24 anos, e Maria José Alves de Oliveira, de 27 anos²⁵. São 28 guaritas construídas, mas até hoje não se conseguiu uma solução permanente para financiar essa estrutura. O antigo Ibama, atual Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, contrata uma empresa terceirizada para a vigilância. São 22 homens no Parque, em turnos, que circulam permanentemente, e outros 10 em outros locais, como no escritório.

Num dia em que eu voltava, exausta, de uma caminhada no Desfiladeiro da Capivara, acompanhada da guariteira Maria do Carmo Santos Barbosa, que foi nossa guia, e do professor voluntário Walter Ebertz, que deu aulas de espanhol no projeto Pró-Arte, da Fumdham, peguei carona com o segurança Cleiton, que estava de moto. Detalhe: a moto do Cleiton também não tinha espelho retrovisor, como quase todas as da cidade, porque consideram "feio". O número de acidentes de moto com vítimas tem aumentado assustadoramente.

²⁵ Em julho de 2008.



DO GUIA E AMIGO

- Ela nunca brigou comigo, não sei por quê, não dei lugar... eu não mentia, e ela não gosta de quem mente. Já foi Deus que mandou aquela mulher praqui, sem ela não sei como é que nós tava.

NIVALDO COELHO
pioneiro da Serra da Capivara

A REPRESSÃO À CAÇA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O chefe do Parque Nacional Serra da Capivara, Ítalo Robert Trindade de Carvalho, me explicou a luta que é a repressão aos caçadores. Dias antes de nossa entrevista ele prendera, mais uma vez, o "Onça", um dos maiores caçadores da região de João Costa, preso em flagrante com dois tatus. Esse mesmo caçador já foi flagrado com caititu (porco do mato), veado e cinco tatus, meses antes. Tatu verdadeiro, como se diz, para distinguir do bola, possivelmente já extinto na região. Quando o animal é apreendido ainda vivo, é solto no

parque. A multa era R\$500 reais, agora subiu para R\$5 mil. Mas autua e solta, nem a multa adianta muito, o próprio Onça deve R\$15 mil de multas atrasadas! Por enquanto, o combate à impunidade está restrito à eventual dificuldade encontrada pelo devedor em alguns trâmites oficiais. Para se aposentar, por exemplo.

- E tem o vexame de passar a noite em cana - conta Ítalo, antigo funcionário do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento das Florestas, o extinto IBDF, desde 1977. - Ontem mesmo, fui fazer a vistoria de uma cerca na região dele e todo mundo já sabia da prisão. O irmão, que trabalha para a gente, diz que a moto é da mãe, mas continua apreendida porque foi usada para conduzi-lo à caça.

Ítalo descreve como os caçadores vão modificando as formas de atuar, segundo a repressão. Eles já não arrancham no Parque. Usam vários tipos de armadilha. Tem a espingardinha sem bala, uma espécie de forquilha com um bico no meio para disparar na cabeça do animal, quando ele pisa numa linha de nylon. A mesma coisa com a seta, que é para não chamar a atenção do guarda. Todas as duas são um perigo para os próprios caçadores, quando alguém não sabe da localização da armadilha.

- Hoje eles usam mais é cachorro para caçar. Vão para a roça, depois voltam só para pegar a presa, porque já conhecem as trilhas dos animais. O cachorro acua o animal, com exceção de ave. Um bom cachorro de caça, como tinha esse Onça, vale mil reais. Dessa vez ele não estava com cachorro, o dele foi morto da outra vez, porque estava acuando os animais silvestres.

O grande problema da caça é no entorno do Parque, onde há centenas de famílias assentadas. Um tatu pode valer de 30 a 50 reais. Não é fonte de alimentação para o caboclo, quem mais come caça é o fazendeiro rico, o político, que encomenda a caça. O interesse econômico da atividade gera as ameaças e o risco constante para os funcionários do Chico Mendes e à própria Niède, que já foi jurada de morte várias vezes.

- Às vezes telefonam, dizem que eu sou muito audacioso, sou "farosteiro" aqui, que eu não sou daqui, que eu quero mandar... - conta Ítalo. - Eu respondo que

estou apenas obedecendo à lei. O bom é que, graças às medidas de proteção, o Parque está lotado de animais!

A repressão à caça e a retirada dos moradores do Zabelê dos limites do Parque são a origem do ressentimento de parte da população em relação ao "Ibama" e à "Doutora", duas "entidades" que se misturam no imaginário popular. Mas a única autoridade federal do lugar acaba sendo chamada para os mais diversos casos.

IBAMA É DEUS E O DIABO, GARANTE ANALISTA AMBIENTAL

A analista ambiental Karla Selma Batista Lima, bióloga e professora, estava chegando à sede do Ibama/Chico Mendes, em São Raimundo Nonato, junto com o Ítalo, no dia em que gravamos a entrevista²⁶. É ela que explica:

– O Ibama é um pouco Diabo e um pouco Deus. Criticam o nosso trabalho e ao mesmo tempo chamam a gente para resolver os problemas. Hoje fomos à comunidade de Nova Jerusalém. Eles nos chamaram para resolver um problema entre o Iterp [o Instituto de Terras do Piauí] e o Incra. Eu já tinha estado nessa comunidade dando palestra sobre a importância de não se fazer queimada, não caçar.

Karla tem experiência como professora e tem um jeitinho bem suave, o que deve ajudar para aproximá-la dos moradores, ressabiados com as "autoridades".

– Agora conseguimos cinco cursos para essas comunidades, como beneficiamento de caju, biojoias, criação de galinha caipira, apicultura e, se sair a licença, o manejo de cacto para exportação, um velho projeto da doutora Niède. Já estivemos em São Vitor, com o pessoal da Univasf e do Pró-Arte, da Fumdham. É um trabalho muito bonito.

Karla refere-se à educação ambiental feita como parte do projeto da Petrobras Ambiental, de recuperação das águas. São Vitor é uma comunidade ao lado de uma antiga lagoa, riquíssimo sítio paleontológico, ao sul do Parque.

Ítalo se emociona quando lhe pergunto quem é a doutora Niède para ele:

– Não tenho nem palavras. É minha amiga. A dedicação dela, o respeito que ela inspira... é difícil ver isso em alguma autoridade. Acho que ela me fez uma pessoa melhor. Um pouco mais rígido, um pouco mais seco, pela luta que vivemos aqui.

A luta é mesmo dura. Niède comprou uma perigosa briga quando um caçador assassinou a própria irmã, guariteira que o avisara que não poderia caçar dentro do Parque. Niède não deixou que o crime ficasse impune. O assassino está preso e, ela, jurada de morte.

²⁶ Karla pediria transferência para o Parque Nacional de Sete Cidades, meses depois.

AS GUARITEIRAS



A guariteira Do Carmo foi minha guia no Desfiladeiro da Capivara, próximo à guarita "do Vinte".

BERTA RIBEIRO foi uma das responsáveis pela criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961, ao lado do marido, Darcy Ribeiro, de Noel Nutels, Eduardo Galvão e os irmãos Villas-Bôas. Incansável pesquisadora, produziu livros de referência essenciais para o estudo de nossos índios, como o Dicionário do Artesanato Indígena e A Arte Indígena - Linguagem Visual. Organizou o primeiro livro assinado por um índio sobre os mitos de seu povo, "Antes o Mundo Não Existia", do dessana-tukano Luiz Lana, do Alto Rio Negro, publicado em 1980 pela Livraria Cultura Editora. Em "Diário do Xingu", a tímida Berta nos surpreende com espirituosas observações do cotidiano das tribos então radicadas no Parque, no final dos anos 1970. Tive o privilégio de conviver com Berta desde a minha adolescência, quando ela e Darcy estavam exilados no Uruguai, junto com meu pai. Com orgulho e emoção, releio os agradecimentos que fez nos livros dos quais ajudei a preparar os originais.



As guaritas atualmente são guardadas só por mulheres, uma opção que Niède fez porque elas são mais organizadas e, uma vez treinadas, se tornam capazes de manter os filhos, já que a maioria é chefe de família. Não é o caso de Girleide Ribeiro dos Santos, por exemplo, de 24 anos, que é casada e tem dois filhos. O marido trabalha na construção civil. As crianças ficam com a sogra, quando está de plantão. Maria do Carmo Santos Barbosa, também do Vinte, contou que no começo o marido fez chantagem, querendo que ela escolhesse entre o emprego e ele. Desistiu, diante da firmeza da mulher, guariteira há cinco anos. Todas têm uma admiração agradecida pela "doutora":

- Para nós, não tem isso de ser bonita, ser feia. Ela quer tudo bem feito, o respeito com o pessoal. Quando ela está no Parque, a gente diz "ih, a doutora vai achar alguma coisa errada". Mas é bom, quando ela vem, fica melhor para nós todas - fala com vivacidade Do Carmo, que me deu uma grande aula sobre a fauna e a flora da região, durante um passeio no Baixão da Vaca. Ela ficou famosa ao conceder uma entrevista segurando uma cobra: a "Indiana Jones" da Serra da Capivara...

Niède conta que os homens na região são muito machistas, quando trabalhavam nas guaritas era tudo sujo, não arrumavam as camas e queriam uma mulher para fazer o serviço para eles.

- Reparei que as mulheres sempre trabalham mais que os homens. Quando é para carregar água na cabeça, é mulher. Quando é no jumento, é homem. Quer dizer, as mulheres são muito mais fortes e realmente eficazes nessa região - conclui Niède.

Essa história me lembrou uma observação da saudosa antropóloga **Berta Ribeiro**, sobre suas andanças pelo Xingu. Caminhando na floresta, o índio sempre vai à frente, sem carregar nada, para proteger a família, que vem atrás em fila indiana. A mulher, além de carregar o

filho pequeno, ainda leva as tralhas para a comida durante a viagem. Por sempre andarem carregadas, elas desenvolveram a interessante habilidade de pegar alguma coisa no chão com a pinça dos dedos do pé. As onças foram desaparecendo e os homens continuam a andar de mãos abanando...

Recentemente Niède precisou reduzir à metade o número de guaritas guardadas, que eram oito em julho de 2008, porque funcionavam à base de uma semana de trabalho por uma de descanso. No entanto uma sentença trabalhista obrigou a alteração do regime para uma de trabalho e três de descanso, a ficou financeiramente inviável. E isso que o sistema é financiado pela Petrobras, através de um projeto para a conservação do patrimônio natural e arqueológico do Parque.

O presidente do ICM-Bio, Rômulo Mello, me disse que vão criar os guarda-parques como cargo de carreira e ele espera poder terceirizar o serviço de guarita com a própria Fumdam. Tomara. Rômulo também mencionou a ampliação do Parque Nacional Serra das Confusões, o que o aproximaria da Serra da Capivara, facilitando a tarefa de conservação e buscando uma maior conscientização das comunidades atualmente instaladas no Corredor Ecológico entre os dois parques.



SERRA DAS CONFUSÕES

Quando viemos pela primeira vez à região, nas férias de 2007, meu filho Ernesto escolheu de atravessarmos a Serra das Confusões, por dentro do Parque Nacional, em vez de contornarmos pela estrada estadual, mais ao norte. O diretor do Parque, **Mitinha**, já nos esperava, pois Ernesto, como chefe do Parque Nacional Serra dos Órgãos, fizera contato por email. A estrada é quase fechada pela caatinga arbórea, num belo arco sobre o carro passando. No trecho em que começa a serra, é de uma beleza única: o leito da estrada é a própria rocha, esfarinhenta, aberto com enxada e picareta. Segundo nos contaram, foi a mando de um padre, para encurtar a trilha dos jegues.

O nome das Confusões seria pelo efeito perturbador do reflexo da luz nas rochas, como me explicaria Néri Trindade, nascido e criado na região do Parque, hoje um dos funcionários (temporários) que cuidam de sua preservação.

Nos baixões escondidos pela serra há redutos úmidos, onde somos surpreendidos pela presença de avencas e samambaias, próximas aos pingas, como chamam aqui os locais onde a água fica pingando de forma permanente. Muitas árvores e o leito seco de um rio dão a exata impressão de que estamos em plena mata atlântica, na verdade a vegetação que já ocupou toda essa região, milênios atrás.

Na entrada do escritório do Ibama/ICM-Bio em Caracol, uma estante guarda a "Coleção Professor Hussan Saher", de cobras guardadas em grandes vidros cheios de formol, e uma plaquinha: "Doação André Pessoa". Ouvi muito

JOSÉ WILLMINGTON RIBEIRO PAES LANDIM, o Mitinha, era funcionário de carreira do antigo IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. No começo de 2008 estava empenhado, com Júnior, em formar os conselhos gestores com participação da sociedade civil, nos municípios do entorno do Parque Nacional Serra das Confusões.

JOSÉ FRANCIMAR VELOSO JÚNIOR formou-se em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba, onde também concluiu o mestrado com tese sobre Mapeamento e análise das alterações do uso da terra e da cobertura vegetal na região da serra de Teixeira-PB através de técnicas de Sensoriamento Remoto, sob orientação de José Ferreira da Costa Filho. Analista ambiental concursado do Ibama/ Instituto Chico Mendes, trabalhou primeiro no estado do Amazonas, transferindo-se em 2005 para o Piauí. Desceu do ônibus em Caracol, com uma cuscuzeira pendurada na mochila: "Esse vai ficar" – pensou, satisfeito, o chefe Mitinha, cansado de ver jovens candidatos ao posto chegarem e partirem pouco tempo depois. O chefe não poderia imaginar que, graças à dedicação demonstrada no cargo, quatro anos depois Júnior seria convidado a assumir a chefia do Parque Nacional do Catimbau, sediado em Arcoverde, Pernambuco. Também parque arqueológico, o Catimbau estava precisando de alguém, como Júnior, que pudesse ajudar na preservação das gravuras rupestres, vítimas de vandalismo.

falar do André, um repórter fotográfico que está sempre por aqui, fez excelentes fotos e descobriu vários sítios de pinturas rupestres, como a Toca do Enoque, que visitaríamos com o **Júnior**, o analista ambiental gente boa que nos levou para conhecer alguns dos locais mais interessantes do Parque. Na ocasião, tanto a Toca do Enoque quanto a do Alto do Capim, bem próxima, escondiam, intactos, seus tesouros arqueológicos, revelados na escavação iniciada em 2009. A arqueóloga Fátima Luz me contou depois que escolheu onde começar a escavar no Enoque justamente sob o caracol pintado na rocha, ao lado do qual tiramos fotos meses antes.



Na foto de janeiro de 2008, Julia está na Toca do Alto do Capim, sobre um cemitério milenar ainda não revelado.

OS DOIS PARQUES E O CORREDOR ECOLÓGICO

Na época em que criaram o Parque Nacional Serra da Capivara, em 1979, o estudo previa a inclusão da área dos dois parques. Na verdade, só em 1998 criaram o das Confusões, quando o manejo da fauna da Capivara se tornava quase inviável sem a criação do outro parque e do Corredor Ecológico entre eles. Durante a seca, os animais costumam migrar da Capivara para as Confusões, onde a água dura mais.

O Corredor foi formalmente criado em 2005, já no governo Lula, com 420 mil hectares, incluindo a estrada asfaltada que percorremos entre os dois parques, a PI-144. Na mesma ocasião, mais de 2 mil famílias foram oficialmente assentadas.

– Este é o Assentamento do Saco – explica Júnior, ao nos conduzir pelo Corredor Ecológico e falar dos inúmeros problemas para a proteção da área. Paramos bem no

acostamento da estrada PI-144. – O nome é por causa da fazenda que existia aqui. Hoje o assentamento está em boa parte dentro do Corredor Ecológico Capivara-Confusões. Quer dizer, a população tira a vegetação nativa para vender a madeira, para fazer plantio, e não há um trabalho de conscientização. Ainda tem o problema com os caçadores. Mas o que falta mesmo é a educação ambiental – lastima Júnior.

Ele me explica que a gestão do Corredor deveria se submeter a um Conselho Consultivo, que ainda não foi criado. Converso com um grupo de moradores, meio ressabiados com a câmera. Maria José me conta que o assentamento tem dez anos, mas ainda não foi legalizado. Nunca ouviram falar do Corredor Ecológico. Tem associação de moradores e o chefe é vereador. Houve assistência para a implantação, como água e luz, mas agora falta assistência para a agricultura. Plantam milho, feijão, mamona. Tem escola, um recente posto médico. A maioria vem de um povoado chamado Lagoinha, perto de Caracol:

– Lá a gente não tinha terra, só uma casinha...

Passa um jegue carregando água e duas crianças.

SERRA VERMELHA

Uma hora depois chegamos ao Assentamento da Serra Vermelha, a 38 km do asfalto. A vila tem uma fileira de casas de cada lado, todas com cisternas para água da chuva. Parece que estão abastecidas. Ao contrário do Saco, na beira do asfalto, aqui há menos recursos, mas a comunidade se revela muito mais organizada. Somos recebidos pelo tesoureiro da Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Serra Vermelha, do município de Jurema, Piauí. Bastante articulado, Risolete Dias Rodrigues me explica que a associação existe há dois anos e que eles ainda não receberam o "nosso" Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Risolete não titubeia na explicação:

– O funcionamento é assim. Você vai no Banco do Nordeste e apresenta um projeto para plantio de capim, de caju, de palma, ou para criar abelha, por exemplo. O projeto é da Associação, do grupo de produtores. Reúne, faz a corrente e aí a gente chega lá. Eles financiam. Nós estamos produzindo farinha de mandioca.

Agora eu entendi porque só tem criança na rua, mesmo já tendo passado a hora do sol quente. Estão todos na casa de farinha, no final do povoado. É uma recepção carinhosa, diferente de quando se entra numa favela, por exemplo, e as crianças freneticamente querem aparecer “na televisão”. Aqui, elas estão excitadas com a novidade da nossa presença e correm alegremente à nossa volta. Enquanto nos dirigimos para a casa de farinha, pergunto a Risolete se ouviu falar do Corredor Ecológico e ouço uma raríssima resposta positiva:

EXPLICAÇÃO SOBRE O CORREDOR ECOLÓGICO

- Do Parque da Serra da Capivara até a Serra das Confusões? Já, porque a gente já esteve junto muitas vezes aqui com o Júnior, o pessoal lá de Caracol e ele sempre tem orientado nós.

Percebo que o alheamento à existência do Corredor é porque a maior parte dos assentados sabe vagamente que há normas a cumprir, restrições de uso, e eles preferem fingir total ignorância. Não é o caso do nosso inteligente interlocutor, que apreendeu as vantagens da proximidade com um analista ambiental do "Ibama". Júnior está em vias de conseguir apoio para novas atividades de geração de renda, se houver interesse da comunidade.

Risolete explica o que entendeu sobre o Corredor:

- Tem que ter cuidado com a madeira, não caçar, todos os bichos têm direito a viver como nós. Eu mesmo tenho 40 anos e nunca vivi de mato [da caça].

CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA

Chegamos à casa de farinha, onde várias pessoas se ocupam nas diferentes etapas da produção. Aqui é a farinha ralada, o povo lavando, a água da manicoera deixa assentar para fazer a tapioca. Para descascar é na faca, mas tem uma máquina para ralar - deve ser do financiamento. Num jirau, a massa úmida ralada é posta para secar. Depois passa na peneira, vai para o forno. Passa de novo na peneira para poder apurar só a farinha. Os "caroços" ficam para ração.

Elineide Costa Ferreira Dias, de 33 anos e mãe de dois filhos, me explica que todos têm casa no povoado ali atrás:

- O pessoal se reuniu, falaram com o dono da terra, o PCPR²⁷ comprou e doou pro pessoal. Aí estamos tudo aqui.

O grupo usa coletivamente a casa de farinha, em regime de mutirão. A colheita da roça chama "desmancha" e a de cada família dura, em média, 7 dias, com todos ajudando, como me explicou Maria da Conceição Lacerda Ferreira, 33 anos, dois filhos. A produção é de seis sacos de 50 quilos de farinha por dia, vendidos a um comprador que vem da cidade buscar a 40 reais cada um. Todos ali também têm casa "na Canabrava", um povoado mais próximo ao asfalto onde tem escola para as crianças maiores.

²⁷ PCPR é Programa de Combate à Pobreza Rural, do Programa Nacional de Crédito Fundiário, do Ministério do Desenvolvimento Agrário. É um fundo perdido para os trabalhadores: "Quando for mais para a frente a gente vai começar a pagar esse terreno. A gente não pagou ainda não."

CULTURA LOCAL

Maria do Socorro tem 60 anos e 4 filhos. Foi a única que soube enumerar as várias qualidades da macaxeira e da mandioca. A principal diferença é que a mandioca é venenosa, tem que lavar e jogar a água fora.

– Macaxeira-chapéu, mandioca branca, agresteira, mandioca da preta, macaxeira serrana, paulistinha. Essa é uma que é bem amarelinha. A folha serve para inchação e inflamação.

Estou encantada com os conhecimentos da Socorro, mas está quase anoitecendo e a estrada não ajuda muito para seguir no escuro. Júnior ainda combina rapidamente uma outra conversa, sobre a possibilidade de alguns cursos, como o de biojoias.

Já no caminho de volta, cruzamos com uma fila de moças carregando cabaças de água na cabeça. Elas são moradoras de Capim, povoado encravado no parque Serra das Confusões. "O caldeirão deu defeito", explicou-me Maria das Mercês Neves dos Santos, mãe de 7 filhos. Sempre a água.



O TRABALHO COMO "ENGENHEIRA" DAS ESTRADAS

Quem acompanha Niède nas saídas matinais pode pensar que ela só se preocupa com as obras de conservação dos sítios e das estradas internas do Parque, como aconteceu com o repórter Marcelo Leite, da Folha de São Paulo, que a procurou em 2000, para ouvi-la sobre a polêmica com Walter Neves e o colega francês André Prous. Ora, ela simplesmente não estava a fim de botar lenha na fogueira²⁸.

De fato, ela adora realizar coisas palpáveis, trabalhar como engenheira. Diz que aprendeu com o pedreiro e o carpinteiro que começaram a obra na casa que ela e Vilma reformaram no Lot, no sudoeste da França. Para as estradas do Parque, ela teve a orientação de um engenheiro amigo, que veio de São Paulo com mais um colega, professor da Escola Politécnica:

– O DNER²⁹ não conseguia fazer aqui uma estrada. E a nossa, que foi feita em 1992, nunca mais foi interrompida – explica Niède, enquanto percorremos o traçado da antiga BR-020, que passava toda dentro do Parque. – Você está vendo, aqui tem um muro de contenção. A estrada tem que ser sempre mais alta que os lados, e sempre com escoamento para a água.

²⁸No Congresso Internacional de Arte Rupestre realizado em São Raimundo Nonato de 29 de junho a 3 de julho de 2009, lá estava André Prous, convidado pessoalmente por Niède Guidon, que se elegeu presidente da IFRAO – International Federation of Rock Art Organisations.

²⁹Antigo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, atual DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes.

Justiça se faça, as estradas são quase sempre de terra, revestidas de piçarra nos trechos mais vulneráveis, com canaletas e "gamelas" para a água das chuvas torrenciais, que caem no inverno. Mas em excelente estado de conservação. Niède ainda lembra que todo arqueólogo precisa de boas noções de contenção de encostas.

A CONSERVAÇÃO DAS ESTRADAS

Encontramos o Carlos³⁰, o "homem de campo" da Niède, formado em contabilidade, mas que abandonou a profissão para ser uma espécie de mestre de obras das estradas do Parque. Em se tratando de uma área de 130 mil hectares, é um trabalho infundável, que ele realiza com prazer, porque adorou sair do escritório para trabalhar ao ar livre. Só anda de calça camuflada e bota, de estilo militar. De traços finos e pele morena bem escura, acaboclado, Carlos faz lembrar a miscigenação ocorrida na região. O Garrincho, local de importantes sítios calcários e hoje de uma adutora de água, na fronteira sul do Parque, era uma antiga vila de escravos negros trazidos pelos ingleses, que tentaram implantar um projeto têxtil na região, o que não deu certo. Os ingleses foram embora, mas os escravos ficaram e se misturaram. E no Piauí havia índios de pele escura, segundo os antropólogos. É uma mistura intrigante, que alimenta as hipóteses das várias origens dos ocupantes da região.

E O MAR VIROU SERTÃO

– Eu tenho que ir no morro do Ranulfo – diz Niède ao Carlos – mas quero ter certeza de que tenha alguém para nos mostrar os bichinhos no lugar... – Niède se refere a fósseis de trilobitas, descobertos na região de São João Ramiro, a leste do Parque. E me explica: – Isso aqui foi um antigo fundo de mar. Há uns dois ou três anos me trouxeram uns fósseis de trilobitas, que foram as primeiras manifestações de vida macroscópica na Terra. Quer dizer que eles estavam no fundo desse mar e ficaram debaixo da areia. Quando o terreno subiu, os fósseis ficaram lá em cima da serra. Pedi a uma colega francesa para ela fazer um estudo – continua Niède. – Ela me pediu algumas informações sobre a geologia da região. Como eles andavam assim na areia, se arrastando, é possível encontrar o rastro. É no município de João Costa.

DESFILADEIRO DA CAPIVARA E TOCA DO PARAGUAIO

Estamos agora no Desfiladeiro da Capivara, dentro do Parque Nacional. É o pedaço mais bonito do Parque, com vegetação abundante e muitos abrigos sob rocha – as tocas – repletos de pinturas. Agora, no inverno, a vegetação está toda

³⁰ Carlos Roberto Vieira de Souza, funcionário da Fumdam responsável pela manutenção do Parque: "Se acontece alguma coisa ele é um homem morto, comido pelas onças", segundo explicação da Niède.

verdinha. Vale dizer que aqui, como em todo o Nordeste, no Pantanal e na Amazônia, inverno é a estação das chuvas e verão a da seca. No sudeste do Piauí, o "inverno" vai de novembro a abril, mais ou menos. Aqui nesse trecho do Parque é a chamada caatinga arbórea. Os cursos d'água reaparecem, a mata parece adquirir vida, lembrando outras épocas mais úmidas. Paramos junto a uma pequena queda d'água, eu e Niède encantadas com a beleza da paisagem.



Niède mandou construir reservatórios como este em todo o parque, para garantir a água para os animais durante a seca.

– E aqui na frente tem a Toca do Paraguaio, que foi uma das primeiras³¹. A gente escavava lá e vinha tomar banho nessa cachoeira... – mostra Niède, apontando para a água que cai na piscina que se formou no reservatório cimentado de um lado da estrada, expressamente para acumular a água da chuva. Um canal com uns dois metros de largura, do outro lado da estrada, transformou-se num riacho. O ruído da água correndo é uma delícia, particularmente num lugar quase sempre tão seco.

Niède aceita meu convite para dar um pulinho no Paraguaio: – Para quê? – chega a perguntar, vivamente. – Ué, para passear, ora... – Vamos – decide, saindo do carro.

Subimos uma escada de degraus largos, feitos com cimento misturado com a areia e seixos do lugar. A Toca do Paraguaio é dez metros acima do nível da estrada, que passa no fundo do vale, o que protege o lugar das enxurradas.

GEOMORFOLOGIA DO PARAGUAIO

Tecnicamente, a Toca do Paraguaio fica no *front* da *cuesta*, que leva o nome de Serra da Capivara. É o contato da tal planície pré-cambriana, do chamado grupo Salgueiro, e a chapada de arenito do grupo Serra Grande. Esses nomes foram dados às formações rochosas do relevo brasileiro no Nordeste, no levantamento feito pelo Projeto RADAM³², durante os governos militares.

Em outras palavras, é uma área de transição entre o sertão semi-árido, nos flancos leste e sul, e a região amazônica mais úmida, no flanco oeste. A formação desse relevo se deu quando se elevou a serra da Borborema e abaixou a Bacia

³¹ A escavação e quatro sondagens foram feitas na parte alta do abrigo em 1978, em busca do contexto cultural das pinturas rupestres. Por causa do uso intensivo da toca por viajantes e caçadores, as camadas superficiais estavam bastante mexidas.

³² O Projeto Radam – Radar na Amazônia – foi criado pelos governos militares para o levantamento das riquezas minerais da Amazônia, depois expandido para todo o Brasil, sob a responsabilidade do Departamento Nacional de Produção Mineral, ligado ao Ministério de Minas e Energia. Na época, a esquerda nacionalista denunciou que era um projeto financiado pelos norte-americanos para se apossarem de nossas riquezas.

do Parnaíba. A falta de continuidade nesse *front* da *cuesta* deve-se á fragilidade de algumas camadas do terreno sedimentar e à influência do antigo curso do rio São Francisco.

O VELHÍSSIMO CHICO E O MAR

Pasmem, o São Francisco desembocava no mar ao norte, no Atlântico Equatorial! Acreditava-se que o Velho Chico teria desviado para leste quando se levantou a *cuesta*, há 160 milhões de anos. Até então ele avançava através do amplo vale do rio Piauí, do rio Parnaíba e do seu delta, levando muito cascalho, o que contribuiu para o recuo das escarpas das *cuestas* e sua divisão em várias serras. Outros autores acham que a mudança se deu no período Quaternário médio, ou seja, geologicamente mais recente, coisa de menos de 50 milhões de anos. Mas parece que os modernos métodos de datação, aplicáveis às dunas, por exemplo, do Médio São Francisco, estão traçando um perfil bem mais recente para o curso do rio:

*"... até 700 mil anos AP, o rio São Francisco seguia para Norte, alcançando o Atlântico Equatorial, através do amplo vale do rio Piauí..."*³³

A explicação da formação geológica da região é incrível. O terreno conglomerado, como na Toca do Paraguaio, seria um "retrabalhamento de cascalhos" do grupo Serra Grande, em ambiente aquático com considerável energia, ou seja, possivelmente com o mar batendo muito, num clima bastante frio! Para quem não sabe, seixo é a pedra rolada, gasta pela erosão da água, seja de um rio ou do mar. Estamos falando do limite da Bacia do Parnaíba, que começa aí com planícies fluviais e passa a litorâneo influenciado por marés, à medida que se avança para o norte. O fato é que mesmo o leigo percebe nos paredões das tocas as várias camadas ou lâminas diferentes do terreno, ora com uma granulação mais grossa, às vezes com seixos de diferentes tamanhos, ora de granulação mais fina.

LOCALIZAÇÃO DO PARAGUAIO

Nesse trecho, a serra da Capivara é cortada por vales estreitos chamados de **boqueirões**. A Toca do Paraguaio faz parte do Boqueirão do Paraguaio, "em forma de lança", que drena a água que desce da chapada, passando em frente à toca. Para quem gosta, fica a 776238 de UTM L e 9028069 de UTM N. Grosso modo, esses números indicam a medida em metros num mapa quadriculado da região, com coordenadas leste e norte. O sistema permite calcular em metros a distância entre um ponto e outro, apenas conhecendo as coordenadas. É uma

³³ Mabessone (1994) IN: Valença e Lima Filho (2001), citado por LA SALVIA, E.S. "A Reconstituição da paisagem da paleomicrobacia do Antônio e a sua ocupação pelo homem no Pleistoceno", tese de doutorado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, 2006, orientada inicialmente por Niède Guidon, depois por Suely C. de Albuquerque Lima e Ana Lúcia Nascimento.

das opções de medida dos aparelhos de GPS (*Global Positioning System*), que podem também fornecer a posição em graus, por latitude e longitude.

- Olha só o cuidado com que foi feito o caminho - orgulha-se Niède. - Em cada lugar do Parque foi usado um material, harmonizando com o ambiente - explica, enquanto sobe lentamente os degraus. - E olha a quantidade de fungos! Depois dizem que não tem fungo na caatinga...

RECORDANDO OS PRIMEIROS TEMPOS NO PARAGUAIO

Pergunto sobre os seus joelhos. Ouvi várias histórias de saltos absurdos que ela deu, com os joelhos já lesionados.

- Quebrei os dois joelhos pulando por aí. Arrebentei todos os ligamentos. O mesmo médico que operou o Ronaldinho, lá em Paris, me colocou uns pinos. O Ronaldinho era jovem, valia a pena costurar, o meu não valia...

Vamos chegando ao sítio, onde uma passarela de mais de quinze metros permite a visita à toca, primeiro, e ao paredão que se segue, com muitas pinturas. Ofegante, Niède dá uma paradinha. Aproveita para me mostrar as pedras que foram arrancadas do conglomerado que reveste a parede inclinada desse trecho da toca, e que tinham pinturas. O pessoal arrancava como recordação!

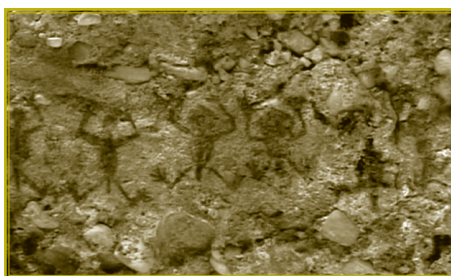
- Incrível o tamanho dos seixos de quartzo desse conglomerado - comento.

- Está vendo, aqui era fundo do mar... e aqui as pinturas... tradição Nordeste... - chega a dizer Niède. - Mas muito estragado...

Mãos na cintura, Niède reconstitui a cena, apontando aqui e ali:

- As escavações foram aqui, saíram dois esqueletos. Mas já tinha saído outro - e ela conta a tal história tragicômica de que a polícia prendeu um suspeito que teria enterrado ali sua vítima. O pobre coitado até confessou, depois de passar dias só tomando óleo de rícino...

BOQUEIRÃO é a garganta estreita na serra, por onde corre um rio. No caso da Serra da Capivara, esses cursos d'água desaparecem, mesmo quando voltam a se formar no período de chuva. O rio Piauí, que corre no sentido nordeste ao sul do Parque, limitando a área forrageira dos antigos grupos humanos que povoaram a região, tem, ou tinha, um regime torrencial de escoamento rápido. Digo "tinha" porque o desmatamento e as barragens praticamente acabaram com o rio. Sinônimos de boqueirão, segundo o dicionário Houaiss: bocarra, brechão, desfiladeiro, foz, via.



Há pinturas em alguns seixos (antigas pedras roladas) nas paredes da toca.

NOVAS DATAÇÕES CALIBRADAS DAS SEPULTURAS

Em 1998, Niède publicou o resultado da datação dessa primeira sepultura em 7.000 ± 100 anos AP³⁴.

Com as descobertas dos últimos cinquenta anos, os cientistas estão avançando na "calibragem" das idades fornecidas pelo radiocarbono. Existem variações na quantidade de carbono-14 na atmosfera, dependendo da época ou da região magnética da Terra. Uma das formas de conhecer essa variação no tempo é examinar estalagmites das cavernas, pesquisando a variação da quantidade de carbono-14 nas camadas dessa formação calcária. O mesmo pode ser feito analisando os anéis de crescimento de árvores fósseis ou corais do último período glacial, submersos em 40 a 120 metros d'água.

Como os esqueletos muito antigos quase sempre perdem o colágeno que permitiria a datação, o que se usa é datar o pedacinho de carvão encontrado no mesmo nível do sepultamento. No caso, o primeiro esqueleto da Toca do Paraguaio estava no nível IX, a 45 cm do começo da escavação.

No nível XV surgiu a segunda sepultura, numa fossa circular cercada de pedras e forrada de cinza. Seria uma mulher, colocada em posição fetal. A datação por C-14 deu 8.670 ± 120 anos AP. As ferramentas de pedra encontradas nas sepulturas eram bem simples, sem muitos retoques, quase todas em quartzo, a rocha mais frequentemente utilizada.

PINTURAS PERTO DA ÁGUA

- E aqui nós deixamos essa fogueira, estamos num nível de mais ou menos 9.500 anos. Logo embaixo está a rocha. Aqui passava um rio, eles ficavam aqui pintando... Está vendo, aqui era uma cachoeira... - e aponta o caldeirão formado na rocha pela queda d'água, que certamente existiu por muito tempo. O **caldeirão**, como chama na região esse tipo de buraco redondo no lajedo, feito pela água, torna-se muitas vezes a única fonte de água durante a seca. No caso, a antiga queda d'água é exatamente na linha da chuva, o que hoje seria o começo do "abrigo", e que antigamente devia ser atrás da cachoeira... - Eram certamente muitas cachoeiras - completa.

Lembro de Niède contando, em outra ocasião, com um jeito moleque que parece o da personagem Emília, a boneca-gente-diabinha, de Monteiro Lobato:

- A Anne-Marie [Pessis] fica louca quando eu digo isso, mas as pinturas são sempre perto d'água. Visitei uma tribo lá em Rondônia, quando o Ministério da Cultura me pediu um parecer sobre umas pinturas rupestres. Seria mais fácil declarar a região patrimônio histórico-cultural do que reserva indígena. E os índios me mostraram as pinturas que havia atrás da cachoeira. Eles entravam por

³⁴ Saiba mais sobre "Métodos de Datação em Arqueologia", à página 289.

trás da queda d'água e pintavam lá. Então... - com o risinho maroto, Niède se refere à precisão cartesiana inutilmente perseguida por Anne-Marie, quando o assunto envolve Niède Guidon. Em tese, segundo a metodologia científica, ela só poderia fazer essa afirmação depois de um estudo acurado que provasse essa hipótese³⁵.

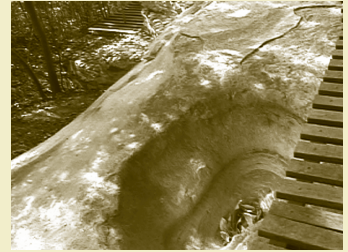
PARADOXOS DA ARQUEÓLOGA NIÈDE E SUA CLASSIFICAÇÃO

Esse, aliás, é apenas mais um dos paradoxos de nossa arqueóloga. Ao lado de uma enorme rigidez de que é capaz, no nível de exigência de seus colaboradores ou de si própria, Niède consegue administrar um grande humor sarcástico, uma alegria moleca que perpassa as provocações que adora fazer a todo mundo. Ela jamais provoca alguém humilde, por exemplo, é de uma generosidade e delicadeza tocantes. Mas aí do amigo ou amiga mais próximos...

- Eles deviam pintar enquanto estavam pescando, comendo, se divertindo - prossegue Niède na reconstituição do que ocorria há uns 10 mil anos. - Tinha a cachoeira e o fogo. Lascavam pedra, aqui tem utensílios de pedra lascada, carvão aí, eu deixei para que o povo que visitasse pudesse ver... deviam sentar nessa rocha e fazer fogo aí. E o rio correndo aqui...

Estou tão maravilhada com o "espetáculo" de Niède interpretando nosso homem pré-histórico "curtindo" o lugar paradisíaco, que mal olho as pinturas. Vejo, por alto, figuras antropomorfas, muitas setas. Arrisco uma pergunta sobre as pinturas. Como é essa história da tradição Agreste, a mais "tosca", deixar de ser a mais recente para ser a mais antiga, como sugere a datação antiquíssima do Bonecão da Bastiana? Dessa vez, quando ela me fala das novas descobertas que tudo mudam, esgrimo rapidamente o argumento da estratigrafia, que seria determinante para saber qual foi feita primeiro. E consigo uma informação preciosa:

- Mas acontece que nós não sabemos quanto tempo durou a tradição Agreste...



CALDEIRÃO é a depressão natural no leito de rio ou lajedo onde a água fica retida quando o rio seca. Em geral, podem-se encontrar aí peixes, pedras preciosas ou minério de ouro. Na Bahia e em Minas Gerais, dá-se o nome de caldeirão ao buraco arredondado e cheio de cascalho no final das lavras, ou seja, na "piçarra", das escavações para mineração, as "catas". Na memória histórica da região do sudeste do Piauí, forasteiros que chegavam cavando estavam em busca de minérios ou pedras preciosas, daí a interpretação que deram ao começo da Missão Franco-Brasileira.

³⁵ Em artigo publicado em 2002, na Revista CLIO Arqueológica nº. 15 - "Contribuição ao estudo da paleogeografia da área do Parque Nacional Serra da Capivara" - Niède Guidon relata as escavações feitas na Toca do Deitado, na Toca do Veado e na Toca do João Arsená, em 2001, do ponto de vista das revelações sobre o paleoclima e sua relação com os assentamentos humanos. No Deitado corria uma torrente junto ao paredão nas épocas de chuva, que apagou parte das pinturas reveladas na escavação (abaixo do nível do solo atual). A Toca do João Arsená revelou-se ser numa ilha, num braço de rio que banhava a Toca do Veado. Depois de detalhadas explicações, Niède conclui que merece ser tema de pesquisa a proximidade dos registros gráficos aos locais onde há água.

Ah! Então a hipótese que ela está trabalhando talvez seja que a Agreste perpassou toda a tradição Nordeste... ou talvez, como me pareceu ao entrevistar Anne-Marie Pessis, pode ter havido mais de um grupo humano com pinturas identificadas como "Agreste", um muito antigo, outro recente. Em outra ocasião, Niède chegou a dizer:

- Acho que temos que partir para uma bifurcação: uma região que tinha um grupo e outra região que tinha outro [identificados até agora como um único grupo cultural]. Mas isso vai depender ainda de muita pesquisa que estou fazendo nesse momento.

Para mim não ficou muito claro se Niède se referia à tradição Agreste ou ao estilo Serra Branca, hoje identificado em vários sítios também no sul do Parque³⁶. Logo em seguida diz que a "dona dessa parte" é a Anne-Marie, que fez Antropologia Visual:

- Sou a mulher da materialidade: escavo, dato, vejo os vestígios. Sou mesmo pré-histórica, não sou da alta tecnologia...

Niède se refere ao levantamento fotogramétrico que foi feito inicialmente em seis sítios do Parque, por uma equipe espanhola. Na verdade, não é bem fotogramétrico, esse é apenas o nome do projeto. A tecnologia é muito mais sofisticada que isso. Não são fotos, são "nuvens de pontos", milhões deles, que, devidamente processados, recriam virtualmente o objeto. É o mesmo equipamento que a Petrobras está usando para localizar novas reservas de petróleo.

ALTA TECNOLOGIA NO ESTUDO DAS PINTURAS MILENARES

A partir do escaneamento de alta precisão das pinturas rupestres, elas estão sendo reconstruídas virtualmente em três dimensões. É a primeira vez que se faz isso no Brasil, aplicado à arqueologia. Segundo o responsável pelo laboratório de geoprocessamento da Fumdham, **Demétrio Mutzenberg**, a técnica foi desenvolvida inicialmente em fábricas de automóvel nos Estados Unidos. No resto do mundo, já foi utilizada para a documentação e reprodução de sítios arqueológicos na França, Espanha e Austrália.

- Até a década de 1970, as pinturas rupestres eram decalcadas num plástico transparente, em que se desenhava com um pincel atômico - lembra Demétrio, referindo-se à técnica dos "relevés". - Isso acarretava muitas distorções, pois o desenhista projetava seu mundo simbólico na tarefa, muitas vezes inserindo detalhes que não existiam no original.

Um laboratório específico para esse projeto foi montado na própria Fumdham, em São Raimundo, sob a coordenação de Anne-Marie Pessis. Quando o visitei,

³⁶ Conheça as tradições e estilos das pinturas rupestres da Serra da Capivara em quadro ao final desse capítulo, à página 104.

DEMÉTRIO DA SILVA MUTZENBERG graduou-se em História, com mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Sua tese foi sobre a Gênese e ocupação pré-histórica do sítio arqueológico Pedra do Alexandre: uma abordagem a partir da caracterização paleoambiental do vale do rio Carnaúba-RN, sob orientação de Gabriela Martín. Iniciou o doutorado na UFPE com Antônio Carlos de Barros Corrêa, sobre A paisagem e ambientes de ocupação pré-histórica no Parque Nacional Serra da Capivara. Atualmente é professor assistente do curso de Arqueologia da Universidade Federal Vale do Rio São Francisco, em São Raimundo Nonato.

em julho de 2008, o estudante de Geografia da UFPE Jonas Otaviano era um dos estagiários do projeto. Demétrio me mostra no computador de última geração a figura tridimensional que representa a entrada da Toca do Pajauí, um dos sítios escolhidos:

- Depois iremos a campo, levando outros instrumentos, como o microscópio digital, que aumenta até 200 vezes, e colorímetros, para conferir estes dados, no próprio sítio.

A BUSCA DA REPETIÇÃO RITUAL NAS PINTURAS

Foi uma "viagem" ouvir Anne-Marie Pessis explicar como uma tecnologia tão sofisticada está sendo posta a serviço do estudo da pré-história. Ela quer isolar as variáveis individuais nos desenhos para assim chegar ao que deve ser representado como ritual naquele contexto específico, estabelecendo um padrão.

Anne-Marie lembra uma história engraçada vivida por Niède e Vilma Chiara entre os índios Krahô, quando elas foram registrar um canto ritual, no gravador. Ao terminar, o homem pede para ouvir a fita. Niède, então, para economizar as pilhas, coloca umas velhas. O homem faz cara feia, assim não seria igual! Quando Niède coloca de novo as pilhas que estavam melhores ele fica contente. Anne-Marie Pessis comenta:

- É isso! Essa precisão, essa procura da repetição ritual, é um dos pontos de partida do trabalho de padronização que estamos fazendo. O fundamento é essa busca da repetição ritual. O que fazem os arqueólogos ou antropólogos visuais é agregar as pinturas em grupos de estilos, segundo suas características, através da padronização de toda uma série de variáveis que precisam ser analisadas. Se eu gero um referencial a partir da representação digital dos painéis, posso quantificar esse padrão, estabelecendo distâncias, profundidades, dependendo dos padrões que estou estudando e que vou reter.

Comento que, então, elas precisam criar um software, já que o trabalho é inédito.

- Claro, é isso que estamos fazendo! - responde Anne-Marie, com um sorriso.
- Uma coisa é chegar à conclusão medindo cada ponto. Outra coisa é ter essas conclusões como hipóteses que vão ser verificadas através de um algoritmo e obtendo resultados quantitativos. Estou verificando quantitativamente o que, até agora, foram hipóteses.

Ouço, encantada, Anne-Marie Pessis me explicar como a precisão matemática será aplicada à compreensão de algo, em princípio, hermético, como o significado de pinturas milenares feitas por grupos culturais extintos. Imagino a dificuldade extra de "capturar" Niède para elaborarem juntas tal projeto. Dá para entender o "desespero" de Anne-Marie, que Niède parece "torturar" com seu caos criativo e executivo, dentro do qual ela parece se entender perfeitamente!

Anne-Marie morou dois anos seguidos em São Raimundo Nonato, para o estudo de sua tese de doutorado³⁷. Mas desde então, apesar de participar diretamente da vida da Fumdam, das pesquisas e orientar seus alunos de pós-graduação que trabalham no Parque, ela volta, regularmente, a Recife, onde fixou residência, vizinha a Gabriela Martín, na Boa Viagem, de frente para o mar. Certamente a doçura e a alegria típicas do nordestino, um pouco mais reservados no interior, como no sudeste do Piauí, cativaram a cientista francesa, acostumada a regras que devem ser sempre rigidamente cumpridas.

Por isso ela inspira um certo respeito receoso dos funcionários, que têm alguma dificuldade em compreendê-la. Afinal, nosso povo sobreviveu a tantas invasões e massacres ao longo da história com muito jogo de cintura, aprendendo com as árvores a vergar os galhos para que não quebrem com os golpes... Mas isso eu só refleti depois. No momento sou toda ouvidos, é realmente um prazer entrevistar uma pessoa tão inteligente.

DIFRAÇÃO POR FLUORESCÊNCIA

- Agora podemos levar para o campo os equipamentos para fazer difração por fluorescência - continua Anne-Marie. - Tomamos um ponto de tinta e colocamos no difrator, que emite um raio luminoso³⁸, revelando a fluorescência da substância. Assim, pelo desvio do raio podemos saber quais são os elementos presentes na amostra. No nosso caso, a maior parte é de óxido de ferro, mas esse óxido de ferro vai estar misturado com outras coisas. É possível conhecer não apenas os elementos dominantes, mas também os elementos-traço, totalmente secundários, recessivos, podemos dizer.

³⁷Em 1980, Anne-Marie Pessis concluiu o Doutorado em Antropologia Visual (Cinematografia) na Université de Paris X, Nanterre, na França, sob orientação de Jean Rouch: "*Modalités du film d'exploration en Sciences Sociales. Le film documentaire: options méthodologiques*". Em 1981 e 1982, foi professora na pós-graduação da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, EHESS, em Paris. Desde 1982, seu trabalho acadêmico é concentrado na arte rupestre do sudeste do Piauí.

³⁸No trabalho "Modelos tridimensionais para análise espacial de painéis rupestres", que Demétrio apresentou no Congresso Internacional de Arte Rupestre - realizado em São Raimundo Nonato de 29 de junho a 3 de julho de 2009 - ele explicou que a tecnologia é de varredura a laser, num modelo híbrido em que às nuvens de pontos aplicam-se texturas e cores obtidas por outros aparelhos, chegando a um registro extremamente preciso em três dimensões. Um bom exemplo é o de uma figura antropomorfa da Toca da Passagem, em que o pé foi desenhado em outro plano, numa depressão da rocha, o que não apareceria com precisão numa simples fotografia ou *relevé*. As outras tocas já documentadas por esse processo são o Boqueirão da Pedra Furada, a Toca da Entrada do Pajaú, a Serrinha, a Extrema II e o Estevo III (a Toca da Onça Branca). Em todas elas há pinturas em perspectiva e/ou superpostas, que poderão agora ser melhor compreendidas.

Essa técnica, da difração por fluorescência, pode ser usada para a restauração de uma pintura, por exemplo. É possível não só identificar o pigmento usado pelo artista mas se houve tentativas anteriores de restauração ou falsificação.

Anne-Marie se refere à nova possibilidade de estabelecer uma identidade específica, como a de um determinado grupo, ou a época em que viveu, talvez descobrir em que lugar aquele pintor pré-histórico coletou a matéria prima da tinta:

- Esses elementos-traços [ausentes] quantificados são, para nós, praticamente uma identidade atômica. Posso saber, por esses elementos-traços, se todos trabalharam com a mesma matéria prima, por exemplo. Isso sim, representa um avanço muito grande, porque nós só vemos até um certo ponto. Agora podemos ver muito além com os instrumentos. A realidade virtual do que vemos é muito diferente da escala humana de nossa vista. A tinta, as relações dentro deste universo pequeníssimo que é a unidade que estamos analisando, passa a ter, morfológicamente, outro universo visual.

A DOCUMENTAÇÃO DAS PINTURAS ANTES QUE DESAPAREÇAM

Independente das análises posteriores, o objetivo imediato é a documentação desse conjunto de pinturas, feitas sobre um material extremamente friável, frágil, que é o arenito. Ao longo desses quase quarenta anos de estudos, pôde-se acompanhar, em muitos casos, a perda angustiante de várias pinturas. Há 40 mil fotos arquivadas na Fumdham, muitas delas de pinturas que já desapareceram – conta Diolinda Macedo, então responsável pela Biblioteca.

Ainda falta muito. O significado buscado não é apenas desconhecido, mas pode ser deliberadamente fechado para só aquele grupo entender. É como os símbolos dos oráculos, que só os feiticeiros conhecem. Uma questão análoga é a da leitura das gravuras rupestres da chamada tradição Itacoatiaras, frequente em vários pontos do Nordeste brasileiro, também presente na região da Serra da Capivara. Vi painéis inteiros no Brejo do Piauí. Na Toca do Morro das Gravuras de Canaã, tem muitas "flechas", escadas, pegadas de felinos, representações que nos pareceram inconfundíveis da vagina. Há gravuras dessa tradição também na Toca da Bastiana, somando-se às pinturas das tradições Nordeste e Agreste³⁹.

ARQUEOQUÍMICA NO BRASIL COMEÇOU NO PIAUÍ

No Núcleo de Antropologia Pré-Histórica da Universidade do Piauí, coordenado pela arqueoquímica **Conceição Lage**, há toda uma geração de jovens arqueólogos,

³⁹ No mesmo Congresso Internacional de Arte Rupestre (São Raimundo Nonato, 2009), assisti a apresentação de um trabalho sobre a Meseta del Strobel, na província de Santa Cruz, na longínqua Patagônia argentina, em que reconheci as mesmas flechas e pegadas de felinos, entre outras gravuras. A arqueóloga Anali Re, interessada no registro de equinos nas pinturas e gravuras, antes e depois da chegada dos espanhóis, atribui esses vestígios ao período do Holoceno Tardio, entre 1.000 e 1.300 anos atrás. Poderia ser um caso de convergência, ou seja, uma coincidência entre manifestações culturais de grupos humanos sem contato entre si.



MARIA CONCEIÇÃO SOARES MENESES LAGE é química com especialização em arqueologia pela Universidade Federal do Piauí, sendo aluna da segunda turma de Niède Guidon, em 1983. Fez mestrado na Université de Paris I Panthéon-Sorbonne, sobre Técnicas de análise de materiais arqueológicos e doutorado sobre Arqueometria da arte rupestre do sudeste do Piauí, também na Sorbonne. É conselheira da Fumdam desde a sua fundação, em 1986, sendo a responsável pela conservação dos sítios arqueológicos do Parque, onde formou os técnicos da área, hoje reconhecidamente os melhores do país. À frente do NAP, ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPI, Conceição atua diretamente no levantamento do patrimônio arqueológico do Piauí, sendo a responsável pelas primeiras prospecções feitas no Parque Nacional de Sete Cidades, no norte do estado, e dos trabalhos de conservação do principal sítio em Castelo do Piauí, também no norte. Oficiosamente, Conceição é a "embaixadora" de Niède em Teresina, para encaminhar a solução dos problemas de saúde, etc., de quem ela manda de São Raimundo Nonato.

que já são os "bisnetos da Niède": a própria Conceição foi das primeiras turmas que se especializaram com Niède Guidon, responsável pela criação do Núcleo, em 1979. Conceição, por sua vez, formou uma geração de jovens que já são professores dos calouros do curso de Arqueologia criado em 2008, em Teresina. Além da conservação dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara – trabalho de extrema paciência e cuidado, que teve oportunidade de acompanhar – Conceição coordena um grupo de pesquisa em arqueometria.

– O primeiro orientando nosso, que hoje já é professor, fez a análise química de ossos humanos, para reconstituir a dieta alimentar na pré-história do Piauí. Temos aqui um painel com o breve histórico das pesquisas – aponta Conceição, no laboratório cheio de amostras e até de alguns ossos fósseis enormes. São instalações acanhadas para toda a atividade acadêmica da área arqueológica, no campus da UFPI, em Teresina. Como uma dona de casa desculpando-se pela casa bagunçada, ela explica: – Aqui funciona o laboratório, depósito, reserva técnica... – ou seja, é tudo num lugar só.

AS CORES DAS PINTURAS

– Aqui é uma amostra milimétrica do pigmento da pintura – mostra Conceição num painel. – Esse é o corte estratigráfico, é a rocha, e aqui a camada de pigmento. A partir desse estudo, podemos observar a técnica de preparo da tinta, como foi aplicada no suporte, se no estado sólido ou líquido. Aqui o pigmento vermelho, o amarelo, o cinza...

Conceição explica que o vermelho, a tinta mais utilizada, é hematita, minério de ferro, o "ocre". O branco é caulinita. O cinza é formado de mistura de branco e vermelho. Pode parecer estranho, mas o vermelho da hematita só aparece quando a granulação é bem fina. E o preto, no caso da Serra da Capivara, tem duas origens:

a vegetal, o carvão, e a animal, fruto da queima de ossos. A tinta pode ter sido aplicada com o dedo ou algo que funcionou como pincel, como um pequeno galho ou pelos de animal. Há diferentes técnicas de utilização, com o pó da pedra misturado em gordura de animal; ou com água, esquentando ou não. Ou com outros aglutinantes, como o sangue menstrual.



ONÇA I

– A gente dormia fora da toca, em rede, porque a onça sobe em pau. Acho que a própria onça se assustou, quando viu tanta gente junto à toca que ela devia usar para dormir. Outra vez a gente estava acampado, próximo a um caldeirão, desses que armazenam água da chuva. De noite, ninguém viu. Ela passou por entre as redes, foi lá no caldeirão beber água. No dia seguinte, o Adatao, da Fiocruz, viu o rastro. E os mateiros também, encontraram pelos da onça. Era pintada.

ONÇA II

– Niède tinha um lado muito maternal. Uma vez em que ficamos acampados, entre as árvores, veio uma onça nos assustar. Nós estávamos escavando, na toca, chegou uma onça e deu aquele esturro, todos ouvimos e vimos a onça. Era um perigo real. Eu fiquei morrendo de medo. Niède percebeu que eu estava muito assustada e que eu não conseguia dormir. Ela passou a noite inteira fazendo fogueira, para que a onça não se aproximasse.



MISÉRIA I

– As aventuras também passavam pela miséria da população local. Lembro de uma senhora com tuberculose, já toda deformada, os olhos saltados. Ela tinha cinco filhos. Ficava deitada numa espécie de cama, uma tábua, e dali ela comandava os filhos pequenos. Nós chegamos, vimos aquela situação triste. A Niède parou tudo e decidiu levar a mulher para o hospital.

MISÉRIA II

– Ali no Sítio do Mocó, no início só tinha mulheres e crianças durante seis meses por ano, os maridos iam buscar trabalho na Bahia durante a seca. Lembro de crianças que não andavam, consideradas doentes. Eram desnutridas. Quando passou a ter merenda escolar, refeição três vezes ao dia, essa criança passou a andar. Eu vi a mudança.

MISÉRIA III

– Ali não tinha água, não tinha luz. A Niède soube que iriam passar luz ali perto, foi falar com o presidente da companhia de luz: "Já que vai passar perto, por que não leva até lá..." A mesma coisa com o telefone. A população da região deve muito a ela.

MISÉRIA IV

– O interesse da Niède em fazer os projetos sociais, o empenho na própria criação do Parque, foi com o objetivo de preservar a fauna, a flora, os sítios arqueológicos. Mas também para dar emprego àquela população carente que vivia ali. Era uma situação muito difícil, muito delicada.



E NASCE UMA NETA

– Eu estava indo para o campo quando entrei em trabalho de parto. Foi Niède quem levou a notícia: "Nasceu a filha da Conceição! Quem sabe vai ser uma arqueóloga!"

Eu brinco: temos aqui uma neta de Niède Guidon!

CONCEIÇÃO LAGE,
arqueóloga da UFPI

ANTES E DEPOIS DE NIÈDE

– O estado do Piauí é riquíssimo, com as descobertas da professora Niède Guidon, foi redirecionada a história da arqueologia no Brasil. A gente vê a diferença na própria família: meu irmão mais novo tem um conhecimento muito maior do que eu e meus irmãos tínhamos na mesma idade, sobre o patrimônio do nosso estado.

ANA LUÍZA LAGE,
estudante de pós-graduação em Arqueologia e filha de Conceição Lage



GABRIELA MARTÍN, natural de Valencia, na Espanha, especializou-se em Arqueologia Clássica e Histórica, doutorando-se em História Antiga e Medieval na Universitat de Valencia. Fez pós-doutorado em Barcelona sobre Teoria e Método em Arqueologia. No Brasil desde 1971, criou a Fundação Seridó para o estudo das pinturas rupestres naquela região. Fundadora da Fumdam, é a terceira "cabeça" da fundação, ao lado de Niède Guidon e Anne-Marie Pessis. Professora da Universidade Federal de Pernambuco há mais de 30 anos, orienta várias teses de doutorado e é a editora responsável da revista Clio Arqueológica, criada por seu falecido marido, o historiador Armando Souto Maior. Também colabora com a UNIVASF.

PARA ÍNDIOS KRAHÔ, PINTURA NOS ABRIGOS ERA PASSATEMPO

A antropóloga Vilma Chiara comparou esses pintores da Serra da Capivara com os que conheceu na aldeia krahô. Segundo Vilma, os Krahô usavam temporariamente os abrigos rochosos como descanso, por causa da sombra e do ar mais fresco. Eventualmente, aproveitavam a circunstância para fazer riscos na rocha, diz ela. Não levavam um material com eles – tinta, pincel – deliberadamente para isso.

Verdade que em várias tocas se pode observar a existência de "pilões" (concavidades) no chão ou em alguma pedra, que deve ter funcionado para o preparo da tinta, talvez com a água do rio próximo ou a gordura do animal que se acabou de caçar, ou o carvão da gogueira que está ali...

Outra observação de Vilma que me chamou a atenção é o significado de determinados animais para os Krahô, tão diferente da nossa cultura, por exemplo. Eles criavam cavalos porque achavam bonito, como o veado. São animais velozes, o movimento é associado à vida. Perna é vida. Há lendas krahô em que os veados se transformam em cavalos. Não os cavalos árabes, trazidos pelos colonizadores. Eram menores e

tinham as pernas ligeiramente tortas, segundo Vilma porque ninguém obrigava o potrinho a se levantar logo ao nascer... Já os índios dos pampas aprenderam a ser cavaleiros. Para os Krahô, havia a interdição de dominação pelo homem sobre certos animais. O tamanduá, que ela se lembre, não era para ser comido, tinha relação com o extremo oeste da Terra, com a morte.

VEADINHOS E EMINHAS AZUIS

– O veadinho azul foi uma grande surpresa – diz Conceição. Ela se refere às pinturas da Toca dos Veadinhos Azuis e a das Eminhas Azuis, descobertas por seu Nivaldo no Desfiladeiro da Capivara, e que chegaram a ser consideradas únicas no mundo, até descobrirem algumas pinturas rupestres azuis na Colômbia. – Você pode observar que ele foi originalmente pintado em preto, de carvão vegetal. Está recoberto por essa camada azulada hoje, mas é, na realidade, uma camada de silício, constituinte da própria rocha.

A descoberta de Conceição Lage derrubou a hipótese de estudo do professor Walter Ebetz, no campo da Semiologia, que pensou em associar as cores das pinturas com as representadas naturalmente pela fauna da região.

- É o que chamamos de depósito-alteração, que cobriu o pigmento preto, dando o aspecto azulado, certamente por causa do microclima do lugar - prossegue ela. É um abrigo mais escuro, úmido. Ano passado recebemos uma pesquisadora da França, a Stéphanie, e eu pedi que ela estudasse esse mesmo pigmento.

AS PINTURAS AZUIS DOS ÍNDIOS TUKANO

Maria Beltrão⁴⁰ menciona as pinturas azuis dos índios Tukano, que teriam ocupado uma extensa região no centro do Brasil - origem, segundo ela, da iconografia encontrada na região de Central, na Bahia - e hoje instalados no alto rio Negro, no Amazonas, acima de São Gabriel da Cachoeira. Para os Tukano, explica Beltrão, o azul tem uma significação neutra, mas com alguma carga de negatividade. O amarelo seria fertilidade e o vermelho, fecundidade. E há pinturas azuis no local conhecido por Fonte Grande II, na área arqueológica de Central, no interior de um canyon, na localidade de Uibaí. Para Beltrão, o contexto parece ser dos mais antigos, e a pintura azul escuro está associada à vermelha.

Ela faria uma leitura da que chamou "tradição astronômica" para muitas pinturas que parecem registrar fenômenos celestes, em sua área de estudo na Bahia. Segundo **Gabriela Martín**, seria uma subtradição da tradição Nordeste. O mais incrível é, sem dúvida, o desenho do que parece um sol, na Toca do Cosmos: no apogeu do solstício, entre 22 e 26 de junho, às 15h47, o sol, de verdade, é visto por um fenda da rocha, "recobrando" o desenho na parede, exatamente naquele lugar.



TRADIÇÕES CULTURAIS DAS GRAVURAS

Além das pinturas, há as gravuras ou petroglifos, feitas em baixo-relevo, pela percussão direta de uma pedra mais dura, ou usando-a com outra como martelo, percutor. Há sítios em que há as duas técnicas, pinturas e gravuras, não necessariamente da mesma época ou dos mesmos grupos humanos.

No Plano de Ação Emergencial do Parque⁴¹, de dezembro de 1994, menciona-se que cada tradição rupestre pode ser associada a um grupo étnico particular, desde que se caracterizem outros componentes culturais, como a indústria lítica, a utilização própria do espaço ou formas diferenciadas de enterramento.



Toca do Cosmos, Central/BA: pintura do sol marca posição do astro no solstício de inverno. Reprodução de foto de Maria Beltrão.

⁴⁰ Sobre Maria Beltrão, veja quadro à página 67.

Aprendemos, então, que para as gravuras existe a tradição Itacoatiaras de Leste, presente em todo o Nordeste, ao longo dos leitos rochosos dos rios do sertão, marcando claramente pontos de água que não secam. Seria de povos caçadores-coletores. Já a tradição Itacoatiaras de Oeste, caracterizada por grafismos puros, existe desde a fronteira da Bolívia até o limite oeste da área de São Raimundo, abrangendo o norte de Minas Gerais e Mato Grosso, onde está associada a uma bela indústria em quartzito e sílex, com 12 mil anos de idade. Também aparece perto de fontes ou depósitos de água.

O estilo Serra Branca, que ganhou esse nome porque as pinturas desse estilo foram descobertas na parte norte do Parque, a Serra Branca, não está circunscrito a essa região, como se acreditava a princípio. A Toca da Roça do Zeca, que se chega por uma duríssima subida – meus joelhos que o digam! – a partir do Baixão da Esperança, ou seja, perto do Barreirinho, no limite sul do Parque, tem belos cervídeos no mais puro estilo Serra Branca. Um grande veado já "descascou" – caiu a camada de arenito em que estava pintado – mas Niède chegou a documentá-lo e seu Nivaldo me mostrou onde era.

VEADO DA TRADIÇÃO NORDESTE

– Olha aquele veado galheiro. Só viveu aqui até seis mil anos atrás... aqui tem uma figura meio apagada, um veado enorme, ele está num lugar em que bate sol – continua Niède, em nossa visita à Toca do Paraguai.

Eu arrisco:

– Esse grandão não é tradição Nordeste, é? – refiro-me a uma das características marcantes da tradição Nordeste, que são as figuras miniaturizadas, com muito dinamismo. Com frequência, as pequeninas figuras representam cenas inteiras, sexuais, de caça, acrobacias. Sempre com traços muito simples, mas de grande precisão dinâmica. A Agreste, não, é tosca e, muitas vezes, com figuras enormes pintadas por cima de outras consideradas da tradição Nordeste.

Niède discorda:

– É Nordeste...

– Como diferencia?!

– É pela técnica, pela temática, é um conjunto – arremata Niède.

⁴¹ O Plano de Ação Emergencial do Parque Nacional Serra da Capivara é um documento oficial do então Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Diretoria de Ecossistemas, Departamento de Unidades de Conservação, Divisão de Gerenciamento das Unidades de Conservação. A elaboração esteve a cargo da Fumdam, tendo como consultora Niède Guidon. Baseou-se no Plano de Manejo feito três anos antes, em 1991, e jamais oficializado pelo Ibama, com um time de pesquisadores de primeira linha: Anne-Marie Pessis, Claude Guérin, Laure Emperaire, Maria Fátima Barbosa, Fábio Olmos Correia Neves, Marcia Chame, Marie Bernadette Arnaud, Sílvia Maranca, além da própria Niède.

E mais não explicou. Para quem é uma excelente professora, realmente ela não está disposta a manifestar agora seus questionamentos em relação à antiga categorização das pinturas.⁴²

ALEGRIA E FESTA NAS PINTURAS: GUERRA COMEÇA DEPOIS

- Olha aqui duas emas... e todo mundo contente e feliz... aquele ali tem alguma coisa prolongando o braço, mas não dá para dizer o que é...

Na tradição Nordeste há cenas indiscutivelmente de guerra, ou de sexo. Quanto às que parecem representar acrobacias, como as da Toca da Entrada do Pajauá e as do Baixão das Mulheres, uns sobre os ombros ou apoiados nas mãos dos outros, não podemos afirmar que seja algo circense, mas certamente demandaram um treino específico. A pesquisadora Alice Viveiros de Castro, especialista em circo, está fazendo um estudo a respeito. Uma das hipóteses é que determinados desenhos talvez representem uma sequência de movimentos⁴³. Em alguns casos, podem representar diferentes planos, como na Toca da Serrinha, dando ideia de profundidade.

Em comum, as pinturas da Toca do Paraguaio foram feitas a menos de dois metros de altura, em local de fácil acesso. Foram classificadas como pertencentes à unidade cultural Serra da Capivara.

SERRA DA CAPIVARA NÃO TEM IGUAL NO MUNDO, GARANTE PESSIS

- Para mim é um grande acervo de registros pré-históricos, onde estão representados todos os estereótipos de evocações de memória. Eu tenho a convicção, e por isso estou aqui, que existe tal quantidade de imagens nessa região, que esse registro imagético vai permitir a segregação dessas identidades. Você vê as representações de cenas da vida cotidiana e cerimonial, você vê as mesmas temáticas, mais antigas e as menos antigas, que vão se tornando mais complexas. Elas estão evoluindo para outra coisa. É um universo, uma coisa fantástica. Não vi isso em lugar nenhum do mundo - entusiasma-se Anne-Marie.

⁴² Saiba mais sobre a Classificação das Pinturas no quadro logo adiante.

⁴³ Ouvi essa mesma hipótese, de representação de "animação", feita sobre a sequência de quatro emas, frequente no Desfiladeiro da Capivara, formulada pelo arqueólogo norte-americano Reinaldo Morales, da University of Central Arkansas, no Congresso Internacional de Arte Rupestre (São Raimundo Nonato, 2009). Ele também defendeu a controversa teoria de que a diáspora pré-histórica do Nordeste brasileiro teria se irradiado a partir do sertão da Bahia e, não, do sudeste do Piauí. Gabriela Martín respondeu que aceitaria de bom grado a teoria, se houvesse datações que a comprovassem.



AS TRADIÇÕES E ESTILOS DAS PINTURAS RUPESTRES DA SERRA DA CAPIVARA

Segundo Gabriela Martín, o centro da **tradição Nordeste** foi o sudeste do Piauí, de onde teria se estendido às outras regiões: o Vale do São Francisco, a Chapada Diamantina (Central, na Bahia) e o Seridó (RN/PB). É possível que pertençam também a essa tradição algumas manifestações encontradas no Ceará, no alto Vale do São Francisco e no Mato Grosso.

No sudeste do Piauí, pela antiga classificação de Niède Guidon, a tradição Nordeste se manifesta através da **subtradição Várzea Grande**, antigo nome da cidade de Coronel José Dias, que por um período se chamou Barragem. Um de seus bairros, São Pedro, foi uma localidade à parte, fundada pelos maniçobeiros⁴⁴, no tempo em que a venda da "borracha" da maniçoba foi a grande fonte de renda na região, há cerca de cem anos.



Esta figura se repete em todo o Nordeste.

Por que então é considerada uma única **tradição Nordeste**? Porque tem traços em comum entre as várias regiões em que aparece. É o caso do símbolo repetido de duas figuras humanas, uma de costas para a outra, como se estivessem batendo os traseiros, os braços sobre as cabeças. Anne-Marie Pessis a chama de "grafismo emblemático", do qual "não é possível reconhecer o tema da ação representada". Uma seta, ou um tridígito (como três dedos), aponta para o meio das duas figuras humanas. Ninguém tem como saber o que

significava. Mas é uma marca que se repete. Tem quem diga que as setas, em geral, indicam a direção da água... mas e quando os bonequinhos estão dando a sua "traseirada"? A tradição Nordeste durou de aproximadamente 12 mil até 6 mil anos AP, quando teria desaparecido da região da Serra da Capivara.



A inconfundível caça ao tatu é característica do chamado estilo Capivara. Toca do Boqueirão da Pedra Furada.

Dentro da **subtradição Várzea Grande**, há dois estilos bem claramente definidos: Serra da Capivara e Serra Branca. É fácil: o **estilo Capivara** é o das miniaturas caprichadinhas, bem dinâmicas, com figuras antropomorfos e de animais. É a manifestação mais antiga da tradição Nordeste e bastante concentrada no Desfiladeiro da Capivara. Anne-Marie Pessis escreveu em 1989 que nessa fase são representados temas como sexualidade,

⁴⁴ Saiba mais sobre o ciclo da maniçoba no capítulo 7, à página 183.

dança lúdica e ritual, a exemplo das cenas com galhos de árvore empunhados como um símbolo, e também a caça individual de pequenos animais.

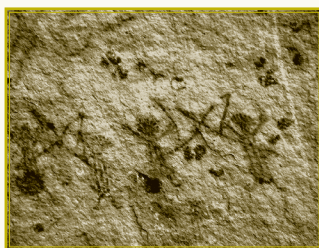
Ainda dentro dessa análise de 1989, o **estilo Serra Branca** é totalmente diferente: as figuras são estilizadas, representadas por retângulos com pernas e braços, cobertas de desenhos geométricos. A cabeça também é quadrada, sugerindo o uso de máscaras. Os temas mudam, surgem cenas de violência, de supremacia de uns sobre outros, e também de gravidez. É a mudança nas formas de apresentação e na técnica, resultado, por sua vez, das mudanças ocorridas com o grande aumento de população no período de 8 mil a 6 mil anos AP.



Descrita como “mascarado”, a figura da Toca do Caboclo da Serra Branca lembra as máscaras usadas por tribos do grupo Jê.

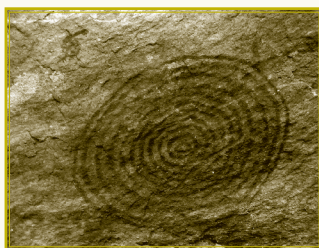
O que não se encaixa num estilo nem no outro constitui o complexo estilístico Serra Talhada. Atenção, ainda não estamos falando das outras tradições, bem diferentes, que são a Agreste e a Geométrica.

O chamado **complexo estilístico Serra Talhada** poderia ser uma evolução de um estilo para outro, dos mesmos grupos humanos. Aparecem os cocares, as cores, as ações coletivas de caça, sexo e guerra. Filas enormes de bastonetes sugerem muita gente, às vezes encabeçadas por figuras maiores. Há o esboço de preenchimento das figuras. Algumas representações humanas se miniaturizam mais ainda. Aparecem também representações de objetos.



A luta na Toca do Vento é de uma fase em que a guerra surge como tema das pinturas.

A **tradição geométrica**, segundo Gabriela Martín, é uma categoria perigosa, porque não se autodefine, é por exclusão das demais, símbolos gráficos não identificados. Por nós, claro. São os chamados "grafismos puros". Essa tradição acaba englobando um conjunto bem heterogêneo, com manifestações que podem ter diferentes origens.



Os círculos concêntricos na Toca do Enoque, na Serra das Confusões, sugeriram à arqueóloga Fátima Luz onde iniciar a escavação, no começo de 2009.

Gabriela cita publicação de Niède e Anne-Marie de 1992, sobre a Serra da Capivara, em que mencionam a tradição geométrica como "pouco estudada". Ela aparece como intrusão em sítios predominantemente de outras tradições, com representações esquemáticas de pés e mãos, lagartos, antropomorfos.





Toca da Extrema II

E finalmente a **tradição Agreste**, agora posta em questão. Lá em 1983 Niède estabeleceu dois estilos para a tradição Agreste: o estilo Serra do Tapuio, onde primeiramente se registraram manifestações das grandes figuras de traços grosseiros, e o estilo Extrema, como na Toca da Extrema II. O "bonecão" da Extrema ilustra a tese de doutorado de Niède. Nessa toca, aparecem marcas de mãos carimbadas na parede, característica que também aparece em Apodi, no Rio Grande do Norte. E em tocas ainda não exploradas da Serra das Confusões, como ouvi contar de um morador, referindo-se ao Baixão das Perdidas.

Na análise publicada em 1989, Niède Guidon considera a tradição Agreste geograficamente periférica e limitada entre 10.500 e 6 mil anos AP, passando a ser dominante quando desaparecem os povos da tradição Nordeste e desaparecendo, ela própria, entre 4 mil e 3 mil anos AP. O Bonecão da Bastiana, sob esse enfoque, seria uma "intrusão" num painel da tradição Nordeste.

Em 1992, Niède e Anne-Marie formularam a hipótese de duas sub-tradições para a Agreste: uma mais antiga, surgida por volta de 9.000 anos AP, como intrusão nos painéis da tradição Nordeste, a exemplo da Toca do Perna I, onde um painel soterrado permitiu, pela primeira vez, a datação das pinturas. Uma classe posterior teria começado em 5.000 anos AP – exemplo da Toca da Boa Vista – e essa é que teria sobrevivido à tradição Nordeste.

Saindo dos limites do sudeste do Piauí, seriam da tradição Agreste pinturas espalhadas por todo o Nordeste, como a subtradição Sobradinho, na Bahia, que engloba a região de Central e Chapada Diamantina. No projeto Central, de Maria Beltrão, ela faz uma interpretação "astronômica" para signos gráficos, que ela considerou sistemas de contagem e calendário lunar, além de figuras que misturam traços humanos e animais, que teriam significado mítico.

E se o bonecão da Bastiana tiver, mesmo, 35 mil ou mais anos? Poderia ser mais antigo do que os touros e as mãos carimbadas da gruta de Chauvet, no sul da França, descobertas em 1994 e datadas em cerca de 36 mil anos, até agora as mais antigas do mundo...



OS ANOS 1970: O TEMPO DAS MULHERES

5

O início da Missão Franco-Brasileira - Os registros de Silvia Maranca e Águeda Vilhena - Casal Vialou em Paris - Sem luz nem água - O "hotel" do seu Durval e dona Delphina - A água contaminada, ontem e hoje - A chegada do plimplim - As pinturas em fotos e *relevés* - Ana Stela, a historiadora - Os NACs, Cieps do Sertão - Vânia Sanches e a arte-educação - A Cooperarte - O Pró-Arte - A delegada Luciene Lima - A socióloga Damiana Crivellare - O que mudou nas últimas décadas.

Águeda Vialou e Silvia Maranca enchem os cantis numa cacimba da Serra das Confusões, em 1974. Foto cedida por Águeda.



– Partimos com a cara e a coragem, eu mais com a cara do que a coragem, porque sequer imaginava o que me esperava – conta a arqueóloga Silvia Maranca, sobre a partida para o que seria a Missão de Pesquisas no Sudeste do Piauí, em 1973. Ela e Águeda Vilhena de Moraes, ambas do Museu Paulista, aceitaram o “temerário” convite de Niède Guidon. – Saímos de São Paulo na minha Rural Willys, o único carro que poderia enfrentar a região, na época, totalmente isolada do resto do país.

O CASAL VIALOU EM PARIS

Meses depois da entrevista de Silvia, em São Raimundo Nonato, eu teria oportunidade de ouvir o relato de Águeda, em Paris, ainda em 2008, no escritório cheio de livros e antiguidades que divide com o marido, Denis Vialou, no Muséum National d’Histoire Naturelle. Águeda é uma senhora de beleza suave, loura e de olhos azuis, o que contrasta com o vigor napolitano de Silvia e o jeito sabidamente estouvado de Niède. Atrás de um *bureau* antiquíssimo atulhado de papéis e livros, o professor Vialou, de gravata borboleta, continuou a trabalhar em seu computador durante a entrevista da esposa, mas deixou claro que ele próprio não pretendia dar qualquer declaração.

Deixei Águeda à vontade para contar o que lhe ocorresse. De início, até parecia que ela, Silvia e Niède não falavam sobre a mesma experiência. Além da evidente diferença no estilo pessoal – Águeda tem uma forma francesa de se expressar, muito educada – ela praticamente não se refere à dureza da experiência na caatinga piauiense. Preferiu ressaltar a beleza natural, a gentileza das pessoas, o pitoresco da arquitetura. Algumas vezes menciona a intensidade de algumas experiências, como a expedição à Serra Branca em lombo de jegue, que ela associa à “Natividade”⁴⁵.

Apesar do afastamento da experiência piauiense há mais de 30 anos, foi simpático ela me receber para falar da Serra da Capivara, mesmo tendo Vialou e ela própria questionado, em outros tempos, as datações encontradas na Pedra Furada. Águeda trata o assunto com muita delicadeza, escolhendo as palavras para evitar malentendidos.

Depois de ler o livro que publicou sobre o sítio que ela e o marido escavaram durante 20 anos no Mato Grosso, Santa Elina⁴⁶, com datação de até 25 mil anos, e a tese de Fabio Parenti sobre o Boqueirão da Pedra Furada, com pelo menos 50 mil, fiquei com a impressão de que os autores dos estudos sobre os dois sítios mais antigos do Brasil não leram com atenção o trabalho um do outro⁴⁷...



Sílvia sentiria falta da tranquilidade de Águeda em 1975, quando a amiga se afastou da missão e ela, Silvia, passou a ser “a única culpada” de tudo que não dava certo... Antes de começar a gravação da entrevista em Paris – enquanto meu filho Miguel, que faz cinema, armava o equipamento – contei a Águeda sobre os escritos de Silvia, cheios de humor. Foi quando ela riu e, momentaneamente, pareceu relaxar:

– Ela contou sobre a história do leite condensado? Ah, essa marcou... – lembrou. E logo emendou: – Não sou boa contadora de história!

SEM APOIO OFICIAL

Silvia lembra que Niède conseguira no CNRS – Centre National de Recherches Scientifiques – da França, o equivalente a 15 mil cruzeiros⁴⁵, à época, e algo mais de um empresário paulista amigo, certamente o pai de Manuela Carneiro da Cunha, Nicolas Ligeti, o mesmo que cedera o Land Rover em 1970, na viagem pioneira:

– Eu não sabia o que significava a seca, ter que buscar água no açude, quando havia, e até que naquele ano tivemos sorte! Viver sem luz elétrica, trabalhar com lamparinas de querosene que ardiam mais nos olhos do que iluminavam... Dormir em rede, rezando para que os ratos, que apostavam corrida nas traves de sustento das telhas sem forro, não caíssem na rede!

Bem que dona Delphina e seu Durval, os donos da pensão em Várzea Grande – atual Coronel José Dias – garantiram que não havia esse risco:

– Mas eu não confiava. Eles conheciam a lei da gravidade? Não! Pois é, nunca nenhum rato caiu sobre nossas redes nos três meses da missão. Podiam não conhecer as leis da física mas conheciam os ratos!

PETROLINA, ÚLTIMO CONTATO COM A CIVILIZAÇÃO

– Para mim, o espanto e a aprendizagem começaram logo em Petrolina – prossegue Silvia Maranca. – Eu sabia que em São Raimundo Nonato não havia qualquer forma de comunicação, telefone, correio, nada, sequer radioamador. Então fui ao correio de Petrolina enviar as últimas notícias. Um senhor idoso e analfabeto me pediu para redigir um telegrama para a família. No final, ditou “a Lúcia descansou”. Como ele estava preocupado com o preço, eu paguei, mas o preveni que o telegrama é cobrado pelo número de palavras, portanto, se tudo estava bem, que poderia dispensar o descanso da Lúcia. Ele me olhou estranho e não disse nada. Só depois aprendi que aquela era a notícia mais importante, que Lúcia tinha dado à luz...

⁴⁵ Cena que ela retratou e da qual teve a gentileza de me ceder a foto, que ilustra a “capa” do capítulo 3, “Deixe toda esperança ao entrar”.

⁴⁶ Saiba mais sobre Santa Elina à página 292.

⁴⁷ O livro organizado por Águeda Vilhena Vialou é “Pré-História do Mato Grosso – volume 1 – Santa Elina”. O volume 2 é sobre uma outra região do Mato Grosso, próxima a Rondonópolis, a Cidade de Pedra. Ambos foram editados pela Edusp, da Universidade de São Paulo, o primeiro em 2005 e o segundo em 2006. A tese de doutorado de Fabio Parenti, orientada por Niède Guidon na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, em Paris, foi defendida em 1993 e publicada em 2001 pela Editions Recherches sur les Civilisations, em Paris, até hoje inédita em português. Fabio menciona o trabalho dos Vialou, em Santa Elina, fazendo referência à datação de 32 mil anos de ocupação. Mas diz que, àquela altura, eles ainda não tinham publicado detalhes sobre o sítio pleistocênico, mencionando os trabalhos dos Vialou de 1994, e de Águeda, de 1995. Saiba mais sobre Santa Elina à página 292 e leia o resumo da tese de Fabio Parenti, autorizado por ele, à página 297.

⁴⁸ Em valores de 1970, cerca de 4 mil dólares.

Era Semana Santa. Silvia e Águeda, católicas, foram à igreja matriz de Petrolina. Silvia se lembra que largou a amiga no meio da missa, indignada com o padre descrevendo o próprio café da manhã, para ele um modesto desjejum, para crianças e adultos com cara de fome. No Hotel Grande Rio, usufruíram dos últimos confortos da civilização, a última ducha, um jantar variado. No dia seguinte, saíram cedo para São Raimundo, 300 quilômetros percorridos em onze horas.

ATRAVESSANDO O BRASIL

- A viagem foi interessante - começa a contar Águeda. - Fomos na Rural Willys da Silvia Maranca, do projeto Pronapa⁴⁹ - que já é uma história curiosa ligada à arqueologia. Foi agradável atravessar os estados do Brasil, passar por Petrolina, depois Remanso, uma belezinha de cidade que depois foi inundada. Para mim foi uma descoberta a beleza da caatinga, com muitas flores, o terreno arenoso...

Niède lembra que São Raimundo não tinha mesmo nada:

- Não tinha água, não tinha eletricidade, não tinha banco. Quando precisava de dinheiro, tinha que ir até São João do Piauí ou então Canto do Buriti, a cem quilômetros de distância.

Naquela primeira missão, elas só passaram por São Raimundo, a caminho de Várzea Grande, a trinta quilômetros de distância. Mas precisavam descobrir o caminho. Niède, que estava ao volante, para no quartel - que viria a ser a primeira sede da Fumdam, na rua Abdias Neves - para se informar com o soldado que montava guarda. Conta Silvia:

O TIGRE DE PAPEL

- Águeda e eu no carro e a Niède desce para conversar com o soldado. Ele faz continência e começa a conversar. Niède se apoia na guarita, em forma de torre de castelo. Nós duas, do carro, notamos que a tal torre simplesmente estava balançando, como se fosse de papelão! Caímos na gargalhada. Niède falando e a guarita balançando, e nós sem conseguirmos conter o riso, afinal, a guarita seria

⁴⁹ PRONAPA é o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, que funcionou de 1965 a 1970, sob a direção dos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans, do Smithsonian Institute, de Washington. Em 1981, Silvia Maranca publicou com Betty Meggers "Uma Reconstituição experimental de organização social, baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição tupi-guarani", na revista Pesquisas, de São Leopoldo/RS. Anos depois, de 1987 a 1991, Silvia trabalharia com a grande rival de Meggers, Anna C. Roosevelt, como representante do CNPq no projeto conjunto do Museu Goeldi, do Pará, com o American Museum of Natural History, dos EUA, na ilha de Marajó e região de Santarém. Em 1999, Roosevelt levantou a suspeita de que Meggers seria agente da CIA há muitos anos. Apesar de acusada por colegas, Meggers foi amiga pessoal de Darcy e Berta Ribeiro, antropólogos perseguidos pela ditadura militar brasileira. Tenho um livro de Meggers, "Amazônia, a Ilusão de um Paraíso", reeditado em 1987 com apresentação de Darcy Ribeiro e uma dedicatória carinhosa da Berta para mim: "Para Sola acabar por se apaixonar por nossa Amazônia. Beijos, Berta 89".

para dar segurança ao quartel... Niède nos olhava feio, com razão, mas ela não via o que nós víamos. Imagine uma guarita, com um soldado armado dentro, que você derruba com a mão! Isto dá uma ideia do que era São Raimundo Nonato naquela época.

Levaram três horas até Várzea Grande, “isto com a Niède guiando”, ressalva Silvia, referindo-se ao gosto da amiga pela velocidade. Chegaram às seis da tarde.

- A realidade ultrapassava qualquer imaginação
- recorda.

- Acho muito bonito que a Niède tenha se preocupado com a sociedade atual, com a comunidade. Não que eles precisem de nós, eles podem se desenvolver por si mesmos. Mas se os arqueólogos vão lá pesquisar, é preciso devolver para esse povo de alguma forma. E a Niède sempre fez isso.

ÁGUEDA VIALOU,
pioneira da Serra da Capivara



UM HOTEL DIFERENTE

- Ali era a beirada da BR-020, que prometiam asfaltar todo ano – prossegue Niède. - Havia um hotel que se chamava Fortaleza-Brasília, mas era um hotel absolutamente diferente. A água para o banho tinha que buscar num açude, onde havia porcos tomando banho. Pior, a comida também era feita com aquela água! - A futura chefe da Missão Franco-Brasileira garante: - Nesses anos todos, nunca tivemos problemas de saúde. Eu sempre trouxe produtos para colocar na água. Pela lei francesa, o chefe da missão é responsável por todos os participantes. Em 35 anos de trabalho, já muitos arqueólogos morreram em serviço. Aqui não houve qualquer acidente, e olhe que, trabalhando na beira da falésia, era preciso ter muito cuidado.

Silvia também tem uma viva lembrança dos porcos, mas por outro motivo:

- O banheiro era um buraco no fundo do quintal que fedia o dia inteiro, pois dona Delphina só podia jogar água nele duas vezes ao dia. Por isso preferíamos ir ao ar livre. Além do mais era mais saudável, pois o sol esterilizava as fezes, tal o calor. Só que eu não conseguia ir sozinha porque era me agachar que, no mínimo, dois ou três porcos, vindos não sei de onde, me rodeavam e obrigavam a sair. Niède bem que tentou me ajudar, ficava espantando os porcos com uma vara. Mas Niède correndo atrás dos porcos, a própria presença dela, também me inibia. Resolvi me curvar ao mau cheiro...

VÁRZEA GRANDE, HOJE CORONEL JOSÉ DIAS

- Nessa primeira temporada de quase três meses, ficamos em Várzea Grande – conta Águeda. - A vista era muito bonita, dava para o próprio povoado. Podia-se ver a Serra da Capivara, com os pássaros, as andorinhas, muito bonito. O local



Valdirene, moradora do sítio do Mocó, ainda precisa buscar água.

de alojamento era do estilo bem típico dessa região, um casarão comprido em que a parte da frente, que dá para a rua, era uma venda, onde o ônibus parava. Tinha um senhor que indicava os sítios, o senhor Durval. O Nilson Parente era caçador, foi um dos mateiros...

Águeda se refere à falta de água encanada, mas justifica que mesmo na Europa isso era muito comum até o século passado, e que era perfeitamente possível fazer a higiene pessoal, carregando água em balde.

– Tomar banho de caneca, tudo bem – comenta Silvia. – Mas beber aquela mesma água, filtrada em um pano, era algo que custei a aceitar. O calor e a sede venceram. A cor da água variava segundo as chuvas, o nível do açude, a quantidade de gente e animais que se banhavam nele...

ÁGUA CADA VEZ MAIS CONTAMINADA

Em 2008, para grande parte da população, a situação não é diferente. No entorno do Parque das Confusões, já no limite da Bahia, a sudoeste do Parque da Serra da Capivara, assisti essa mesma cena na Lagoa do Mato, oficialmente a nascente do rio Piauí, o principal da região. Digo oficialmente porque, segundo os estudos mais recentes, a principal nascente do rio Piauí seria no Baixão do Moisés, como a população sempre soube, onde hoje tem um açude, também com animais dentro, e o morrote do entorno pertence à mineradora Galvani. A localidade próxima chama-se Pimenteira. É uma área para reflorestamento e posterior uso da madeira como combustível, mas a própria Galvani reconhece que a lavra de fosfato, atualmente no município baiano de Angico, pode chegar a essa propriedade. Niède me contou que a empresa chegou a negociar com a Fumdam para recuperar a nascente, mas não forneceu as mudas nativas e a parceria não andou.

Para produzir fosfato, a principal fabricante do adubo NPK minera a céu aberto, sem qualquer tipo de filtro para reter a poeira do fosfato, que está envenenando pessoas e plantações do entorno. A empresa garante que o fosfato em suspensão no ar só pode fazer bem, mas basta observar a vegetação murcha e os problemas respiratórios dos moradores para constatar que é tóxico. Essa “tecnologia a seco”, que a empresa até patenteou, foi “inventada” em Irecê, na Bahia, onde também tem pouca água disponível. E eu acrescentaria: e poucos moradores influentes para reclamar.

Os poços perfurados pela Galvani para servirem à população são de água salobra. Claro, eles perfuraram até 80 metros. Se fossem bem mais fundo, a água seria cristalina, garantiria a zóloga e sanitaria Marcia Chame, na entrevista que me deu tempos depois.

Mitinha, o chefe do Parque Nacional Serra das Confusões, é engenheiro florestal, nascido e criado em Caracol, onde fica a sede do Parque. Foi ele que me levou para conhecer o problema da contaminação da nascente do rio Piauí. O Júnior, que além de analista ambiental é também fiscal, conseguiu multar a empresa por ter usado rejeito da mina para o aterro da estrada, que funciona de barragem da Lagoa do Mato. Portanto, no entorno do Parque ainda no Piauí.

Mas a coisa complica na planta mineradora da Galvani, que fica na Bahia, pois a licença ambiental é de responsabilidade da Secretaria Estadual de Meio Ambiente. E teria que acionar o Ibama da

Bahia, sediado na longínqua Salvador. Aqui, a cada ano se lavram 200 mil toneladas de minério, depois concentradas, para se transformarem em fertilizante na indústria em Luiz Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia.

Quem me explicou foi o diretor industrial da Galvani, Claudio Fernandes, que mora em São Paulo mas casualmente estava em Caracol. Ele aceitou me dar entrevista mas se assustou quando percebeu que eu tinha questionamentos a fazer. Alegou que não poderia me fazer declarações oficiais. Pediu que eu desligasse a câmera, em que eu gravava nossa conversa. Atendi-o, na mesma hora. Mas continuamos a conversar informalmente. Fomos, inclusive, convidados a compartilhar o jantar na residência da empresa, o que aceitamos (eu, minha amiga Cecília e o voluntário do Parque, Néri, que nos serviu de guia). Em linhas gerais, o diretor reconhece os danos humanos e ambientais. Mas se diz um executivo profissional, engajado em profissionalizar a estrutura familiar da empresa.

Espero, sinceramente, que ele consiga. Meio ambiente não é frescura de intelectual urbano. Água não é luxo, é pré-condição de sobrevivência. O que dizer de tão importante nascente, ao lado de dois parques nacionais! E não será a população da minúscula Campo de Lurdes, nos confins do município baiano Angico do Dias, que terá poder de pressão.

É evidente a poluição do ar provocada pela mineração do fosfato, em cima da nascente do rio Piauí.



QUARTO COM REDES E SEM FORRO

Mas voltemos àqueles primeiros tempos em que aquelas “estranhas” mulheres começaram a percorrer a região, atrás das pinturas de “caboclos velhos”...

– O quarto dava para as nossas três redes – descreve Silvia. – As roupas ficavam na mala ou penduradas em pregos nas paredes. Niède não deixava Águeda e eu entrarmos na cozinha de dona Delphina. Eu achava que era por ser um ambiente mais íntimo, familiar, e nós sermos hóspedes... Depois fiquei sabendo que a cozinha era um cubículo sem janela, onde não se enxergava nada, nem de dia nem de noite. Era lá que se catava o arroz, o feijão... Desconfio que, por economia, a louça e os talheres eram ensaboados e enxaguados na mesma água, dias seguidos... Niède me contou depois que achava que eu deixaria de comer, se visse aquilo. De fato, não sei não...

– Para mim, a grande novidade foi dormir em rede – diz Águeda, nascida e criada na cidade de São Paulo. – Lembro de ter desenhado num dos caderninhos a cena do quarto com as três redes, o teto de telhas, que eu achava muito interessante. – E acrescenta sobre as primeiras impressões: – Descobri um povo novo, o do Piauí, de quem sempre ouvia falar da pobreza, do sofrimento com o rigor da seca. Fiquei surpresa por vê-los vivendo com simplicidade, mas muito bem, produzindo segundo a sua cultura, enquanto os que migravam para o ABC paulista viviam miseravelmente, passando frio e fome.

CARDÁPIO DE BODE

Silvia descreve o cardápio da pensão da dona Delphina:

- A comida era arroz, feijão, carne de bode e farinha. Com muita sorte, ovos. Com mais sorte, algum tomate, que regávamos com um pouco de óleo de oliva, de uma latinha minúscula de cem mililitros, que achamos, não sei como, no mercado de São Raimundo! Nem o mais puro azeite virgem me pareceu tão delicioso quanto aquele, na torrada do pão de forma que trouxemos de São Paulo, sabendo que aqui não tinha nada...

Silvia não mencionou o leite condensado da Águeda, mas falou das “toneladas” de tijolos de doce de leite que as duas devoravam quando estavam no campo:

- Niède, coitada, como não é de comer doce, consumia as energias de que dispunha e geralmente ficava sem comer. Quando havia, ela comia no café da manhã mandioca [aipim ou macaxeira] cozida na água com mel. Eu não podia nem ver, ficava com meu nescafé com leite em pó, que já me deixava feliz!

- Acho que foi o melhor café da manhã que já tive – lembra Águeda, referindo-se à mandioca tirada da terra na hora, cozida ali na fogueira, quentinha, acompanhada de mel.

COMO SÃO JOSÉ E NOSSA SENHORA A CAMINHO DE BELÉM

Na expedição à Serra Branca, a primeira em que se embrenharam pela caatinga, com os jegues arreados com couro rústico, assim como as bolsas que levavam, Águeda reviu o caminho de José e Maria até Belém. A experiência bucólica foi, no entanto, sacudida pelos morcegos, inconformados com as invasoras do abrigo que elas escolheram para pernoitar. Ali aprenderam a primeira lição da caatinga: acampamento, em época de seca, só ao ar livre!



Acampamento ao ar livre na Serra das Confusões, com as redes em círculo em torno do “limpo”. Foto de 1974, de Águeda Vialou.

Curioso é que, naqueles tempos, ainda havia moradores que usavam os abrigos da Serra Branca na época da colheita das roças de algodão, de mandioca, que faziam no alto da chapada. Há muitos relatos, como o de dona Delphina e o da família Coelho, que encontraram esqueletos nos abrigos que ocuparam temporariamente, quando iam varrer o chão. “Isso é uma história comum para eles, que acontecia normalmente”, surpreendeu-se Águeda.

ÁGUEDA COMENTA DO GONGO: TEVE MESMO CHORO DE CRIANÇA?

Depois da Serra Branca foram para o Gongo, nome de uma serra que corta a chapada do Parque, no sentido sudoeste-nordeste.

- As viagens aos sítios eram literalmente penosas - continua Silvia Maranca em suas recordações, redigidas em 2002. - O carro nunca chegava até onde precisávamos ir. Quando dava para chegar mais perto eram uns quinze quilômetros de distância, caso do Gongo. Em "compensação", os quinze quilômetros eram subindo e descendo serra, cortando a caatinga a facão para fazer picadas que permitissem a nossa passagem e, às vezes, de um jegue para carregar a água. Naturalmente, subidas e descidas íngremes, debaixo de um sol escaldante, carregando instrumentos, comida, roupa, apetrechos vários.

O Gongo foi um abrigo indicado por Nilson Parente, que ali encontrou uma urna, em 1953. Para fazer a prospecção inicial, levaram água e comida para poucos dias, que se estenderam para duas semanas pela importância das sepulturas encontradas. Silvia depois me descreveria a cerâmica das urnas encontradas no Gongo como sendo finas como casca de ovo, corrugadas, com desenhos ornamentais. É o tal lugar em que Nilson conta que ouviram o choro da criança - revelando onde estava enterrada - e Niède confirmou a história. Mas Silvia diz que não lembra disso.

Seu Nilson não deixa por menos:

- Ouvi e não fui só eu, não. Estavam lá eu, a Niède, a Silvia, a "Ágata", o Maliberto, que mora aqui, o Joãozinho da Borda, que mora lá na Borda. Nós éramos 6 pessoas. Todos os seis escutaram. Eu marquei o lugar que estava aquilo e tiramos ele de lá. Já estávamos de saída quando ouvimos o choro. Daí cavamos e achamos a cabeça de um menininho dentro de uma cabaça. Tá lá no museu.

- Por que será que a criança chorou, seu Nilson? - pergunto.

- Porque nós arrancamos os pais dele, os avós dele, ele foi ficando sozinho e daí ele achou que devia acompanhar. Porque lá nessa posição, nós trabalhávamos lá, toda noite a gente escutava gente gemer, falar, bater. Depois disso nunca mais a gente ouviu nada, não ouviu mais zoada de ninguém lá. Eu trabalho na toca lá e nunca mais eu ouvi ninguém gritar, ninguém falar, nada.

Já Águeda dá uma explicação interpretativa para o choro que teria sido ouvido por todos:

- O Gongo foi o primeiro local escavado. Lá tinha o alojamento de uma família, não me lembro os nomes, uma senhora e dois filhos adultos, pernoitamos lá, depois de começar a escavação. Além das urnas, descobrimos esqueletos fora das urnas. Lembro que acordamos com uma chuva forte, que até inundou uma plantação e



MEMÓRIA I

– No início não havia estradas. Para ir à Toca do João Arsená, do Pinga do Boi, tudo aquilo, saíamos a pé, carregando tudo, do Zabelê. Para não ter muito peso para carregar, levávamos somente o essencial.

NIÈDE GUIDON

enlameou a água de um caldeirão. O nosso guia, o Nilson, tinha armado as redes ao relento. Com a chuva, fomos obrigados a entrar no abrigo. – E Águeda acrescenta, com vivacidade: – Foi meio impressionante, fomos obrigados a armar as redes no lugar em que estavam os esqueletos! Por isso deve ter essa história do barulho...

– E ainda tivemos que carregar as urnas funerárias e voltar tudo isso a pé – lembra Niède, enquanto passamos na estrada que hoje dá acesso a essa parte do Parque, próximo à guarita de São João Vermelho. – Peguei as redes, em que a gente dormia, com um pau bem comprido, forte, e pusemos uma urna em cada rede. Ainda tivemos que carregar todo o material fotográfico, o material de escavação, e caminhar 50 ou 60 km...

Mais uma vez, retornando aos tempos atuais, Niède se queixa que rouba muito tempo a burocracia para conseguir dinheiro:

– Agora, por exemplo, chegou dinheiro do Ministério da Cultura [Iphan]. Por outro lado, as estradas estão se degradando, então eu tenho que ver de que maneira posso arranjar dinheiro para que não se acabe tudo. Perco muito tempo fazendo pedido, indo para cá e para lá. Absurdo, porque isso aqui tudo é um patrimônio brasileiro. Tem um potencial turístico imenso, México e Peru ganham muito dinheiro com turismo arqueológico.

ÁGUA SEMPRE DIFÍCIL

Naqueles primeiros tempos, água, só tinha mesmo para beber, ainda assim com parcimônia. É Silvia quem conta:

– Eu me lembro que cada um guardava sua colher melecada de doce de leite para poder usá-la de novo... À noite tirávamos o *jeans* e a camiseta sujos de terra, do suor da escavação e, sem sequer lavar as mãos, vestíamos a bermuda e a camiseta menos sujas para deitar na rede. De manhã vestíamos a mesma roupa de trabalho um pouco arejada pela noite!

O “SUCESSO” NO ROTARY CLUB DE SÃO RAIMUNDO

O guarda-roupa de Niède, Silvia e Águeda consistia nas peças mais velhas, resistentes e largas que possuíam. Com tal figurino à disposição, elas passaram um grande aperto quando foram convidadas a comparecer a um jantar no Rotary Club de São Raimundo Nonato. O convite resultou do esforço de José Bastos Lopes, o Zé Lopes, para introduzi-las na sociedade local, por reconhecer a enorme importância do trabalho que faziam. Zé Lopes, já falecido, tinha um escritório de contabilidade na

cidade e foi um importante apoio ao trabalho pioneiro na Serra da Capivara. Seria um dos criadores da Fumdam em 1986.

As três não tiveram saída: escolheram a calça *jeans* menos rasgada, a camiseta menos desbotada, e lá foram as “loucas”, como Silvia está convicta de que eram vistas por todos. Ela própria disse que se preparou para a viagem pedindo a parentes e amigos todas as roupas velhas de que dispunham, algumas enormes, pernas de calça enroladas para não arrastarem no chão...

Enquanto estavam sentadas à mesa, não dava muito para reparar. Todo mundo com roupa de gala, homens engravatados, mulheres com vestidos feitos sob medida para a ocasião. Aí chamaram Niède ao microfone para falar!

– Águeda e eu prendíamos o riso, considerando que o cérebro de Niède não estava tão visível quanto a roupa!

Foi uma noite memorável, com um cardápio de carne de bode e muita maionese, garante Silvia. “Se todos estivessem nus, seria Niède quem brilharia”...

E CHEGA O PLIMPLIM DA GLOBO

A luz só chegaria a Várzea Grande em 1980, graças à usina maranhense de Boa Esperança, cuja primeira turbina foi inaugurada pelo ditador Garrastazu Médici, ainda em 1970. Silvia conta como foi a revolução nos hábitos e costumes da terra. Para o bem e para o mal.

– Com a luz, chegou a água encanada e também o plimplim da Rede Globo, que se ouvia à noite em toda a cidade. Os sofás, cadeiras plásticas, armários e camas, que poucas pessoas possuíam até então, as novelas transformavam em objetos de desejo incontrolável. Eu me lembro que vinham vendedores, sobretudo de Fortaleza e Brasília, com milhares de mostruários. Pegavam encomendas de geladeiras, *frezers* – até então raros e movidos a querosene – enfim, tudo o que podia ser usado e movido à eletricidade.



MISSÕES FRANCESAS EM MINAS E NO PIAUÍ

Lembremos que ao mesmo tempo em que se iniciavam os trabalhos no sudeste do Piauí, uma outra missão francesa, essa coordenada por Annette Laming-Emperaire, chegava ao Brasil para começar a escavar em Lagoa Santa, no estado de Minas Gerais. De 1971 a 1977, data do falecimento de Annette, a Lapa Vermelha IV, no município de Pedro Leopoldo, foi escolhida para escavação, entre os sítios já pesquisados desde o trabalho pioneiro do dinamarquês Peter Lund, no século XIX⁵⁰.

⁵⁰ Saiba mais no Capítulo 2, à página 26.

Foi Niède quem levou Emperaire pela primeira vez para conhecer Lagoa Santa, conduzindo o carro do Museu Paulista. Niède conta que um guarda de trânsito, em Belo Horizonte, tentou proibi-la de continuar ao volante, sob alegação de que uma mulher não poderia fazê-lo. Emperaire, mesmo sem conhecer direito Niède e com pressa de chegar de volta a São Paulo, defendeu-a diante de tal absurdo machista. Só a influência do reitor da UFMG, que intercedeu junto ao comando da Polícia Militar, garantiu a viagem de regresso. Com Niède ao volante. Começou ali a amizade e a admiração agradecida de Niède pela lendária arqueóloga francesa, que viria a orientar seu “doctorat d’Etat”, em Paris.

Sobre a Lapa Vermelha IV, a gruta foi escolhida justamente por ter poucos vestígios superficiais. Por esse motivo, não despertou grande interesse das várias missões que escavaram na região depois de Lund e antes de Annette. Ou seja, a gruta não havia sido muito mexida, e por isso serviria como referência estratigráfica.

Águeda Vilhena estava presente, como integrante da missão desde 1971, no momento em que Annette Emperaire fez a histórica descoberta do crânio de Luzia, em 1974.



ÁGUEDA SE CASA E LARGA O PIAUÍ

Em 1975, Águeda foi a Paris, depois de se afastar do Museu Paulista, onde era arqueóloga concursada, para preparar o doutorado. No ano anterior ela fizera o mestrado, sobre a região do Paranapanema paulista, orientada por Luciana Pallestrini:

MARGARIDA DAVINA
ANDREATA é

formada em geografia e história pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com doutorado na Universidade de São Paulo sobre os Padrões de povoamento em pré-história sobre o sítio-tipo de Goiânia, orientada por Luciana Pallestrini. Desde 1972 é pesquisadora da USP, dando aulas na pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia. Dedicou-se à arqueologia histórica.

- Quando fiz minha tese [de doutorado], eu estava estudando um sítio muito interessante, onde trabalhei durante dez anos. Chama-se Brito, perto de Piraju. É um sítio essencialmente de material lítico que vai até 8 mil anos atrás. Ainda temos trabalho a fazer, mas a parte de campo já está feita, vai de 4 mil a 8 mil anos AP.

Ainda em 1975, Águeda conheceu Denis Vialou. Voltou ao Brasil para reassumir o cargo no Museu Paulista e o compromisso com a pesquisa no Piauí. Foram feitos contatos com as universidades de Goiânia e de Teresina, para o respaldo acadêmico às escavações na Capivara. Ela voltaria a São Raimundo Nonato e a Teresina, como professora.

- Fomos Silvia, **Margarida**, Luciana e eu para Teresina, dar aulas na Universidade Federal do

Piauí. Por sugestão da Margarida, que não conhecia São Raimundo Nonato, levei os alunos para fazer trabalho de campo na Serra da Capivara no final de 1975, começo de 1976. Voltei para a França em 1976, já casada com Denis.

Águeda não lembra se em 1977 ou 1978, Niède pediu para que ela continuasse com a análise do material lítico do sudeste do Piauí. Mas ela já estava envolvida com o doutorado sobre a tecnologia lítica do Paranapanema. Acabava ali o seu vínculo com a pesquisa na região da Serra da Capivara.

– Faça um pouquinho dessa memória... – diz ela. E me mostra algumas fotos que salvou em seu *laptop*, dos originais em slide, desses primeiros tempos no Piauí.

NO BARREIRINHO

É como disse dona Carmelita, mulher de seu Nivaldo:

– Era a Niède, a “Águia” e a Sílvia. Aí começou. Elas vinha, só olhava, voltava. Até que começou a trabalhar – referindo-se, naturalmente, ao começo das escavações, nos anos seguintes. No dizer de seu Nivaldo, naquela época o povo as descrevia como “uns home, uns home baixo, de peito, explorando ouro...”, confirmando o relato do guia Nilson Parente, sobre a primeira impressão deixada por nossas bravas pioneiras!

– Havia o Barreirinho, área do Nivaldo Coelho, e outro mais distante, que era a Aldeia da Queimada Nova – conta Águeda. – Eu tinha tido a experiência no Paranapanema, de trabalhar num sítio a céu aberto, foi bom prospectar juntos. Mostrar o que é uma área enegrecida por ser o fundo de uma cabana ou não. Foi assim que identificamos a Aldeia da Queimada Nova.

Águeda explica que, a pedido de Niède, Sílvia estudou os fragmentos de cerâmica e ela, Águeda, os líticos:

– Praticamente na superfície encontramos muitas rodelas em xisto, uma pedra comum no local. Mas muitas rodelas, não me lembro se 40, em vários fundos de cabana. Eu achei muito interessante porque quando eu era criança e ia para o interior, em São Paulo, havia um jogo chamado malha, jogar malha. São rodelas assim, sem furinho no meio, como no jogo de bocha. Não lembro a datação desse sítio, mas o Gongo, se não me engano, foi datado em 2 mil anos. Eu até dei uma entrevista em dezembro de 1974, para a Folha de São Paulo, saiu na primeira página. A Luciana e a Niède estavam na França.



INSTITUT DE PALÉONTOLOGIE HUMAINE: CENÁRIO CINEMATográfico

Entrevistei Águeda Vilhena Vialou em dezembro de 2008, no prédio histórico do Institut de Paléontologie Humaine do Muséum National d’Histoire Naturelle, em Paris. O contraste com a caatinga piauiense não poderia ser mais gritante. O Instituto fica num prédio próprio, próximo ao Jardin des Plantes, sede da instituição, que começou em 1635 como “Jardim real das plantas medicinais”, onde hoje funciona a Grande Galeria da Evolução.

O Instituto foi criado em 1910, graças a uma doação significativa do príncipe Alberto I de Mônaco. A arquitetura do prédio revela o espírito *fin de siècle* – passagem do século XIX para o XX – em que se buscava a grandiosidade dos castelos medievais. O Castelo de Manguinhos, no Rio de Janeiro, construído por Oswaldo Cruz nessa mesma época, com dinheiro público, e onde funciona até hoje a Fiocruz, é de estilo mourisco, buscando, na imponência arquitetônica, o mesmo significado de valorização da pesquisa científica.

Detalhes na fachada do prédio parisiense reconstituem, num realismo ingênuo, momentos do cotidiano dos primeiros homens, naturalmente europeus. O fato é que atualmente o Museu é uma instituição dinâmica, com cursos próprios de pós-graduação em várias áreas, das ciências naturais e humanas.



O Institut de Paléontologie Humaine fica próximo à estação Saint-Marcel da linha 5 do metrô parisiense. À direita, detalhe da fachada.



O REGISTRO DOS PRIMEIROS TEMPOS

O diário de campo de Águeda Vilhena de Moraes, hoje no acervo da Fundação Museu do Homem Americano, registra o começo dos trabalhos no sudeste do Piauí, então apenas de documentação das pinturas e dos sítios.



CADERNO DE CAMPO⁵¹ MISSÃO FRANCO-BRASILEIRA 1973

Prof.^a Dra. Niède Guidon
Projeto Piauí

Niède Guidon – CNRS
Sílvia Maranca – M.P. (USP)
Águeda Vilhena – M.P. (USP)

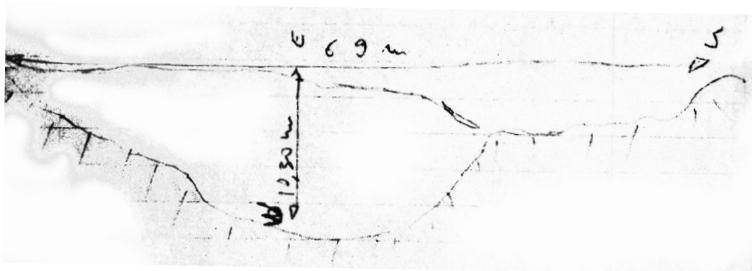
⁵¹ De autoria de Águeda Vilhena.

Informante local: Sr. Durval do Hotel Rodovia Fortaleza-Brasília. Serviram de informantes: o pai do Sr. Durval; Sr. José Mariano Pais; Sr. Manoel Rodrigues; Sr. Helino; família de Dona Ritinha (de Pedra Furada). Foram ajudantes: Sr. João Batista Dias; Sr. José e Sr. Nilson Parente Alves.

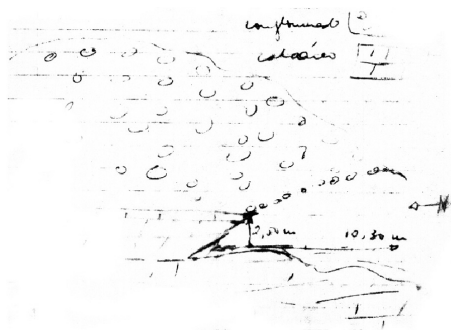
Alojamento: Hotel Rodovia Fortaleza – Brasília de Vargem Grande (na Barragem). Município de São Raimundo Nonato. Hospedaria Dona Adolfina – diária Cr\$15 (quinze cruzeiros).

10/04/1973 – Abrigo **Toca do Paraguaio**

Fica a 5.800 m N do povoado de Vargem Grande, município de São Raimundo Nonato, no vale encaixado do rio Capivara. Mede 69 m de extensão, tendo sua profundidade mínima nas extremidades de 1.30 m e profundidade máxima de +/- 30 cm de 10.50 m. Estrada para São João do Piauí. À esquerda da estrada tem o paredão rochoso com pinturas, direção N-S. O afloramento rochoso é a Serra da Capivara. O abrigo forma-se no contato do arenito com o conglomerado, contato esse que se inicia a 20 m do extremo norte do paredão. A abertura do abrigo é de frente para o Leste. O teto é em conglomerado e a parede e a base em arenito.



Os primeiros desenhos começam a 17.20 m de extensão do abrigo em direção ao Sul. Esses desenhos, pinturas em ocre, são feitos em seixos de parte do abrigo onde a parede ainda é em conglomerado.



(Centro do abrigo – vista para o Norte, onde as pinturas são no teto).



Segue a descrição pormenorizada dos painéis, especificando se é sobre seixo ou conglomerado, sem muito detalhamento das formas: “figuras em ocre”, “traçado” ou “cheio”, mencionando em alguns casos “lagarto”, “parece avestruz”, “figura quadriculada”. O esforço de Águeda para fazer a descrição da forma mais objetiva possível antecipa algumas designações que ficariam “consagradas”, como “bastonetes”. Seguem “várias figuras zoomorfas”, “restos de 2 emas”, “1 veado com traços finos”, “cobra”, “5 figuras em ponta de flecha”. E mais adiante: “As figuras de ponta de flecha continuam mais para o Sul e bordejam o painel em sua parte externa”.

SILVIA QUASE ARREBENTA A PRECIOSA LEICA

Silvia Maranca lembra perfeitamente desse dia, 10 de abril de 1973:

– Niède copiava os desenhos do alto de uma escada precariamente montada por Joãozinho da Borda, nosso primeiro guia. Joãozinho segurava firme a escada. Águeda preenchia os dados no diário de campo e eu fiquei responsável pelas fotos. Comecei com a grande angular, que para abranger todo o sítio exigia razoável afastamento e, antes de chegar ao ponto desejado, perdi o chão debaixo dos pés. O galho de uma árvore, no leito seco da torrente onde eu havia caído, enroscou na minha camiseta e fiquei pendurada com a caríssima máquina Leica no pescoço, sem saber quanto tempo minha camiseta (Hering, faço questão de dizer, pois aguentou o tranco e eu sou fiel à marca até hoje por isto) iria aguentar. Ciente de que qualquer movimento mais brusco, mesmo respiratório, poderia me soltar do galho e me precipitar no leito do rio seco, recorri a Niède, chamando-a bem baixo.

– Já vou – respondeu Niède, sem sequer olhar para trás.

Para se entender melhor a cena, é importante explicar que, nos primeiros tempos, eram feitos os “relevés” dos desenhos na rocha: num plástico transparente estendido sobre o paredão, as pinturas eram copiadas com pincel atômico. Muitas vezes a pessoa precisava permanecer em incômodas posições, durante longos períodos. É o que ocupava Niède naquele momento, que não deu importância ao tímido chamado de Silvia.

E prossegue o relato:

– Os minutos, para quem se vê pendurado por um fio, literalmente, à beira de um barranco e prestes a cair, parecem horas. Mas eu não podia arriscar, a Leica estava lá, pendurada no meu pescoço. Enfim, chamei de novo. Desta vez Niède se dignou a olhar na minha direção.

– O que é que você está fazendo aí? – perguntou, irritada.

Silvia pondera que não tinha o que responder:

– Mesmo que eu pudesse falar, o que diria? Que de repente me deu um complexo de Ícaro? Como explicar, com alguma lógica, o que havia acontecido? Fiquei

imóvel. Em alguns segundos, me tiraram de lá. Não sei até hoje se me salvaram ou salvaram a Leica. De qualquer forma, a Leica estava bem na frente do meu peito, reluzente, pesada, acho que se via mais do que eu, meio encoberta pelas folhagens. Saí dessa com um belo buraco na camiseta e nada mais.

O episódio ilustra bem o temperamento de ambas:

- Naturalmente fiquei muito nervosa pelo susto, mas Niède queria saber por que não havia gritado. Expliquei: porque não havia prestado mais atenção, porque fui relapsa. Por estar muito concentrada no trabalho das fotos, descuidei do resto.

Parece incrível que Silvia achasse mesmo que, por ter-se distraído, não tinha direito a gritar!

As duas chegam a um acordo:

- Enfim, combinei com a Niède que, sendo eu uma pessoa que nunca a chamaria durante o trabalho por nada, que se eu a chamasse seria urgência urgentíssima, seguramente. Não importava o tom de voz, o idioma. Era correr! Desde então, Niède passou a carregar a famosa Leica. Mas eu continuava podendo fotografar. Afinal, Águeda e eu éramos as únicas participantes e, pelo menos dessa vez, eu sabia que era indispensável!



ALGUMAS DESVENTURAS DE SILVIA MARANCA

- Um dia em que havia chovido muito, a estrada estava cheia de aranhas caranguejeiras. Niède havia parado o carro para que eu pudesse ir ao mato. Devido às aranhas, eu disse a ela que não iria muito longe e que ela me avisasse se avistasse alguém. Claro, ela avisaria! Nem um segundo se passou que eu havia me agachado em uma picada (pequeno caminho mais limpo onde é possível andar a pé e a cavalo) e um senhor montado sobre um jegue se aproximou, tirou o chapéu para mim, gentilmente, e cumprimentou: “Boa”! Eu respondi “Boa”, como se costuma, e não sei o que era mais forte, a vergonha ou a raiva da Niède, que achou mais interessante observar as aranhas! Ela alegou que prestara atenção mas não havia visto o homem se aproximando. Tive de engolir, mas se a pessoa não enxerga um homem sentado num jegue, ainda com chapéu, que perfazem no mínimo dois metros e meio de altura, enxerga o quê?

Realmente Silvia não deu sorte com os jegues no sudeste do Piauí. Numa ocasião, num trajeto de 57 quilômetros à região da Serra Branca, no norte do Parque, elas seguiam a pé, subindo e descendo serra, carregando um monte de trens, infestadas de carrapatos. Niède já estava coberta de feridas, precisou montar o jegue por um trecho

para se recompor. Quando chegou a vez de Silvia, o bicho empacou que não houve vara, corda nem berro que desse jeito. Silvia diz que não se incomodou tanto assim:

- No jegue você poupa as pernas e arrebenta a espinha, com tantas torções. Uma vez montei um cavalo, acho que ele assustou e saiu na disparada. Eu, muito preocupada em segurar a corda que servia de rédeas não vi um galho baixo de uma árvore, bem na altura do meu pescoço. Só sei que o cavalo foi e eu fiquei. Nunca mais montei nas nossas missões!

Apesar de todos os sacrifícios, Silvia só tem palavras de elogio para os guias, Joãozinho da Borda e Nilson Parente:

- O acampamento era sempre agradável. Eles faziam um limpo - como se diz de abrir uma pequena clareira na caatinga - amarravam as redes em árvores e, no centro, faziam a fogueira. Um jirau para proteger os alimentos e estava feito. Se não havia árvores suficientes, fincavam estacas. Era fantástico poder descansar na rede depois de um dia duríssimo.

O grande problema à noite, para Silvia, eram os morcegos. Mais ou menos às cinco e meia da tarde eles saíam das tocas e só voltavam às cinco e meia da manhã. Ela tinha pânico da revoada, acordava sobressaltada esperando aquele terrível momento:

- Foi a única experiência que detestei.



MANU DA ALDEIA DA QUEIMADA NOVA

Naquele ano de 1973, elas estavam escavando num sítio lito-cerâmico próximo a Várzea Grande, a Aldeia da Queimada Nova, no caminho para a Borda, quando receberam uma ordem do dono da fazenda, o Manu, para suspender tudo.

Apesar de oficialmente preso, por ter matado um homem ali perto, no Limoeiro, Manu só permanecia na prisão à noite, durante o dia circulava normalmente. Frequentemente aparecia no restaurante do Pernambuco, onde elas almoçavam, para saber do andamento das escavações, vestido de terno e gravata. Embora jurado de morte pelos filhos de sua vítima, que o proibiram de aparecer no Limoeiro, Manu quis verificar pessoalmente o boato de que elas estavam encontrando esmeraldas.

- O sítio era riquíssimo em vestígios - explica Silvia. - Encontramos muitos cacos de cerâmica, discos finos com ou sem furo no centro, urnas, quinze manchas de terra preta, vestígio de cabanas. E encontramos também belíssimos machados tipo âncora polidos e tembetás [adereços para os lábios] feitos numa pedra verde chamada jadeíte, que é um tipo de jade, muito valioso.

Foi o que bastou para chegar aos ouvidos do Manu que tinham achado pedras preciosas em suas terras. E Silvia conclui, tristemente:

- A tentação de ir lá verificar lhe saiu caro: na volta, arrancaram o Manu do carro e o mataram, na frente da mulher e dos filhos. Aqui era assim mesmo, olho por olho, dente por dente.

CADERNOS DE ÁGUEDA: PRIMEIRA REFERÊNCIA A MASCARADOS

No dia 11 de abril de 1973, Águeda Vilhena faz uma observação no Diário de Campo sobre as medidas registradas, que seriam apenas referências, com a ressalva: “as medidas exatas estão no caderno da Niède”. É um detalhe curioso, porque não consegui localizar esse caderno.

Uma certa mudança no estilo – texto certamente redigido *a posteriori* – nos ajuda a acompanhar o cotidiano do trabalho naquele momento, que se tornaria histórico:

“Continuamos a fazer o relevé das pinturas. Todas em ocre, ora mais laranja, ora mais marrom, devido a uma diferente oxidação do óxido de ferro⁵² (obs.: o ocre aparece em bolsões na rocha). As pinturas foram descritas de acordo com os vários conjuntos ou painéis, chegando a um total de quase 60 descrições. Os primeiros conjuntos de figuras nos seixos – que possuem dimensões variadas (+/- de 8 cm a 40 cm) – são geralmente em seixos de quartzo. Pertencem à camada de conglomerado de seixos cimentados por calcário. Havia figuras antropomorfas e zoomorfas estilizadas, figuras mascaradas.”

Essa é a primeira menção a “figuras mascaradas”, uma característica do estilo que viria a ser classificado por Niède como Serra Branca.

Trinta anos depois, Águeda comenta as primeiras impressões sobre as pinturas:

– Os abrigos eram enormes, com muitas representações. Para mim foi importante descobrir enormes tatus, ao lado do homem pequenininho... Um sítio que achei espetacular foi a Toca do Pajaú. Por ser menorzinho, como uma gruta, e por ter aquelas representações tão perfeitas. Os cervídeos enormes, quase do tamanho natural, depois num *dégradé*, vão diminuindo... e a cena da árvore, a cena das escadas, dos acrobatas, a diversidade dos animais, cada um com sua identidade.

E Águeda faz uma apreciação sobre o conjunto da região:

– O Piauí é marcado por cenas, não são só cenas estáticas, são bandos de homens, animais, figuras humanas bem marcadas, em forma de mascarados, enfileiradinhos, em forma de dança, então tudo isso era novidade. Eu conhecia os sítios rupestres de Lagoa Santa, bem diferentes. Isso mostra a riqueza do Brasil em representações rupestres, tão diversas como são as culturas daquela e de outras épocas.

“Niède concluiu o levantamento fotográfico; Silvoia e eu fizemos a topografia do abrigo em relação ao nível do rio por meio de clinômetro. Tomamos como base 1.50 m; cada grau equivale a 3 cm. 1° = 3 cm.”

Dois dias depois, em 13 de abril de 1973, lá está o registro:

⁵² Paulo Boaventura, meu amigo químico, que teve a pachorra de rever os originais detalhadamente, concorda com a consideração de Águeda: “De fato, trata-se de conteúdo de água no óxido, a hematita que não a contém é muito escura. O amarelo só aparece quando o óxido é hidratado. Ela descreve ‘bolsões na rocha’, portanto a rocha se decompôs ali, sob a ação de intempéries, daí o resíduo ser hidratado”. Ver quadro na página 288.

"Fomos à Toca do Serrote da Moenda (sic), que fica a 10 km do povoado de Vargem Grande. Não há nada: nem pinturas nem caco. Fomos com José e Sr. Gregório."

O interessante é que o Serrote das Moendas se tornaria um dos mais importantes sítios paleontológicos do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara: debaixo de alguns metros de sedimento, foram encontrados uma mandíbula de cervídeo associada a dentes humanos e os primeiros ossos fósseis de capivara e ema, tão representadas nas pinturas de toda a região, como já falei.

A MISSÃO DE 1974

LINA MARIA
KNEIP

foi coordenadora e catedrática em Arqueologia do Museu Nacional, da UFRJ, onde ainda ensinava no curso de pós-graduação do Instituto de Geociências. Desde 1987 coordenava os trabalhos nos sambaquis da região dos Lagos, no litoral fluminense. Criou a Praça do Sambaqui da Beirada, em Saquarema, para preservar um dos mais importantes sítios da região. Faleceu em janeiro de 2002.

Em 1974, Niède Guidon não veio da França, às voltas com o final do doutorado. Silvia coordenou uma missão de 30 dias ao sudeste do Piauí com Águeda Vilhena e uma arqueóloga do Museu Nacional, **Lina Kneip**. Nessa missão foram localizadas a Toca do Pinga Velho, a primeira da Serra das Confusões, a Toca do Salitre, na Serra Nova e evidenciaram urnas funerárias em São Brás e Serrote do Limpo Grande, no entorno do atual Parque⁵³.

- Foi a Luciana [Pallestrini] que nos apresentou a Lina, fizemos um excelente contato - conta Águeda. - Ela também tinha passado um ano na França. Trabalhou muito com sambaquis, criou museus em Itaipu e Saquarema, no litoral fluminense.

A missão de 1974 tinha como principal objetivo a criação de um centro de pesquisas onde ficasse reunido o material arqueológico. Escolheram São Raimundo Nonato, por ser um centro maior.

- Foi um trabalho diferente, indicaram um senhor para nos ajudar, seu José Lopes [Bastos] - Era uma casa numa pracinha, seu Lopes é que ficou responsável [parece ser a casa, na praça do atual Fórum, citada por Adauto Araújo como o local do laboratório de análise dos coprólitos, em São Raimundo Nonato].

Águeda comenta sobre os sítios descobertos, naquela época, no atual Parque Nacional Serra das Confusões, com sede na cidade de Caracol:

TOCA DO SALITRE E SÍTIO DO MEIO EM 1974

- Na Toca do Salitre as representações de homens e animais são policrômicas, esquematizadas, e com ziguezagues no corpo. Tinha também aquela das

⁵³ Na área do atual Corredor Ecológico.

pegadas, pintadas nas paredes... Na época, vimos um sítio de gravura, mas era um sítio isolado, não estava no mesmo contexto das pinturas, que era o interesse da Niède.

Além do *relevé* no Salitre, voltaram ao Sítio do Meio. Águeda considera que o *relevé* é uma maneira de registrar mais fiel do que a foto convencional, porque é uma releitura ponto por ponto, da pintura:



O *relevé* consistia em decalcar a pintura num plástico transparente, como aparece nessa foto de Águeda Vialou de 1973, na Toca do Salitre, na Fazenda Serra Nova.

- Se existe um pequeno hiato, porque tem um seixinho, você não tem direito de fazer aquele ponto, de ligar. Ao mesmo tempo pode colocar observações, que tem um acidente, uma plaquinha que caiu, sempre tem uma rugosidade...

Dessa vez elas foram para o Piauí no fusquinha da Lina, passando pelo Rio de Janeiro, as três apertadas como sardinhas no meio do equipamento. Silvia conta um episódio ocorrido na volta, quando além do material coletado para ser examinado em São Paulo, elas tinham comprado uns banquinhos típicos da região, cobertos com couro de boi. Lá foram elas, com o bagageiro em cima do fusquinha, abarrotado.

- Quando chegamos a Remanso, a meio caminho entre São Raimundo e Petrolina, paramos na praça da Matriz, para beber água. Lina fez algumas fotos e depois parecia um zumbi nos procurando, a Águeda e a mim.

- Cadê o carro?!! - perguntava Lina, desorientada.

O carro estava no mesmo lugar, mas ela não o identificou porque tinha sumido... o bagageiro!

- Nós três ficamos perplexas, e logo em seguida raciocinamos que certamente o havíamos perdido pelo caminho. A poeirada da estrada impediu que víssemos quando ele caiu. Bem que senti quando o carro ficou mais leve, eu que estava dirigindo. Achei que era a alegria...

Voltaram elas pela mesma estrada, até encontrar tudo espalhado e o bagageiro com um dos ganchos quebrado. Por sorte, a estrada tinha pouco movimento e nada tinha sumido.

- Deixamos o bagageiro quebrado no acostamento. Difícil foi arrumar tudo dentro do carro. Difícil viajar naquelas condições. Mais difícil foi enfrentar o processo movido pelo diretor do Museu, porque o bagageiro era material permanente do acervo!

NIÈDE E SILVIA NA MISSÃO DE 1975: O CHAVEIRO CECÍLIO

Em 1975, Águeda já não participou da missão, foram só Niède e Silvia. Sem a amiga com quem dividir as “culpas”, Silvia se sentiu desamparada, tudo de errado que acontecia só podia ser ela... E, segundo a própria, ela se superou naquele ano!

- Comecei logo ao chegar a São Raimundo Nonato. Encarregada que fui da chave do carro, fui guardá-la no mesmo bolso dos cigarros e do isqueiro! Primeiro cigarro, perdi a chave. Niède ficou tão furiosa que só disse uma palavra: “Vire-se”. Perder a única chave do carro era pior que perder a Leica.

Silvia faz uma curiosa observação:

- Não sei se Niède, sendo a “principal”, conseguia esconder as próprias falhas, ou se realmente tudo o que acontecia de errado era culpa minha...

Nesse episódio, Silvia se lembra até hoje do nome do chaveiro salvador, o Cecílio. Ela não sabe muito bem como, mas o Cecílio fez uma chave. Niède, naturalmente, dizia que a chave não era perfeita. Para Silvia, era mais que perfeita:

- Não sei como teríamos trabalhado sem ela e se estaria aqui para contar! Sou até hoje muito grata ao Cecílio.

CASA SEM BANHEIRO EM SÃO RAIMUNDO

Na outra situação, lembrada por Silvia, daquele ano, a culpa claramente seria da Niède, que não deu o braço a torcer. Niède alugou uma casa na cidade sem vê-la. Ficava próxima ao hospital. Enquanto ela, Niède, passava na prefeitura, pediu a Silvia que fosse olhar a casa. Simplesmente não tinha banheiro! Quando Niède foi verificar a informação de Silvia, não perdoou: “Eu te mando ver uma casa e você é incapaz de ver que falta o banheiro! Não posso confiar em você nem para isto!”

Sou capaz de imaginar as duas tendo essa discussão, em mais uma situação trágica que as reuniu nos últimos quarenta anos.

O fato é que naquele longínquo 1975 não tinha outra solução: a cada vez que precisavam ir ao banheiro, tinham que pegar o carro e sair da cidade... Silvia ainda descreve o detalhe de que não havia qualquer privacidade na casa. Pela curiosidade que despertavam, sempre havia na janela uma ou mais crianças e adultos olhando para dentro. A sorte é que elas pouco paravam em São Raimundo.

A dificuldade extra aumentava o nervosismo de Silvia, que sentia vontade de ir ao banheiro mais vezes. Aí se revela o lado solidário de Niède: sem reclamar, a cada vez que Silvia manifestava a vontade, ela apenas perguntava “se realmente era urgente”. Para Silvia, nunca deixou de sê-lo. E ela acrescenta:

- Aliás, eu sou difícil de conviver, devo admiti-lo.

O JUSTICEIRO QUE REPAROU O “MAL FEITO”

Foi nesse período que assassinaram um homem no hospital, ali perto. Niède tinha saído e Silvia ficou sabendo pelo entregador da água - era preciso comprar água para encher a caixa, porque não havia água encanada, nem luz. O rapaz lhe contou que a vítima fora atacada a pauladas por um bando, por vingança. Alguém o socorreu e o levou para o hospital. Quando os atacantes souberam que ele estava vivo, entraram no hospital e o mataram na frente da mãe.

Silvia lembra de ter dito, ao interpretar o tom de voz do rapaz como revoltado: “- Mas que canalhas, isto é uma covardia!” “- A senhora está enganada, o morto manchou a honra da família, tinha mais é que morrer mesmo!”. Toda atrapalhada, Silvia se apressa em corrigir: “- Ah, eu não tinha entendido, se fosse na minha família eu mataria duas vezes!” Ela falava e torcia para Niède chegar logo, para salvá-la da situação...

Também dessa temporada Silvia comenta sobre a água mineral que elas sempre iam buscar no Hotel Palace, no centro da cidade, quando chegavam do campo. Criou-se o reflexo condicionado pavloviano, era chegar no hotel e Silvia sentia uma sede incontrolável. As duas ficaram muito surpresas porque, ao comentar o fato com Niède na presença de um médico, que tomava uma cerveja ao lado, este perguntou a Niède quem era esse Pavlov...

CÉU DE ESTRELAS

Longe de casa, o melhor mesmo era o teto de estrelas. Niède comentou isso várias vezes, manter-se longe das tocas, até das casas. Eu não tinha entendido, pensei que era para evitar ser picada por barbeiro ou visitada por uma onça, dona da toca... Mas Silvia esclarece a dúvida com a história no Pitombeiras. Como o calor é sempre sufocante, sobretudo no período de seca, quando se escava, é muito mais agradável pendurar a rede ao ar livre, sentindo o cheiro da caatinga. Até



RECONHECIMENTO

– Niède fez nessa região o que nenhum político fez, e eu sou testemunha disso, justamente porque o interesse dela é a pesquisa científica, a preservação da natureza, o bem-estar da população, o desenvolvimento regional. Niède é um exemplo do que um político deveria ser.

SILVIA MARANCA, arqueóloga
pioneira da Serra da Capivara

porque, se precisar levantar, não precisa passar por cima da rede de ninguém. Nem enfrentar os morcegos...

Dessa vez, além da canseira da caminhada por baixões e chapadas, ao chegarem na casa em que iriam dormir, uma mulher de certa idade, que descascava mandioca, botou um facão na mão de cada uma, decidida a ter ajuda para terminar o balaio cheio que ainda tinha que descascar. Ainda precisava ralar a mandioca descascada. Serviço concluído, as duas, meio mortas, foram gentilmente convidadas a pendurar as redes no interior da casa, onde os cômodos pequenos muitas vezes nem janela têm. Agradeceram mas foram para fora.

Mal haviam deitado, exaustas, começaram a ouvir gritos:

– Pareciam uivos mesmo, como se fossem de um lobo! Soubemos que era o filho da dona da casa, que era tido como louco e uivava a noite toda. Não dormimos nada. E quem sabe lá que raio de doença ele tinha naquele fim de mundo! De madrugada, três e meia ou quatro horas da manhã, alguém ligava o rádio de pilha no mais alto volume e ouvíamos os programas matinais: pastores benzendo a água barrenta dentro do copo de requeijão ou caneca! No dia seguinte, trabalho como sempre, caminhadas, sol, calor de matar, sede e sono demais da conta. Assim foi no Pitombeiras – conclui Silvia.

ANA STELA, A HISTORIADORA DE SÃO RAIMUNDO NONATO

– Quando a doutora Niède começou a trabalhar aqui, eu tinha uns dez anos – conta Ana Stela de Negreiros Oliveira, chefe do escritório do Iphan⁵⁴ em São Raimundo Nonato. – Lembro que a gente via aquelas pessoas como estrangeiras, eram quase todas francesas. – Ela se refere à Missão Franco-Brasileira, que só existiria formalmente a partir de 1978. – A gente não tinha nem ideia da importância dessas pinturas, víamos apenas com curiosidade. Também aquelas pessoas diferentes, as mulheres dirigindo aqueles carros grandes, embrenhadas no meio do mato. Queríamos saber o que estavam fazendo.

Ana Stela é um exemplo de como a vida das pessoas da região mudou desde o começo das pesquisas conduzidas por Niède Guidon.

– Quando fiz vestibular, aos 18 anos, foi para história. Aí já tinha despertado o interesse pela história local. Eu nasci em 1962. Isso foi em 1980. Já se tinha ideia de

⁵⁴ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Cultura, também responsável pelo Parque Nacional Serra da Capivara, por seu acervo arqueológico. O escritório em São Raimundo Nonato foi criado em 2005, subordinado à 19a. Superintendência Regional do Iphan, sediada em Teresina, tendo como sua primeira chefe a arqueóloga e arte-educadora Cristiane Buco, atualmente estudando em Portugal.

que as pinturas eram algo valioso. Antes, a gente gostava de passear na serra para fazer piquenique, porque era bonito, mas sem relação com as pinturas. Era mais fresco, tinha areia, subia nas pedras, ia conhecer, e depois era comer. Essa era a grande aventura. Não me lembro dessas pinturas, antes da chegada dos arqueólogos.

Ana Stela nasceu em São Raimundo, morou em São Paulo, São Luís do Maranhão e formou-se em Teresina. Quando voltou para a cidade natal, foi fazer mestrado na Universidade Federal de Pernambuco, orientada pela professora Gabriela Martín, depois de conversar com Niède Guidon, que lhe deu algumas ideias. A tese foi sobre o ciclo da **maniçoba**, uma árvore nativa parente do aipim, cuja seiva foi muito usada como borracha por ingleses e franceses. A atividade extrativista na região atraiu centenas de famílias de outros estados do Nordeste, que se instalaram no sudeste do Piauí, muitas morando nas tocas com pinturas rupestres.

O MANIÇOBEIRO NIVALDO COELHO

Seu Nivaldo, marido de dona Carmelita, menciona o tempo em que foi maniçobeiro e caçador, para explicar as pinturas:

– Aí um tempo teve uma borracha, a maniçoba, que a gente furava. E na hora de uma chuva que nem essa a gente corria pra essas tocas. Tinha as pinturas. Como esse homem também era caçador, corria também pra essas tocas. No começo a Niède vinha todo ano. No outro ano ela vinha de novo, daí eu tinha arrumado outros sítios. São nas grotas, na chapada, aparecem os paredão.

O doutorado de Ana Stela é sobre os povos indígenas da região, no período colonial, concentrando-se no século XVIII. Ela diz não ter sido possível estabelecer uma ligação entre a ocupação pré-histórica e a histórica, ou seja, se os índios encontrados pelos portugueses seriam ou não descendentes dos antigos ocupantes, os autores das pinturas.

ESPERANÇA PARA A JUVENTUDE LOCAL

– A Niède é a grande incentivadora de tudo isso – garante Ana Stela. – Ela mudou a história de vida de toda a população da cidade. Por exemplo, esses meninos que trabalham na informática, no geoprocessamento. Até dois anos atrás moravam nos povoados, agora se descobrem artistas, capazes. Todo mundo estudando, pesquisando, cursando universidade, tudo isso a gente deve à presença dela.

MANICOBA é uma árvore nativa na região, de pequeno porte, da família do aipim ou mandioca (*Manihot spp.*), cuja seiva elástica foi importante fonte de renda para a população em dois ciclos extrativistas, com importância menor apenas que a borracha da seringa amazônica. No final do século XIX e começo do século XX ela foi muito valorizada pela indústria automobilística e elétrica da França e da Inglaterra. Novamente durante a segunda guerra mundial, nos anos 1940 e começo dos 1950, ela voltou a ter valor, já que o Japão bloqueava o acesso ao Sudeste Asiático. Na região atualmente do Parque Nacional Serra da Capivara e seu entorno foram identificadas seis espécies de maniçoba, abundantes sobretudo nas chapadas. Sua exploração está na origem da fundação do povoado Zabelê e do atual bairro São Pedro, de Coronel José Dias.

DARCY RIBEIRO foi antropólogo, educador, escritor, político, sempre um inovador em qualquer das atividades que exerceu. Foi chefe da Casa Civil do governo João Goulart, derrubado pelo golpe militar de 1964, tendo implantado a Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor. Grande admirador do marechal Cândido Rondon, o primeiro brasileiro “ilustre” a defender os índios e tratá-los com dignidade, e Anísio Teixeira, o educador que o inspirou no projeto dos Cieps, Darcy conseguiu implantar mais de 300 dos 500 Cieps que pretendia, no estado do Rio de Janeiro, durante o governo Brizola, de 1983 a 1987. A escola em horário integral, com residência para crianças vivendo na rua também poderem estudar, com atividades extra-classe e três refeições por dia, arte-educadores das comunidades treinados pelo estado e metodologia específica para os problemas de aprendizado, tudo isso foi um sonho que poderia ter transformado nossa realidade, mas não teve continuidade nos governos seguintes. Os Cieps foram, certamente, uma inspiração para os NACs implantados na Serra da Capivara, no Piauí.

Ana Stela se refere a Lucas Braga, Dalmir Negreiros e Tháilson dos Santos, que eu já conhecia. Eles começaram com o projeto Pró-Arte, uma extensão de arte-educação da Fumdam, criada há seis anos para suprir, em parte, o fechamento dos Núcleos de Apoio à Comunidade, os NACs, verdadeiros “Cieps do Sertão”. Para quem não lembra, o Ciep era um projeto de educação em horário integral, o “Centro Integrado de Educação Popular”, criado por **Darcy Ribeiro**, que pretendia implantar 500 Cieps no estado do Rio de Janeiro durante o governo de Leonel Brizola, nos anos 1980.

OS CIEPS DO SERTÃO

– Chegamos a ter cinco NACs, Sítio do Mocó, Barreirinho, Serra Vermelha, Alegre e Porteirinha – lembra Niède, referindo-se à localização das escolas em horário integral. – Começou em 1991, com a ajuda do governo italiano [Fondazione Terra Nuova]. Conseguimos construir e instalar as escolas, formar os professores locais, treinados pelos pedagogos da Unesp, a Universidade do Estado de São Paulo. Já naquela época começou a ideia de passar a manhã dedicada ao currículo oficial e a tarde ao esporte, às artes. A educação pela arte é desde aquele tempo.

Os núcleos consistiam em escola básica, posto de saúde e alojamento para professores e técnicos. Além das crianças de 4 a 12 anos – chegaram a ser atendidas 450 crianças – havia também a alfabetização de adultos. Pelo menos no começo, havia três refeições por dia. As crianças tomavam banho na escola e recebiam noções de saúde e higiene. Depois da aula havia atividades recreativas e esportivas. E horta, que não tem tradição na região. Como em quase todo o interior brasileiro, comer couve plantada no quintal é coisa de “pobre”, quase motivo de vergonha... Chique é comprar no mercado! No máximo, quem tem quintal planta um “temperinho” e alguma erva medicinal.

As professoras, todas da região, passaram por cursos de aperfeiçoamento, onde aprenderam sobre ecologia, pré-história e arqueologia, além de noções de construtivismo.

A ARTE-EDUCADORA CHEGA E FICA

– Cheguei bem na fase de transição, quando acabou o dinheiro da Terra Nuova e começou a municipalização dos Núcleos

de Apoio à Comunidade (NACs) – conta Vânia Sanches, arte-educadora que trabalhava com interdisciplinaridade no município de São Paulo, quando foi convidada pela antiga colega de faculdade, **Cristiane Buce**, para dar um curso de capacitação para as professoras dos NACs, em São Raimundo Nonato, no final de 1993. Vânia acabou se radicando no Piauí, onde se casou, teve dois filhos e hoje mora na cidade litorânea de Parnaíba, implantando mais um polo das incubadoras de cooperativas da Coppe, a Coordenação de Pós-Graduação Tecnológica da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁵⁵.

Vânia pretende criar um vínculo permanente entre as cooperativas de artesãos de São Raimundo Nonato e Parnaíba, no Piauí, com a dos Lençóis Maranhenses e a de Jericoacoara, no Ceará. A partir de conceitos do cientista social Milton Santos, um pensador do mundo globalizado, a proposta é “em última instância, [criar] uma nova qualidade de vida pessoal e coletiva assentes na autonomia e no autogoverno”. Daí as cooperativas.

CRISTIANE BUCO

é arte-educadora, com mestrado na Universidade Federal de Pernambuco sobre Indicadores da prática musical na pré-história do Nordeste brasileiro, no Parque Nacional Serra da Capivara, orientada por Gabriela Martín. Coordenou o projeto dos NACs desde abril de 1993. Numa antiga reportagem de Sergio Brandão para o “Globo Ciência”, Cristiane aparece regendo o coral de crianças dos NACs cantando a Marselhesa, em francês, para os visitantes estrangeiros. Alguns antigos alunos, hoje técnicos da Fumdam, ainda sabem cantar o hino francês. Ela atualmente faz especialização em Portugal.



A RAPOSA, A GALINHA E OS PINTOS: A COOPERART DE SÃO RAIMUNDO

A loja funciona no segundo andar do mercado, no centro de São Raimundo. Há peças de cerâmica, chaveiros, sandálias, objetos de decoração com material reciclado. No terraço, um grupo ouve atentamente a explicação de como será a dramatização de que vão participar. Uma pessoa é a raposa, há um grupo de três galinhas, os demais são os pintos. Começa a correria, a raposa querendo pegar os pintos, a galinha tentando protegê-los, todo mundo rindo.

A raposa é o Zé da Leide, como é conhecido o excelente carpinteiro-artesão José da Conceição Pereira. As galinhas são o Eliseu e a Mazé, lideranças da cooperativa. O escultor e ceramista Eliseu Lopes da Silva é o presidente, e Maria José Ribeiro, grande artesã recicladora, é a diretora administrativa. Mazé seria minha anfitriã meses depois, durante o Congresso Internacional de Arte Rupestre, em junho e julho de 2009, quando tive o prazer de conviver com sua família, o marido João, os filhos Manuel, Manuela e Murilo.

Matilde Braga, professora de formação, estimula o grupo a refletir sobre a experiência. Eles concluem que os pintos são o lucro, a raposa é o atravessador e as dificuldades de infraestrutura. A galinha que não consegue proteger os

⁵⁵ COPPE é o Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

pintos representa os cooperados. Essa é mais uma atividade da Incubadora de Cooperativas Populares, que funciona na cidade, um projeto ligado ao programa de Produção da Coppe da UFRJ. A grande preocupação parece ser a dinamização do turismo relacionado ao Parque Nacional Serra da Capivara, principal atrativo do público potencial do artesanato que fazem.

Para esse grupo, o esforço não é mais individual. Eles são uma cooperativa legal, regida pelas normas da economia solidária. Têm cooperlojas, participam de feiras e eventos, têm acesso a cursos de qualificação e assistência técnica. Vânia Sanches coordenou a formação desse núcleo, que agora ela se empenha em interligar com os artesãos da cidade litorânea de Parnaíba, os dos Lençóis Maranhenses e os de Jericoacoara, no Ceará.

Como sou tecelã, combinei com a Mazé para ensinar a eles a tecer com saquinhos plásticos usados, transformados em tiras. Foi uma farra dias depois, quando nos reunimos no espaço que usam para trabalhar, cedido pela prefeitura. Não sei se eles vão usar a técnica, mas sempre é gostoso saber que não se está sozinho.



SÍTIO DO MOCÓ ERA MUITO LONGE

Vânia lembra os primeiros tempos em São Raimundo:

– Não tinha estrada. Para ir de São Raimundo ao Sítio do Mocó, o que hoje leva vinte minutos, levava duas horas e meia. A gente saía de madrugada e passava a semana inteira na escola, voltava na sexta-feira à tarde. Eu fazia requalificação das professoras. O tempo em que elas não estavam em sala de aula, estavam com a gente, pensando o que é educação, de que forma integrar os assuntos. A Ideni cuidava da alfabetização e eu trabalhava com professoras de segunda a quarta série, para elas entenderem o que é polivalência. Na época havia 3 NACs, o do Sítio do Mocó, o do Barreirinho e o da Serra Vermelha.

SÃO RAIMUNDO, CAPITAL CULTURAL DA REGIÃO

São Raimundo Nonato já foi uma referência em educação no estado do Piauí, até meados do século XX. O Colégio Dom Inocêncio, de padres, era o segundo melhor colégio piauiense. A escola normal, dirigida pelas freiras da Ordem Mercedista, tinha grande prestígio. Diolinda Macedo, a bibliotecária da Fumdham⁵⁶, está fazendo uma pesquisa sobre essa história, que tem a ver com a sua família. Ela mora na casa que foi a sede da antiga fazenda que deu origem

⁵⁶ Em 2009, Diolinda saiu da Fumdham e abriu uma pousada.

ao povoado, na praça da Matriz, hoje Praça Comendador Piauilino. A cidade tinha conservatório de música, cinema e uma biblioteca pública com grande acervo, que sumiu.

– O auge de São Raimundo Nonato foi na década de 1960, rescaldo do período desenvolvimentista – conta Vânia, que se considera piauiense de coração. – Nesse período começou a mudar o perfil das agências financiadoras internacionais. Queriam projetos mais amplos, que visassem o desenvolvimento local, numa ótica além da educação. Foi nesse contexto que faltaram recursos para a manutenção das escolas.



Graças ao Parque Nacional Serra da Capivara, São Raimundo Nonato voltou a ter importância econômica: hoje o comércio atacadista da cidade atende a toda região.

PIAUIENSES AJUDAM A CONSTRUIR BRASÍLIA

Durante a construção de Brasília, tornou-se uma rota quase obrigatória a ida dos homens são-raimundenses para lá, nos períodos de seca. Até hoje tem um núcleo grande de São Raimundo na capital federal. Nos anos 1990 a atração foi o corte da cana no interior de São Paulo, em Serrana. Tinha até ônibus direto de São Raimundo para lá.

– Quando trabalhei nas escolas, a maioria das famílias não tinha homem dentro de casa – revela Vânia Sanches. – Uma das questões pedagógicas era educar os meninos para permanecerem na região, a escola criando uma possibilidade diferenciada de trabalho para eles não irem embora aos 15 anos.

Ela se orgulha das professoras que ajudou a formar. Algumas foram para a rede de ensino particular, outras fizeram concurso para o município e se destacam:

– A Marinelda tornou-se coordenadora de área, a Dulcineide é da coordenação de matemática no município. Esse ano abriu o Instituto Peniel, com a Raimundinha, a Maria da Guia, a Neide, a Matilde. Elas trabalhavam no Educandário Talita. A

Dulcineide, por exemplo, se descobriu uma excelente professora de matemática numa oficina que nós fizemos.

CASAS POPULARES

Vânia ainda trabalharia num projeto do PNUD e do Banco Mundial para a região, com sensibilização das comunidades para o desenvolvimento local. Um projeto-piloto foi o de construção de casas populares, cem para cada município – São Raimundo Nonato, São João do Piauí, Coronel José Dias e João Costa.

– Teve gente que voltou do sul porque ia receber a casa. A maioria voltou, porque a mulher é que tinha direito. O que tem feito o processo de migração mudar nos últimos oito anos são os programas sociais do governo, que começaram no tempo do presidente Fernando Henrique e continuam no governo Lula.

A PRÓXIMA GUARIBAS, DO FOME ZERO

Interessante o depoimento de Vânia, para quem está cobrando resultados do Fome Zero, lançado no município piauiense de Guaribas, um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano – IDH – do país, ao sul da Serra das Confusões. Recentemente foram feitas denúncias de que o dinheiro investido na região não melhorou as condições de vida da população. Por exemplo, os caros poços não estão fornecendo água às casas porque não há energia para movimentar as bombas... O governador Wellington Dias está cobrando um levantamento rigoroso dos órgãos de seu governo, para tomar medidas urgentes.

PÚBLICO E PRIVADO

Para Vânia, uma das razões da falência dos projetos sociais na Serra da Capivara é a mistura dos níveis público e privado. A Fumdham teria assumido o papel do Estado, sem sê-lo. Em sua tese de doutorado iniciada na UFPE, na área de Ciências Sociais, ela trabalha os conceitos de pertencimento e não-pertencimento social e territorial dos moradores do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara.

A criação do Parque sem a participação dessas comunidades criminalizou os antigos costumes da coleta e da caça nos limites do Parque, por exemplo. Ela está convencida de que só a reconstrução desse sentimento em novas bases poderá transformar essa população em principal preservadora do patrimônio cultural e patrimonial da região.

NEPOTISMO ACABA COM ESCOLAS-PADRÃO

No caso dos Núcleos de Apoio à Comunidade, os NACs, o problema foi quando as autoridades brasileiras deveriam assumir o custeio do projeto, ao terminar a cooperação italiana. Como o ensino primário é legalmente de responsabilidade municipal, o governo federal teve que repassar os recursos, via governo do estado, até a prefeitura. E esta não teve interesse em manter o horário integral. Muito menos em dar continuidade ao projeto da Fumdham de Niède Guidon...

O fato é que, logo, logo, as professoras especialmente treinadas foram substituídas por parentes e cabos eleitorais do prefeito e o projeto foi por água abaixo. Em 2001, a Fumdham recebeu de volta os prédios das escolas, então desativadas. Mas surgiu o Pró-Arte, coordenado por Elaine Ignacio e Cristiane Bucu.

Seis anos depois, o Pró-Arte Fumdham conquistou o primeiro lugar do Prêmio Itaú-Unicef⁵⁷ para organizações da sociedade civil que desenvolveram ações sócio-educativas e de proteção a crianças e adolescentes. O projeto ganhou visibilidade nacional e foi tema de um programa “Ação!”, na TV Globo, conduzido por Serginho Groisman, que foi ao ar em setembro de 2008.

O PIAUÍ NA GLOBO

Em São Raimundo Nonato, encontrei com a equipe do programa do Serginho Groisman, dirigida pela editora Marina Mantovani, que passou três dias registrando todas as atividades com a criançada e os jovens adultos. Tive o prazer de reencontrar o Helinho, cinegrafista, que conheci em 1985 em pleno Araguaia, quando ele integrava a equipe do Globo Rural – com o repórter Ivaci Matias, até hoje no programa – e, eu, a do Globo Repórter, dirigida em campo por Claudio Savaget, atual diretor do Globo Ecologia. Nosso cinegrafista era o Quito – Acyr Fillus –, com quem depois eu iria à Antártida e à ilha de Páscoa. De lá para cá, já vi o nome do Quito em reportagens no Everest, a bordo do barco do Myr Klink, como correspondente nos Estados Unidos.

Há mais de vinte anos, no Araguaia

No Araguaia, perto da ilha do Bananal, acompanhamos o que hoje seria considerado um absurdo, a captura de dois botos para serem levados para a lagoa no centro de Sete Lagoas, em Minas Gerais. Passamos quinze dias acampados na beira do rio.

Esse programa Globo Repórter não foi ao ar, o Savaget achou um horror a captura, ainda por cima tendo morrido um dos botos no caminho. Mas a experiência foi incrível: nessas duas semanas, o banho era no rio, cheio de piranhas e jacarés. Aprendi que na cheia não é perigoso, a bicharada está bem alimentada. Só que eu quase pisei numa arraia, que havia sido pescada durante o dia e amarrada num galho, perto da margem, depois de lhe arrancarem o ferrão. Eu vi aquela cordinha, enquanto ensaboava a cabeça, e cheguei a dar aquela puxadinha... o que é isso? Ai, que susto. A população local não entra no rio nem amarrada...

⁵⁷ 7a. edição do Prêmio do Instituto Itaú e o Fundo das Nações Unidas para a Infância, Unicef, categoria Projetos de Grande Porte, em novembro de 2007.

PRÓ-ARTE HOJE ⁵⁸

Sábado à tarde, no Pró-Arte, encontro uma roda de jovens adultos numa das salas, alguns com instrumentos musicais, um deles experimentando uma flauta de cerâmica. O prédio é ao lado do alojamento dos pesquisadores, muito simples mas sempre limpo, graças à Fátima e à Reisa, mãezinhas da garotada estagiária. Aqui funcionava nos primeiros tempos a sede da Fumdham, que herdou as instalações de um quartel de polícia. Uns ganchos de rede em lugares improváveis devem ser um registro de memória de quando todos dormiam num mesmo ambiente e era a Niède quem fazia o rancho da missão.

Logo na entrada do Pró-Arte, uma faixa lembra o prêmio recebido pelo projeto, do Itaú Cultural, que valeu a sua inclusão no Criança Esperança, iniciativa da Rede Globo e da Unicef em apoio a projetos de responsabilidade social para crianças e jovens. Há pouco acabou uma aula de espanhol que era uma brincadeira em roda, com jovens adolescentes. Sábado é o dia de atividade para adolescentes e adultos.

Durante a semana é a vez das crianças, no horário que complementa o da escola, três horas por dia. Tem coral, aula de flauta, teoria musical, bandinha rítmica, desenho, artes plásticas, teatro, capoeira, formação em leitura e escrita. As crianças escolhem algumas atividades, a maioria lúdica. Há biblioteca, aula de poesia, cidadania, educação patrimonial. Para os adultos, além de desenho, música e teatro, há cursos profissionalizantes, como informática, topografia, desenho arqueológico, formação de guias turísticos. De vez em quando, cursos de línguas, como esse de espanhol. Já teve de inglês, dado por pesquisadores estrangeiros.

A COZINHEIRA-ATRIZ

- Pode repetir à vontade - me diz com um sorriso Rosa Cristina da Luz de Brito Jesus, 27 anos, servindo generosamente a salada de fruta, os cabelos presos por uma touca. Por isso não a reconheci quando a vi como atriz, no ensaio da peça de teatro, com os cabelos soltos. Rosa trabalhava como babá, veio ser faxineira, acabou na cozinha e no grupo de teatro. Ela me explica que o lanche procura introduzir alimentos saudáveis que as crianças não têm hábito de comer, como vitamina de abacate e mingau de aveia, às vezes *milk shake* com uma fruta. Ela própria não costumava comer frutas no lanche:

- Não tem lugar como esse, só aqui no Pró-Arte, as crianças em vez de ficarem na rua vêm para cá. Ocupa a mente da criança, tem algo a fazer. Aqui tem muitas coisas bonitas! A doutora Niède? É a única que dá serviço aos pais de família. Ela é exigente, mas a exigência dela é bom para a gente aprender - reconhece Rosa.

⁵⁸O registro foi feito em julho de 2008. Meses depois o Pró-Arte passaria a ser dirigido pela arte-educadora paulista Rosa Maria. Tive a oportunidade de assistir o espetáculo "Discurso da Megafauna", no grande palco montado na Avenida dos Estudantes, no centro de São Raimundo Nonato, durante a rica programação cultural do Congresso Internacional de Arte Rupestre, em julho de 2009, onde trabalharam meus jovens anfitriões Manuel e Manuela, filhos da Mazé e de João Damasceno. Vale registrar que foi um deslumbre o conjunto da programação, a cargo da Fundação Cultural do governo do Piauí, a Fundac. Teve de "laseira", dança dos quilombolas, a tambor de crioula, quadrilhas, até concerto da Orquestra Sinfônica do Piauí, no Anfiteatro da Pedra Furada, dentro do Parque.

PROFESSORES FORAM JOVENS ALUNOS⁵⁹

– Aqui no Pró-Arte quase todos os professores foram formados na própria escola, você pode notar que são bem jovens – orgulha-se Marian Helen Rodrigues, a diretora em exercício, ela própria uma professora formada nos antigos NACs. Realmente, o professor do coral, Alex Nunes Rodrigues, de 23 anos, e o tecladista Airton Ribeiro dos Santos, de 18 anos, estão no Pró-Arte desde o começo, só que, de início, como alunos. Eles estudavam música num projeto da prefeitura que terminou, quando mudou a administração. Marlene dos Santos Costa, a professora de educação patrimonial, também é ex-aluna.

– No meu caso, foi ao contrário, eu trabalhava como técnico de informática na Fumdam e depois é que vim para o Pró-Arte – explica Lucas Braga, 22 anos, técnico do geoprocessamento que tem uma bela voz e participa do grupo de teatro.

Dalmir Negreiros tem 24 anos e continua morando com a família, na localidade de Lagoa de Fora, a dez quilômetros de São Raimundo Nonato. Ele é técnico em topografia. Quem o vê no trabalho de campo, sério e eficiente, manejando a estação total – como chama o instrumento que tira com precisão a posição de cada achado na escavação – talvez não o imagine interpretando o cômico “Jumento”, personagem intelectual da peça de teatro, uma sátira à figura do cientista forasteiro. Com ele, no trabalho de campo, eu conheceria também Ariclênes dos Santos, ambos talentosos desenhistas.

O HUMOR PARA PENSAR A PESQUISA ARQUEOLÓGICA

– O “Dom Chicote Mula Manca” é uma adaptação de um texto que já tinha sido montado nos anos 1970 – explica Tháilson dos Santos, 19 anos, o autor da adaptação, também topógrafo e estudante de arqueologia. – Tentamos mostrar como é o primeiro contato dos cientistas aqui com a região.

– Eu me sinto um pouco “jumento”, a figura estranha que cai de paraquedas e não compreende as coisas do lugar – explica, com humor, o professor de teatro Pedro Sanches, ex-integrante do Grupo de Teatro do Crusp, na Universidade de São Paulo, professor de Arqueologia no curso da Univasf – a Universidade Federal do Vale do São Francisco, em São Raimundo Nonato. – O cientista vira uma figura mitológica, uma personagem folclórica.

Aos poucos eu iria reconhecendo cada integrante do grupo de teatro que tanto me encantou. Jack, o “Caipora”, é o professor de capoeira e maculelê. Na hora do “laboratório”, larguei a câmera de vídeo e participei do exercício de alongamento e concentração. Eu ainda teria muitas chances de conviver com aqueles jovens

⁵⁹ Cristiane Buco, que conheci pessoalmente durante o Congresso, em julho de 2009, em São Raimundo Nonato, me falou da emoção que sentiu ao encontrar os antigos alunos, agora como professores e instrumentistas respeitáveis. O arqueólogo André Prous, que também é músico, ficou maravilhado com o arranjo barroco com que o conjunto de flautistas executou um velho tema popular brasileiro. A presença de Prous, aliás, sacramenta a sua reaproximação a Niède Guidon, com quem polemizou durante anos sobre as datações do Piauí.

cheios de criatividade e confiantes no futuro. Entendi o orgulho agradecido que Ana Stela demonstrou ao falar da doutora Niède. Mas não é ela sozinha. Desde o começo dos projetos sociais, estava a seu lado Anne-Marie Pessis.

SERÁ QUE VALEU A PENA?

Perguntei a Anne-Marie sobre qual avaliação ela faz da experiência das escolas.

- Todas as missões francesas vão aos sítios, fazem sua pesquisa e vão embora para a França. Nós fizemos diferente. É gostoso o investimento pessoal. Mas hoje, não sei. Se tivéssemos pensado que o governo brasileiro não daria continuidade [às escolas], não teríamos feito. Eu, pessoalmente, não teria participado dessa aventura – conclui, com um sorriso ligeiramente amargo.

NO CHILE DE SALVADOR ALLENDE

Depois que vi no currículo acadêmico de Anne-Marie que ela conheceu o Chile do tempo de Salvador Allende, foi a minha vez de sentir alguma nostalgia amarga. Eu também lá estive e me emocionei com o entusiasmo de trabalhadores e donas de casa mobilizados nos cordões industriais e nas “poblaciones”, os bairros populares da periferia de Santiago, integrados aos partidos de esquerda da frente que conseguiu eleger, pela primeira vez no mundo, um presidente socialista.

Até hoje é do meu repertório de chuveiro o hino da Unidad Popular: “*Venceremos, venceremos, mil cadenas habrá que romper... ¡la Unidad Popular al poder!*” Talvez nos desencantássemos mais tarde com o processo chileno, se Allende não tivesse sido deposto e assassinado pelo golpe militar liderado por Augusto Pinochet, em 11 de setembro de 1973. Que a terra lhe pese, diria eu ao fantasma do general Pinochet, que chegou a ser cobrado em vida, judicialmente, pelos milhares de desaparecidos chilenos.

Jamais esquecerei a desilusão estampada no rosto do povo chileno, com quem compartilhei a dor da derrota dentro do Estádio Nacional, transformado em campo de concentração. Lá fiquei presa por um mês, depois do golpe, junto com milhares de pessoas, sendo 80 de nacionalidade brasileira.

Mas o sonho sempre renasce, de outras formas.

O SONHO NUNCA ACABA

Conto a Anne-Marie sobre algumas entrevistas que fiz com jovens adultos, ex-alunos das escolas. São profissionais da Cerâmica Serra da Capivara, no Barreirinho, técnicos dos vários laboratórios da Fumdam, integrantes das equipes especializadas de conservação dos sítios arqueológicos, estudantes universitários, jovens mães do Sítio do Mocó, sem trabalhar fora no momento, mas com formação profissional. Em comum, todos inteligentes e articulados, exprimindo com clareza os pensamentos.

Mesmo com tudo que não foi adiante, dos empreendimentos que fecharam, da confecção, da fábrica de mel que foi vendida mas que é abastecida pelos moradores com suas colmeias, foi uma transformação radical, para melhor.

A SOCIOLOGA DAMIANA CRIVELLARE

- Eu também acho que é muito esforço para tão pouco - considera a socióloga Damiana Crivellare, que morou alguns anos em São Raimundo, enquanto o marido, Guilherme Medeiros, coordenou o curso de Arqueologia, que formou a primeira turma em 2009. Conversei com Damiana pouco antes de sua mudança para a França, onde Guilherme fazia um pós-doutorado e ela daria à luz o primeiro filho⁶⁰.

- São Raimundo é uma cidade desorganizada, que não valoriza patrimônio histórico. Só muito lentamente está começando a se envolver com as atividades culturais. As pessoas jogam lixo na rua, existe desrespeito entre marido e mulher, com índices altíssimos de violência doméstica... Mas se pudéssemos identificar as pessoas que tiveram ou têm contato com o trabalho no Parque, dá para notar que elas são completamente diferentes, mesmo que isso não pareça tão evidente.

E Damiana exemplifica:

- Por exemplo, hoje o neto do seu Nivaldo, que foi um dos primeiros guias da Niède, estuda arqueologia. Não só ele, mas todos os melhores alunos do curso são nascidos aqui. Lógico que não são só eles, há alunos do Brasil inteiro, mas é um indicativo de que o valor da riqueza patrimonial da região é uma realidade para uma parte da população.

SÃO RAIMUNDO VOLTOU A SER POLO DA REGIÃO⁶¹

São Raimundo Nonato é hoje o polo da região, que abrange Caracol, Canto do Buriti, São João do Piauí, João Costa. Os funcionários das prefeituras próximas vêm receber o salário em São Raimundo, que tem agência do Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Caixa Econômica e serviço do Bradesco na agência dos Correios. Todo começo de mês é um grande movimento do comércio atacadista, sobretudo de alimentos. Enquanto isso, Canto do Buriti, a cem quilômetros, onde Niède precisava ir para telefonar, pouco mudou.

- As mudanças são muito lentas - queixa-se Damiana. - Para encontrar essa casa para alugar, levamos quase dois meses. Verdade que uma das dificuldades é

⁶⁰ Ao encerrar essa edição, o jovem casal já está de volta a São Raimundo Nonato, com uma linda menininha nos braços, Guilherme reassumindo a cátedra na Univasf.

⁶¹ Foi uma agradável surpresa voltar a São Raimundo Nonato um ano depois do início da pesquisa para esse livro. A nova administração conseguiu não apenas limpar a cidade, mas engajar a população no esforço para a realização do Congresso Internacional, indiscutível injeção de estímulo e geração de renda. Não reencontrei urubus...

porque a maioria dos moradores é proprietária, há poucas casas de aluguel. Mas as que encontramos eram semidestruídas, sem janela em todos os cômodos, o banheiro saindo da cozinha ou fora da casa, no quintal.

De fato, uma cidade que recebe regularmente gente de fora há quase quarenta anos, já deveria ter uma infraestrutura melhor. Periodicamente a Fumdam organiza encontros científicos. Segundo Rosa Trakalo, até os preparativos para a realização do Congresso Internacional de Arte Rupestre, em junho de 2009, só havia 60 leitos que podiam ser considerados aptos para receber os turistas.

GARIS E URUBUS DE SÃO RAIMUNDO NONATO

Julho de 2008. Um casal varre a sarjeta de uma rua movimentada, cada um com sua vassoura, sem uniforme. João de Brito, 39 anos, e Ana de Brito Mares, 36, têm um filho e são garis da prefeitura. Trabalham desde sete horas da manhã, para varrer o Largo Manoel Agostinho de Castro, mais conhecido como o Largo do Fórum ou do “Espremedor de Laranja”, forma que o edifício sugere. Mas só a sarjeta, até o final da rua. – Mas e a calçada, que está toda suja? – Não, ali quem tem que varrer é o zelador da praça. Só que nenhuma praça tem zelador. – Então a praça fica suja! – É, fica suja. Vai umas três horas. Aí, já juntou o bagulho aqui, já trouxe, não vai ficar aqui sentado. Volta, entrega o material de trabalho e vai pra casa. – Ué, só varre essa rua e vai embora?! – A gente tem que fazer 8 horas, mas não trabalha 8 horas. A gente fazia o horário de pegar 4 horas da manhã e saía às 9, mas agora mudou. Quando a gente começa a trabalhar, a rua já tá cheia de carro, cheia de gente, não tem como a gente limpar direito. – Mas vocês não têm chefe de turma para prestar conta? – Tem. A gente só sai daqui quando assina. 9 e meia a gente assina lá e vai pra casa, faz o almoço. Quando dá 3 horas a gente já tá aqui de novo pra trabalhar. Das 3 até às 5 e meia. – Mas aí a rua já está cheia de gente de novo... – É, já tá cheia de gente. Pra gente não é bom porque é um horário muito quente. – Mas vocês não falaram disso com algum supervisor, que o horário está errado? – Falamos para o Carlão, da prefeitura, mas ele não entende. – Mas por isso que a cidade está tão suja! – É, não tá bom não. Venta muito, tem muita sujeira, muita folha, tem o esgoto. A gente tá lutando na justiça pra ter a melhoria do trabalho da gente.

Que o digam os urubus, os verdadeiros garis da cidade. Lembrei do acendedor de lampiões do planeta do Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry. Quando ele apagava o lampião já tinha que acender de novo, porque o planeta era muito pequeno...

O DINHEIRO DO AEROPORTO QUE DERRETEU

O aeroporto, que já deveria estar pronto há anos, finalmente está saindo do papel, pelo empenho pessoal do atual governador. Niède falou para quem quisesse ouvir que o dinheiro do aeroporto tinha “derretido” três vezes em Teresina, não chegava a São Raimundo, por causa do “calor”. Tive o prazer de estrear a pista do futuro Aeroporto Internacional de São Raimundo Nonato, no último voo que levou embora os participantes do Congresso, em 05 de julho de 2009. Quarenta e um países estiveram representados.

O governador Wellington Dias cumpriu a promessa a Niède de que pelo menos a pista de pouso estaria pronta para o Congresso. O aeroporto completo será entregue em 2010, garantiu-me o governador, numa entrevista no Palácio Karnak, em Teresina.

Já na comemoração dos dez anos do Museu do Homem Americano, em novembro de 2008, Wellington Dias fizera questão de comparecer com quatro Secretários de Estado, sacramentando seu compromisso com a realização do Congresso.

- 2009 será o ano da Serra da Capivara! - garantiram a Érika Targino, assessora de comunicação da Fumdam.

A COLEGUINHA EM AÇÃO

Eu estava na casa da Niède quando Érika Targino chegou para pedir emprego como jornalista, em maio de 2008. Eu mais ouvi do que assisti a entrevista, estava na varanda ao lado, usando o computador, se não me engano. Chamou minha atenção a firmeza com que Érika garantiu que poderia se desincumbir de todas as tarefas, mesmo sem experiência. E me surpreendi com a rapidez com que Niède a contratou. Certamente, funcionou sua lendária intuição. Meses depois, pude acompanhar a colega em ação, com toda a competência e o reconhecimento que merece. Com a eleição do novo prefeito, ela foi convidada a ocupar a nova Secretaria de Turismo, à frente da qual muito ajudou nos preparativos da cidade para o Congresso.

A DELEGADA DE MULHERES DE SÃO RAIMUNDO

Desde 2007 a advogada Luciene Rodrigues de Lima, 31 anos, é a titular da Delegacia da Mulher de São Raimundo Nonato. Depois de morar e estudar em São Paulo, Luciene voltou à cidade natal, casou e ficou. Segundo o levantamento feito nos últimos meses, 70 por cento dos casos que vão parar na sua delegacia são de ameaça violenta do companheiro, na maioria das vezes com faca, facão ou enxada. Ainda não teve nenhum caso de arma de fogo. É mais um indicativo do contexto rural da cidade, que até recentemente só inchou, sem melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Por exemplo, as ruas do centro são calçadas mas o esgoto continua a correr a céu aberto.

LENÇOL DE ÁGUA PODE SER SALVO

Paradoxalmente, essa é uma característica que talvez tenha salvado a pureza das águas subterrâneas, segundo o estudo coordenado pelo CNPq e agora levado adiante pelo projeto da Petrobras Ambiental. A zoóloga **Marcia Chame**, que teve a ideia de preservar e ampliar os caldeirões de água para proteger a fauna do Parque, explicou que a tecnologia deverá encontrar uma solução a seco para o esgoto.

MARCIA CHAME, zoóloga da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz, veio pela primeira vez ao Piauí fazer estágio na área de Paleoparasitologia, com Adauto Araújo. Seu trabalho era coletar as fezes dos animais atuais, para servirem de parâmetro para o estudo dos coprólitos, as fezes fossilizadas. Tornou-se fundadora da Fumdam e uma de suas mais entusiastas integrantes. Além de frequente interlocutora de Niède Guidon, que “pensa conversando”, Marcia teve a brilhante ideia de estudar as fontes de água do Parque, o que deu origem ao ambicioso projeto hoje patrocinado pela Petrobras Ambiental de sustentabilidade da fauna e do homem, no entorno do Parque.

AS ÁGUAS DO PETROBRAS AMBIENTAL

Margarete Grilo é bióloga, professora de Ecoturismo da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, a FACHO. Veio a São Raimundo Nonato como consultora do projeto da Petrobras Ambiental, que é no entorno do Parque. A visita hoje é mais de passeio mesmo, e ela está encantada com o que conheceu:

- Sou ecóloga, minha formação é de Ecofisiologia, que é a relação solo-água e planta. Por isso participo dos projetos relativos à água. Trabalho muito com recuperação de rios, tem a ver com a linha de projetos que a Petrobras financia. Esse aqui está só começando, viemos acompanhar esse início.

Simpática, Margarete tirou fotos de tudo no parque, das plaquinhas indicativas, das estradas, dos acessos aos sítios, para mostrar aos alunos. E não poupou elogios ao trabalho da Niède:

- Brinquei com ela que o nome [a fama] antecede a ela. Todo mundo que trabalha na área ambiental conhece a força que ela tem para fazer com que isso aqui aconteça. É muito legal.

Américo Machado Martins, o gestor de projetos ambientais da Petrobras, também está gostando da visita. Reservado, informa que o projeto visa fazer o mapeamento dos recursos hídricos na área do entorno do Parque Serra da Capivara, com a recuperação de locais para consumo humano e também de consumo animal, abrangendo 9 municípios.

- São dois anos para a implantação - diz ele. - Pega uma área muito grande. Vai fomentar estudos para prospecção, alocação de poços, recuperação de alguns locais onde a água da chuva corre, para consumo humano e animal. Esse projeto da Fumdam foi selecionado como um dos 36 projetos, dentre 800 apresentados. Essa é a nossa primeira visita.

Américo também não conhecia a Serra da Capivara e ficou muito bem impressionado com as trilhas demarcadas, as pinturas rupestres, a estrutura cuidada:

- É uma oportunidade única para conhecer essa região. É uma descoberta, a comprovação da presença de nossos antepassados no continente americano.

ERA NIÈDE GUIDON

Como estará a cidade de São Raimundo Nonato daqui a alguns anos, talvez beneficiada por administrações mais comprometidas com o interesse público? Possivelmente comandada por alguma mulher, podemos imaginar. Afinal, são mulheres que ocupam vários dos principais cargos públicos, como a promotora, a juíza, e muitas das empresas que se destacam, a cerâmica, o hotel, o restaurante,

o posto de gasolina. A tradição vem de longe, quando a seca empurrava os chefes de família para trabalhos sazonais em outras regiões, como já contamos. Muitos acabavam não voltando, e as mulheres tocando a casa e a educação dos filhos.

Só que agora, na “era Niède Guidon”, os homens que se cuidem: das guariteiras do Parque às cientistas, são as mulheres que estão mudando a cara da região.



”

Desde a pré-história, a mulher é que faz a coleta. A mulher é a vida. Hoje se sabe que a maior porcentagem de comida é conseguida pelas mulheres e, não, pelos homens. Talvez por causa da testosterona, o homem é um ator. Ele tem que ser forte, senão se sente diminuído. As mulheres não estão nem aí para isso, você faz porque tem que fazer. Tem os filhos. Não faz por exibição de força. Os homens têm que se vestir bonito, se encher de medalhas e coisas assim. As mulheres, em geral, se despem.”

”

Niède Guidon

QUANDO O PIAUI FOI PARAR NA NATURE

6

A datação inesperada da Pedra Furada - Os clovistas - A tese de Fabio Parenti - Niède na *Nature* - Os sítios antigos das Américas - Mapa das Américas com ventos e correntes marítimas - Os primos da Luzia - Niède e Walter Neves se aproximam - Franceses e italianos no Piauí - Os paleontólogos Claude Guérin e Martine Faure também no Quari - Grandes mamíferos e répteis extintos - As eras do gelo - As novas espécies descobertas - A lhama da Niède: *Paleolama niedae* - A grande seca na África pré-histórica - Gabriela Martín e a gruta de Altamira, na Espanha: o Piauí também será em breve reconhecido?

- **D**EZOITO MIL ANOS?! Não, vocês se enganaram, essa amostra não pode ser minha! – Essa foi a reação de Niède Guidon ao telefone, quando soube do resultado da datação das amostras de carvão que enviara ao laboratório na França, em Gif-sur-Yvette. Não, não era possível, não havia gente na América do Sul nessa época, muito menos no Piauí!

- Não, é sua mesmo! Pode voltar lá que você vai achar mais! – conta Niède sobre a resposta que ouviu. – Prosseguimos a escavação e deu um total de 700 metros quadrados de área escavada.

O ano era 1980. Foram cinco anos, até chegar ao leito da rocha, sob mais de três metros de sedimento. O sítio de onde saíram as amostras era a Toca do Boqueirão da Pedra Furada, na Serra da Capivara, sudeste do Piauí. Em pouco tempo outras datações não só confirmaram aquela data como foram recuando no tempo, à medida que novas decapagens eram feitas na escavação. Os vestígios de fogueiras e líticos pareciam revelar a presença constante mas temporária de um mesmo grupo humano. Naquele momento se definiram dois grandes estágios culturais, Pedra Furada e Serra Talhada.

O direcionamento das escavações não era encontrar as origens do homem americano, mas contextualizar as pinturas rupestres, assunto da tese de doutorado de Niède. As datações tão remotas foram surpreendentes até para ela mesma.

DERRUBANDO A TEORIA DO *CLOVIS FIRST*⁶²

Até então, acreditava-se que os vestígios humanos mais antigos das Américas eram os encontrados na década de 1930 no Novo México, conhecidos por cultura Clóvis, com 11.200 anos. O *Homo sapiens* teria vindo da Ásia pela Beringia, ligação terrestre entre a Ásia e a América do Norte, quando o nível do mar baixou cerca de 120 metros, na última glaciação. Os defensores dessa teoria se "assenhoraram" da nossa origem, a tal ponto que as escavações que chegavam a essa data eram interrompidas! Da mesma forma acreditavam que o homem pré-histórico sul-americano forçosamente precisava de armas sofisticadas para caçar a megafauna, já que foram encontrados verdadeiros matadouros de bisões na América do Norte.

Os "donos da verdade", anteriores às evidências encontradas no sudeste do Piauí, não entendiam, e até hoje parecem não entender, a complexidade da nossa biodiversidade, que permitiu a multiplicação de estratégias de sobrevivência, como as centenas de diferentes culturas indígenas no Brasil bem o demonstram.

⁶² *Clovis First* significa Clóvis primeiro, quem chegou antes.

SÍTIOS MAIS ANTIGOS DAS AMÉRICAS

Ventos e correntes, possíveis vias migratórias



SÍTIOS MAIS ANTIGOS, INDICADOS NO MAPA, DE NORTE A SUL:

1. Meadowcroft , Pensilvânia, EUA – Adovasio, 1977 – 22 mil AP
2. Clóvis, Novo México, EUA – vários, 1939 – 12 mil AP
3. Tlapacoaya, vale do México – Mirambell e Lorenzo, 1970 – 22.200 a 33.500 AP
4. El Toro e El Túnel, Yucatán, México – López, 1980 – 11 mil a 21 mil AP
5. Taima-Taima, Falcón, Venezuela – Ochsenius e Greehn, 1979 – 11.860 a 14.200 AP
6. Tibitó, Cundinamarca, Colômbia – Correal, 1978 – 11.800 AP
7. Pedra Pintada, Monte Alegre, Pará/Brasil – Roosevelt, 1996 – 11.200 AP
8. Quebrada Jaguay e Pachamachay, norte do Peru – Rick, 1980 – 11.800 AP
9. Boqueirão da Pedra Furada, Piauí/Brasil – Guidon e Delibrias, 1986 – 32 mil AP – Valladas et al., 1998 – 100 mil AP
10. Pikimachay, Ayacucho, Peru - Mac Neish, 1980/1983 – 11 mil a 30 mil AP
11. Santa Elina, Cuiabá, Mato Grosso/BR – Vialou e Vialou, 1996 – 10.120 a 25 mil AP
12. Toca da Esperança, Central, Bahia/BR – Lumley, 1987 – 20 mil AP e Beltrão, 1991 – 204 a 295 mil AP
13. Lapa do Boquete, vale do Peruaçu, Minas Gerais/Brasil – Prous, 1998 – 12 mil AP
14. Lapa Vermelha, Lagoa Santa, Minas Gerais/Brasil – Emperaire, 1976 e Neves, 1991 (Luzia) – 11.500 AP
15. Alice Boer, Rio Claro, São Paulo/Brasil – Beltrão, 1974 – 14.200 AP
16. Monte Verde, Puerto Montt, Chile – Dillehay e Collins, 1988 – 14.200 a 15.100 AP
17. Los Toldos, Santa Cruz, Argentina – Paez et al., 1998 – 12.600 AP



Os ventos e correntes marítimas por si só são capazes de transportar uma balsa ao longo da costa ou, mesmo, através do oceano Atlântico, como foi demonstrado inúmeras vezes, desde que o navegante acidental sobreviva às frequentes tempestades em alto mar.

O mapa reunindo os sítios mais antigos conhecidos e os possíveis “caminhos” marítimos para as Américas do Norte, Central e do Sul permite visualizar que não é razoável insistir na exclusiva hipótese de ocupação via Beríngia, mesmo que em navegação costeira (de cabotagem).

BPF MOTIVA POLÊMICA COM CLOVISTAS

No ano de 1984, o italiano Fabio Parenti, aluno de Niède na França, foi pela primeira vez ao Piauí. Voltou em 1985, o suficiente para mostrar à professora que tinha capacidade para o trabalho de campo. Em 1987, Parenti assumiu as escavações no BPF – como passou a ser chamado, "na intimidade", o Boqueirão da Pedra Furada. Ele começava ali o trabalho de campo que fundamentaria sua tese de doutorado, defendida seis anos depois na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, onde Niède era Mestre de Conferências, quase o topo da carreira acadêmica na principal instituição de pesquisa francesa na área de Ciências Humanas⁶³.

Em 19 de junho de 1986, o semanário científico mais famoso do mundo, a revista *Nature*, publicou um artigo de N. Guidon e G. Delibrias⁶⁴: "O Carbono-14 revela a presença do homem nas Américas há 32 mil anos". O Piauí entrava no mapa do mundo, pela porta da frente. Uma curiosidade, que descobri em Roma, é que Fabio Parenti é o autor dos desenhos dos líticos desse artigo publicado na *Nature*, a pedido de Niède.

"O ponto de vista de que o homem não chegou ao continente americano antes da última glaciação se baseava no fato de que até aquele momento os sítios arqueológicos conhecidos e datados não eram muito antigos. Mas agora registramos a datação por radiocarbono de um sítio no Brasil que estabelece a antiguidade da presença do homem na América do Sul por volta de 32 mil anos atrás. Esses achados vêm do abrigo sob rocha repleto de pinturas do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, cujas paredes e teto são ricamente decorados por um conjunto de pinturas pré-históricas. Escavamos uma sequência contendo abundante indústria lítica e fogueiras estruturadas em todos os níveis. A datação por carbono-14 de carvões estabeleceu uma cronologia contínua, indicando ocupação humana de 6.160 ± 130 até 32.160 ± 100 anos AP. A data de 17.000 ± 400 AP obtida de um carvão achado num nível com fragmentos de rocha caídos da parede com grafismos pintados comprova a antiguidade da arte rupestre nesta região do Brasil."⁶⁵

⁶³O topo da carreira seria Directeur de Recherches, que Niède certamente atingiria se não tivesse começado a carreira na França um pouco tarde. Ela se tornou professora na EHESS aos 41 anos de idade, depois de obter o doctorat d'Etat. Conheça a tese de Fabio Parenti à página 297.

⁶⁴N. Guidon, do Laboratoire d'Anthropologie Préhistorique d'Amérique, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, França, e G. Delibrias, do Centre des Faibles Radioactivités, Laboratoire Mixte CNRS-CEA, em Gif-sur-Yvette, França. "Carbon-14 dates point to man in the Americas 32,000 years ago." *Nature*, vol. 321, p. 769-771.

⁶⁵*The view that man did not arrive on the American continent before the last glaciaction has been supported by the fact that until now the known and dated archaeological sites have not been of very great antiquity. But now we report radiocarbon dates from a Brazilian site which establish that early man was living in South America at least 32,000 years ago. These new findings come from the large painted rockshelter of Boqueirao do Sítio da Pedra Furada, the walls and the ceiling of which are decorated with a rich set of prehistoric paintings. We have excavated a sequence containing abundant lithic industry and well-structured hearths at all levels. Carbon-14 dates from charcoal establish a continuous chronology indicating human occupation from $6,160 \pm 130$ to $32,160 \pm 100$ yrs BP. A date of $17,000 \pm 400$ BP, obtained from charcoal found in a level with fragments of a pictograph fallen from the walls, testifies to the antiquity of rupestral art in this region of Brazil.*

O artigo descreve a gama de peças líticas encontradas, em quartzo e quartzito, até por volta de 12 mil anos AP, quando o sílex passou a ser usado como matéria prima ocasional. O início da fase Serra Talhada, sugerido pela datação do material lítico, seria, portanto, entre 10 mil e 12 mil anos AP. De origem calcária e com características que facilitam a sua utilização como ferramenta, o aparecimento cada vez mais frequente do sílex indica uma sofisticação tecnológica e mais uma prova de que tais líticos foram produzidos pela mão do homem. Uma sequência de 17 datações por Carbono-14 foram dispostas numa tabela:

*"Da base ao topo, sua sucessão é não apenas internamente consistente, mas também consistente com a estratigrafia."*⁶⁶

O artigo prossegue com seu poder fulminante sobre os clovistas, que levaram vinte anos para digerir-lo:

*"Essas datas, ao lado dos vestígios arqueológicos descobertos, torna possível estabelecer a sequência de diferentes fases culturais do sítio. Elas também estabelecem a antiguidade da presença humana na região."*⁶⁷

AS MAIS ANTIGAS DATAÇÕES DAS AMÉRICAS

Até então, uma das datas mais antigas de ocupação humana que se conheciam na América do Sul era a de 13 mil anos para o sítio de Monte Verde, próximo a Puerto Montt, no sul do Chile, escavado pelo norte-americano **Tom Dillehay**. Walter Neves lembra que Monte Verde só foi reconhecido como sítio pleistocênico em 1997. Dillehay acabaria se rendendo à antiguidade do próprio sítio que escavava, depois de ser um dos grandes questionadores do BPF.

Um dos outros sítios mais antigos conhecidos era Alice Boer, no município de Rio Claro, no nordeste do estado de São Paulo, publicado por Maria Beltrão em 1978, com a polêmica datação de 14.200 anos. O outro é o de Meadowcroft Rockshelter, na Pensilvânia (EUA), com 19.450 anos, publicado por **J.M. Adovasio** em 1984. Aliás, Adovasio seria um dos polemistas sobre o BPF, ao lado de Dillehay e David J. Meltzer, e não é difícil de entender por quê.

TOM D. DILLEHAY é do Departamento de Antropologia da University of Kentucky, Lexington, Kentucky, nos Estados Unidos. Publicou os primeiros achados de Monte Verde na *Scientific American* 251(4), p. 100-109 em 1984, conforme citação do artigo da Niède na *Nature*. Aceitou o convite para ir a São Raimundo Nonato discutir sobre o povoamento das Américas, em 1993, ficou quietinho e, no ano seguinte, publicou na revista *Antiquity* o artigo "A view of Toca do Boqueirão da Pedra Furada", em que questiona as datações, junto com David J. Meltzer e J.M. Adovasio. Niède e Anne-Marie Pessis publicaram a resposta, junto com os Anais da Conferência, intitulando-a "Leviandade ou Falsidade?", em que manifestam a indignação pelo fato de os americanos não terem levantado o debate durante a conferência.

⁶⁶*From bottom to top, their succession is not only internally consistent but also consistent with the stratigraphy.* Op.cit., p. 771.

⁶⁷*These dates, along with the archaeological remains discovered, make it possible to establish the sequence of the different cultural phases of the site.* Ibidem.

JAMES M. ADOVASIO é diretor do Instituto Arqueológico Mercyhurst e chefe do Departamento de Antropologia e Arqueologia do Mercyhurst College, em Erie, Pensilvânia, nos Estados Unidos. Em 1973 começou as escavações no abrigo rochoso de Meadowcroft, na Pensilvânia, cujas datações foram de 16 mil a 19 mil anos. Desenvolveu interessante trabalho de gênero na arqueologia, com tecnologia pré-histórica perecível, ressaltando a participação de mulheres, velhos e crianças, que não utilizariam os objetos líticos encontrados. Tornou-se mais conhecido como árduo defensor da teoria do *Clovis first*, que defendia a entrada do *Homo sapiens* na América do Norte exclusivamente pela Beringia, em torno de 12 mil anos atrás. Curioso que seus próprios achados desmentem a teoria... Coautor do artigo de descrédito quanto à antiguidade das datações da Pedra Furada, no Piauí.

ANNA CURTENIUS ROOSEVELT é historiadora pela Stanford University e PhD em Antropologia pela University of Columbia. Atualmente é professora de antropologia na University of Illinois, em Chicago e membro da American Academy of Arts and Sciences. Desde 1983, ela pesquisa na Amazônia brasileira, onde suas descobertas se somam às que delineiam uma ocupação pleistocênica da Amazônia e de outros pontos das Américas, bem anteriores aos horticultores que cultivavam mandioca e milho, possivelmente ancestrais de grupos indígenas sobreviventes. Roosevelt se dedica atualmente a estudar o papel da floresta tropical na evolução humana, com trabalho de campo simultaneamente na Amazônia e no Congo.

Em 1991, a bisneta de Theodore Roosevelt, a arqueóloga **Anna Roosevelt**, escavou a gruta da Pedra Pintada, no município paraense de Monte Alegre, descoberta nos anos 1970 por pesquisadores do Museu Goeldi e mapeada por espeleólogos em 1984. A datação entre 11.300 e 10.300 anos para a camada mais profunda, com material lítico e carvões, caracterizou uma ocupação paleoíndia amazônica, associada a pinturas rupestres geométricas. Dizem que a própria Roosevelt achou fragmentos de cerâmica amazônica no acervo da Smithsonian Institution, em Washington, bem mais antigos, mas por serem "heréticos" – desafiadores das verdades "inquestionáveis" de seus pares – ela não ousou publicá-los.

O PRESTÍGIO DA NATURE

Para se ter uma ideia da importância de conseguir publicar uma descoberta científica na *Nature*, foi através da revista que o mundo tomou conhecimento do Raio-X e da estrutura helicoidal da molécula de DNA, por exemplo. A revista, uma das mais antigas, vai completar 150 anos de idade.

Um exemplo recente de divulgação científica importante para a continuação das pesquisas é a quebra de patente do medicamento efavirenz, integrante do coquetel AZT para o tratamento da Aids, pela FAR-Manguinhos⁶⁸, no Brasil. Apesar do *lobby* dos grandes laboratórios, o acompanhamento pela opinião pública dos avanços feitos pelos pesquisadores brasileiros – e isso que não foi através de uma revista científica com o prestígio da *Nature* – ajudou a criar as condições políticas para o governo federal quebrar a patente, universalizando o seu uso pelos portadores da síndrome. Em outras palavras, salvando vidas.

⁶⁸ Instituto de Tecnologia em Fármacos da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

E APARECE A ZAZÁ: CRIME OU MORTE NATURAL?

Em 1990, foi encontrada na Toca da Janela da Barra do Antonião a "Zazá", uma jovem mulher que dormia sobre as cinzas de uma fogueira para se aquecer, quando possivelmente um enorme bloco de pedra de cerca de seis toneladas se soltou do teto do abrigo e o deslocamento de ar a matou, separando-lhe a cabeça do corpo.

Eliany La Salvia levanta a hipótese de que a mulher pode ter sido assassinada enquanto dormia, tendo parte de seu crânio esmagada por uma pedra atirada de cima e, com o impacto, a mandíbula teria se distanciado do resto do corpo.

O esqueleto foi preservado, mas do crânio sobrou apenas a mandíbula, encontrada um pouco mais adiante. Detalhe: isso tudo aconteceu há 9.670 anos... Não muito antes da morte de uma outra jovem mulher – essa mais famosa hoje em dia – ocorrida na região de Lagoa Santa, perto de Belo Horizonte, em Minas Gerais, quando possivelmente perambulava pela região cárstica do planalto central, por volta de 11.000 anos atrás.

OS PRIMOS DE LUZIA

Segundo as características morfológicas dos esqueletos, Zazá e Luzia podem ser "aparentadas". A antropóloga física **Evelyne Peyre**, do Musée de l'Homme, descreveu Zazá como uma mulher com caracteres cranianos arcaicos robustos e idade aproximada de 30 anos. O estado de conservação de sua mandíbula foi considerado "único" na América do Sul, o que permitiu fazer comparações com outros exemplares encontrados, segundo relata Gabriela Martín em seu livro "Pré-História do Nordeste do Brasil".

A Dra. Peyre descreveu os dentes como tendo o esmalte liso e branco, sugerindo alimentação sadia e ausência de doenças infantis descalcificantes. O desgaste rápido dos molares seria pela alimentação dura e de mastigação demorada. O crânio teria "calota espessa e baixa, com parietais pequenos, face

ELIANY SALAROLI LA SALVIA formou-se em História na Universidade Federal de Ouro Preto. Fez mestrado e doutorado na Universidade Federal de Pernambuco, ambos sobre a pré-história do sudeste do Piauí. Foi aluna de Niède Guidon e participou das escavações nos sítios calcários do entorno do Parque Nacional Serra da Capivara. Foi professora na Universidade Estadual do Piauí, em São Raimundo Nonato. Trabalhou como arqueóloga da Universidade do Tocantins e tem dado consultoria para laudos ambientais. A consideração sobre "Zazá" foi feita em sua tese de doutorado "A reconstituição da paisagem da paleomicrobacia do Antonião e a sua ocupação pelo homem no Pleistoceno", de 2006.

EVELYNE PEYRE foi da equipe de Antropologia Biológica e Ecologia Humana do Musée de l'Homme, em Paris, pertencendo ao CNRS, Centre National de Recherches Scientifiques, UMR 152, da França. É membro do Collège de France. Atualmente aposentada, dedicava-se ao estudo de populações humanas antigas, fósseis humanos, história das ciências nas áreas de osteologia, odontologia, paleoantropologia, sexo e sistemas de gênero, segundo o site do Laboratoire Eco-anthropologie et Ethnobiologie do CNRS.

EMÍLIO FOGAÇA é discípulo de Eric Boëda, o grande especialista francês em tecnologia lítica (de objetos em pedra trabalhados pelo homem pré-histórico), da Universidade de Nanterre – Paris X, onde fez graduação e mestrado. O doutorado foi pela PUC do Rio Grande do Sul com um estudo de caso da Lapa do Boquete, em Minas Gerais, em camadas de 12.000 a 10.500 anos, comparando a indústria lítica daqueles povos. Professor durante muitos anos da Universidade Católica de Goiás, com um projeto de pesquisa integrado à Missão Franco-Brasileira chefiada por Boëda no sudeste do Piauí, encontra-se atualmente na Universidade Federal do Sergipe, em Aracaju.

MARK OLIVER ROHRIG HUBBE, que encontrei coordenando a escavação da gruta Cuvieri, na região de Lagoa Santa, Minas Gerais, é formado em Ciências Biológicas pela USP. Seu trabalho de final de curso foi Marcadores Dentais e Qualidade de Vida Biológica em San Pedro de Atacama, no Chile, orientado por Walter Neves. O doutorado, também sob orientação de Neves, foi sobre Análise Biocultural dos Remanescentes Ósseos Humanos, de sambaquis do litoral sul brasileiro. Participa do projeto Origens desde o seu começo, em 2000, na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, sendo o principal colaborador de Walter Neves. Professor adjunto da Universidade do Norte do Chile, é também diretor do Museu Arqueológico, em San Pedro de Atacama.

curta e grossos molares". Claude Guérin se mostra cético quanto às possíveis semelhanças com outros esqueletos, pois de Zazá só se tem a mandíbula.

No ano 2000, Evelyne Peyre publicou a datação de vestígios humanos encontrados no Serrote do Garrincho em torno de 15 mil anos. A medida exata por radiocarbono (Beta 136204) foi 12.210 ± 40 AP, indicando que seriam os mais antigos já encontrados na região. Eram três dentes fossilizados, encontrados por trabalhadores que construíam um reservatório de água.

Depois apareceu a Zuzu, na Toca dos Coqueiros, que Walter Neves já batizou de Zulu: "Não é mulher, é homem", afirma. Ele está estudando um outro esqueleto, da Toca do Paraguaio, a número um. Negroides? Talvez não, impossível saber a cor da pele. Mas certamente com traços que lembram nossos antepassados daquele continente. A participação de Walter Neves nos estudos é uma novidade mais ou menos recente. Ele e **Emílio Fogaça**, então da Universidade Católica de Goiás, reconheceram, em 2006, a seriedade dos estudos que dataram os vestígios do Boqueirão da Pedra Furada numa idade máxima entre 33 mil e 48 mil anos, à época. Essas datas recuaram em novas e posteriores datações, feitas na Austrália, mas que não são aceitas por muitos. De qualquer maneira, ponto para a ciência.

NIÈDE GUIDON E WALTER NEVES SE APROXIMAM

Naquele mesmo ano, Walter Neves e Niède Guidon assinaram juntos um artigo para o *American Journal of Physical Anthropology*, publicado em junho de 2007, tendo como coautores **Mark Hubbe** e **Heleno Licurgo do Amaral**, ambos da USP: "*Zuzu Strikes Again*"⁶⁹. A importância maior de Zuzu é ser o mais antigo esqueleto encontrado no sudeste do Piauí, o que permite comprovar o "modelo dos dois componentes biológicos" para a ocupação das Américas, como Neves já defendia

⁶⁹ "*Brief Communication: 'Zuzu' Strikes Again – Morphological Affinities of the Early Holocene Human Skeleton From Toca dos Coqueiros, Piaui, Brazil*". *American Journal of Physical Anthropology* 134:285-291(2007).

há anos. Ou seja, Zuzu - ou Zulu - teria as mesmas características australo-melanésicas dos esqueletos encontrados na região de Lagoa Santa, em Minas. O artigo explica a metodologia usada para levar Neves a afirmar que Zuzu foi um "macho grácil", não uma mulher. Aliás, concordando com Niède, que em 2002 já afirmara que Zuzu era homem.

- Para mim era o esqueleto de um homem, porque tinha a inserção muscular muito forte - conta Niède, enquanto caminhamos. - Estava enterrado com uma ponta de flecha belíssima do lado da perna. E tinha sido enterrado com uma refeição ao lado. Depois jogaram todos os carvões e a cinza por cima. Então para mim era de um homem. Os antropólogos físicos disseram que era uma mulher. Outro diz que era homem. Não, é mulher. Depois, o exame de DNA de Belém do Pará disse que era mulher. Então eu disse: se for mulher, é a primeira das Amazonas...

Alguns dos achados nessas tocas foram feitos acidentalmente por "caieiros", gente explorando a cal. Eles costumavam marretar a entrada das grutas e tocar fogo nos grandes blocos, para extrair a cal. Por sorte, um osso enorme de preguiça-gigante chamou-lhes a atenção no Antonião. Seu Nivaldo soube e avisou Niède. Na Bastiana, ela literalmente se colocou na frente para salvar o sítio, o que lhe valeu mais uma série de ameaças. A partir de 1999, a exploração de cal foi finalmente proibida na região.

FRANCESES E ITALIANOS NO PIAUÍ

Na Serra da Capivara, de um modo geral, o solo é muito ácido, então os restos humanos e de animais desaparecem com o tempo. Mesmo com a antiguidade comprovada em vários sítios, graças aos modernos processos de datação, que hoje podem dizer com relativa precisão a idade de uma ferramenta de pedra, por exemplo, ou de um pedaço de cerâmica, esses achados são apenas vestígios da presença humana. Os ossos, propriamente, se desmancharam. Mas no principal sítio escavado, a Toca do Boqueirão da Pedra Furada, o BPF, chegou-se à datação inquestionável de 48 mil anos.

O arqueólogo italiano Fabio Parenti fez uma brilhante tese de doutorado que faz calar a boca dos que questionam a origem humana das lascas trabalhadas, ou da intencionalidade das fogueiras, que se sucedem com datações impecavelmente

HELENO LICURGO DO AMARAL é cientista social pela USP. Participou de pesquisas em diferentes áreas, como turismo e antropologia, desenvolvimento sustentável, antropologia política, arqueologia subaquática, até se fixar na antropologia biológica e arqueologia, na Fundação Museu do Homem Americano, em 2003, onde trabalhou com os esqueletos do acervo e participou de escavações. Em 2005 foi aceito como estagiário do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, da USP, coordenado por Walter Neves, sendo uma das pontes que aproximaram Niède e Walter.

Martine mostra ossos da perna da preguiça-gigante de 5 metros de altura.



GUACIARA MACEDO DOS SANTOS formou-se em Física na Universidade Federal Fluminense, com mestrado e doutorado também na UFF. Como física nuclear, especializou-se em Espectrometria de massa com aceleradores – AMS, Acelerador de partículas, Datação por Carbono 14, Detetor de Bragg. É coautora do referido artigo, do qual reviu a tradução para o português. Segundo Fabio Parenti, Guaciara foi quem desenvolveu a técnica de preparação de amostras de carvão em que este é transformado em grafite – grafitação – antes da medição. Sua invenção, feita na Austrália, levou a Universidade da Califórnia a convidá-la para prosseguir em suas pesquisas nos EUA, onde se encontra atualmente.

regressivas⁷⁰. Posteriormente, Niède enviou algumas amostras para a Austrália, onde se experimentava uma nova tecnologia. Segundo Niède me comentou, a datação teria recuado para nada menos que 130 mil anos!

Parenti me afirmou, em Roma, que se pode chegar, com segurança, aos 60 mil anos, pelos estudos da física brasileira **Guaciara M. dos Santos**, feitos na Austrália quando pesquisava o método que aperfeiçoou, de grafitação dos carvões. Acima dessa idade, Fabio relativiza os resultados, por problemas que detectou na identificação de algumas das amostras analisadas.

Em 2007, Fabio Parenti organizou mais uma missão italiana, financiada pelo Ministério de Relações Exteriores da Itália – Direzione

Generale per la Promozione e la Cooperazione Culturale – e pela Fondazione Ing. Carlo Maurilio Lericci, do Politecnico di Milano. Junto com Fabio, veio o geólogo quaternarista Vittorio Rioda. Os dois se dedicaram a um curso para os alunos de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Univasf – Universidade Federal do Vale do São Francisco, sediado em São Raimundo Nonato – geomorfologia, estratigrafia, levantamento geológico e topográfico – com aulas práticas na Lagoa do Quari, ao sul de São Raimundo. Essa missão também teve, como paleontólogos, Claude Guérin e Martine Faure. Em dezembro, Fabio voltou com sua aluna Giulia Aimola para a documentação gráfica da campanha de 2003 no mesmo sítio. Giulia participou de várias outras escavações na região e fez sua tese de mestrado sobre o Sítio do Meio, que ela defendeu em Ferrara, na Itália, em dezembro de 2008.

VINTE ANOS DE CLAUDE GUÉRIN NO PIAUÍ

Voltando ao Antônio, Guérin comenta que ali encontrou "seixos de ossos", o que significa que foram "rolados" antes de fossilizarem, ou seja, correu mesmo muita água por ali. É com um ar ligeiramente sonhador que ele me mostra o nível original da terra, muitos metros acima da cavidade atual, marcado pela diferença de cor da pedra, entre azul e amarelada. A raiz aérea de uma gameleira que cresceu no nível da entrada da toca, e que vai até o fundo da cavidade, é um testemunho de todo o sedimento que foi retirado com as escavações:

– Solange, esse foi o primeiro sítio em que trabalhei. Na época, estavam explorando cal aqui.

Conhecendo o currículo do paleontólogo Claude Guérin, que escavou em quase

⁷⁰ Conheça o resumo da tese de Fabio Parenti no Anexo IV, à página 297. O original foi publicado apenas em francês.

todos os continentes, é enternecedor ver a sua emoção ao lembrar dos primeiros tempos na região. Ele e, depois, a colega Martine, tiveram que estudar a fauna específica do Brasil pré-histórico, para identificar cada fragmento encontrado na nova área de pesquisa. Um desafio e tanto que ele aceitou, quando Niède Guidon o procurou para indicar um paleontólogo para a Serra da Capivara: – Eu mesmo – ele conta.

DUPLA DE PALEONTÓLOGOS TAMBÉM NO QUARI

Claude Guérin e Martine Faure descreveram os espécimes encontrados na Lagoa do Quari, com predominância de duas espécies de preguiças-gigantes, entre gliptodontes, toxodontes, mastodontes, cavalos pré-históricos, uma tartaruga gigante terrestre, além de muitos fragmentos não identificados. A fauna da Lagoa do Quari é típica do período Holoceno Antigo, ou seja, por volta de 10 mil anos AP, quando a paisagem era aberta e o clima úmido.



Fragmento de carapaça de gliptodonte (tatu-gigante), do tamanho de um fusca, que desapareceu quando o clima se tornou árido.

Ao lado do Museu do Homem Americano, em São Raimundo Nonato, funcionam os laboratórios da Fumdam, num prédio de forma estranha, como a metade de uma estrela. Cada perna é um laboratório, tendo na ponta a sala do pesquisador responsável. Grandes janelas de vidro, que se abrem verticalmente quase até o chão, acabam se transformando em portas informais quando se quer cortar caminho. Eu mesma passei várias vezes pela janela da sala de leitura, que tem um agradável jardim no meio, contornado também por vidros.

Do lado de fora, as paredes foram pintadas com aquele tom alaranjado das construções mexicanas. Uma linda arara "mora" na entrada do prédio e sabe chamar a dona Maria pelo nome. É a senhora que cuida da copa e conhece todo mundo. Dona Maria atualmente mora em casa própria e anda de moto, graças à doutora Niède, que lhe deu o emprego que veio pedir, há muitos anos, para se livrar de um marido violento. Parece que ela continua casada, mas certamente mudou a relação dentro de casa, como parece ter ocorrido com grande parte das mulheres na cidade, ao ganharem autonomia financeira.

LABORATÓRIOS DA FUMDHAM

– Uma das novidades agora em 2008 é essa tartaruga-gigante, olhe só, tem cerca de um metro de comprimento a carapaça – me mostra Martine Faure, no Laboratório de Paleontologia da Fumdam, em São Raimundo Nonato. Todos os anos ela e Claude Guérin passam as férias da universidade francesa trabalhando no Piauí. O

esforço se justifica pela importância da região: é a área arqueológica mais antiga da América do Sul, garante Claude Guérin.

E esses dois entendem de tempo! Eles falam de milhares e milhões de anos com a maior naturalidade.

- As carapaças começaram a aparecer na 17^a. decapagem e foram mais ou menos até a 27^a., 28^a. decapagem...

Traduzindo: cada decapagem, ou camada, corresponde a uma determinada faixa de tempo, que varia segundo o sítio. Idade das tartarugas? Quarenta mil anos, talvez trinta mil anos... - fala Guérin, com o ar mais normal do mundo. O Mestre de Conferências Claude Guérin foi compulsoriamente aposentado, há três anos, da Université Claude Bernard, de Lyon. Mas ele continuou a trabalhar, fazendo uso de sua rica bagagem nos domínios da paleoecologia e da paleontologia estratigráfica.

INSTRUMENTOS DA ESCAVAÇÃO

Em escavações maiores e muito ricas em objetos líticos e fogueiras, por exemplo, a turma não escava, pincela o terreno, com a maior paciência, depois de raspar cuidadosamente com uma colherzinha de pedreiro. Digo colherzinha porque assisti Gisele Felice mandar cortar as colheres de tamanho padrão. Ficaram, assim, mais adequadas ao trabalho nas camadas de mais de 18 mil anos que estavam sendo alcançadas naquele sítio do BPF, perto do Centro de Visitantes. Até a poeirinha é cuidadosamente recolhida no balde para ser peneirada.

Eu lá estava, na Toca do Morro das Gravuras de Canaã, quando um dente de caititu apareceu na peneira, na prospecção conduzida por Fátima Luz no Brejo do Piauí, a nordeste do Parque. Só que, no caso, ao levarem o dente para o Dr. Guérin analisar, ele bateu o olho e decretou: é um molar inferior moderno de caititu! Engraçado que ele e Martine não falam português, mas usam os nomes populares dos animais na nossa língua.

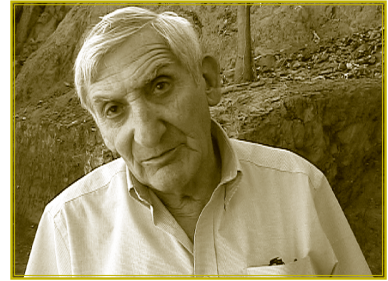
NÃO HÁ VESTÍGIOS DA AÇÃO HUMANA NOS OSSOS DA MEGAFUNA

Martine se desculpa por não falar português:

- Venho há dezessete anos para cá, mas não temos tempo de aprender a língua, cada ano tem novos achados! É um sítio excepcional, com uma conservação espantosa!

A especialidade de Martine é descobrir os vestígios da ação antrópica, ou seja, do ser humano, sobre os ossos. Para isso, ela trabalha com microscópio eletrônico. Em

exames similares feitos em ossos de capivara escavados perto da Lagoa da Conceição, na ilha de Santa Catarina, no sul do Brasil, e que foram datados em pouco menos de dois mil anos, os estudiosos concluíram que a capivara não só servia para a alimentação, mas também tinha os ossos usados como matéria prima de ferramentas. E isso sem falar que o grupo humano em questão tinha a pesca como principal atividade.



Claude Guérin e Martine Faure reuniram no Piauí um dos mais ricos acervos de ossos de megafauna brasileira.

Naquele momento, Martine e Claude estavam revedendo antigos achados da Toca das Moendas para reconsiderá-los, comparativamente aos novos achados. Um pequeno fragmento de osso de *Eremotherium* (preguiça-gigante) foi assim identificado.

- Essa tartaruga-gigante desapareceu daqui quando começou a caatinga. Esses animais precisam de muita água. Os mastodontes, por exemplo, também desapareceram completamente. Eles se deslocaram, foram para regiões mais úmidas. Os veados são até hoje encontrados no Pantanal - explica Martine. E continua: - Você imagine que uma vaca precisa de 48 litros de água por dia. Nessa região, ela não pode achar essa quantidade de água sem a ajuda do homem. Imagine de quanto precisa um elefante... é o tamanho da preguiça-gigante, ela precisa de muita água e muita folha para comer!



Ela me conduz a uma outra vitrine do Laboratório de Paleontologia, onde estão expostos alguns ossos de preguiça-gigante:

- Essa era a maior delas, aqui estão a tíbia e o perônio. Ela tinha 6 metros de comprimento, provavelmente 5 metros de altura. Aqui nessa figura está representado como ela se apoiava nos galhos altos das árvores para comer... E aqui você tem metade de uma mandíbula, é da *Eremotherium rusconi*.

Mais adiante, em outra vitrine, algumas placas hexagonais da carapaça de um gliptodonte são exibidas ao lado da plaquinha de um tatu-canastra, uma espécie que desapareceu nos últimos anos pela caça predatória, porque a carne é muito saborosa. A placa hexagonal do casco do gliptodonte é dez vezes maior. Martine explica que o gliptodonte tinha o tamanho de um fusquinha e devia pesar mais de uma tonelada!

- É incrível, esses restos têm cerca de dez mil anos - espanta-se ela, referindo-se à boa preservação. Também o gliptodonte não resistiu ao ressecamento do clima. Eles comiam a vegetação que crescia nas margens dos cursos d'água e dos lagos.

- Mas não é um tatu, repare. Ele tem a carapaça rígida, não articulada como a do tatu - adverte ela.

GRANDES MAMÍFEROS E RÉPTEIS PRECISAVAM DE MUITA COMIDA E ÁGUA

No balanço que fizeram dos 20 anos de pesquisa, no final de 2006, Guérin e Faure afirmam que os mamíferos fósseis da região constituem uma associação que não teria podido viver no ambiente atual do sertão, um bioma particular do Nordeste brasileiro, a caatinga seca e com plantas espinhosas. Imagine os toxodontes, que viviam como os modernos hipopótamos, e que eram abundantes na região! A associação exigia uma paisagem vegetal bem mais variada, com um mosaico de setores abertos, com bosques ou florestas, e muito mais úmido que hoje em dia.

Em sete sítios com fósseis, dos quais três explorados nos quatro últimos anos, foram encontrados milhares de espécimes de mamíferos, dos quais foram identificadas 60 espécies de vários tamanhos, sendo 26 extintas.

"Os fósseis constituem uma das maiores coleções de referência para o estudo da biodiversidade no período do Pleistoceno Superior/Holoceno Antigo na zona intertropical do Brasil". Quando se diz Holoceno, é da última glaciação para cá, em torno de 10 mil anos. O Pleistoceno vai daí até 1,8 milhão de anos antes do presente, antes das glaciações Wisconsin.

AS ERAS DO GELO

A nomenclatura e o período exato coberto por cada período glacial varia segundo a fonte. Na tese de Eliany La Salvia, já citada, são consideradas as glaciações do tempo em que já existia o *Homo sapiens*, ou seja, do período quaternário. Seriam todas elas designadas por Wisconsin, datadas Antes do Presente (1950), a saber:

Wisconsin I	100 mil a 70 mil anos AP
Wisconsin II	62 mil a 46 mil anos AP
Wisconsin III	40 mil a 26 mil anos AP
Wisconsin IV	22 mil a 13 mil anos AP

Niède estranhou a informação, para ela existiria apenas uma Wisconsin. No livro⁷¹ que Maria Beltrão gentilmente me deu com uma dedicatória carinhosa, no dia em que a acompanhei e a Michel Brunet ao sítio arqueológico de Itaboraí, no Rio de Janeiro, ela, Beltrão – contemporânea e da mesma escola de formação francesa de Niède, igualmente aluna de Leroi-Gourhan e Empereire – sistematiza os períodos glaciais desde 1,2 milhão de anos atrás, sendo o período Würm/Wisconsin, iniciado há 125 mil anos, subdividido em 4 períodos. Então fica assim:

⁷¹ BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho. *Le Peuplement de l'Amérique du Sud – Essai d'archéologie: une approche transdisciplinaire*. Paris: Riveneuve éditions, 2008.

Günz/Nebraska	1.200.000 a 900.000 AP
Mindel/Kansas	800.000 a 700.000 AP
Riss/Illinois	400.000 a 350.000 AP
Würm /Wisconsin	125.000 a 10.000 AP

Sempre segundo Maria Beltrão, que em 1998 doutorou-se em Geologia na UFRJ, base do livro que publica na França em 2008, o período glacial Würm é dividido em 4 períodos:

Würm I	125.000 a 90.000 AP
Würm Iia	70.000 a 30.000 AP
Würm Iib	20.000 a 10.000 AP
Würm Iic	10.000 AP

É compreensível que Beltrão baseie seu estudo do povoamento americano, que ela chama "três estudos de casos", nos sítios em que pesquisou. São eles Alice Boër, em Rio Claro, no oeste do estado de São Paulo; Itaboraí, na região arqueológica de Mangunhos, no estado do Rio de Janeiro; e Toca da Esperança, na região de Central, no sertão da Bahia, no médio São Francisco.

Mas é surpreendente que, ao tratar dos sítios pleistocênicos no Brasil, ela sequer mencione a Pedra Furada, no Piauí. Ela se refere à datação de "mais de 30 mil anos" das pinturas do Piauí, descobertas por Niède Guidon, quando analisa as pinturas que ela própria estudou na Bahia. Lembremos que, em 1986, Niède publicou seu artigo na *Nature*. Mas Maria Beltrão faz a referência bem superficialmente, citando o livro publicado em 1987 por Susana Monzón, a argentina que participou das escavações no Piauí, *L'art rupestre sud-américain: pré-histoire d'un continent*, que saiu na coleção Science et découvertes do editor Le Rocher.

DESCOBERTA DE NOVAS ESPÉCIES

Entre os feitos científicos, Claude e Martine distinguiram duas espécies de megatérios (preguiças-gigantes), que antes estavam erradamente reunidas numa mesma designação. Eles provaram que era impossível o panamericanismo da grande preguiça-gigante, o *Ereomotherium eomigrans*. Ou seja, ela não existiu ao mesmo tempo na América do Norte e na América do Sul.

Segundo alguns estudiosos, a espécie *E. eomigrans*, originária daqui, teria migrado para a América do Norte, onde um processo de especiação (diferenciação em nova

espécie) teria gerado a *E. rusconii*. Só que, segundo Claude e Martine, esses colegas confundem a *E. rusconii* com a *E. mirabile*, nativa da América do Norte. Se a *E. rusconii* é nativa da América do Sul, é impossível que a mesma espécie tivesse surgido por outro caminho evolutivo em outro lugar. Portanto, são mesmo duas espécies distintas.

O inverso ocorreu com uma espécie de macrauquênia, que Darwin descobriu na Argentina, em 1830. Na verdade, a do Piauí não era uma nova espécie, mas possivelmente a mesma espécie, que foi se deslocando para o sul e acabou na Patagônia! A *Macrauchenia patachonica* parece uma mistura de camelo com girafa, uma lhama que tem uma pequena tromba, como a anta, e que só existiu na América do Sul, de 7 milhões de anos atrás até há 18 mil anos. A subespécie nordestina, que chegou a ser classificada como *M. patachonica bahiense* em 1988, seria apenas um pouco menor e mais delicada que a irmã do extremo sul do continente.

A LHAMA DA NIÈDE

Guérin chama a minha atenção para as duas espécies que eles descobriram no sudeste do Piauí: o *Scelidodon piauiense*, uma preguiça com cerca de três metros de comprimento, identificada em 2004 graças a um esqueleto quase completo encontrado na Toca do Barrigudo; e uma enorme lhama. Sim, havia lhamas no Brasil! E também cavalos pré-históricos (*Hippidion* e *Equus*)! Estima-se até que a lhama tenha sido o animal que mais havia nas pradarias úmidas.

- Não foram extintos pelo homem - afirma Niède, com convicção. - Os caçadores-coletores sabiam muito bem como se comporta a natureza. Nem tinham armas capazes de causar muito dano a esses animais. Foi mesmo a mudança do clima, às vezes ainda chove muito, mas às vezes não chove nada. A megafauna não resistiu, precisava de uma quantidade muito grande de alimentos.

A nova espécie de lhama era muito maior do que a conhecida até então, a *Paleolama major*. Claude Guérin me explica que para se "batizar" uma espécie nova pode-se escolher o nome de algum deus, por exemplo, ou homenagear uma pessoa.

Eles decidiram homenagear Niède Guidon. Depois de pedir-lhe a autorização, chamaram a nova espécie de *Paleolama niedae*.

O "SANTO FORTE" DE NIÈDE GUIDON

- Niède, verdade que você tem uma boa intuição? Dizem que você tem um "santo" arqueológico incrível...

Para minha surpresa, ela responde com boa vontade, enquanto desce com cuidado da Toca do Paraguaio, de volta à estrada:

- Quando eu chego num sítio, começo a pensar: se eu fosse um homem pré-histórico, aonde eu faria uma fogueira? Deve ser a herança de minha avó kaingang ajudando... - e ri com vontade, virando-se para a lente da câmera.

Essa foi uma das raras referências que fez à avó, muito importante em sua infância. Em sua chácara, a menina Niède aprendeu a amar a natureza, subir em árvores e praticar todo tipo de proezas.

Menciono a história que Rosa Trakalo me contou, sobre a operação de salvamento arqueológico que ela, Niède, comandou no Uruguai, antes da construção da Hidrelétrica de Salto Grande, a cargo da Unesco. Foi nessa ocasião, em 1976, que as duas se conheceram. Rosa era a funcionária do Ministério da Cultura do Uruguai - ela é uruguaia - que devia dar suporte ao trabalho dos arqueólogos. Depois, Rosa foi para Paris, trabalhar na delegação uruguaia da Unesco, responsável pela edição do resultado dos trabalhos. Em todos esses anos manteve o vínculo de colaboração com a Fumdam. Quando Niède veio para São Raimundo Nonato, em 1991, "emprestada" pelo governo francês para ajudar a cuidar desse Patrimônio Cultural da Humanidade, Rosa veio atrás: "Acho que minha missão será cuidar dela."

- Escavei numa ilha até uns 12 metros de profundidade! - lembra Niède, que costuma contrariar a opinião dos colegas em campo, propondo o prosseguimento dos trabalhos. Foi assim quando decidiu remover a enorme pedra de 6 toneladas que escondia a Zazá, na Toca da Janela da Barra do Antônio. Dessa vez, em Salto Grande, ela encontrou um cemitério indígena inteiro. E justifica, com modéstia: - Além do financiamento da Unesco, o governo uruguaio também contribuiu, então pudemos fazer um trabalho completo.

POSSÍVEL ORIGEM AFRICANA DOS PRIMEIROS OCUPANTES

Aproveito que ela hoje está inspirada e pergunto sobre a possível origem negróide do homem pré-histórico da região. Ao confirmar a antiguidade dos vestígios humanos, as descobertas no Piauí reforçaram a posição de outros arqueólogos que questionam a origem do nosso povoamento apenas via América da Norte, o que teria se dado por volta de 11.500 anos atrás. A partir daí, há uma diversidade de opiniões. Alguns, como Walter Neves, acreditam que a rota foi mesmo pelo norte, mas que teria havido outras migrações anteriores, por navegação de cabotagem. E ele frisa que não são negróides, mas paleoamericanos.

Adauto Araújo, paleoparasitologista da Fundação Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, um dos fundadores da Fundação Museu do Homem Americano, concluiu, ao estudar coprólitos (fósses de fezes) do Boqueirão da Pedra Furada, que há milênios já havia parasitas que não teriam sobrevivido ao frio da Beríngia, por terem que passar pelo solo no seu ciclo de vida, o que não seria possível no gelo do Alasca. É o caso dos ovos de ancilostomídeo, um tipo de verme intestinal que

ADAUTO JOSÉ GONÇALVES DE ARAÚJO formou-se em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Toda a sua carreira é dedicada à parasitologia, com mestrado em Biologia Parasitária pela Fundação Oswaldo Cruz, a Fiocruz, onde também fez o doutorado, com a tese sobre Paleoepidemiologia da ancilostomose, sua grande contribuição para a tese do povoamento da América do Sul por via marítima. Em 2002 fez pós-doutorado na University of Nebraska, nos Estados Unidos, como bolsista da Capes, também na área de paleoparasitologia, especialidade que ajudou a criar no Brasil. Adatao é dos precursores da pesquisa no sudeste do Piauí, onde foi responsável pela implantação do atendimento de saúde à população, e, posteriormente, pelo treinamento de agentes de saúde nos Núcleos de Apoio à Comunidade, nos anos 1990.

não é originário da América do Sul. Ou seja, os seres humanos que tinham esses parasitas vieram ou se contaminaram com outros indivíduos que aqui chegaram pelo mar, seja o Pacífico, seja o Atlântico.

Niède já disse em outras ocasiões que acredita na origem múltipla do homem sul-americano, particularmente em diferentes oportunidades via oceano Atlântico, o que seria favorecido pelas correntes marítimas e pelo nível mais baixo dos oceanos, cerca de 120 metros, revelando ilhas que já não aparecem⁷².

O arqueólogo Mark Hubbe, da equipe de Walter Neves, comentou sobre os macacos, também lembrados por Niède, que existiram na Amazônia, e que teriam surgido há 35 milhões de anos, portanto depois que a América do Sul se separou da África – processo que terminou por volta de 120 milhões de anos

atrás. Forçosamente, eles vieram da África, porque não apareceram em nenhum outro lugar. Os biólogos supõem que vieram acidentalmente sobre troncos, pelo Atlântico, talvez surpreendidos na praia por uma tempestade. Claude Guérin se mostra um pouco cético quanto a essa hipótese, diz que as espécies eram um pouco diferentes. Mas de qualquer forma, se macacos poderiam atravessar o Atlântico, porque não o ser humano, mais inteligente? E que poderia ter improvisado uma pequena embarcação, talvez para pescar?

A GRANDE SECA NA ÁFRICA

Há 70 ou 80 mil anos, a África passou por um período de seca muito grande. Nessa época, a espécie humana quase se extinguiu, tendo se dividido em pequenos grupos, como estratégia de sobrevivência. É possível que terríveis secas, como essa, tenham ocorrido há mais tempo ainda, há 120 mil ou 150 mil anos, por exemplo. Para os homens que estavam no litoral, é bem razoável que tenham buscado alimento no mar.

Niède comenta, quando puxo o assunto:

– Uma tempestade poderia ter levado um pequeno grupo até uma ilha. Havia muitas ilhas, com o nível do mar mais baixo. Ficaram lá dez, vinte mil anos. Depois outra tempestade... e assim podem ter chegado aqui. – E acrescenta: – Não

⁷²Segundo alguns autores, como URIEN et al (1980), o aumento do nível da água do mar teria começado há cerca de 16 mil anos, depois da última glaciação, já que, até então, o mar era de 170 a 180 metros mais baixo que o nível atual. Os norte-americanos EMERY e AUBREY atribuíram mais ou menos ao mesmo período – entre 17 e 10 mil anos atrás – uma baixa de 60 a 120 metros na costa dos EUA. Lembremos apenas que houve várias glaciações.